

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM ENSINO DE
CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENSINO DE BIOLOGIA**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: ELABORAÇÃO DO CADERNO “EXPRESSANDO A
SEXUALIDADE NA ESCOLA” PARA A CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES DA
REDE PÚBLICA DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTEIRINHA-MG**

JANINE CINARA SILVEIRA ALVES

**BELO HORIZONTE
ABRIL - 2008**

Janine Cinara Silveira Alves

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: ELABORAÇÃO DO CADERNO “EXPRESSANDO A
SEXUALIDADE NA ESCOLA” PARA A CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES DA
REDE PÚBLICA DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTEIRINHA-MG**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Carla Leite Chaves

Co-Orientador: Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira

BELO HORIZONTE

2008

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A474o Alves, Janine Cinara Silveira.
 Orientação Sexual: elaboração do caderno “Expressando a sexualidade na escola” para a capacitação de professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha - MG / Janine Cinara Silveira Alves. – Belo Horizonte, 2008.
 255 f. : il.

 Orientadora: Prof^a Dr^a Andréa Carla Leite Chaves.
 Co-Orientador: Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira.
 Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática.
 Bibliografia.

 1. Orientação sexual. 2. Professores - Formação - Porteirinha (MG). I. Chaves, Andréa Carla Leite. II. Ferreira, Amauri Carlos. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. IV. Título.

CDU: 613.88

Bibliotecária: Simone Ângela Faleiro van Geleuken – CRB 6 / 1661



Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática

FOLHA DE APROVAÇÃO

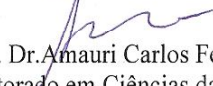
Título: Orientação Sexual: Elaboração do Caderno “Expressando a sexualidade na Escola”
para capacitação de Professores da rede pública do Ensino Fundamental de Porteirinha-MG.

JANINE CINARA SILVEIRA ALVES

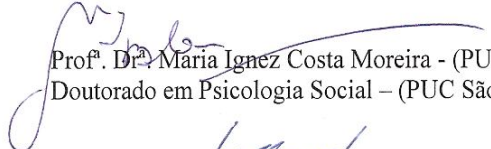
Dissertação defendida e aprovada pela seguinte banca examinadora:



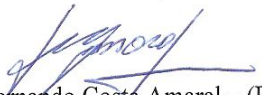
Prof.^a Dr.^a Andréa Carla Leite Chaves – Orientadora (PUC Minas)
Pós-Doutorado em Bioquímica dos Microorganismos (Centro de Pesquisas Rene Rachou,
CPQRR)



Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira - (PUC Minas)
Doutorado em Ciências da Religião – (Universidade Metodista de São Paulo)



Prof.^a Dr.^a Maria Ignez Costa Moreira - (PUC Minas)
Doutorado em Psicologia Social – (PUC São Paulo)



Prof. Dr. Fernando Costa Amaral – (PUC Minas)
Doutorado em Bioquímica e Imunologia (UFMG)

Belo Horizonte, 17 de abril de 2008.

Dedico este trabalho à minha família, pelo exemplo que me deram de coragem e de luta e, especialmente, aos meus pais que têm compartilhado dia-a-dia a construção da minha identidade profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial...

A Deus,

razão do meu viver, que me deu sabedoria, alegria, entusiasmo e coragem para lutar e vencer. Obrigada meu Deus por me dar a oportunidade de vivenciar estes momentos de alegrias e de conquistas.

Aos meus pais,

aos quais faço da minha conquista um instrumento de gratidão e de reconhecimento por tudo que recebi deles.

Aos meus irmãos, Jean, Cilene, Simone e Márcio,

pelo apoio, incentivo e compreensão na minha constante ausência.

Aos meus sobrinhos Marcos Vinícius, Isadora, Luna e Bryan,

pelo carinho e pela alegria que me proporcionaram nos momentos mais difíceis.

À minha querida avó Ana (D. Zola),

por ser um exemplo de vida para toda a nossa família.

Aos amigos e colegas de trabalho,

pelo incentivo, pelas trocas e pela ajuda em diferentes ocasiões ao longo deste período.

Aos professores de Ciências da rede pública da Cidade de Porteirinha – MG,

que aceitaram participar desta pesquisa e colaboraram para a sua concretização, abrindo portas para que eu pudesse conhecer a experiência do trabalho que desenvolviam em suas práticas cotidianas.

À direção e aos funcionários da E.M. D. Gercina Vilas Boas,

especialmente à diretora Vera Lucia, e aos professores por contribuírem para a realização da aplicação deste estudo.

Ao co-orientador, Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira, pela sua indispensável contribuição na elaboração deste trabalho.

Enfim, o meu agradecimento especial à orientadora deste trabalho,

Prof^a. Dr^a. Andréa Carla Leite Chaves, por sua amizade, competência profissional e orientação segura na elaboração deste trabalho, compartilhando comigo o seu saber de maneira afetuosa e dialogal, fundamentais para que eu pudesse vencer todos os obstáculos desta caminhada intelectual.

“É fundamental que o educador tenha sua adolescência perto de si, qualquer que seja sua idade cronológica, e que conserve sua capacidade de amar. Deve ainda estar bem adequado com sua sexualidade, tendo a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas”. (VITIELLO, 1994).

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal a elaboração e a aplicação de um caderno de capacitação em orientação sexual, como proposta pedagógica, voltada para a preparação/atualização dos professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha-MG. Inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica de trabalhos na área da sexualidade e em outras áreas pertinentes, essenciais para fundamentar, estruturar e favorecer a definição de contornos mais precisos do tema estudado. Posteriormente, foi necessário investigar as necessidades e as dificuldades dos professores de Porteirinha em relação à Orientação Sexual na escola. A investigação realizou-se a partir da análise de questionários respondidos por professores de Ciências do Ensino fundamental (5ª a 8ª séries) de escolas públicas de Porteirinha e foi mediada pela metodologia da Pesquisa-Ação que permite o levantamento de questões que possibilitam intervenções, em conjunto com os participantes, na tentativa de buscar caminhos para a resolução de problemas. A análise abrangeu os seguintes aspectos: perfil dos professores (idade, sexo, religião, tempo de docência, escolaridade, formação em orientação sexual), conhecimento dos professores em Orientação sexual, existência de orientação sexual nas escolas, orientação sexual na prática educativa dos professores investigados. Os resultados indicaram que todos os entrevistados consideraram importante a implantação da Orientação Sexual na escola, entretanto, apontaram profissionais despreparados. Observou-se uma dicotomia entre teoria e prática, uma vez que os professores reconhecem a importância de se trabalhar a Orientação Sexual na escola, muitos dizem conhecer a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a discussão desse tema. Foram relatadas dificuldades como a falta de material didático específico, a incompreensão dos pais a respeito do assunto e a existência de preconceitos e de temas difíceis de serem trabalhados como homossexualidade, preconceito/tabus, masturbação e abuso sexual. Ficou evidente a necessidade de investimento na formação continuada desses profissionais, levando em consideração suas dificuldades de forma a promover sua capacitação para atuar na Orientação sexual nas escolas. Assim, a partir das informações obtidas, foi elaborado o Caderno de Capacitação em Orientação

Sexual, denominado “Expressando a sexualidade na Escola”, que utilizou oficinas como estratégia pedagógica para preparar/atualizar os professores para lidar e para trabalhar com os temas relacionados à Sexualidade. Salienta-se que esse caderno também poderá ser adaptado e utilizado pelos professores como material didático de apoio para se trabalhar a sexualidade com os alunos em sala de aula. Finalmente, apresenta-se o relato de experiência referente à utilização do caderno de capacitação em ações/intervenções educativas junto a um grupo de professores de Porteirinha. Os resultados obtidos com a experiência, sustentada por uma metodologia de trabalho aberta, dialógica e participativa, possibilitaram aos professores um espaço de reflexão e de elaboração de vivências e experiências o que propiciou uma reconstrução/ressignificação em relação às questões que envolvem a orientação sexual. Essa experiência educativa possibilitou a construção de conhecimentos e de habilidades na área, instrumentalizando os professores da cidade de Porteirinha para o enfrentamento das dificuldades e da complexidade da temática da sexualidade e para intervenções transformadoras, seja no âmbito pessoal, profissional ou escolar. Ressalta-se que o processo e a experiência aqui apresentados podem ser replicados e/ou reinventados de acordo com a realidade local de cada contexto escolar.

Palavras-chave: Orientação sexual; Capacitação – Professores - Porteirinha-MG.

ABSTRACT

This paper aims at the elaboration and appliance of a book of sexual orientation qualification as a pedagogic proposal regarding the preparation/updating of teachers who work at public schools of basic education in Porteirinha/MG. Initially, there was a bibliographical review of papers in the field of sexuality and other pertinent fields as well, which were essential in order to justify, structure and foment the definition of more precise understandings on the subject. After that, it was necessary to investigate the needs and difficulties of the teachers in Porteirinha regarding Sexual Orientation in school. The investigation took place from the analysis of questionnaires answered by Basic Education Science teachers (from 5th to 8th grades) of public schools in Porteirinha and it was mediated by “Pesquisa-Ação” (Research-Action) methodology, which allows the making of questions that might enable interventions, in partnership with participants, and which will try to find solutions to the problems. The analysis included the following aspects: The profile of the teachers (age, sex, religion, teaching experience, scholarity, graduation in sexual orientation), the teachers understanding regarding Sexual Orientation, the existence of sexual orientation in schools, sexual orientation for the education of the investigated teachers. The results indicated that all of the teachers who were interviewed considered it an important thing to implant Sexual Orientation in schools; however, they seem to point out unprepared professionals. We observed a dichotomy between theory and practice, since the teachers recognize the importance of working with Sexual Orientation in schools; even though many of them claim to know the proposal of PCNs, they don't include the discussion of this subject in their practices. Some difficulties were reported, such as the lack of specific didactic material, parent's incomprehension regarding the subject and the existence of prejudice and complicated subjects such as homosexuality, prejudice/taboos, masturbation and sexual abuse. The necessity of investment in the continuous educational formation of these professionals in order to promote their qualification to work with Sexual Education in schools was evident, considering their difficulties. Therefore, with the information we obtained, we created a book of qualification in sexual education called “Expressando a sexualidade na Escola” (Expressing sexuality in school),

which makes use of workshops as a pedagogical strategy to prepare/update the teachers to handle and work on the subjects related to Sexuality. We'd like to emphasize the fact that this book can also be adapted and used by teachers as didactic material of support to work with student's sexuality while in class. Finally, we present the report of experience related to the use of the book of qualification in educational actions/interventions of a group of teachers in Porteirinha. The results obtained from the experience, supported by an open, dialogic and participative work methodology, enabled teachers to have a space of reflection and creation of experiences, which has encouraged the reconstruction/resignificance regarding the issues that involve sexual orientation. This educational experience has enabled the construction of knowledge and skills in the field, enlightening teachers in Porteirinha on the facing of difficulties and complexities of the subject of sexuality and also on transforming interventions, whether on personal, professional or educational fields. We'd like to highlight the fact that the process and the experience which were presented in this paper can be reapplied and/or reinvented, according to the local reality of each educational context.

Key words: Sexual education; Qualification – Teachers - Porteirinha/MG.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exposição do objetivo do encontro pela coordenadora/ pesquisadora.....	94
Figura 2 - Momento da oração realizada pela Prof ^a . Vera Lúcia Mendes de Souza – Diretora da E.M.D. Gercina Vilas Boas e professora de Ensino Religioso da rede estadual de ensino.	94
Figura 3 - Momento da dinâmica “fitas das diferenças”.....	95
Figura 4 - Leitura das afirmativas pela coordenadora do encontro da atividade “Mitos ou Realidade?”	96
Figura 5 - Participantes posicionados no centro do salão, aguardando a leitura da afirmativa para se deslocarem para os pontos onde estavam os cartazes: concordo, discordo e tenho dúvidas	96
Figura 6 - Modelo do crachá utilizado na dinâmica “Analisando o perfil do Orientador Sexual”	97
Figura 7 - Exposição Oral do tema “Orientação Sexual X Educação Sexual” pela coordenadora do encontro	98
Figura 8 - Momento em que as professoras dançam e cantam a música “O xote das meninas”	102
Figura 9 - Momentos da encenação teatral da música “Laranja Lima” pelos participantes do encontro	103
Figura 10 – Professores recebendo homenagem	104
Figura 11 - Momento em que os integrantes da escola de música de Porteirinha-MG	105
Figura 12 – Momento do almoço	105
Figura 13 - Voluntário servindo de molde para o desenho de um corpo masculino	106
Figura 14: Participante voluntária servindo de molde para o desenho de um corpo feminino	106
Figura 15 - Professores construindo e enriquecendo o desenho do corpo masculino	107
Figura 16 - Momento de apresentação dos desenhos dos corpos femininos e masculinos pelos participantes.....	108

Figura 17 - Momento em que uma das integrantes do grupo do crachá rosa faz a leitura da primeira parte da estória de Camila.....	109
Figura 18 - Participantes circulando no salão durante a oficina “Cadeia de transmissão”	111
Figura 19 - Professores desfilando no salão durante a oficina “Campanha contra o preconceito”	113
Figura 20 - Professores relatando as dificuldades e as sensações sentidas ao serem rotulados	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema do Caderno de Capacitação em Orientação Sexual - “Expressando a Sexualidade na Escola”	90
Quadro 2 - Trabalhando Conceitos.	99
Quadro 3 - Distribuição das oficinas de acordo com as cores dos crachás dos participantes do encontro.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG	66
Tabela 2 - Conhecimento dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual	71
Tabela 3 - Orientação sexual nas Escolas Públicas de Porteirinha-MG	73
Tabela 4 - Orientação sexual na prática educativa dos professores de Ciências de Porteirinha-MG	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

APPEAS – Adolescentes Protagonistas do PEAS

CNS – Conselho Nacional de Saúde

DST – Doença Sexualmente Transmissível

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

GDPEAS – Grupo de Desenvolvimento Profissional do PEAS

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS – Organização Mundial de Saúde

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PEAS – Programa de Educação Afetivo Sexual

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SMEDBG/RS – Secretaria Municipal de Educação e Desporto Bento Gonçalves/ Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 REVISÃO DA LITERATURA	22
1.1 Conceitos importantes.....	22
1.1.1 Sexo e sexualidade	22
1.1.2 Educação Sexual e Orientação Sexual.....	27
1.2 A Orientação Sexual na escola	32
1.2.1 Por que a Orientação Sexual na Escola?.....	33
1.2.2 A Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	36
1.2.3 Como fazer a Orientação Sexual na Escola?	43
1.2.4 Perfil apropriado do Orientador Sexual.....	48
1.2.5 O Programa de Educação Afetivo-Sexual: um novo olhar – PEAS nas escolas públicas de Minas Gerais	55
2 AS NECESSIDADES, AS POSSIBILIDADES E AS DIFICULDADES DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DE PORTEIRINHA-MG	60
2.1 Justificativa e objetivos	60
2.2 Metodologia	61
2.2.1 Cenário da pesquisa	62
2.2.2 Instrumento da pesquisa.....	64
2.2.3 Organização e análise dos dados	65
2.3 Resultados e discussão.....	65
2.3.1 Perfil dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG	65
2.3.2 O conhecimento dos professores de Ciências das Escolas Públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual	69
2.3.3 A Orientação Sexual nas Escolas públicas de Porteirinha-MG	72
2.3.4 Orientação Sexual na prática educativa dos professores de Ciências das escolas Públicas de Porteirinha-MG	74
2.3.5 Resumo dos resultados.....	78
3 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO CADERNO EM ORIENTAÇÃO SEXUAL “EXPRESSANDO A SEXUALIDADE NA ESCOLA”	80

3.1	Justificativa e objetivo	80
3.2	Metodologia	81
3.2.1	<i>Oficina – Estratégia educativa utilizada na formação de orientadores sexuais</i>	81
3.3	Desenvolvimento do material educativo	85
3.4	Dicas importantes para os coordenadores do trabalho	86
3.5	Sugestões de temas e oficinas para capacitação de professores.....	86
4	UTILIZAÇÃO DO CADERNO DE CAPACITAÇÃO – “EXPRESSANDO A SEXUALIDADE NA ESCOLA”: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DE PORTEIRINHA–MG.....	91
4.1	Caracterização do local e dos participantes da experiência	91
4.2	As etapas desenvolvidas na experiência.....	93
5	CONCLUSÕES	118
	REFERÊNCIAS	125
	Apêndice A - Consentimento livre e informado	133
	Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	134
	Apêndice C – Questionário	136
	Apêndice D – Caderno de orientação sexual – Expressando a sexualidade na escola.....	139

INTRODUÇÃO

O tema sexualidade está na “ordem do dia da escola”. Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de livros didáticos, bem como de músicas, de danças e de brincadeiras que animam recreios e festas (ALTMANN, 2001, p. 1). É notória, a importância de se discutir a sexualidade na escola, uma vez que cresce a cada dia o número de casos de abuso sexual, gravidez precoce, contaminação por agentes etiológicos de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), principalmente entre os adolescentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontam que a Orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e para a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. E o seu trabalho na escola deve ser feito de forma transversal, problematizando, questionando, debatendo diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. (BRASIL, 2000). Segundo o PCN de Orientação Sexual, a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela invade a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. (Brasil, 2000).

Conforme Aquino (1997), Vitiello (1997) e Suplicy (1998), não existe uma exigência profissional específica para alguém exercer o papel de orientador sexual. No entanto, esses estudiosos acreditam que a escolha mais adequada aponta para o próprio professor, de preferência aquele que tem maior empatia pelo aluno e que está em sintonia com a sua linguagem, de tal forma que seja capaz de exercer autoridade com afetividade e não com autoritarismo. É o professor que convive com seus alunos, muitas vezes, diariamente, que conhece a forma como vivem em grupo, seus conflitos etc.

O trabalho de Orientação Sexual implica uma análise de questões que nem sempre estão articuladas com as diversas áreas do currículo - seja porque aborda questões singulares que necessitam de um tratamento específico, seja porque

permeia o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, surgindo de maneira emergente e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar tais questões.

Os PCNs sugerem que seja o professor o profissional indicado para assumir o papel de orientador sexual, e consideram que todo e qualquer professor pode desempenhar tal tarefa, uma vez que os temas transversais devem ser contemplados pelas diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar. Sendo o professor colocado como o agente que, atuando em sua disciplina, efetuará a orientação sexual na escola, não se pode deixar de questionar quais são suas reais condições de trabalho e como foi a sua formação nos cursos que o habilitaram a trabalhar com as disciplinas curriculares.

Sabe-se que o número de profissionais habilitados para fazer uma orientação sexual adequada é escasso. Os professores não recebem informações nem orientações adequadas e suficientes para trabalharem com a temática sexual. Portanto, a maioria dos professores não está preparada, não tem oportunidades suficientes e não tem condições materiais efetivas para assumir os trabalhos escolares em sexualidade humana. (NUNES; SILVA, 2000; MOIZÉS, 2007). Silva e Megid Neto (2006) mostraram, num estudo que teve como base as produções de pós-graduação brasileiras sobre a formação de professores/educadores para o trabalho de Educação Sexual, que os profissionais estão despreparados tanto na formação inicial quanto na continuada para lidar com o tema. Durante a caminhada docente no ensino fundamental, desta pesquisadora, foi possível constatar, em escolas públicas da cidade de Porteirinha-MG, a partir de experiências com acadêmicos, do desenvolvimento de projetos de extensão e de estágios curriculares que envolviam o tema sexualidade, que a maioria dos professores apresenta dificuldades e insegurança em transmitir aos seus alunos conhecimentos na área da sexualidade.

Nesse contexto, acredita-se que se faz necessária a preparação dos professores, partindo de suas dificuldades, visando torná-los bem informados e capacitados, ampliando a compreensão sobre o tema, revisando valores, aprofundando conceitos e instrumentalizando com técnicas de trabalho de grupo, possibilitando, assim, a construção de uma postura profissional como professores conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade.

A abordagem da temática sexualidade na escola tem ligação direta com valores culturais e com a história de vida dos indivíduos (VITALLE, 2003). As aulas sobre o tema sexualidade, de acordo Vitiello (1994, p. 209), devem ser ministradas por meio de metodologias participativas e dialógicas, baseadas na realidade sócio-cultural e desenvolvidas com criatividade intimista e lúdica. Portanto, é relevante que o professor trabalhe de forma atrelada à sua realidade e que ofereça alternativas para transformar o tema sexualidade em conteúdo de ensino, a partir da sua própria vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, ciência e religião.

O Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas) visa a pesquisar, teorizar e experimentar formas de gestão de sala de aula que atendam à necessidade de elevação dos padrões da docência nos diferentes componentes curriculares dos diversos segmentos da escolarização. Uma das linhas de pesquisa desenvolvida pelo grupo de professores tem o objetivo de elaborar, desenvolver e avaliar propostas educacionais, direcionadas ao ensino fundamental, médio e superior, relacionadas à formação inicial e continuada de professores de Ciências e Matemática.

Diante do exposto optou-se por desenvolver, neste trabalho de dissertação o tema Orientação Sexual com um enfoque regional. Nesse estudo, pretende-se, portanto, baseando-se nas necessidades, dificuldades e possibilidades dos professores de 5ª a 8ª série da rede pública da cidade de Porteirinha-MG, elaborar um material educativo que permita a viabilização de ações efetivas voltadas à capacitação de professores dessa cidade para fazer a orientação sexual. Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) identificar as dificuldades, necessidades e possibilidades apresentadas para trabalhar a Orientação Sexual na sua prática educativa;
- b) responder às necessidades e incorporar as possibilidades, produzindo um material educativo: Caderno de capacitação em orientação sexual, contextualizado à realidade pesquisada;
- c) relatar e avaliar a experiência da utilização do material produzido.

Para alcançar o que se pretende, esta dissertação está organizada em quatro capítulos:

- a) o primeiro traz uma revisão da literatura de conceitos e de temas importantes para fundamentação, estruturação e definição de contornos mais precisos do tema da dissertação;
- b) o segundo apresenta e discute as necessidades, possibilidades e dificuldades dos professores de Ciências de Porteirinha para trabalhar a Orientação Sexual na escola;
- c) o terceiro é dedicado ao processo de elaboração do Caderno de Capacitação em Orientação Sexual - “Expressando a sexualidade na Escola”;
- d) o quarto consta do relato de experiência referente à utilização do caderno de capacitação em orientação sexual para a formação/atualização de um grupo de professores de Porteirinha-MG. Fechando o trabalho, apresentam-se as conclusões, baseando-se na análise dos capítulos apresentados.

1 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo introduz o assunto desta dissertação e apresenta uma revisão da literatura de conceitos e de temas importantes para o desenvolvimento da mesma. Nele estão apresentados conceitos importantes relacionados à sexualidade, bem como, informações essenciais sobre a Orientação Sexual nas escolas. O levantamento e o entendimento desses conceitos e temas foram essenciais para fundamentar, estruturar e favorecer a definição de contornos mais precisos do tema do trabalho aqui apresentado.

1.1 Conceitos importantes

A seguir serão apresentados alguns conceitos importantes que sustentarão o desenvolvimento deste trabalho.

1.1.1 *Sexo e sexualidade*

Falar da Sexualidade não se constitui numa atividade fácil. Em geral, os termos Sexo e Sexualidade são bastante usados e comumente confundidos quando se trata da sexualidade humana. O senso comum usa essas duas palavras como sinônimas, no entanto elas apresentam conceitos diferentes. De acordo com Moizés (2007), quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e a crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos. Nesse sentido, é de fundamental importância compreender e diferenciar o real significado desses dois termos, para que a sexualidade possa ser trabalhada como algo inerente à pessoa humana, já que se faz presente na vida das pessoas e manifesta-se desde a sua vida intra-uterina até a velhice.

Segundo Guimarães (1995, p. 23),

Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher, e da atração de um pelo outro, para a reprodução. No mundo moderno, o significado dominante do termo passa a ser 'fazer sexo', referindo-se às relações físicas para o prazer sexual. No senso comum é: 'relação sexual', 'orgasmo', 'órgão genital', 'pênis'.

De acordo com os PCNs, "Sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais)." (BRASIL, 2000, p. 117).

Segundo Suplicy,

O sexo é uma das formas mais profundas de contato entre duas pessoas. É também uma maneira de ter intimidade e mostrar o amor que se sente [...] quando ocorre a intimidade sexual, cresce muito a possibilidade de aumentar o prazer e o envolvimento dessa relação e até a alegria de viver. (SUPLICY, 1988, p. 11).

Os vocabulários relativos ao campo sexual que aparecem no dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa (1988), dizem que: "[...] sexo é conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintas".

Portanto, pode-se definir sexo como a conformação particular que distingue o macho da fêmea, conferindo-lhes características diferentes. Em outras palavras, sexo é a identidade sexual.

Entendemos que essa definição é bastante limitada, já que se refere unicamente à condição orgânica que distingue o macho da fêmea. Porém, a definição de sexo conta com vários outros componentes.

Conforme Santos (2001, p. 20), "a palavra 'sexo' não se resume apenas à anatomia genital, a um mecanismo de reprodução ou fonte de prazer. Na espécie humana, sexo é muito mais que isso, inclui características físicas, aspectos psicológicos, éticos, culturais e morais."

Nesse sentido, Martinez e Pascual (1998, p. 92) afirmam que "[...] o sexo é um conjunto de qualidades orgânicas, psíquicas, sociais, culturais, éticas e religiosas que configuram as diferenças entre o homem e a mulher". Não se pode conceituá-lo referindo-se apenas aos órgãos genitais. Sexo implica a totalidade da pessoa, da qual não se pode prescindir para compreendê-lo, portanto é muito mais que uma parte ou zona do corpo, (SILVA; SILVA, 2002).

Em suas reflexões teóricas referentes ao sexo, Herbert (1991, p. 114) afirma que:

O sexo pode ser urgente e sensual puramente erótico ou pode ser uma força espiritual, transcendental. Em outro nível, é simplesmente ou soberanamente um impulso biológico universal que assegura a continuidade dos genes, a preservação de uma espécie, cuja função é proporcionar a união do esperma masculino com o óvulo feminino. Tem um aspecto violento e negativo, amiúde associado à crueldade ou sadismo. Se por um lado pode ser uma força alegre e libertadora e por um lado ser um ato triste, furtivo e vergonhoso. Se pode ter um ato de amor e satisfação, pode também envolver sentimentos de inferioridade, medo e humilhação.

Assim, o termo “sexo” diferencia-se de “Sexualidade” que é parte integrante e indissociável do ser humano e que está presente em todos os atos de sua vida. Evolui juntamente com a pessoa em seus aspectos biológicos, culturais, sociais, religiosos e psicológicos, expressando-se com singularidade em cada sujeito.

Os PCNs: Ciências Naturais afirmam que:

A sexualidade humana deve ser considerada nas diferentes fases da vida, compreendendo que é um comportamento condicionado por fatores biológicos, culturais e sociais, que tem um significado muito mais amplo e variado do que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas, sociais, que incluem, mas não se restringem à dimensão biológica. (BRASIL, 2000, p. 53).

Guimarães (1995, p. 24) define sexualidade como “[...] um substantivo abstrato que se refere ao ser sexual”. Comumente é entendido como ‘vida’, ‘amor’, ‘relacionamento’, ‘sensualidade’, ‘erotismo’, ‘prazer’.

Segundo Lettner e Rangé (1987, p. 149), a “[...] sexualidade humana é um fenômeno extremamente complexo que inclui fatores psicológicos, biológicos e sociais e que tem uma influência bastante significativa sobre o comportamento humano.”.

Para os PCNs (2000), a sexualidade é entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, afetos e valores. Assim, cada sociedade cria seus conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo.

Conforme Altmann (2001), a sexualidade é o que existe de mais íntimo nos indivíduos e é capaz de reunir globalmente a espécie humana. Trata-se de um tema de interesse público, pois a conduta sexual da população repercute na natalidade, na vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, relaciona-se à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade, abrangendo o indivíduo e a população.

Rangé (1995, p. 129) postula que:

A sexualidade pode ser definida por dois fatores: identidade sexual e comportamento sexual. A identidade sexual refere-se às características sexuais biológicas e psicológicas que marcam a auto-imagem e a imagem social de um indivíduo no que diz respeito a sua definição sexual. Inclui a orientação sexual, que se define por comportamentos consistentes na direção de um certo tipo de objeto sexual [...] O comportamento sexual refere-se a toda e qualquer resposta, aberta e encoberta, que envolve alguma excitação na direção de um objeto sexual.

Numa perspectiva mais abrangente, conclui-se que a sexualidade não deve restringir-se somente aos desejos sexuais, atos e reflexos adquiridos na convivência social e sim, deve ser entendida como algo que desempenha um papel fundamental para a saúde, o prazer, o bem-estar e o bom andamento psicológico que se integram a vida humana.

Nesse contexto, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define sexualidade como:

Uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônima de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor. Contato e intimidade, que se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamento, sentimentos, ações e integrações e, portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a sexualidade, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito humano básico. A saúde mental e a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais, emocionais de maneira tal que influencie positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor. (PERES *et al*, 2000, p. 17).

Analisando os conceitos apresentados pela maioria dos autores que se preocupam em investigar a sexualidade, percebe-se que eles defendem suas idéias de forma bastante significativa e mostram que a sexualidade é uma

característica inerente ao ser humano, constituindo-se numa forma de expressão que reflete o contexto sócio-cultural no qual o sujeito está inserido e se desenvolve. A sexualidade é um aspecto central do ser humano durante sua vida e compreende o sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. É parte integrante da personalidade do indivíduo. A vivência da sexualidade está diretamente relacionada à forma pelas quais as práticas sociais e os valores são percebidos e incorporados pelos sujeitos, refletindo as diferentes culturas que coexistem nas sociedades.

Embora a sexualidade esteja presente em todas as fases da vida, é entre adolescentes e jovens que se concentram as maiores preocupações dos profissionais em educação e da comunidade em geral. Apesar de todos terem direito à educação sexual, baseada nos conhecimentos científicos, muitos jovens estão se tornando ativos sexualmente nos primeiros anos da adolescência, por isso a gravidez precoce, as DST e a AIDS são problemas que podem atingir diretamente esse grupo populacional, devido à sua imaturidade ou à inexperiência nessas questões e pelas características próprias dessa fase da vida. No entanto, esses temas da sexualidade merecem uma atenção especial nas escolas, exigindo um trabalho efetivo para minimizar a situação existente, já que representam um problema para a sociedade. Nesse sentido, torna-se necessário conscientizar os adolescentes, os jovens, os pais e os professores a buscar informações para as suas dúvidas e conflitos, no sentido de favorecer a reflexão sobre a sua própria sexualidade, possibilitando o exercício da sexualidade de forma respeitosa, prazerosa e sem preconceitos (COSTA; MAGNO, 2002).

Segundo Martinez e Pascual (1998, p. 51), “[...] a influência da sexualidade no mundo pessoal não se reduz a um âmbito específico, repercute em todas as manifestações da vida pessoal.”.

Silva e Silva (2002, p. 53) enfatizam que a “[...] sexualidade e o ser humano formam um único corpo. Constituindo a totalidade do ser humano, ela evolui juntamente com o indivíduo em seus aspectos biológicos, culturais, sociais, religiosos e psicológicos.” Nessa concepção, Monteoliva (1990, p. 31) postula que

A sexualidade humana desfruta de certa independência em relação à influência determinante dos hormônios, sobrevivendo e permanecendo após o desaparecimento da sua influência. Mais do que um instinto organicamente fixado, é comportamento e atitudes, aprendidas,

desenvolvidas e desencadeadas pela ação de diferentes fatores afetivos e emocionais.

Conforme Medeiros (2000), falar sobre sexualidade é liberar uma série de preconceitos e manifestações relacionadas a emoções, afeto, prazer e satisfação de necessidades fisiológicas básicas, de modo a vivenciá-las, harmoniosamente, com responsabilidade e respeito. Dessa forma, a sexualidade vem adquirindo seu espaço e sendo gradativamente melhor compreendida, deixando de ser exercida com tanta repressão.

No entanto, a sexualidade é um elemento básico da personalidade que determina no indivíduo um modo particular e individual de ser, de manifestar-se, de comunicar-se, de sentir e de expressar. Mais do que pelo instinto, define-se por atitudes e comportamentos apreendidos e desenvolvidos pela ação e pela interação de diferentes fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais, afetivos e emocionais. Portanto, a Sexualidade tem a ver com desejo, com a busca de prazer inerente a todo ser humano e com as relações da pessoa consigo mesma e com as outras. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. A Sexualidade é a auto-identidade.

1.1.2 Educação Sexual e Orientação Sexual

A educação é um processo que permeia toda a existência humana de forma voluntária ou involuntária, e, por ser o principal instrumento de transformação social, deve constituir-se em um processo participativo e dialógico, capaz de gerar oportunidades para que os indivíduos possam construir seus saberes e ampliar o seu universo de conhecimento (COSTA; MAGNO, 2002).

Conforme Nunes (1996, p. 73)

Educar é produzir o homem, construir sua identidade social, cultural, étnica e produtiva. A educação é o campo da ação humana e, conseqüentemente, toda a sociedade ou qualquer grupo social é uma agência educadora. Não se reduz educação à escolarização ou instrução. Educar é construir redes de significados, culturas e comportamentos padronizados, de acordo, com os códigos vigentes.

Os PCNs apresentam uma preocupação com o objetivo principal da educação, portanto propõem uma educação comprometida com o exercício da cidadania que permita o pleno desenvolvimento das capacidades do educando para a participação social efetiva, a partir da configuração da escola como um espaço não só para a reprodução, mas também de transformação. (CORRÊA, 2003).

Portanto, segundo Miguel, Martins e Mendonça (2002), formar um cidadão crítico aberto para a possibilidade de troca, que saiba colocar suas convicções e respeitar o direito do outro, é também um dos grandes desafios da escola e dos educadores. É uma tarefa que não se concretizará através de normas, leis ou imposições e nem em tempos predeterminados. É uma tarefa que faz parte do dia-a-dia de cada sala de aula, de cada educador, de cada aluno, de cada comunidade.

Conforme os conceitos apresentados por Vitiello (1995, p. 18-25),

Educação sexual significa informar, orientar e aconselhar [...] é parte do processo educativo especificamente voltado para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade [...] para tanto deve se apoiar numa metodologia participativa dialógica, reflexiva e apoiada na realidade sociocultural.

Nesse sentido, entende-se a educação como um processo que permeia toda a existência humana de forma voluntária ou involuntária, aos quais todos os indivíduos estão submetidos, por isso educar implica comprometimento não só com a instrução, ou seja, com o mero repasse de informações, mas, sobretudo, com a formação integral do indivíduo.

Apesar da semelhança entre os termos Educação e Orientação Sexual, esses diferem nos seus significados. Conforme Santos (2001, p. 22),

[...] estas duas terminologias são muito conhecidas, usadas e, por vezes, confundidas, até mesmo por alguns estudiosos da área, pois, ao investigar a trajetória de abordagem da sexualidade na escola, detectou-se a falta de padronização de uma terminologia básica e de uma posição teórica clara e objetiva desses conceitos.

A Educação Sexual fundamenta-se em um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade e ocorre desde o nascimento. Alguns autores entendem que essa forma de educação sexual é

denominada como informal, surgindo no território familiar, da intimidade num processo global, não intencional, que envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu cotidiano, com repercussão direta ou indireta sobre a sua vida sexual ao longo da sua existência. No entanto, podemos identificar nessa informalidade, a responsabilidade dos pais de serem os primeiros e os mais importantes agentes no processo educativo. Apesar de que, atualmente, podemos destacar a veiculação de padrões citados pelos meios de comunicação social de massa, especialmente a televisão como eficientes agentes educativos (COSTA; MAGNO, 2002).

De acordo Santos (2001, p. 23), a

Educação Sexual diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e pelo ambiente social, percorrendo toda a vida, com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas...), dos amigos (as), da escola, e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias. Todos nós somos educadores sexuais, logo todas as pessoas são educadas sexualmente.

Lapate (1985) enfatiza a Educação Sexual como um conjunto de teorias ou práticas, formais ou informais, que abordam, numa perspectiva educativa, aspectos da sexualidade humana com crianças e adolescentes.

Suplicy (1993), citado por Ribeiro (1999, p. 22-23), coloca que a

Educação Sexual começa no útero da mãe e só termina com a morte. É um processo ininterrupto e é através dela, que vamos formando a nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformando nosso pensamento.

Denomina-se Educação Sexual “[...] aquela que inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia.” (GUIA, 1994, p. 8).

Segundo Costa e Magno (2002), mesmo aquelas famílias que nunca falam abertamente sobre o assunto, mas que de alguma forma vivenciam a educação sexual de suas crianças e adolescentes, através do comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregadas de valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. Todas as pessoas com quem convivem, ao expressarem suas sexualidades, mostram conhecimentos,

transmitem conceitos, idéias, tabus, preconceitos e estereótipos que vão se incorporando à educação sexual.

Diante disso, a Educação Sexual, como parte da educação geral, tem influência crucial na formação de atitudes, comportamentos e práticas positivas. Ela está voltada para formação da autoconsciência e da responsabilidade para o desenvolvimento pessoal e social, para o amor e para vida do ser humano.

Nos PCNs, a expressão Orientação Sexual vem substituir a designação Educação Sexual. Eles fazem uma distinção entre os termos Educação e Orientação e reforçam que o termo Educação não seria adequado para tratar do sexual, como se demonstra no parágrafo seguinte

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se, também, da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista, associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. (BRASIL, 2000, p. 34).

O Guia de Orientação Sexual (1994) traz a seguinte definição:

O termo Orientação Sexual, quando utilizado na área da educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemático na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas, pressupõe o fornecimento de informações sobre sexualidade e a organização de um espaço de reflexão e questionamentos sobre posturas, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. (GUIA, 1994, p. 8)

Na visão de Valladares (2001), a Orientação Sexual constitui-se de uma proposta objetiva de intervenção por parte dos educadores e, quando nos referimos a ela, estamos nos referindo ao processo formal e sistematizado que pode e deve ocorrer dentro da instituição escolar. No entanto, o termo Orientação Sexual diferencia-se de Educação Sexual, uma vez que esta última diz respeito à experiência pessoal, ao conjunto de valores assimilados pela pessoa, através da família, do ambiente social, dos meios de comunicação e de tantos outros canais de informação.

Segundo Vitiello (1997, p. 95),

A Orientação Sexual implica um mecanismo mais elaborado segundo o qual, baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos, o Orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos.

Para Sayão (1997), citado por Aquino (1997), a Orientação Sexual é um processo de intervenção planejado, intencional e sistemático que inclui o esclarecimento das dúvidas, o questionamento das posições e os valores incorporados e vivenciados no decorrer da vida de cada criança ou jovem.

Conforme Suplicy *et al* (1998, p. 8),

A Orientação Sexual é um processo formal e sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade.

Sobre a Orientação Sexual na educação, o Guia de Orientação Sexual explica:

[...] a orientação sexual quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área de sexualidade, realizado principalmente em escolas [...] a Orientação Sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões. (GUIA, 1994, p. 7-11).

O trabalho de Orientação Sexual se propõe a ampliar, diversificar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, abordando os diferentes pontos de vista existentes na sociedade, incluindo as práticas sexuais ligadas ao afeto, ao prazer, ao respeito e à própria sexualidade. No entanto, visando a realizar um trabalho de orientação sexual de forma sistematizada e permeada de discussões/reflexões, os PCNs sugerem que esse trabalho esteja apoiado em três eixos norteadores: (1) Corpo, (2) Relações de gênero e (3) Prevenção das DSTs, e ocorra no âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual

Nessa perspectiva, Santos (2001) coloca que o trabalho de Orientação Sexual não se limita apenas a uma mera informação reprodutiva ou preventiva, pois a sexualidade tem uma dimensão histórica, cultural, ética e política que

abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção, podendo ser expressa de diversas formas (carícias, beijos, abraços, olhares). Assim, ela abrange o desenvolvimento sexual compreendido como:

- a) saúde reprodutiva;
- b) relações de gênero;
- c) relações interpessoais;
- d) afetivas;
- e) imagem corporal;
- f) auto-estima.

Conforme definição apresentada na literatura pesquisada, conclui-se que a Educação Sexual deve ser trabalhada em nível de prática social, já que estabelece um intercâmbio entre escola, família, igreja, e até a própria cultura, na qual os adolescentes estão inseridos, sendo ela repressora, ou não, de forma a contemplar uma abordagem assistemática, no que diz respeito à transmissão de valores morais relacionados à sexualidade. Por outro lado, o trabalho da Orientação Sexual deve ser sistematizado, planejado, intencional e desenvolvido na escola, buscando promover espaço para acolher reflexões, dúvidas, valores, atitudes, informações e posturas relacionadas à vivência da sexualidade, permitindo, assim, o reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados.

Em suma, o objetivo mais amplo da Orientação Sexual é o de favorecer o exercício prazeroso, saudável e responsável da sexualidade dos jovens.

1.2 A Orientação Sexual na escola

Este item aborda alguns aspectos relacionados à Orientação Sexual na escola.

1.2.1 Por que a Orientação Sexual na Escola?

Educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagem nas quais todos os aprendentes possam despertar, mediante sua própria experiência do conhecimento, para sua dignidade de sujeitos do seu futuro. Em última instância, a dignidade de cidadão nunca pode ser outorgada de fora, mas deve ser conhecida e reconhecida pelos próprios sujeitos-cidadãos, embora se possam outorgar de fora elementos do contexto propiciador dessa experiência (ASSMANN, 1996, p. 22).

Portanto, educar para a vivência da sexualidade saudável e responsável faz parte do aprendizado geral da convivência democrática, que inclui o respeito à pluralidade e à preservação dos direitos e da dignidade humana, pois a educação é um processo mediante o qual a pessoa se forma, se constrói como pessoa.

Sendo assim, ao lado da família, a escola é agente privilegiado da educação e do conhecimento, pois, reconhecida como tal, é nela que as situações de aprendizagem podem ser planejadas para gerar conhecimentos mais abrangentes e reflexivos.

Segundo Souza (1999), educar é um processo que facilita a participação no meio em que se vive, havendo assim reciclagem e reconstrução. Portanto, educar sexualmente é tornar a prática da sexualidade das pessoas, com responsabilidade e conduta coerente para explorar o corpo, o afeto, o medo, o prazer, juntamente com as experiências acumuladas durante a vida.

Portanto, entende-se que trabalhar com a educação sexual é muito difícil, porque se esbarra em preconceitos, mitos e tabus. Qualquer sinal de transformação e esclarecimento encontra-se resistência, por ela estar dentro de nós mesmos. Educar-se numa cultura repressiva, em que falar sobre sexo é falar de um assunto proibido, tratado diferente dos outros. Daí a importância da Educação Sexual ser de extrema necessidade nas escolas, na informação e na orientação aos adolescentes, na prevenção de doenças e na gravidez precoce. (COSTA; MAGNO, 2002).

Nesse sentido, Lorencini (1997 apud AQUINO, 1997, p. 94) coloca que:

Os eventuais temas referentes à sexualidade que podem ser abordados durante as aulas devem eventualmente surgir a partir do interesse e do cotidiano dos alunos. Esses temas geralmente variam conforme a faixa etária, o grau de escolarização e o nível socioeconômico do grupo. É de esperar que qualquer assunto que venha a ser abordado, por exemplo, o

da gravidez na adolescência, possa propiciar desdobramentos gerando interesse e motivação para discutir entre outras coisas, temas como: puberdade, virgindade, ciclo menstrual, métodos contraceptivos [...], aborto, DST, AIDS.

Atualmente, a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social. A intenção de introduzir esse assunto no âmbito escolar torna-se evidente pela inserção da orientação sexual nos PCN's na forma de tema transversal. (ALTMANN, 2003).

Dada sua organização e estrutura, a escola, enquanto instituição social, pode tender a homogeneizar os diversos aspectos culturais, principalmente na sala de aula, local onde diferentes características que configuram a cultura estão presentes. Como consequência, a sala de aula pode representar as diversas tensões, conflitos e contradições, tais como as encontradas na própria sociedade. No tocante à sexualidade, a escola tornou-se um campo fértil onde crianças e adolescentes reeditam suas fantasias, desejos, conflitos, crenças e valores, além dos diferentes papéis sociais que implicam a construção de suas identidades, inclusive a identidade sexual. (ADOLPH; PRATA, 2004).

Entendida dessa forma, Furlan (2006, p. 48) postula que:

A instituição escolar recebe crianças e jovens em busca de conhecimento. O espaço escolar, além de se constituir como espaço privilegiado para educar para a cidadania, apresenta-se também como adequado para educar para o exercício da sexualidade. [...] Nessa instituição, levam às salas de aula, aos corredores, aos ginásios esportivos questões do seu desenvolvimento afetivo-sexual e do seu contexto social. Brincam, correm, pulam, trocam informações, idéias, carinhos e agressões. Nesse espaço, gritam, brigam, mandam bilhetes, roubam beijos, dançam, abraçam-se, conversam sobre namoro, menstruação, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS. Assim sendo, a escola não pode evitar e nem negar que foi invadida por questões de Sexualidade humana.

Segundo Guiraldo (1997), a escola é considerada como uma instituição que repete determinadas práticas sociais e, ao repetir, legítima. Certas práticas são naturalizadas, o que faz com que se desconheça que poderia haver outros meios ou outros modos de lidar com a questão da orientação sexual nas escolas. Entretanto, numa instituição não nos defrontamos apenas com as questões ideológicas ligada à reprodução e à corporificação de determinadas práticas. É preciso atentar para o fato de que essas práticas implicam discursos e para os

efeitos que esses discursos produzem nos diversos agentes que compõem o universo escolar. Assim, uma “[...] instituição se define como um conjunto de práticas conflitantes - ora divergentes, ora complementares - entre os seus atores concretos, que a constituem praticando-a.” (AQUINO, 1996, p. 17).

Conforme Santos (2001), a escola é um espaço de convivência social, amorosa e emocional, seja da criança e/ou do adolescente, que formaliza o conhecimento, promove e facilita a aprendizagem sobre o mundo.

A escola é, sem dúvida, uma das instituições que mais reflete as regras sociais, cuja atuação e funcionamento têm papel decisivo na construção do sujeito. É um local reconhecido pelo grupo social como transmissora de informações, habilidades e valores culturais, socialmente compartilhados. Ela constitui um espaço de convivência e relacionamento, onde há uma presença nítida da sexualidade, seja através dos professores e das professoras, dos próprios adolescentes, das crianças, de homens e mulheres [...] todos educados de diferentes formas. (SANTOS, 2001, p. 28)

Os PCNs – Pluralidade Cultural / Orientação Sexual propõem, portanto, que:

O trabalho de Orientação Sexual [...] compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho [...] (BRASIL, 2000, p. 124).

A orientação sexual é cabível na escola, pelo fato de a mesma estar vinculada à transmissão da informação embasada no conhecimento científico, discernido das regras infundadas e preconceituosas. Outro fator importante, para a implementação da orientação sexual nesse contexto, é o tempo em que os alunos passam no ambiente escolar. A escola é um ambiente que favorece a socialização e o acesso à troca de experiência, sobretudo pelo fato de os alunos estarem no mesmo estágio do desenvolvimento. (PECORARI; CARDOSO; FIGUEREDO, 2005.)

Conforme Santos (2001), a escola constitui um lugar de curiosidades, sonhos, medos, idéias, aprendizagem, conquistas, descobertas etc., sendo ela um espaço onde os indivíduos passam grande parte de suas vidas. É a escola quem detém os meios pedagógicos necessários para a intervenção sistemática sobre a sexualidade, de modo a proporcionar a formação de uma opinião mais crítica

sobre o assunto, permitindo a satisfação e os anseios dos alunos. Nesse sentido, a escola não pode excluir as manifestações da sexualidade e, sim, criar um espaço de discussão aberta e franca sobre ela, deixando de lado os próprios preconceitos, permitindo que cada um se mostre como é: com suas dúvidas, conflitos, medos.

Suplicy (1999), citado por Ribeiro (1999, p. 22-23), coloca que a

Orientação Sexual, na escola, se propõe a ampliar, diversificar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, transmitindo à criança e aos adolescentes informações biológicas corretas sobre a sua sexualidade, incluindo o conceito, as práticas sexuais ligadas ao afeto, ao prazer, ao respeito e à responsabilidade. [...]. É desejável que a orientação sexual aborde a sexualidade dentro de um enfoque sociocultural, ampliando a visão do estudante e ajudando no aprofundamento e na reflexão sobre seus próprios valores.

Os PCNs deixam claro que a função da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes e valores, baseados nos direitos humanos, nos relacionamentos de igualdade, no bem-estar social e no respeito entre as pessoas. (BRASIL, 2000).

Estudos de Fragiácomo (2003), Figueró (2001), Gimenes (2001), Guimarães (1995), Ribeiro (1990) e Morello (1999) apontam que a Orientação Sexual na escola colabora para a desmistificação de tabus e preconceitos, além de apresentar-se tanto precisa quanto necessária à formação integral do indivíduo, em destaque àquelas voltadas ao desenvolvimento saudável e prazeroso da sexualidade.

1.2.2 A Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Os PCNs, publicados pelo Ministério da Educação e Desporto, são documentos que propõem os currículos de todas as áreas da Educação Fundamental. Têm abrangência nacional e oficializam a Orientação Sexual no currículo escolar como Tema Transversal, com o objetivo de estabelecer uma referência curricular nacional e oferecer diretrizes mais claras às políticas para a

Educação no âmbito do ensino fundamental. Propõem uma educação comprometida com a cidadania, que permita ao educando desenvolver as capacidades necessárias para uma participação social efetiva, a partir da configuração da escola como um espaço não só de reprodução, mas também de transformação. Esse espaço deverá se voltar para a busca de caminhos e de conteúdos que possibilitem a esse educando a compreensão e a crítica da realidade, assim como a aprendizagem eficiente de novas alternativas de ação. Como decorrência, caberá então ao educador saber como e quando intervir, bem como prever que mudanças essas intervenções produzirão, o que implica a necessidade de alicerçar tais intervenções num projeto didático sistemático e planejado que integre diferentes modos de organização curricular. (CORRÊA, 2003).

Conforme afirmam Carradore e Ribeiro (2002), a escolha dos temas transversais, propostos nos PCNs, aconteceu devido aos seguintes critérios:

- a) urgência social;
- b) abrangência nacional;
- c) possibilidade de ensino;
- d) aprendizagem no ensino fundamental e possibilidade de favorecer a compreensão da realidade e a participação social.

Os temas transversais têm natureza diferente das áreas convencionais do conhecimento, nesse sentido, seu estudo remete à necessidade de integrar esses temas às áreas convencionais, recorrendo a conjuntos de conhecimentos de diversas áreas do saber, de forma a estarem presentes em todas elas.

Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social aos conteúdos conceituais e procedimentais nas disciplinas escolares, superando, assim, o aprender apenas pela necessidade informativa, dicotomizada da realidade e do cotidiano dos alunos. (ALMEIDA, 2006, p. 3).

Segundo Busquets *et al* (2000), a inclusão dos Temas Transversais na estrutura curricular da escola é uma das formas de contribuir para o processo de transformação da sociedade sem abrir mão dos conteúdos convencionais. Portanto, a reforma do Ensino Fundamental prevê um ensino cuja abordagem

deverá ocorrer de forma interdisciplinar e contextualizada, contemplando a transversalidade de temas sociais.

Os temas transversais referem-se às preocupações emergentes em nossa época e objetivam a formação integral do ser humano, não rejeitando as disciplinas curriculares. Essa forma de trabalho implica, entretanto, mudança de postura de educadores que buscam compreender a realidade escolar não como algo fragmentado, mas tendo como eixos a autonomia da vida diária, a educação da afetividade, as formas de convivência e a cooperação, a ajuda, os direitos e os deveres mais elementares (RIBEIRO, 1999).

Tendo em vista uma educação para a cidadania, os PCNs orientam-nos para uma visão educacional que almeja a inclusão dos Temas Transversais no currículo escolar e apontam um conjunto de Temas Transversais a serem abordados. São eles:

- a) ética;
- b) meio ambiente;
- c) pluralidade cultural;
- d) saúde;
- e) orientação sexual;
- f) trabalho e consumo.

Assim, os PCNs apresentam a educação sexual como um tema transversal, nomeado de “Orientação Sexual”, a ser trabalhado nas escolas brasileiras. (BRASIL, 2000).

Dada sua pertinência pública, a sexualidade é considerada um tema social urgente e de caráter nacional, constituindo-se, inúmeras vezes, um problema de saúde pública. Os PCNs apontam a preocupação com a construção da cidadania que é o objetivo principal da educação, e incorporam a orientação sexual como tema transversal, valorizando a sexualidade como contextos significativos para a aprendizagem e como conteúdo relevante para a formação integral dos indivíduos na conquista dos direitos da cidadania.

O compromisso, portanto, dos Temas Transversais é com a construção da cidadania, o que implica praticar princípios éticos – respeito, solidariedade, responsabilidade, uso construtivo da cidadania, liberdade

e autonomia – princípios políticos – direitos e deveres da vida cidadã. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 47).

A proposta defendida pelos PCNs, em relação à Orientação Sexual, como tema transversal, deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica cujo objetivo é transmitir informações, problematizar questões e ampliar o leque de conhecimento e de opções referentes à sexualidade, incluindo posturas, ideologias, crenças e tabus, propiciando debates e discussões a ela relacionados, para que o próprio aluno escolha seu caminho. (SANTOS, 2001).

Segundo Corrêa (2003), os PCNs apontam que os Temas Transversais devem ser incorporados às áreas já existentes e no trabalho educativo da escola, estando presente em todas as áreas, ou seja, integrar essas temáticas às áreas curriculares por meio do que se chama transversalidade, desafiando a escola a abrir-se para o debate dessas questões sem que sejam criadas novas disciplinas, partindo, assim, do princípio que cada uma das disciplinas poderá abordar a temática da sexualidade de forma contínua, sistemática e abrangente, lidando com as ocorrências inesperadas do cotidiano, para assim, desvendar a dimensão da sexualidade em geral oculta e estereotipada nos conteúdos específicos.

De acordo com Valladares (2002, p. 58),

Transversalidade significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual, encontram-se contemplados por diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho.

A transversalidade abre espaços para a inclusão de saberes extracurriculares, ampliando a prática pedagógica até então confinada a conhecimentos convencionais, para a responsabilidade com a formação do aluno. Com isso, o currículo ganha flexibilidade, já que os temas transversais podem ser priorizados e contextualizados de forma a abranger a realidade e a necessidade específica de cada turma. Para tanto, o documento propõe que a relevância sociocultural deva ser um critério de seleção dos conteúdos e que os professores, ao abordá-los nas escolas, levem em consideração as dimensões biológicas, culturais, psíquicas e sociais, pois sendo a sexualidade uma construção humana, essa se encontra marcada pela história, pela cultura, pela ciência, assim como

pelos afetos e sentimentos, expressada com singularidade em cada sujeito. (CORRÊA, 2003; SANTOS, 2001).

O trabalho de Orientação Sexual implica o tratamento específico de questões singulares que nem sempre estão articuladas com as diversas áreas do currículo. Esse trabalho não se limita apenas a uma mera informação reprodutiva ou preventiva, pois a sexualidade é um dado da natureza que tem uma dimensão histórica, cultural, ética e política que abrange todo o ser. Assim, o trabalho de orientação sexual trata de questões da sexualidade que permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, surgindo de maneira emergente e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar tais questões. (VALLADARES, 2002).

Santos (2001) coloca que os blocos de conteúdos que norteiam a Orientação Sexual no Ensino Fundamental, segundo os PCNs, abarcam três eixos básicos visando a intervenção do professor:

Corpo: matriz da sexualidade, tratado como um todo integrado em suas funções biológicas, afetivas, perceptivas e de relação social, a fim de propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde; Relações de Gênero, no sentido das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos, propiciando o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis; e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, com ênfase na prevenção e na saúde, e não nas doenças, de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens, a fim de não vincular a sexualidade à doença ou à morte. (SANTOS, 2001, p. 26).

Para tanto, esses conteúdos podem e devem ser flexíveis, observando, a cada momento, a necessidade de cada turma, usando os temas trazidos pelos próprios alunos como ponto de partida para o trabalho de Orientação Sexual na escola.

A proposta dos PCNs é de que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, visando propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Trata-se de preencher lacunas nas informações que os alunos já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é apresentado e levá-lo a reconhecer quais são as manifestações de sexualidade passíveis de serem

expressas na escola. Ao oferecer informações atualizadas do ponto de vista científico, a escola possibilita ao aluno ter a sua própria opinião e desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. Nesse sentido, os PCNs demonstram que a Orientação Sexual deve ser abordada de duas formas:

- a) dentro da programação, por meio de conteúdos, ou seja, transversalizados nas diferentes áreas de ensino;
- b) extra-programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. (SANTOS, 2001; VALLADARES, 2002).

A partir da quinta série, além da transversalização já apontada, a Orientação Sexual comporta também uma sistematização e um espaço específico, oferecido pela escola dentro da sua rotina diária para essa finalidade. Isso porque, a partir da puberdade, os alunos já trazem questões mais polêmicas, envolvendo a sexualidade. Apresentam necessidade e melhores condições de reflexão dos temas como: aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia, prostituição dentre outros. Se antes os alunos recebiam mensagens sobre os valores, associados à sexualidade, agora vão discutir, questionar e configurar mais claramente seus próprios valores. (VALLADARES, 2002).

Os Parâmetros apontam uma transformação na prática pedagógica, pois rompem a limitação da atuação dos educadores às atividades formais e ampliam um leque de possibilidades para a formação do educando. Nesse sentido, o documento, denominado “Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual”, visa a complementar lacunas nas informações que as crianças e os jovens recebem, com vistas à fornecer dados atualizados e corretos, do ponto de vista científico, favorecer a reflexão sobre atitudes, valores, comportamentos e vivências no campo da sexualidade e contribuir para formarem opiniões do que lhes é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegerem como seus, ampliando, assim, os conhecimentos a respeito da sexualidade humana, combatendo tabus, preconceitos, abrindo espaços para discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação dos indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades. (CARRADORE; RIBEIRO, 2002; SANTOS, 2001).

De acordo os PCNs, o volume que se dedica exclusivamente à questão da sexualidade, no terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, justifica a introdução do tema Orientação Sexual nas escolas pelo grande número de adolescentes com gravidez indesejada e com AIDS. Nessa perspectiva, os PCNs propõem que o trabalho de Orientação Sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico e coletivo, onde as “[...] diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno [...] ou professor.”. (BRASIL, 2000, p. 121)

Os PCNs mostram que o trabalho de Orientação Sexual pode ser desenvolvido desde quando a criança se inicia na escola, ou melhor, desde a alfabetização, e se desenvolve ao longo de toda a seriação escolar. Na verdade, não existe uma faixa etária pré-determinada para que se desenvolva esse trabalho, pois as manifestações da sexualidade infantil ocorrem desde muito cedo e são inerentes ao desenvolvimento humano. Suas expressões mais freqüentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, nas curiosidades sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas, entre outras. Essas manifestações também ocorrem no âmbito escolar e é necessário que a escola, como instituição educacional, posicione-se clara e consciente sobre as referências e os limites com os quais deve trabalhar as expressões da sexualidade. (BRASIL, 2000)

Não é necessário despejar um caminhão de informações à criança. Porém, o que não pode ser justo é não satisfazer suas curiosidades com franqueza à medida que elas forem surgindo. É importante conversar com as crianças numa linguagem que elas dominem e que possam entender. [...] Enfim, é necessário ter respeito à sexualidade infantil, o que significa respeitar a criança como um ser humano completo em capacidade de amar. (NUNES; SILVA, 2000, p. 51-52).

A necessidade da educação sexual nas escolas é fundamental, pois não é só a família a responsável em falar sobre a sexualidade, haja vista que a sexualidade invade a escola, sendo impossível deixá-la de fora. A escola deve inserir em seus conteúdos curriculares, já que a orientação sexual é um dos temas transversais contido no documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura. Além disso, nos PCNs, é demonstrada a necessidade de não só falar do corpo biológico, mas das dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse

mesmo corpo. Por fim, entende-se que cabe à escola realizar a tarefa de educar sexualmente o adolescente para o exercício saudável de sua sexualidade, pois, somente por meio da educação, os problemas serão pelo menos amenizados. (COSTA; MAGNO, 2002).

1.2.3 Como fazer a Orientação Sexual na Escola?

Falar de sexualidade na escola exige alguns cuidados diferentes de se abordar qualquer outro conteúdo, explicam *Egypto et al* (2007), porque é uma temática que se relaciona com a intimidade e com os valores de cada um. A sexualidade, enquanto parte da vida, está presente na escola por meio de atitudes e comportamentos de adultos, crianças e jovens. Enquanto espaço público, a escola não deve, ao tratar desse tema, expor a intimidade de nenhum dos envolvidos, sejam eles os alunos ou o educador. Pode-se abordar as diferentes temáticas contidas nas histórias em quadrinhos de forma a auxiliar o aluno a refletir sobre essas questões e transportar para sua vida pessoal o resultado das aprendizagens realizadas no coletivo da escola. Isso é possível quando o educador conduz as discussões de forma a não personalizar os acontecimentos ou criando personagens fictícios que o auxiliem nas tarefas didáticas.

De acordo com Costa e Magno (2002), ao introduzir o trabalho de orientação sexual na escola, justifica-se a importância curricular em uma perspectiva de tema transversal, em que vários são os caminhos utilizados para estabelecerem a relação da sexualidade com a educação. Portanto, a escola, instituição moderna por excelência, certamente, por sua tradição iluminista, fundamenta-se na idéia de que o conhecimento científico tem um potencial libertador. Entretanto, no tocante à sexualidade, sabe-se que, nos manuais de educação sexual, encontram-se unicamente explicações que contemplam o sexo como restrito ao campo biológico. (ADOLPH; PRATA, 2004).

Até poucas décadas atrás, a sexualidade era considerada uma questão privada. A sua abordagem, na escola, muito restrita, concentrava-se na biologia ou na "transmissão" de regras de comportamento. Mas os problemas emergentes nas últimas décadas – entre eles o aumento da gravidez na adolescência e do uso

de drogas e, especialmente, a epidemia mundial de AIDS – cumpriram um papel decisivo no questionamento dos enfoques educativos tradicionais, ampliando-os para o campo cultural e social. Sabemos hoje que a orientação sexual envolve, mais do que a informação, a oportunidade de reflexão sobre atitudes e valores para a convivência humana. (VALADÃO, 2002).

No entanto, a escola não pode “fechar os olhos” para essa fase, a da adolescência, quando os temas da sexualidade afloram, despertando curiosidades e modificando comportamentos. Ela tem que se constituir num espaço aberto para a expressão de dúvidas, inseguranças, medos, angústias, frustrações, tabus, preconceitos, crendices, crenças, valores e conquistas, pois a verdade é que a escola, querendo ou não, assumindo ou omitindo, intervindo ou silenciando-se, está e estará sempre convivendo com as questões da sexualidade no seu cotidiano. (CORRÊA, 2003).

É com essa visão que Louro (1997, p. 81) comenta:

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos os regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’.

A vivência da sexualidade na adolescência pode ocorrer de diferentes formas de acordo com o contexto social. Através da aquisição de conhecimentos, pode haver desde o esclarecimento das dúvidas até a transformação de concepções. Nesse sentido, a abordagem da sexualidade com os adolescentes e com os jovens não deve se limitar ao tratamento somente das questões biológicas e reprodutivas, podendo a escola atuar e ampliar o diálogo e a reflexão, a fim de elucidar questões e auxiliar o jovem na superação de suas dificuldades. (MEDEIROS, 2000).

De acordo com Zagury (1996, p. 24),

A adolescência caracteriza-se por ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante do desenvolvimento com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um adulto, acrescida da capacidade de reprodução. As mudanças corporais que ocorrem nesta fase são universais, com algumas variações, enquanto as psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de grupo para grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo.

Abrir espaço para falar sobre sexualidade com os alunos não significa estimular a atividade sexual deles. Significa, sim, canalizar a sexualidade já presente para caminhos saudáveis. Portanto, significa também falar de repressão, poder, preconceito, interdição do corpo, desejo, paixão, prazer, vida, morte, controle, gênero, pecado, opção sexual, construção de papéis sexuais, doenças sexualmente transmissíveis e, atualmente, AIDS; enfim, de todas as representações sociais que giram em torno dela na sociedade. (CORRÊA, 2003).

Na atualidade, o desnudamento do corpo implicou a ênfase do binômio sexualidade/corpo ao reafirmar a idéia do corpo como morada da sexualidade. À escola coube a missão de derrubar os inúmeros muros materiais e simbólicos construídos ao longo dos tempos. A temática da orientação sexual foi, sem sombras de dúvidas, uma forma que a escola encontrou para atravessar as muralhas a ela impostas. (ADOLPH; PRATA, 2004)

A partir do século XXI, as escolas apresentam cada vez mais a necessidade de programas de educação sexual para informar, orientar e esclarecer as dúvidas dos adolescentes sobre a sexualidade. Nesse intuito, devem-se estabelecer propostas e alternativas para um trabalho pedagógico efetivo nas escolas. (COSTA; MAGNO, 2002).

Todas as vivências no espaço escolar são educativas e o exercício sobre novas formas de pensar e refletir sobre a dimensão da sexualidade é uma conquista fundamental para toda a vida. A escola, como espaço privilegiado na construção de referências, compreende que os sujeitos vêm sendo marcados por estereótipos socialmente construídos, daí a necessidade de ampliar o leque de conhecimentos e de possibilidades em busca de reflexões para suas possíveis desmistificações. (MEDEIROS, 2000)

A educação escolar, portanto, tem um grande potencial para estruturar e fortalecer comportamentos e hábitos saudáveis, forjando entre alunos e educadores sujeitos capazes de influenciar mudanças que tenham repercussão em sua vida pessoal e na qualidade de vida da coletividade. (VALADÃO, 2002)

Observa-se, nos PCNs, sobre os trabalhos de orientação sexual, que é necessário estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professores. O professor deverá mostrar-se disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valores sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora.

Segundo Silva e Silva (2002), é importante, então, ressaltar que a Orientação Sexual não existe para quebrar barreiras ou superar tabus, mas, sim, desmistificar para poder entender a existência de diferenças e de preconceitos da nossa sociedade. Esse, sim, é o maior desafio a ser encarado pela conscientização, adquirida por meios de esclarecimentos.

A orientação sexual na escola supõe um trabalho sistemático, contínuo e regular que acontece ao longo de toda a seriação escolar. Deve começar na Educação Infantil e se estender até o final do Ensino Médio. Sendo que o seu papel é o de ampliar o conhecimento da sexualidade em direção à diversidade de valores existentes na sociedade. Não se trata de um fenômeno episódico, como uma palestra realizada por médicos, psicólogos, entre outros, ou de uma abordagem esporádica (como: feira da cultura, feira de Ciências ou algo dessa natureza). Como todo e qualquer processo educativo, apresenta efeitos e resultados demorados, muitas vezes os mesmos só são observados em longo prazo. (SANTOS, 2001)

A orientação sexual nas escolas deve ter como objetivo problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno escolha seu caminho. Portanto, cabe à escola abrir um canal para o debate permanente com crianças e jovens acerca das questões relacionadas à sexualidade. Esse tipo de trabalho exige planejamento e intervenção por parte do profissional de educação, pois não deve-se limitar à veiculação de informações de caráter puramente biológico, ou preventivo, no que se refere somente ao controle das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e outros inconvenientes sociais, mas, ao contrário, devem incluir um questionamento mais amplo sobre o sexo, seus valores e seus aspectos preventivos, como forma de exercício da cidadania. Deve-se salientar que a participação dos pais também é fundamental no processo de Orientação Sexual, pois incentiva a co-responsabilidade. (ADOLPH; PRATA, 2004; SANTOS, 2001)

O fundamental é desenvolver um trabalho educativo positivo de valorização humana, mesmo que limitado em seu alcance, através de uma intervenção pedagógica adequada que possibilite a todos capacidade de escolhas.

A Orientação Sexual, na escola, deve ser trabalhada de forma contínua e integrada, uma vez que seu estudo remete à necessidade de se recorrer a um conjunto de conhecimentos, relativos a diferentes áreas como:

História, Antropologia, Sociologia, Biologia, Psicologia e outras mais. Além disso, ela deve ocorrer num âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual de cunho psicoterapêutico. (SANTOS, 2001, p. 31).

Dessa forma, a Orientação Sexual, oferecida pela escola, busca focar as dimensões fisiológicas, psicológicas, sociológicas da sexualidade, a compreensão da saúde reprodutiva, afetividade, relações interpessoais e relações de gênero, fazendo o carreamento de informações acerca do desenvolvimento sexual.

Sendo assim, a escola não tem como função dizer o que é “certo” ou “errado”, mas preparar o aluno para discriminar o que é biológico, o que vem da cultura, das classes sociais a que pertence, levando-o, assim, a assumir responsabilidades. A escola tem o papel de promover debates entre os alunos, fornecendo informações claras e objetivas que por sua vez, devem complementar o que o aluno traz de casa, suprir lacunas, rever conceitos e combater preconceitos educacionais, distorcidos pela própria família e pela mídia. (COSTA; MAGNO, 2002)

Para o Ministério da Educação (BRASIL, 2000, p. 114),

O trabalho sistemático de orientação sexual, dentro da escola, articula-se com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. A existência desse trabalho possibilita, também, a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS de forma mais eficaz. Diversos trabalhos já demonstraram os poucos resultados obtidos por trabalhos esporádicos sobre a questão. Inúmeras pesquisas apontam, também, que apenas a informação não é suficiente para possibilitar a adoção de comportamentos preventivos.

Sayão (1997, p. 113) aponta que

O trabalho de Orientação Sexual, desenvolvido pela escola, diferencia-se, pois, da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão dos valores morais indissociáveis à sexualidade. Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa, ao discuti-las, opinar sobre o que lhe foi ou é apresentado.

Finalmente, a Orientação Sexual, na sala de aula, pode tornar-se um laboratório de possibilidades de expressões de liberdade, permitindo aos alunos pensar, refletir e avaliar seu comportamento sexual.

No entanto, para a efetivação coerente da Orientação Sexual com a realidade de cada escola, os PCNs postulam que

[...] cabe então ao educador responsável a organização dos temas [...] Cabe ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta [...]. O professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento. (BRASIL, 2000, p. 129-131)

A Orientação Sexual na escola é um grande desafio. Segundo Suplicy (1995), isso acontece por ser um processo altamente dinâmico, o qual exige um investimento de tempo e também financeiro, cujo projeto deverá atender pais, professores e alunos. Considera-se indispensável integrar família e escola. É desafio, porque a escola deverá fomentar no aluno a capacidade de tornar-se dono de seu destino.

1.2.4 Perfil apropriado do Orientador Sexual

Educar é sempre muito difícil e os professores sabem disso muito bem. Para que o processo educativo possa ocorrer na escola, é preciso que o professor tenha se debruçado antes, sobre o conhecimento de um saber específico e que tenha o desejo de transmitir esse saber.

De acordo Silva (1997, p. 210), “[...] os principais fatores intervenientes na educação sexual na escola pública se vinculam, fundamentalmente, à figura do professor, à sua formação profissional e à sua prática pedagógica.”.

Os PCNs também sugerem que seja o professor o profissional indicado para assumir o papel de orientador sexual. A diferença é que consideram que todo e qualquer professor pode desempenhar tal tarefa, uma vez que os temas transversais devem ser contemplados pelas diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar. (BRASIL, 2000)

Nunes e Silva (2000) afirmam que os professores não estão preparados e não têm oportunidades suficientes ou condições materiais efetivas para assumir

os trabalhos escolares em sexualidade humana. Por esse motivo, corre-se o risco da ineficiência desse trabalho que se propõe transversal.

No entanto, todos os autores que escreveram sobre o tema são unânimes em considerar que o orientador sexual deverá, necessariamente, receber formação específica para esse fim.

Nessa perspectiva, Ribeiro (1999) afirma que o grande desafio é capacitar-se para desenvolver um trabalho eficaz e esclarecedor sobre a sexualidade na escola e, para isso, faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade.

Segundo Corrêa (2003), o professor precisa ser formado para trabalhar as ações voltadas à sexualidade no cotidiano escolar. Se a formação acadêmica não propiciou ainda tais condições, então esse profissional tem de ser capacitado tanto em relação a conteúdos, quanto a habilidades, através de leituras, pesquisas, discussões, orientação do trabalho realizado, cursos, reciclagem etc.

De acordo com Silva e Silva (2002), o orientador sexual deve usar uma linguagem simples, clara e natural, sem impor nada e sim estimulando o aluno para a aquisição de valores próprios. Esse não será apenas um palestrante do assunto, sua finalidade principal é ouvir o aluno e saber direcionar as discussões para que o aluno pense e reflita a respeito dos conflitos e desmistificá-los. Esse professor será testado pelos alunos, através de comentários, perguntas e desafios, sendo difícil enfrentar certas situações sem um preparo adequado.

Aquino (1997, p. 115) postula que

O fundamental para a preparação do profissional da educação em Orientação Sexual é a sua formação em temas afins à sexualidade. O educador interessado deve entrar em contato com as questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas e suas diversas abordagens, assim como ter acesso a um espaço grupal de supervisão do trabalho realizado. Esse espaço deve ser sistemático para que seja possível acompanhar as dificuldades ao longo do percurso. Cursos apenas teóricos não englobam as questões que surgem nas aulas com as crianças e jovens. O grupo de supervisão constitui-se num espaço de reflexão de valores e preconceitos dos próprios educadores – o que é imprescindível para que não haja imposição de valores pessoais ou julgamentos moralistas no trabalho com os alunos.

Os PCNs abordam a sexualidade de forma transversal e exigem que o professor também receba formação continuada e sistemática, a fim de que se

sinta informado para tratar do tema e promova intervenções práticas e críticas. Também indicam, ser importante, que esse professor tenha um bom contato com os alunos, interesse, disposição pessoal e flexibilidade para assumir o papel de problematizador e orientador para que, dessa forma, ele possa representar uma referência para o aluno na complementação do trabalho já iniciado pela família. (BRASIL, 2000)

No entanto, Silva e Silva (2002) apontam a necessidade de relacionar uma série de recomendações para postura do professor e da escola no trabalho de Orientação Sexual como:

- a) o objetivo principal é desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos e como algo ligado ao prazer e à vida;
- b) não cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos;
- c) o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos é uma atitude a ser estimulada no debate entre educadores e alunos;
- d) a escola deve atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região;
- e) é importante que os alunos conheçam os métodos contraceptivos, suas indicações e contra-indicações. Nesse item, cabe destacar o uso da camisinha como meio de prevenção da gravidez e da contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a AIDS;
- f) é necessário que se trabalhe com informações atualizadas sobre transmissão e prevenção de contágio da AIDS, com o histórico das enfermidades, a diferença entre um portador do vírus e uma pessoa que desenvolve a doença e as formas de tratamento;
- g) a repetição de conteúdos faz bem aos alunos, porque a sexualidade nas pessoas é despertada em momentos diferentes.

Os educadores que trabalham na área da sexualidade são motivados por um assunto de profundo significado na vida de todos, pois o tema ainda se mostra com a fragilidade do novo. Esse desafio desperta, além do interesse e da paixão, o “desagrado” no meio escolar, em função dos preconceitos e da “vergonha” que são estabelecidos na relação educação e sexualidade. O posicionamento coletivo

da equipe escolar e da família, interagindo no processo pedagógico, é tarefa fundamental para a construção de modelos sócio-sexuais menos estereotipados (LIMA; MEDEIROS, 1999).

Assim, o Educador está à mercê dos preconceitos vigentes e ainda sem a devida capacitação, percebe-se inseguro e, em geral, não se coloca à disposição para ensinar-aprender a sexualidade. Então, o impasse está estabelecido: Qual o perfil ideal do educador em sexualidade?

Segundo Aquino (1997), Vitiello (1997) e Suplicy *et al* (1998), não existe uma exigência profissional específica para alguém exercer o papel de orientador sexual. No entanto, os estudiosos acreditam que a escolha mais adequada tem sido o próprio professor, de preferência aquele que tem maior empatia pelo aluno e que está em sintonia com a sua linguagem, de tal forma que seja capaz de exercer autoridade com afetividade e não com autoritarismo. É o professor que convive com seus alunos, muitas vezes, diariamente, que conhece a forma como vivem em grupo, seus conflitos etc.

Nos PCNs, o caderno de Orientação Sexual afirma que para se obter bom resultado no trabalho de Orientação Sexual, é fundamental que o professor estabeleça uma relação de confiança com a turma. Isso porque ele é visto como referência para os alunos. Sendo assim, o professor deve se mostrar disponível para dialogar e responder às dúvidas de forma direta e esclarecedora. Durante um debate, deve conduzir as discussões, evitando emitir opiniões pessoais que possam ser vistas como modelo a ser seguido e inibam possíveis questionamentos. O professor pode auxiliar na orientação e no desenvolvimento do tema, mas sem expor opiniões próprias. (BRASIL, 2000)

Portanto, não é necessário que seja um professor de Ciências, pois se tratando da sexualidade, o conhecimento do corpo é importante, mas insuficiente para mudanças de práticas e atitudes. Além disso, não garante que o professor de Ciências tenha atitude e postura para ser um bom Orientador Sexual. De acordo com Sayão, R. (1997, p. 101), “[...] as escolas têm que perder o estereótipo de que o professor de Ciências é o que reúne mais condições para atender às solicitações do aluno em relação ao assunto de sexualidade.” Sayão, Y. (1997, p. 115) afirma:

Se o professor tem a disponibilidade pessoal para se responsabilizar pelo trabalho, sua área de conhecimento pouco importa. O fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito.

Para Figueredo (1991), a iniciativa de oferecer orientação sexual parece circular-se mais à motivação individual dos professores e menos as características próprias de disciplinas classicamente relacionadas ao ensino do tema.

Portanto, o importante é que esse professor tenha abertura e receptividade com os alunos e interesse pelo tema. O Orientador Sexual é acima de tudo um educador que observa e reflete para os alunos as diversas opiniões para que cada indivíduo se torne capaz de ser sujeito de seu desenvolvimento emocional e sexual. Sendo necessário que o Educador, ao trabalhar a Orientação Sexual na escola, tenha capacidade de rever sua postura e seus conhecimentos constantemente.

Sobre o professor ideal para fazer a orientação sexual, Vitiello (1997, p. 104) diz:

O professor ideal é aquele que normalmente é o mais procurado pelos alunos para um conselho, ou um esclarecimento, qualquer que seja a disciplina que ele habitualmente ministre, pois, o simples fato de ser alvo de confiança dos jovens, já demonstra possuir credenciais que o capacitam para exercer a atividade de educador sexual devendo apenas ser adequadamente treinado. Deve ainda estar ele bem adequado com sua sexualidade, tendo a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas.

Por isso, essas considerações permitem olhar a atividade do educador em sexualidade e compreender que uma das preocupações que surgem na escola pode ser analisada nesta citação:

A atitude do professor, em relação às expressões da sexualidade dos alunos, no sentido de acolhê-las, ou repudiá-las é fundamental para o direcionamento do trabalho de orientação sexual tendo em vista que é pelas suas atitudes que eles conhecerão o seu posicionamento frente à sexualidade, o que, sem dúvida alguma, lhes servirá de modelo. Por este motivo, mesmo quando não falam diretamente e abertamente sobre o sexo, os professores “ensinam” aos alunos valores e condutas por intermédio das suas relações, nem sempre conscientes, frente aos temas sexuais (BRASIL, 1997, p. 9).

Nesse sentido, o orientador sexual “ideal” é aquele que está aberto para questionamentos e predisposto a mudanças, a escutar o aluno, reconhecendo

seus limites, pois esses deverão ser encorajados a expressar suas idéias e opiniões sem ter que dar depoimentos pessoais.(SANTOS, 2001, p. 33)

Silva (2004) afirma que:

A intervenção pedagógica deve ser não-diretiva em relação ao comportamento dos alunos, buscando informar e problematizar questões da sexualidade, ressaltando o trabalho a partir das posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Uma vez que a escola é um contexto de socialização e que valores e atitudes não são apreendidos apenas através da veiculação de informações, é necessário que, pedagogicamente, se invista na formação, o que é pouco explorado pelos docentes. (SILVA, 2004, p. 32)

No entanto, a proposta do PCNs, para a Orientação Sexual, prevê que o professor prepare-se para a intervenção prática junto aos alunos mediante leituras e discussões e tenha um espaço grupal de supervisão continuada e sistemática que possibilite a construção de um espaço de reflexão sobre essa prática e sobre seus próprios valores, preconceitos e limites dos educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual, o que o ajudará a ampliar sua consciência em relação à sexualidade e à visão de mundo, além de assumir uma postura ética na sua atuação. (SILVA, 2004).

A postura do educador, para desenvolver o ensino em sexualidade, pode ser examinada conforme os PCNs na argumentação seguinte:

[...] é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve então entrar em contato com as questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens [...] reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Sua postura deve ser pluralista e democrática, o que cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, e informação sem a imposição de valores particulares. (BRASIL, 2000, p. 123-153)

Desse modo, as principais características do professor facilitador do trabalho de Orientação Sexual são: disponibilidade em lidar com o assunto e o compromisso de estar atualizado com as informações referentes à sexualidade, bem como sobre os recursos a serem usados pelos alunos. O educador deve garantir o respeito às diferenças, que é condição fundamental na viabilização do trabalho de Orientação Sexual. Além disso, é preciso garantir

- a) a ética no trabalho por parte dos alunos e do professor;
 - b) bom senso;
 - c) facilidade em dirigir dinâmica de grupo;
 - d) desejo por conhecimento do assunto;
 - e) bom relacionamento com os alunos e tranquilidade em relação à sexualidade são algumas das condições necessárias ao orientador.
- (SANTOS, 2001, p. 33-34).

É com esse pensamento que Suplicy (1993) comenta:

O papel do educador não é de impor a conformidade a um determinado tipo de padrão de comportamento, mas sim o de proporcionar novos conhecimentos, estimular o questionamento do que se sabe e proporcionar o intercâmbio de opinião que levem às decisões individuais. O educador deve propiciar o crescimento através da busca da verdade. Se o educador se propuser a ensinar o “certo” e o “errado” ele se colocará na posição de dono da verdade. (SUPLICY, 1993 *apud* RIBEIRO, 1993, p. 33).

Concordando com Vitiello (1994, p. 210) sobre o perfil do educador sexual, que seria ideal, para trabalhar a sexualidade com os adolescentes, atualmente, que:

É fundamental que o educador tenha sua adolescência perto de si, qualquer que seja sua idade cronológica, e que conserve sua capacidade de amar. Deve ainda estar ele bem adequado com sua sexualidade, tendo a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas. Finalmente, o educador deve cultivar em alto grau a tolerância, furtando-se do julgamento fácil.

De acordo os PCNs (BRASIL, 2000), o bom trabalho de orientação sexual, com informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos, pode contribuir para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada. No entanto, como tema transversal, os PCNs, não apontam que os assuntos abordados na Orientação Sexual tenham caráter normativo. Ao contrário, a recomendação é que a escola trabalhe com questionamentos e ampliação do leque de conhecimentos dos alunos, para que eles tracem seus caminhos. Nesse contexto, os professores desempenham um papel importante

para informar os estudantes sobre questões relacionadas à sexualidade. Significa que o professor precisa ficar atento para não entrar na vida particular, na intimidade de cada um. Porém, é fundamental que o debate esteja sempre presente para que os jovens criem condições de formar suas atitudes e opiniões.

Sobre a formação do orientador sexual:

[...] deverá ter uma formação específica e distinta, de maior duração, envolvendo aspectos desde conhecimentos teóricos a serem transmitidos, até a aquisição de atitudes positivas e sadias em relação à sexualidade, sua própria e de outrem, e da capacidade de tratar com naturalidade as questões que serão abordadas. E o critério de seleção indispensável é que o 'candidato' esteja interessado na temática e se sinta à vontade para falar de sexo. (RIBEIRO, 1990, p. 33)

[...] É importante que o trabalho de formação seja longo e sistemático e que a prática seja acompanhada de assessoria. Proponho que haja investimentos (ligados ao campo da sexualidade) no desenvolvimento profissional do professor e, sobretudo, no seu crescimento pessoal. Que ele seja considerado como indivíduo que necessita de reeducação sexual e não somente como meio para se atingir a educação sexual dos alunos. (FIGUEIRÓ, 2001, p. 8)

Em suma, a Orientação Sexual é um tema desafiante que impulsiona a revisão dos educadores, de suas posturas, valores e conhecimentos filosóficos, psicológicos, culturais, políticos e sociais, além de incentivar a busca de formação adequada, visando proporcionar uma educação voltada para a conquista permanente da vida humana.

1.2.5 O Programa de Educação Afetivo-Sexual: um novo olhar – PEAS nas escolas públicas de Minas Gerais

Segundo Costa e Magno (2002), ao introduzir a Orientação Sexual na escola, justifica-se a importância curricular em uma perspectiva de tema transversal, em que apresentam vários caminhos, dentre eles estão afastar o fantasma da gravidez na adolescência, DST, AIDS, aborto, planejamento familiar e outros. Portanto, falar de sexualidade é estabelecer relações com a educação. Nessa perspectiva, há a inclusão de programas de Educação Sexual nas escolas, em que explicitam objetivos ligados às discussões de normas, padrões de

comportamento e atitudes relativas à sexualidade, promovendo entre jovens e adolescentes a distinção entre princípios, igualdade entre homens e mulheres, respeito mútuo, liberdade e integridade pessoal, valores ligados ao uso de métodos contra conceptivos, aborto, virgindade e outros, propondo a sexualidade como algo inerente à pessoa.

Conforme pesquisa de Castro e Silva (2002), no Brasil, uma grande soma de recursos vêm sendo utilizada em programas que buscam oferecer aos jovens a oportunidade de conhecer e de se preparar para um início da vida sexual e reprodutiva saudável e com menos riscos. A inclusão da orientação sexual, como tema transversal a ser levado para dentro da sala de aula, já se configura como proposta oficial, sendo tratada como direito pelas crianças e adolescentes presentes na escola brasileira. Entretanto, não basta repetir o conteúdo da sexualidade e da prevenção, utilizando o mesmo método de trabalho que para qualquer outra disciplina do currículo escolar. É necessário buscarmos uma proposta educativa que viabilize a participação do adolescente na atividade pedagógica. (VIANA, 2004)

Programas educativos sobre sexualidade revelam-se importantes neste momento de grandes transformações para os adolescentes, afirmam Camargo *et al* (1994). “A mudança de comportamento para hábitos saudáveis e conscientes em relação à própria vida e à do outro é fundamental para a melhoria da qualidade de vida pessoal e coletiva.” complementa Oliveira (1997, p. 111).

Abrir espaço para falar sobre a sexualidade com os alunos não significa estimular a atividade sexual deles; a sexualidade existe independentemente de estarmos falando sobre ela de forma deliberada. Significa, sim, canalizar a sexualidade já presente para caminhos mais saudáveis. A esse respeito, Oliveira (1997) mencionou estudos que mostraram que programas educativos não aumentam nem estimulam a atividade sexual precoce, e que os que recomendam postergação e sexo protegido foram mais eficazes do que os que recomendam abstinência.

As Secretarias de Estado de Saúde e Educação de Minas Gerais, em parceria com a Fundação Odebrecht, desde julho de 1999, e as Fundações Belgo Mineira e Vale do Rio Doce, desde março de 2006, desenvolvem o “Programa de Educação Afetivo-Sexual: um novo olhar (PEAS)” em todo o Estado de Minas Gerais.

Os objetivos desse programa são promover o desenvolvimento pessoal e social do adolescente através de ações de caráter educativo e participativo, focalizadas nas questões da prevenção das DST/HIV/AIDS, da prevenção ao uso de drogas, sexualidade, e saúde reprodutiva; capacitar educadores e profissionais de saúde para promoverem o desenvolvimento pessoal e social do adolescente; ampliar o espaço de participação dos adolescentes nas escolas e nas unidades de saúde e capacitar o adolescente para o exercício de sua cidadania, para a atuação como agente de mudanças e transformações sociais e para a vivência de sua sexualidade adotando comportamentos de prevenção e de cuidado consigo mesmo e com o outro. (MINAS GERAIS, 1998)

Segundo a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2007), o PEAS é um programa de promoção do desenvolvimento pessoal e social do adolescente através de ações de caráter educativo e participativo, focalizadas nas questões da afetividade, da sexualidade e da saúde reprodutiva, estendendo-se a temas relativos à ética, à cidadania, à qualidade de vida e à ecologia humana, valorizando o protagonismo juvenil.

Uma ação é dita protagônica quando, na sua execução, o educando é o ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o adolescente adquire e amplia seu repertório interativo, aumentando, assim, sua capacidade de intervir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sócio comunitário, possibilitando, portanto, o jovem ser sujeito, ser participante (COSTA, 1999).

De acordo com resultados divulgados pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2007), foram capacitados, de 1999 a 2005, 16.254 profissionais de saúde e educação. O PEAS está implantado em 514 escolas e 155 unidades de saúde de 46 municípios mineiros, onde são desenvolvidos projetos e diversas atividades pelos adolescentes agentes voluntários de saúde. Cerca de 18.600 adolescentes de escolas públicas estão envolvidos diretamente com o Programa, sendo multiplicadores do mesmo nas escolas.

O PEAS destaca-se em vários municípios do Estado de Minas Gerais, como: Alfenas, Curvelo, Felixlândia (recebeu o prêmio UNESCO de Incentivo à Prevenção de DST e AIDS e ao uso de drogas nas escolas em dezembro de 2003), Januária, São Lourenço, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Varginha, João

Monlevade, Vespasiano, Itabira e Mariana. Em Porteirinha, de um total de 12 escolas de ensino fundamental, esse programa é desenvolvido, desde 2006, apenas em duas: Escolas Alcides Mendes da Silva (Ensino Fundamental) e Miguel José da Cunha (Ensino Médio). Foram realizadas cerca de oito oficinas com os adolescentes, visando promover o desenvolvimento pessoal e social do adolescente através de ações educativas e protagonismo juvenil.

O programa é desenvolvido inicialmente junto a um grupo de 15 professores de várias áreas de ensino – o Grupo de Desenvolvimento Profissional do PEAS – e, em seguida, transferido aos alunos. Esse grupo tem por objetivo promover o desenvolvimento profissional dos educadores sob duas dimensões: uma relacionada ao conhecimento e outra à prática pedagógica.

Esse grupo transfere o conhecimento para um grupo de 30 alunos – Adolescentes Matriculados em Escolas Públicas de Minas Gerais (APPEAS) com o objetivo de capacitar os adolescentes para que eles se tornem agentes multiplicadores do PEAS na escola. As atividades são desenvolvidas pelos jovens, que se tornam protagonistas das ações, uma vez que participam ativamente de todo o processo, implementado por meio de diferentes tipos de trabalhos. Dessa forma, o PEAS procura estimular a autonomia e a responsabilidade dos adolescentes pela própria saúde. Com isso, espera-se promover maior equilíbrio nas relações entre mulheres e homens e reduzir a vulnerabilidade dos jovens, principalmente das meninas, à infecção pela AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, diminuir os índices de gravidez não-planejada, de violência e do uso de drogas.

Dentro da concepção do APPEAS, o papel dos educadores é planejar e desenvolver as oficinas, articular necessidades emergentes do grupo e mantê-lo com foco nos objetivos e resultados previstos para o trabalho. Cabe aos educadores facilitar as oficinas a serem replicadas pelos adolescentes participantes do APPEAS, apoiar, organizar e incentivar outras ações educativas propostas pelos adolescentes. Mais do que transmitir informações sobre os temas da sexualidade, as oficinas buscam favorecer a educação integrada do sentir, do pensar e do agir, bem como o desenvolvimento da competência dos participantes de monitorar a própria aprendizagem.

As escolas pertencentes ao PEAS recebem um Guia de Oficinas, juntamente com *kit* de livros e guias de estudo, para subsidiar as oficinas do

APPEAS. Em cada reunião de GDPEAS, que antecede a oficina, já está contido o tempo para o planejamento das oficinas e posterior aplicação aos adolescentes do APPEAS.

O PEAS adota a filosofia de que a educação sexual é um direito de todos os jovens e deve ser parte da educação integral, preparando-os para a vida. O programa oferece aos meninos e às meninas a oportunidade de manifestarem seu potencial e suas habilidades.

2 AS NECESSIDADES, AS POSSIBILIDADES E AS DIFICULDADES DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DE PORTEIRINHA-MG

Este capítulo apresenta um estudo cujo objetivo foi investigar as necessidades, as possibilidades e as dificuldades dos professores de Ciências de Porteirinha para trabalhar a Orientação Sexual na escola. Os dados foram obtidos a partir da análise de questionários respondidos por professores de Ciências do Ensino fundamental (5ª a 8ª séries) de escolas públicas da cidade de Porteirinha-MG. Os resultados aqui apresentados foram utilizados como base para a elaboração de um Caderno de capacitação em Orientação sexual, de caráter educativo, dirigido aos professores participantes da pesquisa.

2.1 Justificativa e objetivos

Apesar da existência, atualmente, de várias experiências de implantação de programas de Orientação Sexual nas escolas brasileiras, com espaço optativo ou com espaço específico, incluído no horário regular das aulas, ainda assim faltam programas nas escolas públicas ou, quando existem, geralmente são descontínuos e voltados para as patologias (CORRÊA, 2003). Uma das grandes questões da Orientação Sexual, hoje, refere-se aos limites e às possibilidades de uma intervenção eficaz, ou seja, a concretização de propostas direcionadas à realidade particular de cada escola. As aulas desenvolvidas sobre o tema sexualidade, de acordo Vitiello (1997), devem ser ministradas por meio de metodologia participativa e dialógica, baseada na realidade sócio cultural, desenvolvida com criatividade intimista e lúdica. Tendo em vista o exposto, é relevante que o professor trabalhe de forma atrelada à sua realidade e que ofereça alternativas para transformar o tema sexualidade em conteúdo de ensino, a partir da sua própria vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, da ciência e da religião.

Frente a essas considerações, o cenário parece convidativo à pesquisa, principalmente quando se trata de escolas públicas de cidades de pequeno porte com representatividade na comunidade bastante expressiva de alunos na fase da adolescência. Investigar as dificuldades dos professores em fazer a educação sexual e buscar indicadores que auxiliem na sugestão de programas educativos norteados por princípios da análise do comportamento parece útil para a viabilização da implantação da Orientação Sexual na prática educativa dos professores.

Diante disso, neste trabalho foram investigadas e analisadas as necessidades, as dificuldades e as possibilidades dos professores de Ciências da cidade de Porteirinha-MG para fazer a Orientação Sexual nas escolas. Essa investigação é importante uma vez que a postura, a atitude e o conhecimento do professor relacionado ao tema sexualidade irão influenciar decisivamente o comportamento e a formação de seus alunos como cidadãos. Além disso, esses dados foram fundamentais para nortear e orientar a elaboração de um caderno de capacitação em orientação sexual, detalhada no capítulo 3, e a realização do encontro “Oficinas de capacitação - Sexualidade prazer em conhecer”, descrito no capítulo 4 desta dissertação, voltados para esses professores.

2.2 Metodologia

Este estudo constituiu-se em uma pesquisa qualitativa com associação de tratamento estatístico complementar para análise dos dados. A investigação é mediada pela metodologia da Pesquisa-Ação uma vez que ela permite o levantamento de problemas que possibilitaram intervenções (ações educativas), em conjunto com os participantes, na tentativa de buscar caminhos para a resolução de problemas.

A abordagem utilizada focaliza o que as pessoas vivenciam e a forma como interpretam essas vivências, pois não pode penetrar no universo dos educadores através de números e variáveis. Para alcançar o objetivo proposto, acredita-se ser necessário conhecer os significados, as dificuldades, as dúvidas e os anseios da nossa população de estudo. Nesse sentido, a escolha de um estudo de natureza

qualitativa apresenta-se como a mais adequada, uma vez que a sua abordagem aprofunda-se no mundo dos significados das ações e das relações humanas (MINAYO, 2000).

2.2.1 Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas Escolas Públicas Estaduais e Municipais do Ensino Fundamental da cidade de Porteirinha, interior do Norte de Minas Gerais, pertencentes à Superintendência Regional de Ensino de Janaúba/MG, essas escolas estão integradas à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e à Secretaria Municipal de Educação de Porteirinha/MG.

O município de Porteirinha situa-se na região Norte do Estado de Minas Gerais e foi instituído em dezembro de 1938. Detém uma área de 1.812,5 km² e uma população de 38.357 habitantes. Suas principais atividades econômicas são:

- a) agropecuária;
- b) extração vegetal e pesca;
- c) industrial;
- d) comércio de mercadorias;
- e) serviços.

O sistema escolar da cidade de Porteirinha, no que se refere às instituições de ensino que atendem as séries do ensino fundamental (5^a a 8^a séries), na zona urbana e rural, é composto por 02 escolas particulares, 07 escolas estaduais e 03 escolas municipais. As escolas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa foram:

- a) E.E. Alcides Mendes da Silva;
- b) EE. Odilon Coelho;
- c) EE. Prof. Dinoé Mendes;
- d) E.E Neco Lopes;
- e) E.E. Joaquim Marcelino da Conceição;

- f) E.E. Antônio Mendes da Silva;
- g) E.E. Dr. Rocket;
- h) E.M. D. Gercina Vilas Boas;
- i) E.M. Presidente Kennedy;
- j) E.M. D. Caçula Mendes.

A opção em desenvolver a pesquisa com professores de escolas públicas, e não privadas, deveu-se ao fato de o ensino fundamental público ser prioridade no município de Porteirinha. As escolas selecionadas são situadas na zona urbana e rural do município e são consoantes com as suas características geográficas e a distribuição de seus habitantes, moram nesta região pessoas de diferentes condições sócio-econômicas. Desse modo, realizar a pesquisa com professores de Ciências dessas escolas públicas possibilita a investigação de possíveis diferenças e semelhanças, fronteiras simbólicas, diversidade de práticas e representações sobre sexualidade e educação sexual enfrentadas pelos professores, pois esses atuam em escolas que acolhem estudantes de diferentes camadas da sociedade.

Participaram desta pesquisa 22 professores de Ciências do ensino fundamental (5^a a 8^a séries), pertencentes a 10 escolas, sendo 7 Estaduais e 3 Municipais. A maioria dos professores entrevistados é concursada, tem mais de dez anos de atuação no magistério e trabalha em mais de uma escola pública.

A escolha do ensino fundamental de 5^a a 8^a série deve-se ao fato de, segundo os PCNs, “[...] a partir da quinta série, além da transversalização [...], a Orientação Sexual comporta também uma sistematização e um espaço específico.” (BRASIL, 2000, p. 129). Isso requer uma intensificação dos trabalhos de Orientação Sexual na escola a partir deste ciclo. Além disso, na 7^a série (quarto ciclo de escolarização), questões sobre saúde e o corpo humano são mais detalhadamente trabalhadas nas aulas de Ciências, estando incluídas aí questões sobre DST e AIDS, gravidez e relações sexuais.

2.2.2 Instrumento da pesquisa

A pesquisa qualitativa tem como um de seus instrumentos a entrevista individual semi-estruturada. Nessa modalidade, o investigador está presente e o informante tem todas as perspectivas possíveis de responder a questionamentos básicos com liberdade e espontaneidade, o que, obviamente, enriquece a investigação. (GAUTHIER, 1998).

As pesquisas qualitativas, voltadas ao cotidiano escolar, vêm oferecendo subsídios para analisar, repensar e reconstruir o saber didático. Para Estrela; Madureira e Leite (1999) a aplicação de questionário é a técnica mais freqüentemente utilizadas em análise de necessidades e de dificuldades na área da educação, em especial em relação à formação de professores. As vantagens do uso do questionário relacionam-se ao fato de sua utilização permitir, em pouco tempo, atingir populações maiores e possibilitar o tratamento estatístico da informação. Portanto, para a realização dessa atividade investigativa, utilizou-se como técnica de coleta de dados, um questionário constituído de 11 questões (sendo 01 questão fechada, 03 questões abertas e 07 questões semi-abertas), possibilitando que os professores pudessem expor suas opiniões livremente (APÊNDICE C). Os itens que integram o questionário resultaram de uma reflexão sobre questões pertinentes à Orientação Sexual, dos documentos associados a esse tema, da análise de investigações sobre necessidades de professores nesta área e da forma de abordagem e o espaço destinado a ela nas instituições pesquisadas.

Cabe esclarecer que foi solicitada a permissão da direção das escolas para o desenvolvimento da pesquisa (APÊNDICE A). Antes da aplicação dos questionários, os objetivos da pesquisa foram explicitados e foi solicitada a colaboração para a participação. Os participantes foram informados a respeito do direito à privacidade e à preservação do anonimato e foi reafirmado o direito a liberdade de não participar da pesquisa. Na ocasião, foi obtida a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido dos concordantes em participar da pesquisa (APÊNDICE B), em cumprimento à Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata sobre a pesquisa envolvendo seres humanos.

2.2.3 Organização e análise dos dados

Para a organização dos resultados coletados, foi feito o levantamento dos dados através do método qualitativo e os resultados da pesquisa estão apresentados na forma de tabelas. Os dados levantados foram inter-relacionados, analisados e discutidos mediante revisão de literatura.

2.3 Resultados e discussão

Com o intuito de conduzir o leitor a ter uma visão mais acurada da realidade pesquisada, apresenta-se a seguir os resultados e as análises decorrentes das informações obtidas na coleta de dados junto aos professores de Ciências do Ensino Fundamental (5^a a 8^a séries), destacando-se as considerações dos professores sobre a Orientação Sexual na escola.

2.3.1 Perfil dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG

Os dados da TAB. 1 revelam o perfil dos professores participantes da pesquisa. Dos 22 professores envolvidos nesta pesquisa, 91% são do sexo feminino, sendo apenas 9% do sexo masculino. Assim como a maioria das instituições que atendem a este segmento escolar, o quadro de professores das escolas pesquisadas é constituído, quase na sua totalidade, por mulheres, o que confirma a caracterização do magistério de 1^a. a 4^a. série do ensino fundamental como uma carreira essencialmente feminina. Os dados apresentados pelo Censo do Professor (BRASIL, 1999) mostram que a sala de aula é um espaço ocupado majoritariamente por mulheres, que somam 84,1% dos profissionais da Educação, destacando assim a feminização do magistério. Essa peculiaridade da profissão

docente tem sido investigada em vários estudos voltados para a feminização do magistério no Brasil.

Viana (2004), citado por Nunes (2004, p. 79), afirma que:

A configuração desse processo que culmina com a constatação de uma maioria absoluta de mulheres no magistério na década de 90, relaciona-se ainda que indiretamente, com a dinâmica do mercado de trabalho e, nela, com a intensificação da presença de mulheres, a divisão sexual do trabalho e a configuração das chamadas profissões femininas.

Essa peculiaridade da docência vem de longa data, visto que, independente do período histórico, esse dado tem sido apresentado em pesquisas que procuram caracterizar a situação do magistério.

Tabela 1 - Perfil dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG

Sexo	n	(%)
Feminino	20	91
Masculino	2	9
Idade	n	(%)
20-35	8	36
35-45	7	32
45-55	7	32
Religião	n	(%)
Católica	17	77
Evangélica	4	18
Cristã	1	5
Tempo de docência	n	(%)
1-10	7	32
10-20	13	59
20-40	2	9
Escolaridade	n	(%)
Superior incompleto	7	32
Superior Completo	9	41
Pós-graduação <i>lato-sensu</i>	6	27
Formação em Orientação Sexual	n	(%)
Sim	5	23
Não	17	77

Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

A faixa etária dos professores foi de 36% entre 20 a 35 anos, 32% entre 35 a 45 anos e 32% entre 45 a 55 anos. Fazendo uma análise desse dado, pode-se dizer que a idade nesta pesquisa pode ser um fator importante a ser considerado uma vez que eles estão em faixas etárias diferentes. Sabe-se que a idade interfere na maneira de lidar com a sexualidade.

Nesse sentido, Beiras; Tagliamento e Toneli (2005, p. 75) comentam:

As práticas de educadoras e educadores são, por vezes, pautadas em crenças, valores e preconceitos oriundos de suas trajetórias singulares e, sobretudo, inscritas em contextos culturais e históricos determinados. Desta maneira, as diferenças de gênero que pautam, no cotidiano, muitas explicações de comportamentos, papéis e valores, geram (e são geradas por) uma série de suposições de definições do que é ser mulher e homem, masculino e feminino. (BEIRAS; TAGLIAMENTO; TONELI, 2005, p. 75).

A faixa etária elevada (35 a 55 anos), apresentada pela maioria dos professores investigados (64%), pode indicar uma educação com princípios e valores diferentes dos atuais, onde o sexo era feito principalmente para a procriação. Possivelmente, isso pode gerar dificuldades para os profissionais abordarem os temas da sexualidade na escola. Para Vitiello (1997), a maneira de pensar de cada um depende muito de suas vivências e da maneira como ocorreu seu aprendizado social. Sabe-se que é um desafio para os educadores conviver internamente com seus valores e elaborar na sua prática educativa um novo modelo social e educacional, principalmente no que se refere aos temas da sexualidade.

Dos professores investigados, 77% pertencem à religião católica; 18% à religião evangélica, enquanto 5% afirmam pertencer à religião cristã. A maioria (59%) apresenta tempo de docência entre 10 a 20 anos; 32% afirmam ter tempo de docência entre 1 a 10 anos e 9% apresentam tempo de docência entre 20 a 40 anos. Sabe-se que as normas e os comportamentos ligados à sexualidade sempre foram influenciados por valores e princípios religiosos. Acredita-se que isso possa favorecer a disseminação de idéias repressoras e castradoras sobre a sexualidade e também pode estar relacionado com a resistência ou adesão dos professores a programas inovadores. (REIS; VILAR, 2004)

Quanto ao nível de formação acadêmica dos professores, 41% afirmam ter o curso superior completo; 32% estão cursando o curso superior e 27% fizeram Pós-graduação *lato sensu*. Dos professores de Ciências que tem curso completo, 80% fizeram Ciências Biológicas e 20% cursaram o curso Normal Superior. Apesar de a maioria dos professores entrevistados terem curso superior completo, 77% deles afirmam não terem recebido nenhuma informação durante a sua formação acadêmica, de como fazer a Orientação Sexual na escola. Apenas 23%

relatam ter recebido informação a respeito de Orientação Sexual. Entretanto, quando questionados sobre qual o tipo de formação complementar relacionadas à sexualidade que eles receberam nenhum dos entrevistados soube relatar, indicando que possivelmente essa formação complementar não ocorreu. Esses dados mostram que, nas escolas públicas de Porteirinha, existe uma deficiência significativa de professores de Ciências preparados para fazer a Orientação Sexual e que, durante a sua formação, a maioria dos professores não recebeu qualquer orientação para fazê-la.

Concorda-se com Medeiros (2000, p. 72) que afirma:

A omissão da Universidade, no papel de agente formador do educador em sexualidade, leva a sociedade a pensar que a formação deste educador é irrelevante, assim ocorre à improvisação do educador sexual, promovendo a inadequação na educação sexual.

No entanto, é fundamental que a educação assuma a qualificação desse profissional, pois o professor precisa ter uma formação específica para exercer essa tarefa de Orientador Sexual ou então tem que ser capacitado tanto em relação a conteúdos quanto a habilidades pessoais e interpessoais para que possam incorporar ações educativas voltadas à sexualidade no cotidiano escolar.

Professor deve ter conhecimento bem “amplo”... muito estudo e buscar sempre novas informações. Precisa ter formação adequada, saber a sexualidade sem decorar... para explicar as dúvidas de acordo com as experiências de vida. Saber como colocar determinados assuntos para explicar nossas dúvidas da forma mais acessível, facilitando a compreensão. (MEDEIROS, 2000, p. 73)

De acordo com Azevedo, Moreira e Conforto (2001), não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais seriam os próprios pais, porque a eles compete a maior parcela de responsabilidade na formação dos filhos. Entretanto, como os pais, normalmente, têm dificuldades em falar sobre os assuntos que envolvem sexualidade com os filhos (dificuldades estas, na maioria dos casos, de cunho cultural), foi deixada a cargo da escola a realização dessa tarefa. O grande desafio é capacitar-se para desenvolver o trabalho, uma vez que a educação sexual não pode ser dissociada da educação como um todo. Portanto, faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade.

Assim, o educador deve buscar a capacitação profissional, ampliar a compreensão sobre a sexualidade, aprofundar conceitos, revisar valores e se instrumentalizar, pois isso poderá contribuir para diminuir a transmissão de preconceitos aos alunos.

2.3.2 O conhecimento dos professores de Ciências das Escolas Públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual

Ao analisar os dados apresentados na TAB. 2 sobre o conhecimento dos professores em relação à Orientação Sexual, observa-se que quando se perguntou aos professores investigados o que eles entendem por Orientação Sexual, 64% opinou que é informar, discutir, conscientizar e orientar sobre os temas relacionados à sexualidade, 23% afirmam que a Orientação Sexual é conhecer o corpo, suas transformações e sentimentos e 13% dos professores correlacionam a Orientação Sexual com a intervenção nas atitudes relacionadas ao comportamento sexual.

Enfatiza-se que o trabalho de Orientação Sexual se propõe a ampliar, diversificar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, abordando os diferentes pontos de vista existentes na sociedade, incluindo as práticas sexuais ligadas ao afeto, ao prazer, ao respeito e à própria sexualidade. Esse não se limita apenas a uma mera informação reprodutiva ou preventiva, pois a sexualidade tem uma dimensão histórica, cultural, ética e política que abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção, podendo se expressar de diversas formas: carícias, beijos, abraços e olhares. Assim, ela abrange o desenvolvimento sexual, compreendido como: saúde reprodutiva, relações de gênero, relações interpessoais, afetivas, imagem corporal e auto-estima.

Os dados da TAB. 2 mostram que os professores investigados afirmam achar importante a Orientação Sexual na escola. Sobre a importância da Orientação Sexual na escola verifica-se que 27% dos professores dizem que a escola conscientiza o aluno sobre os temas da sexualidade e 27% afirmam que a escola proporciona esclarecimento, discussões e reflexões sobre os temas relacionados à sexualidade. Outras justificativas apontadas pelos professores

foram: a omissão da família em relação aos assuntos relacionados à sexualidade, a contribuição para a prevenção de problemas graves relacionados à sexualidade dos alunos, a preparação do aluno, proporcionando saúde, bem-estar e melhores condições de vida, a maneira correta de orientar e informar o aluno e porque a sexualidade faz parte do cotidiano escolar. Percebe-se nitidamente na fala dos professores que esses têm consciência e/ou conhecimento da importância de se discutir a sexualidade na escola, muito embora nem todos incluam em suas práticas. Alguns desses nem sempre percebem que a escola é um ambiente “sexualizado” e que a Orientação Sexual é tarefa dessa instituição. Existem aqueles que chegam a ignorar e, na maioria das vezes, adaptam-se a determinadas situações, por ser uma atitude mais fácil.

Quanto à proposta dos parâmetros Curriculares (PCN's), perguntou-se aos professores se esses a conhecem. Mais da metade dos entrevistados (59%) revelam que conhecem parcialmente a proposta dos PCNs, 36% afirmam conhecer integralmente e apenas 5% afirmam desconhecer.

Os PCNs de Ensino Fundamental para o terceiro e quarto ciclos têm como objetivo oferecer às escolas, professores e profissionais ligados à educação as diretrizes para a prática pedagógica e para a educação no Brasil, propiciando aos sistemas de ensino subsídios à elaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno (BRASIL, 2000). Entretanto, muitas críticas e dúvidas surgiram sobre a utilização dos PCNs e a abordagem dos temas transversais no ensino.

Os dados da pesquisa mostram que a maioria (95%) dos professores teve, de alguma forma, acesso integral ou parcial aos PCN's o que indica um resultado bastante significativo, considerando-se que os PCNs possuem uma natureza indicativa e interpretativa para o desenvolvimento do trabalho que se pretende realizar nas escolas no Brasil. Entretanto, a utilização desse documento como um guia para o ensino, requer, necessariamente, uma capacitação do profissional que atua na área educacional, sobretudo os professores, pois sem esse trabalho de preparação, a atuação do professor fica limitada, apesar de seus esforços, além disso fica difícil fazer com que os PCNs se tornem, realmente, as diretrizes de ensino para o país.

A maioria dos professores (82%) identifica a Orientação Sexual como um tema transversal e, quando solicitados a justificar, 32% citam que é um tema

transversal porque pode ser trabalhado em diversas áreas do conhecimento. Os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social, sendo o tema “Orientação Sexual” justificado pelo crescimento de casos de “gravidez indesejada” entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV. A fim de atingir os objetivos propostos pelos PCNs, o tema transversal da Orientação Sexual deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. Eles deveriam ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização e os trabalhos deveriam ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como programação extra, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. (BRASIL, 2000)

Tabela 2 - Conhecimento dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual

O que é Orientação Sexual?	n	(%)
Informações, discussões, conscientização e orientações sobre temas relacionados à sexualidade	14	64
Conhecer o corpo, suas transformações e sentimentos	5	23
Intervenções nas atitudes relacionadas ao comportamento sexual.	3	13
Qual a importância da Orientação Sexual na Escola?	n	(%)
Conscientiza o aluno sobre os temas da sexualidade	6	27
Proporciona esclarecimento, discussões e reflexões sobre os temas relacionados à sexualidade.	6	27
O aluno fica bem informado	2	9
Prepara o aluno, proporcionando saúde, bem-estar e melhores condições de vida.	2	9
Contribui para a prevenção de problemas graves relacionados à sexualidade dos alunos.		
A família é omissa em relação aos assuntos relacionados à sexualidade	2	9
É assunto do cotidiano escolar	2	9
A escola orienta de maneira correta	1	5
	1	5
Você conhece as diretrizes propostas pelos PCNs quanto à Orientação Sexual?	n	(%)
Em parte	13	59
Sim	8	36
Não	1	5
Orientação Sexual é um tema Transversal?	n	(%)
Sim	18	82
Não	3	13
Não respondeu	1	5
Por que a Orientação sexual é um tema transversal?	n	(%)
Deve ser trabalhado em diversas áreas do conhecimento	7	32
Deve ser trabalhado de acordo a necessidade e com a convivência	2	9
Pertence ao eixo temático ser humano e saúde	1	5
Envolve problemáticas sociais atuais e urgentes	1	5
Não é trabalhado em ações isoladas	1	5
Precisa existir independente da disciplina	1	5
Deve ser trabalhado além da sala de aula	1	5
Promove reflexões e discussões	1	5
Possibilita conhecimentos que são decisivos na realização do ser humano	1	5
Ela não é tema transversal, pois só é trabalhada no conteúdo de Ciências	1	5
Respostas sem sentido	2	9
Não responderam	3	13

Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

2.3.3 A Orientação Sexual nas Escolas públicas de Porteirinha-MG

Ao analisar os dados apresentados na TAB. 3, verifica-se que 77% dos professores pesquisados afirmam existir um trabalho de Orientação Sexual, sendo desenvolvido nos seus estabelecimentos de ensino, enquanto que 23% relatam que não existe nenhum trabalho de Orientação Sexual nas escolas que trabalham. Portanto, apesar de todos os professores afirmarem ser importante a Orientação Sexual na escola (TAB. 2), 23% dos professores entrevistados revelam a inexistência de trabalhos sobre sexualidade em suas instituições de ensino. Percebe-se que todos os professores investigados têm conhecimento da importância da Orientação Sexual na escola, mas nem todos transformam esse conhecimento em ação. Como não se trata de uma disciplina obrigatória, sujeita à notificação, existem escolas e/ou professores que se sentem desobrigados de assumir essa tarefa educativa.

Quando se perguntou aos professores pesquisados quais os tipos de trabalhos de Orientação Sexual são desenvolvidos nas escolas em que atuam, 45% relatam o desenvolvimento de projetos pedagógicos, em alguns casos (60%), com apoio da Unidade de Saúde local, 14% citam a realização de palestras e discussões em sala de aula e 18% relatam a existência do PEAS do Estado de Minas Gerais.

Quando questionados sobre quem desenvolve o trabalho de Orientação Sexual em seus estabelecimentos de ensino, 73% dos entrevistados relatam que são os professores de Ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino, 27% afirmam ser somente os professores de Ciências; e nenhum dos professores entrevistados relata a participação de profissionais de outras áreas. Esse último dado aponta contradição nas respostas dos professores, pois alguns relatam que desenvolvem a Orientação Sexual por meio de projetos pedagógicos que contam com a participação da Unidade de Saúde local.

Tabela 3 - Orientação sexual nas Escolas Públicas de Porteirinha-MG

Existência de trabalho de Orientação Sexual nas Escolas	n	(%)
Sim	17	77
Não	5	23
Tipos de trabalho de Orientação Sexual existentes nas Escolas	n	(%)
Projetos pedagógicos	10	45
PEAS	4	18
Palestras e discussões na sala de aula.	3	14
Nenhum	5	23
Quais os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento da Orientação Sexual?	n	(%)
Professores de Ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino	16	73
Somente professores de Ciências	6	27
Profissionais de outras áreas	0	0

Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

Sobre a participação de profissionais da área de saúde na Orientação Sexual na escola, Vitiello (1997) comenta que, com relação ao profissional na educação sexual, sua opinião é de que o médico, o enfermeiro, o psicólogo, o assistente social, quando fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a educação sexual, mas, sim, funcionando como meros informadores.

Nesse sentido, concorda-se com esse autor e acredita-se que o trabalho de Orientação Sexual na escola deve ser entendido como um processo sistemático e por isso não se resume a uma mera intervenção pedagógica como uma palestra ou simplesmente a informações preventivas e, sim, deve ser elaborado e sobretudo desenvolvido pelo professor(a), pois é ele quem conhece e sabe as demandas dos seus alunos, suas dúvidas e suas inquietações.

Os dados desta pesquisa apontam que 73% dos entrevistados afirmam que os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento da Orientação Sexual na escola são os professores de Ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino conforme propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais quando relatam que a educação sexual seja trabalhada como tema transversal, em que cada disciplina escolar abordaria a sexualidade a partir da perspectiva de seu campo de saber. Isso, supostamente, contemplaria “[...] uma visão ampla e não reducionista das questões que envolvem a sexualidade [...]”, em que fossem consideradas “[...] as dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade.”. (BRASIL, 2000, p. 137)

No entanto, os dados da pesquisa também mostram que 27% dos professores entrevistados afirmam que o trabalho de Orientação Sexual é desenvolvido somente pelos professores de Ciências o que indica que a Orientação Sexual na escola está ainda ligada ao campo das ciências biológicas. Isso deixa claro que, nas escolas pesquisadas, a Orientação Sexual não está sendo trabalhada de forma íntegra como um tema transversal conforme proposto pelos PCNs. Esse dado, de suma importância, não é em si uma novidade, pois a vinculação da educação sexual às aulas de Ciências e a adoção de uma perspectiva biológica de educação sexual já foi apontada – e criticada – por várias pesquisas (MEYER, 1998; OLIVEIRA, 1998; FURLANI, 2003; ROSISTOLATO, 2003; CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

De modo a superar essa abordagem considerada restrita ao campo das Ciências Biológicas, parece fundamental a necessidade de investimentos na capacitação de todos os professores, abrangendo a escola como um todo, para que mudanças neste cenário possam ser contempladas. Pois, conforme Silva (1997), o enfoque biológico na educação sexual tem concentrado a responsabilidade dessa tarefa aos professores de Ciências, os quais, por estarem sujeitos aos mesmos condicionamentos sócio-culturais, nem sempre conseguem corresponder às necessidades dos alunos.

2.3.4 Orientação Sexual na prática educativa dos professores de Ciências das escolas Públicas de Porteirinha-MG

Os dados apresentados na TAB. 4 mostram a situação da Orientação sexual na prática dos professores de Ciências e mostram que 100% deles afirmam abordar a Orientação Sexual na sua prática educativa. Com relação a essa abordagem, 27% revelam que essa ocorre por meio de esclarecimento de dúvidas conforme as necessidades diagnosticadas; 23% dizem que ela ocorre através de diálogos e discussões em sala de aula; 14% apontam que ela ocorre por meio de palestras com profissionais da saúde; 14% que ela ocorre de forma interdisciplinar; 14% dizem que é através de exibição de vídeos educativos sobre

alguns temas da sexualidade, seguidos de debates em sala de aula, e 9% revelam que ela é realizada de acordo o planejamento do conteúdo programático da turma.

Tabela 4 - Orientação sexual na prática educativa dos professores de Ciências de Porteirinha-MG

A Orientação Sexual é abordada na sua prática educativa?	n	%
Sim	22	100
Não	0	0
Como a Orientação Sexual é abordada na sua prática educativa?	n	%
Através de esclarecimento de dúvidas conforme necessidades diagnosticadas	6	27
Através de diálogos e discussões	5	23
Por meio de palestras com profissionais da saúde	3	14
De forma interdisciplinar através de projetos pedagógicos	3	14
Através de vídeos e debates	3	14
De acordo com o planejamento do conteúdo programático da turma.	2	9
Quais os temas você acha importante abordar na Orientação Sexual na escola?	n*	%*
Métodos contraceptivos	22	100
DST	22	100
Conhecimento do corpo	21	96
Concepção e Gravidez	21	96
Aborto	21	96
Amor/afeto	21	96
Preconceito/tabus	21	96
Namoro	21	96
Iniciação Sexual	20	91
Abuso Sexual	20	91
Ficar	20	91
Homossexualidade	19	86
Prostituição	19	86
Prazer	19	86
Masturbação	18	82
Quais os temas você tem dificuldade de abordar na Orientação Sexual?	n*	%*
Homossexualidade	11	50
Nenhum tema	6	27
Preconceito/tabus	4	18
Masturbação	4	18
Abuso sexual	2	9
Métodos contraceptivos	1	5
Iniciação sexual	1	5
Quais as dificuldades para abordar os temas relacionados à Orientação Sexual?	n*	%*
Falta de material didático	15	68
Incompreensão dos pais	12	55
Existência de preconceitos	9	41
Questões religiosas	8	36
Timidez e constrangimento	2	9
Insegurança em transmitir informações sobre o assunto	2	9
Falta de conhecimento teórico dos temas	0	0
Nenhuma dificuldade	0	0

*Existência de mais de uma resposta por entrevistado

Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

Em relação aos temas que os professores entrevistados acham importante abordar na Orientação Sexual na escola, 100% apontam os métodos contraceptivos e DST como os temas mais importantes, 21% afirmam ser o conhecimento do corpo, concepção/Gravidez, aborto, amor/afeto, preconceito/tabus e namoro, 20% relatam ser iniciação Sexual, abuso Sexual e ficar, 19% homossexualidade, prostituição e prazer e 18% apontam ser a masturbação.

Os temas que trazem dificuldades na abordagem da Orientação Sexual apontados pelos professores foram: homossexualidade (50%), preconceito/tabus e masturbação (18%), abuso sexual (9%), métodos contraceptivos e iniciação sexual (5%), enquanto 27% dos entrevistados afirmam não terem dificuldades para abordar nenhum dos temas relacionados à sexualidade.

No que diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores investigados, ao abordar a Orientação Sexual na escola, os dados mostram que 68% dos professores pesquisados revelam que é a falta de materiais didáticos específicos, 55% afirmam ser a incompreensão dos pais sobre o assunto, 41% apontam a existência de preconceitos, 36% dizem ser a questão religiosa, 9% citam a timidez e o constrangimento, 9% apontam a insegurança em transmitir informações sobre o assunto e nenhum dos entrevistados apontam a falta de conhecimento teórico dos temas como um fator de dificuldade.

Nesta pesquisa, a falta de materiais didáticos específicos sobre o assunto destaca-se como sendo uma das dificuldades mais importantes enfrentadas pelos professores para a realização da Orientação Sexual em suas instituições de ensino. Pedroso (1999), em pesquisa realizada com professores de ciências das escolas estaduais de Botucatu (SP), constatou que, para os professores, a utilização de recursos didáticos é um dos aspectos principais para viabilizar o trabalho de Orientação Sexual. Porém, segundo os professores, os materiais presentes nas escolas são insuficientes e pouco diversificados. Essa necessidade de materiais, mencionados pelos professores, provavelmente, deve-se ao fato de que abordar o tema sexualidade requer, além de diálogos e discussões, também algo que aproxime o aluno da realidade, tornando a aula mais proveitosa e dinâmica. Altmann (2003), em pesquisa realizada com professores de uma escola estadual do Rio de Janeiro (RJ), constatou ser a falta de materiais adequados

uma das principais dificuldades apontada por eles para o desenvolvimento de temas ligados à sexualidade.

Considera-se que os materiais didáticos são importantes e que seu uso auxilia o processo ensino-aprendizagem, mas, para isso, é preciso que o professor estabeleça um objetivo, procure aproveitar a maioria das possibilidades didáticas e esteja atento às limitações que o material pode apresentar. Nos trabalhos de Orientação Sexual, nota-se que os materiais mais utilizados são os visuais (quadro negro, cartazes, mapas, figuras, espécimes) e os audiovisuais (TV, vídeo). Esses e outros tipos de materiais podem ser utilizados como estimuladores ou desencadeadores da aula ou ainda como resultados da aula, sendo produzidos pelos próprios alunos, evidenciando a aprendizagem. Apenas a existência do material didático não é a solução, pois o professor precisa saber utilizá-lo. Os materiais que abordam a sexualidade nem sempre trazem uma preocupação com as diversas dimensões que a compõe, assim o professor deve estar preparado para extrapolar os limites de um material, às vezes, simples e enriquecer as discussões (PEDROSO, 1999).

Outra dificuldade, apresentada pelos professores, de acordo a tabela 4, é que a incompreensão dos pais sobre o assunto dificulta o trabalho de Orientação Sexual em suas instituições de ensino. Pode-se dizer que essa atitude paterna é resquício de uma sociedade conservadora, machista, onde falar de sexualidade, ou de sexo, como diz o senso comum, era assunto para ser abordado em “casa” muito sorrateiramente e de preferência para os rapazes. Falar de sexualidade para as crianças, então, nem pensar, pois, os pais pensavam – e muitos ainda pensam – que as crianças não estavam preparadas, era cedo demais, e, caso a escola tentasse orientar, estaria ensinando coisa feia e errada. “Muitos adultos reconhecem sua incapacidade em enfrentar tais situações, mas tal reconhecimento, ainda que meritório, se não for acompanhado por uma atitude de superá-lo como impedimento, reduz-se somente a uma constatação inoperante.” (NUNES; SILVA, 2000, p. 118)

2.3.5 Resumo dos resultados

Estudos, baseados em estatísticas da Secretaria Municipal de Saúde de Porteirinha anunciam um aumento da gravidez na adolescência, indicando que, no ano de 2006, cerca de 23% das mulheres grávidas do município eram adolescentes e ocorreram aproximadamente 460 casos de DST entre mulheres e homens Porteirinhenses. Estatísticas que anunciam o aumento da gravidez adolescente enfatizam a sexualidade adolescente como um problema social a ser resolvido, alimentando o medo e a exclusão como consequência negativa da atividade sexual do jovem. Transforma-se a questão em um problema de Saúde Pública e um problema de ordem moral, somente solucionado a partir da informação massificada com base na responsabilidade individual. A implantação da orientação sexual efetiva nas Escolas de Porteirinha poderia contribuir sobremaneira para o abrandamento desses problemas.

Os resultados apresentados neste estudo indicam que há um clima favorável para a implantação da Orientação Sexual nas Escolas públicas de Porteirinha-MG, embora muitos obstáculos para tal tenham sido evidenciados. A maioria dos professores de Ciências considera essa implantação importante, entretanto eles não apresentam capacitação nessa área e se encontram despreparados para fazê-la. Observamos uma dicotomia entre teoria e prática uma vez que os professores reconhecem a importância de se trabalhar a Orientação Sexual na escola. Muitos dizem conhecer a proposta dos PCNs, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a discussão desse tema. Os dados da pesquisa são concordantes com os de Silva e Megid Neto (2006) que mostraram num estudo, que teve como base as produções de pós-graduação brasileiras sobre a formação de professores/ educadores para o trabalho de Educação sexual, que os profissionais estão despreparados tanto na formação inicial quanto na continuada para lidar com o tema. Os autores afirmam ainda que a não obrigatoriedade dos PCNs, associada à tendência ao conservadorismo e à estagnação a que a escola está sujeita, como qualquer outra instituição social, torna possível que a implantação da Educação Sexual continue restrita apenas a algumas experiências isoladas.

Outro aspecto a ser considerado são as dificuldades apontadas pelos professores de Ciências ao se discutir sexualidade na escola, sendo as principais: a abordagem de alguns temas considerados difíceis como homossexualidade, preconceitos, tabus e masturbação, a falta de material didático específico e a incompreensão e desinformação por parte dos pais de alunos. Essas dificuldades foram descritas também por outros autores que avaliaram as necessidades dos professores para fazer a orientação sexual (ALTMANN, 2003; MOIZÉS, 2007). Isso mostra a necessidade de se desenvolver materiais educativos que possam vir a solucionar esses entraves encontrados pelos professores orientadores sexuais.

Esse estudo deixa evidente a necessidade de investimento em ações com o objetivo de promover a formação continuada de todos os professores, e não apenas de professores de Ciências, da cidade de Porteirinha. Pretende-se, a partir dos dados levantados nesta pesquisa, construir materiais e promover ações educativas elaboradas a partir das suas dificuldades, necessidades e possibilidades no sentido de tornar os profissionais bem informados e capacitados, ampliando a compreensão sobre o tema sexualidade, revisando valores, aprofundando conceitos e instrumentalizando, possibilitando assim, a construção de uma postura profissional consciente da importância de sua atuação na área da sexualidade. Também existe uma necessidade de sensibilização dos pais dos alunos e da comunidade em geral de que fazer a Orientação Sexual não significa um incentivo à iniciação sexual, mas, sim, preparar os adolescentes para uma sexualidade responsável.

3 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO CADERNO EM ORIENTAÇÃO SEXUAL “EXPRESSANDO A SEXUALIDADE NA ESCOLA”

Neste capítulo aborda-se o processo de elaboração/construção de um material educativo apropriado para a formação de professores orientadores sexuais das escolas públicas da rede municipal e estadual de ensino de Porteirinha-MG. O material educativo- **“Expressando a sexualidade na Escola”** foi pensado e construído a partir da importância, das dificuldades e das necessidades apresentadas no capítulo 2; da proposta da Orientação Sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais; e de artigos e materiais atualizados sobre a capacitação em Orientação Sexual existentes na literatura.

3.1 Justificativa e objetivo

A partir da coleta e da análise dos dados apresentados no capítulo 2 desta pesquisa, busca-se entender como a sexualidade tem sido tratada nas práticas e nas vivências dos professores de Ciências do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) pertencentes à rede pública de educação da cidade de Porteirinha-MG, o que possibilitou uma reflexão sobre as necessidades, as dificuldades e as possibilidades desses professores em fazer a orientação sexual na escola. Essa reflexão revelou a importância de se falar sobre sexualidade como compreensão básica da vida cotidiana, acerca dos aspectos biológicos, dos sentimentos, do respeito, das sensações, da responsabilidade, do comportamento, das linguagens, das representações, das escolhas, das crenças, das identidades, das posturas e da liberdade, a fim de sistematizar um modelo de intervenção pedagógica. Observou-se a necessidade de capacitação desses profissionais no sentido de ampliar e aprofundar tanto em termos do conhecimento quanto de uma metodologia adequada para se fazer a orientação sexual.

Assim, considerando a necessidade da abordagem da Orientação Sexual na escola, a importância dos recursos didáticos para o desenvolvimento adequado

desse tema e a necessidade de formação complementar, busca-se, neste trabalho, desenvolver um caderno de capacitação dirigido aos professores do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) no sentido de auxiliá-los no desenvolvimento de alguns temas relacionados à sexualidade. A elaboração do caderno foi pautada nas necessidades e nas dificuldades apontadas nesta pesquisa e na proposta da Orientação sexual como tema transversal presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Portanto, com o intuito de contribuir para melhor formação dos professores orientadores sexuais de Porteirinha-MG, apresenta-se um caderno de capacitação denominado “Expressando a sexualidade na Escola” como estratégia educativa para preparar o professor para lidar e trabalhar com os temas relacionados à Sexualidade. Esse caderno também poderá ser adaptado e utilizado pelos professores como material didático de apoio para se trabalhar a sexualidade com os alunos em sala de aula. Ressalta-se que uma das principais dificuldades para a efetivação do trabalho de Orientação sexual apontada pelos professores é a falta de material didático adequado.

3.2 Metodologia

A metodologia de pesquisa escolhida para aplicação foi a da técnica de construção de oficinas e a elaboração didática a ser utilizado nas mesmas.

3.2.1 Oficina – Estratégia educativa utilizada na formação de orientadores sexuais

Segundo Patrício (1995, p. 63), “[...] a técnica da oficina representa um processo de transformação, produzido pelo próprio sujeito, através de atividades de diferentes tipos.”. Já Medeiros (2000, p. 35) argumenta que essa ação educativa trata-se de um processo participante, “[...] caracterizado por momentos de sensibilização e reflexão que favorecem o pensar, o agir e o discutir as práticas

pedagógicas, tornando-as adequadas para lidar com os questionamentos dos participantes”.

Todas as vivências no espaço escolar são educativas e concorrem para o processo de formação, no entanto, o exercício de novas formas de pensar e refletir sobre a dimensão afetiva e sócio-sexual é uma conquista fundamental para toda a vida. Assim, o questionamento crítico sobre as práticas pedagógicas, que atuam no espaço escolar disciplinar, reforça a idéia de conceber a “oficina” como uma forma de ensino participativo capaz de explorar as percepções, curiosidades, dúvidas e vivências dos sujeitos em prol da construção de saberes (MEDEIROS, 2000).

Segundo Carvalho *et al* (2005, p. 379),

A metodologia de Oficinas se utiliza de teorias e técnicas sobre grupos, sendo uma prática de intervenção psicossocial adaptável a diversos contextos. A oficina tem suas bases e forma de organização originárias da pesquisa-ação, grupos operativos e pedagogia da autonomia.

Afonso (2000, p. 9), a partir dos seus pressupostos, estabelece que a oficina é:

Um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, como as formas de pensar, sentir e agir.

Rena (2006, p. 48), em “Sexualidade e adolescência – as oficinas como práticas pedagógicas”, afirma que:

A prática das oficinas consiste precisamente na prática do ofício de pensar sobre a vida e senti-la em vista de pequenas e grandes transformações. [...] A vivência da ‘Oficina’ implica esse esforço pedagógico pessoal e coletivo, com a racionalidade e a objetividade próprias da pedagogia, de modo a permitir a desconstrução de preconceitos e tabus e a reconstrução social dos valores, das crenças, social e historicamente construídos.

A Oficina não é um método de manipulação, mas constitui-se em método participativo de análise psicossocial, onde os processos podem ser estimulados, mas jamais induzidos, e os resultados advém do trabalho do grupo enquanto rede de relações. (AFONSO, 2000)

A oficina traz ainda a possibilidade do lúdico, promove a descontração e a criação de elos entre os participantes do grupo de uma forma crescente, desde que as atividades propostas ocorram em clima acolhedor e de respeito. (AMARAL *et al*, 2005).

A oficina foi a principal estratégia pedagógica adotada na construção do caderno de capacitação em orientação sexual, uma vez que seu objetivo era articular técnicas/estratégias com uma postura pedagógica crítico-transformadora, a fim de viabilizar a dinâmica de grupo, a revisão de atitudes e os valores no campo da sexualidade, como resposta à questão fundamental desta pesquisa, além de oferecer um espaço para discussão da vivência dos professores sobre a sexualidade dos seus alunos, levando em consideração suas angústias e inseguranças. Optou-se pela utilização dessa metodologia, pois ela é participativa e facilita os processos de reflexão pessoais, interpessoais e de ensino-aprendizagem, integrando o grupo e estabelecendo vínculos de afetividade e respeito mútuo. Dessa forma, espera-se que este material educativo possa auxiliar o professor no desempenho de funções como orientador sexual estabelecendo como pressuposto básico a participação, o desenvolvimento da reflexão crítica e o estímulo à criatividade e à iniciativa.

Para o desenvolvimento da técnica da Oficina, Carneiro e Agostini (1994) sugerem algumas etapas como:

- a) aquecimento;
- b) uso de estratégias facilitadoras de expressão;
- c) problematização das questões;
- d) processo de troca;
- e) análise;
- f) articulação.

Fonseca (2002) propõe fases similares ao apresentar a estrutura básica de uma oficina (sendo elas: aquecimento, reflexão individual, reflexão grupal, síntese). Ambas as propostas apresentam o momento inicial de descontração e entrosamento do grupo, como fundamentais para as fases seguintes de reflexão individual e grupal. Reforçam também a etapa complementar de análise e de

síntese das questões discutidas, quando será feita uma articulação com a realidade vivenciada pelo grupo.

Rena (2001) aponta alguns cuidados metodológicos que podem contribuir para a realização de oficinas como prática pedagógica, com a perspectiva de ressignificar a metodologia de oficinas usada como instrumento de interação com o educando e instrumento adequado à problematização e à revisão de valores e de atitudes no campo da sexualidade. Os apontamentos de Rena (2001) são apresentados de forma resumida no guia de oficinas do Programa de Educação Afetivo-Sexual - PEAS (MINAS GERAIS, 2005, p. 49-50):

1. O número reduzido de participantes possibilita a relação face-a-face, favorecendo o movimento constante da reflexão do individual para o coletivo e vice-versa possibilitando a troca de subjetividades.
2. A dinâmica da “oficina” exige a garantia de “espaço temporal” suficiente e a reorganização do “espaço físico”. Estes dois elementos deverão estar adequados para favorecer a prática do diálogo participativo que viabilize uma relação horizontal e circular, buscando um compartilhar das experiências, das emoções e do conhecimento.
3. A ação pedagógica que busca atualizar informações, discutir valores e alterar atitudes não pode prescindir de elementos da história do sujeito e do grupo cultural ao qual pertence. Ao defrontar-se criticamente com sua própria história, devidamente situada na história de sua família e de seu grupo sócio-cultural, o sujeito se dá conta de que sua experiência afetivo-sexual é atravessada por mecanismos de normalização que estabelecem regras, que estruturam um “saber” que aprova ou reprova, valoriza ou desvaloriza suas escolhas ou decisões.
4. Seguindo as pegadas de Paulo Freire, a experiência do dia-a-dia do educando - a princípio sem importância e lugar comum - é reconhecida também como fonte de conhecimento válido. Assegurar oportunidades e diversificar as estratégias para essa socialização de experiências e histórias do cotidiano de cada um, favorece a superação do isolamento, e permite a identificação com o grupo e ameniza a tensão que marca o processo de adolecer no interior desta cultura.
5. Propor um esforço de reflexão sistemática sobre a vivência afetivo - sexual associado ao exercício livre dos sentimentos relativos à sexualidade implica, necessariamente, a revisão dos valores já estabelecidos e a problematização da atitude de cada um frente às várias expressões da sexualidade no âmbito da cultura em que a pessoa e o grupo estão inseridos. Tal proposição é por si só uma atitude de transgressão da norma cultural que naquele contexto estabelece o silêncio sobre esta dimensão da vida.
6. Faz-se necessário buscar estratégias pedagógicas que resgatem a unidade e o equilíbrio entre estes três elementos: corpo, razão e emoção. A construção de uma vivência sexual saudável passa, necessariamente, pelas potencialidades e pelos limites do próprio corpo e do corpo do outro, pelo crivo da razão alimentado pelo conjunto de normas morais (valores) e pela força dos sentimentos muitas vezes contraditórios e ambíguos.
7. É indispensável incorporar à metodologia das ações educativas em saúde e sexualidade e outros canais de comunicação como alternativa da expressão. Assim, faz-se necessário aprofundar a parceria com as artes plásticas e dramáticas, incorporando técnicas simples de

desenho, escultura, dramatização e etc... que, muitas vezes, cumprem com maior eficácia a tarefa de comunicar a realidade subjetiva.

8. Como toda ação pedagógica, as ações educativas nas “oficinas” trazem também uma intencionalidade pedagógica. Portanto, ela se realiza a partir de objetivos claros, previamente definidos, integrados a um planejamento minucioso que busca compartilhar os recursos disponíveis com uma metodologia aberta e participativa, submetendo-se a diferentes estratégias de avaliação dos resultados. Paradoxalmente, o rigor do planejamento é que possibilita a flexibilidade e as alterações na condução da intervenção pedagógica, quando esta se faz necessária.

9. A prática das ações educativas dentro de uma metodologia aberta e participativa busca, e muitas vezes conseguem romper com uma concepção tradicional da educação, centrada no professor e na transmissão de conteúdos. Um grupo formado por adolescentes provenientes da escola formal, que ainda reproduz muitos elementos desta postura pedagógica negada nesta nova prática, poderia no primeiro momento fazer uma leitura incorreta e confundir espaço de liberdade com ausência de limites. Portanto, foi indispensável abortar com clareza, nos primeiros momentos da vida do grupo, a questão dos limites e os níveis de responsabilidade. Quanto maior o envolvimento do grupo na definição das regras de convivência, menos dificuldades o grupo terá para equacionar seus problemas e superar suas contradições. O grupo precisa tomar consciência de que o sucesso da experiência passa pelas mãos de cada um e de todos ao mesmo tempo, firmando um pacto de co-responsabilidade pela qualidade do processo.

O caderno de capacitação em Orientação Sexual, “Expressando a sexualidade na escola”, consta vários temas que abordam a sexualidade. Há uma variedade de sugestões de oficinas como estratégias metodológicas fundamentais para preparar o professor do ensino fundamental no desenvolvimento do trabalho de Orientação Sexual na escola. Para a elaboração do caderno de capacitação, buscou-se na literatura atividades que proporcionassem a reflexão e a transformação de ações como: técnicas de trabalho em grupo, músicas, teatro, vídeos e textos. Essas atividades foram selecionadas e propostas com o intuito de proporcionar um espaço privilegiado para o questionamento, favorecer a desmistificação de preconceitos, reavaliar as informações distorcidas e promover uma reflexão crítica sobre os temas ligados à sexualidade.

3.3 Desenvolvimento do material educativo

As etapas e os cuidados metodológicos, colocados anteriormente, foram observados na elaboração do Caderno de Capacitação em Orientação Sexual,

apresentado no APÊNDICE D. A elaboração do caderno seguiu a seguinte estrutura geral:

- a) **Apresentação** - apresenta o Caderno de Capacitação em Orientação Sexual - “Expressando a Sexualidade na Escola”, como produto decorrente da dissertação no mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da PUC-MG, cuja elaboração tem o objetivo de capacitar e subsidiar os(as) professores(as) do ensino fundamental (5º a 8º séries), interessados(as) em fazer a Orientação Sexual na escola;
- b) **Introdução** - faz uma abordagem sobre o tema sexualidade e a importância do papel do professor na realização da orientação sexual na escola;
- c) **Metodologia** - justifica-se a adoção da “Oficina” como a estratégia de intervenção pedagógica para capacitar os professores a fazer a orientação Sexual na escola. Ressalta-se que se trata de uma metodologia participativa que facilita os processos de reflexão pessoais, interpessoais e de ensino-aprendizagem.

3.4 Dicas importantes para os coordenadores do trabalho

Aborda alguns aspectos importantes que podem ajudar o coordenador antes e durante a realização do trabalho, para que tenha maior segurança e tranquilidade no processo de condução do grupo.

3.5 Sugestões de temas e oficinas para capacitação de professores

Traz sugestões de oficinas relacionadas aos temas da sexualidade humana que suscitam a emergência de emoções, valores, crenças, mitos, tabus e preconceitos que estão arraigados na identidade pessoal e social dos professores a serem capacitados.

É apresentado, no QUADRO 1, o esquema adotado para a construção do caderno de capacitação, “Expressando a Sexualidade na Escola”, apresentando os temas trabalhados, suas finalidades e suas sugestões de oficinas que os contemplam. O material completo e detalhado encontra-se disponível no APÊNDICE D.

Cada um dos temas proposto no caderno está estruturado assim:

- a) **Título, Introdução e Finalidade:** Apresentam uma abordagem geral relacionada ao tema e indicam o que se pretende alcançar com a realização das oficinas sugeridas no tema;
- b) **Oficinas:** Apresenta
- c) no mínimo uma oficina como estratégia para a organização do trabalho em grupo. Para cada oficina, estão indicados: título, objetivo, tempo de duração, materiais necessários, desenvolvimento com orientações para a atuação dos coordenadores e fonte bibliográfica.

Tema	Finalidade	Oficinas
Primeiros Momentos: Acolhida Apresentação dos participantes Integração do grupo	Apresentar e conhecer rapidamente as pessoas que fazem parte do grupo; Entrosar o grupo; Levantar as expectativas do grupo; Apresentar a proposta do trabalho; Contribuir para a criação de um ambiente agradável e seguro; Firmar, junto aos participantes, um contrato de convivência que favoreça o aproveitamento da experiência compartilhada.	Oficina 1 – Apresentação. Oficina 2 - Integração e apresentação. Oficina 3 - Quebra – cabeça. Oficina 4 - Fitas das diferenças. Oficina 5 - Balões no ar. Oficina 6 - Estabelecimento de Acordo. Oficina 7 - Pactos para o trabalho em grupo.
Orientação sexual na escola	Reconhecer a importância da Orientação Sexual na escola; Diferenciar Orientação Sexual de Educação Sexual, conforme PCNs; Compreender a Orientação Sexual como um tema transversal; Refletir sobre a postura e o perfil apropriado do educador para o trabalho de orientação sexual na escola.	Oficina 1 - Reconhecendo a Orientação Sexual na escola. Oficina 2 - Analisando o perfil do Orientador Sexual. Oficina 3 - Orientação Sexual: Sim ou Não? Oficina 4 - A mala.

Sexo e sexualidade	Identificar a diferença entre sexo e sexualidade; Propiciar condições para que os participantes possam explorar as distinções entre sexo e sexualidade, reconhecendo as dimensões históricas e culturais desses conceitos; Promover reflexão sobre os mitos relacionados aos temas da sexualidade; Promover a discussão sobre as manifestações da sexualidade na escola.	Oficina 1 - Mitos ou realidade? Oficina 2 - Diferença entre sexo, sexualidade e afetividade. Oficina 3 - Expressando a sexualidade.
Sexualidade na adolescência	Promover o debate e a apropriação de conceitos relacionados à sexualidade; Promover a identificação das dificuldades dos participantes quanto aos temas de interesse em sexualidade; Possibilitar aos participantes uma reflexão sobre como percebem o processo da adolescência; Estimular a identificação das dimensões biológicas, afetivas e socioculturais das expressões da sexualidade na vida pessoal e social.	Oficina 1 - O semáforo. Oficina 2 - Adolescer. Oficina 3 - Descobrindo a adolescência. Oficina 4 - Revisitando a adolescência.
Nosso corpo em transformação.	Promover uma reflexão individual e coletiva sobre a anatomia e a fisiologia humana; Ampliar a compreensão dos processos de transformação corporal, psicológica e social que ocorrem na puberdade e na adolescência; Trabalhar questões relacionadas ao corpo, tais como: mudança corporal decorrente do crescimento, diferenças corporais entre meninos e meninas, detalhamento do corpo masculino e feminino pensando nas questões físicas e culturais envolvidas.	Oficina 1 - Anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais; Oficina 2 - O corpo Reprodutivo; Oficina 3 - O corpo tem alguém como recheio;
Relações de gênero	Propiciar condições para que os participantes possam refletir sobre os estereótipos de gênero. Promover a reflexão e o debate sobre o papel da escola em relação às desigualdades de gêneros; Propiciar condições para que os participantes possam discutir, identificar e reconhecer os papéis sexuais de e entre homens e mulheres na sociedade.	Oficina 1 - Identificando estereótipos Oficina 2 - Ser homem e ser mulher Oficina 3 - Porque tanta diferença?
Identidade sexual e orientação do desejo	Identificar as dimensões biológicas, afetivas e socioculturais das expressões da sexualidade na vida pessoal e social; Mobilizar para o respeito à diversidade humana nas formas de expressão dos desejos sexuais; Refletir sobre os desejos e as manifestações afetivo-sexuais manifestadas na diversidade humana.	Oficina 1 - A orientação sexual do desejo Oficina 2 - Homossexualidade na escola

Preconceitos e tabus	Promover a reflexão sobre o preconceito e a discriminação em relação aos papéis de gênero e orientação do desejo; Promover debates sobre as diferentes formas de discriminações presentes em nossa vida social; Identificar possíveis formas de exercício da discriminação ou da solidariedade na vivência escolar.	Oficina 1- Campanha contra o preconceito Oficina 2 - Discriminação X Solidariedade
Masturbação	Debater a definição de masturbação; Promover reflexão sobre os mitos e tabus que envolvem a masturbação	Oficina 1- Masturbação - Mitos e realidade
Amar, namorar, ficar...	Relacionar as representações das relações da paixão e do amor vinculadas à arte e a mídia; Propiciar reflexões sobre as relações afetivas entre os adolescentes; Promover discussão sobre as diferenças entre os conceitos de ficar e namorar; Promover debates sobre a importância do namoro como etapa necessária no desenvolvimento humano.	Oficina 1- Ficar é... Namorar é... Oficina 2 - Cantando o namoro
Iniciação Sexual	Promover discussão sobre as implicações da atividade sexual na adolescência; Promover debate e posicionamento sobre as pressões sofridas pelos adolescentes para iniciarem as relações sexuais; Promover reflexão sobre os mitos e os tabus que cercam a iniciação sexual.	Oficina 1 - Dramatizando e analisando a iniciação sexual. Oficina 2 – Há tempo para tudo. Oficina 3 – Refletindo sobre a Virgindade.
Gravidez na adolescência e Aborto	Promover a reflexão e o debate sobre a gravidez na adolescência; Promover a discussão e o posicionamento acerca da importância de se planejar uma transa e de se fazer contracepção; Promover reflexão sobre a questão do aborto e a legislação vigente sobre o tema.	Oficina 1 - Gravidez na adolescência Oficina 2 - Estudo do caso Oficina 3 - Gravidez não planejada Oficina 4 - Direitos sexuais e Direitos reprodutivos.
Métodos contraceptivos	Oferecer informações adequadas e atualizadas sobre os processos de contracepção, no contexto das relações humanas; Promover debate e reflexão sobre quando e como promover atividades educativas para adolescentes e jovens sobre os métodos contraceptivos; Reconhecer a contracepção como um recurso essencial para ampliar as possibilidades de exercer a sexualidade com liberdade e responsabilidade.	Oficina 1 - Painel dos métodos Oficina 2 - A cores da prevenção Oficina 3 - Métodos contraceptivos
Doenças sexualmente transmissíveis	Propiciar condições para que os participantes possam articular as dimensões orgânicas, afetivas e socioculturais da prevenção das DST/AIDS; Oferecer informações atualizadas para subsidiar os participantes na abordagem das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS em sua prática cotidiana; Promover debates sobre as doenças sexualmente transmissíveis e reconhecer situações e comportamentos de maior vulnerabilidade.	Oficina 1 - Cadeia de transmissão Oficina 2 - AIDS e direitos Oficina 3 – Dramatização – DST/AIDS

Violência e Abuso Sexual	Oferecer subsídios para o debate e a apropriação de conceitos relacionados à violência e ao abuso sexual; Estimular o debate, o esclarecimento e as formas de prevenir a violência sexual; Propiciar a identificação de possibilidades e limites do trabalho educativo no campo da sexualidade.	Oficina 1 - Violência Sexual Oficina 2 - Parando para pensar sobre a violência Oficina 3 - Violência e abuso sexual
Pais e sexualidade	Integrar a escola e a família; Estimular a comunicação e desenvolver a confiança entre pais e filhos; Garantir aos pais o seu lugar no processo da educação afetivo-sexual;	Oficina 1 - Significados. Oficina 2 - Quanto você ganha por hora? Oficina 3 - Concordo X discordo.

Quadro 1 - Esquema do Caderno de Capacitação em Orientação Sexual - “Expressando a Sexualidade na Escola”

Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

Esse quadro esquemático constitui um roteiro que apresenta uma seqüência de temas e oficinas planejadas em torno da importância, das dificuldades e das possibilidades apontadas pelos professores de Ciências de Porteirinha-MG em abordar os temas da sexualidade. No entanto, propõe-se para a elaboração de curso de formação continuada para professores do ensino fundamental (5º a 8º séries), a seleção, a análise e a adaptação dessas oficinas conforme a realidade dos grupos participantes. Vale salientar que, para cada grupo participante, é importante que o coordenador do trabalho faça uma seleção e adaptação dos temas/oficinas, observando a realidade local, pois a sexualidade está diretamente relacionada aos fatores sociais e culturais de cada região.

4 UTILIZAÇÃO DO CADERNO DE CAPACITAÇÃO – “EXPRESSANDO A SEXUALIDADE NA ESCOLA”: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DE PORTEIRINHA-MG

Neste capítulo, apresenta-se o relato de experiência referente à utilização do caderno de capacitação em orientação sexual para a formação/atualização de um grupo de professores de Porteirinha - MG. O relato apresenta a experiência vivida com o grupo de professores participantes do encontro- **“Oficinas de capacitação - Sexualidade prazer em conhecer”**. Ele destaca cada momento do encontro e privilegia a descrição dos principais temas abordados nas oficinas que serviram de referência para compreender o processo grupal participativo, bem como as expectativas, as representações e as prováveis mudanças da visão dos professores frente à vivência da sexualidade.

4.1 Caracterização do local e dos participantes da experiência

O caderno de capacitação em orientação sexual foi utilizado em um encontro denominado “Oficinas de capacitação - Sexualidade prazer em conhecer”. O encontro aconteceu com professores da Escola Municipal D. Gercina Vilas Boas, uma escola pública que fica localizada na comunidade do Tanque em Porteirinha – MG . A escolha dessa escola deveu-se às seguintes razões:

- a) apoio e interesse da direção em capacitar os seus docentes;
- b) um número significativo de professores participantes da pesquisa apresentada no capítulo 2 que pertencem ao quadro efetivo dessa escola;
- c) a escola recebe muitos alunos da comunidade de Serra Branca, local onde, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde, o índice de gravidez na adolescência e de abuso sexual é bastante expressivo.

Inicialmente, realizaram-se reuniões com a diretora da escola D. Gercina Vilas Boas a fim de levantar dados e aspectos relevantes relacionados à questão da sexualidade vivenciados na escola. Esse diálogo inicial, em torno das necessidades da escola em relação à temática sexualidade, buscou a adaptação e a definição de um plano de trabalho. O estabelecimento dessa parceria foi muito importante para alcançar os objetivos propostos na pesquisa e necessária para o bom desenvolvimento e a organização do encontro.

As estratégias e as oficinas utilizadas no encontro estão descritas com detalhes no Caderno de capacitação em Orientação Sexual (APÊNDICE D). Salienta-se que nem todo o conteúdo do caderno foi trabalhado devido ao tempo reduzido para o desenvolvimento do encontro. Assim, a partir das demandas da escola e das dificuldades apontadas pelos professores pesquisados (apresentadas no capítulo 2), foram selecionados os seguintes temas com as respectivas oficinas para compor o caderno de capacitação em Orientação Sexual -“Expressando a sexualidade na escola”:

- a) Orientação Sexual na escola;
- b) Perfil apropriado do Orientador Sexual;
- c) Mitos, crendices e tabus sexuais;
- d) Sexo, Sexualidade e Afetividade;
- e) Transformação do corpo;
- f) Homossexualidade;
- g) Preconceitos e Tabus;
- h) Masturbação;
- i) Namoro;
- j) Iniciação sexual;
- k) Gravidez na adolescência;
- l) Métodos contraceptivos;
- m) DST;
- n) Abuso sexual;
- o) Pais e sexualidade.

Assim que o plano de trabalho do encontro foi estabelecido, incluindo a escolha dos temas a serem desenvolvidos, a proposta de trabalho foi divulgada

através de convites para todos os professores de todas as áreas de ensino pertencentes à referida escola e estendido para os professores de Ciências participantes da pesquisa e que eram funcionários de outras instituições de ensino. O encontro, com duração de 8 horas, coordenado pela pesquisadora, aconteceu no salão do prédio do Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC) na cidade de Porteirinha e contou com a participação de 50 professores, sendo a grande maioria do sexo feminino (44).

4.2 As etapas desenvolvidas na experiência

Com o intuito de realizar um trabalho que não se reduzisse simplesmente a passar informações sobre a dimensão biológica da sexualidade, mas buscar trabalhá-la enquanto dimensão integradora do ser humano optou-se por utilizar a metodologia de oficinas pedagógicas em dinâmica de grupo para trabalhar os temas da sexualidade, pois essa estratégia possibilita discussão, debate, reflexão e análise dos assuntos abordados. Além de trabalhar conjuntamente com os professores as amplas questões que se atrelam à sexualidade na adolescência, as “Oficinas” tinham a finalidade de desenvolver o espírito crítico, reflexivo e transformador do professor, destacando a importância da Orientação Sexual na escola, de forma a prepará-los para lidar com questões emergentes e cotidianas da sexualidade que permeiam a escola.

As oficinas não possuem um caráter apenas pedagógico, embora uma dimensão pedagógica sempre se faça presente. A postura pedagógica utilizada nelas é crítica e transformadora. Desta maneira, as oficinas constituem-se como uma metodologia válida para ações educativas em sexualidade junto a grupos, proporcionando a problematização de questões sociais e sexuais, além de contribuir para a constituição de sujeitos ativos da sua história. (BEIRAS; TAGLIAMENTO; TONELI, 2005, p. 72)

As etapas (momentos) desenvolvidas durante o encontro **“Oficinas de capacitação – “Sexualidade prazer em conhecer”**, bem como as observações baseadas em evidências durante a prática das oficinas, estão apresentadas a seguir. Como dito anteriormente, a descrição detalhada de cada oficina aqui citada

pode ser obtida no caderno de capacitação em orientação sexual apresentado no APÊNDICE D.

O primeiro momento do encontro, que aconteceu ao som de música suave, ambiente ornamentado com flores e mensagens relacionadas ao tema sexualidade, foi destinado à recepção dos professores convidados. Fez-se a entrega de crachás, a assinatura da lista de presença e a entrega de um *Kit* contendo o caderno de capacitação sobre orientação sexual, uma caneta e uma mensagem.

O segundo momento iniciou-se com as boas-vindas aos convidados, apresentação da coordenadora e da equipe de trabalho seguida pela exposição do objetivo do encontro (FIG. 1) e de um momento de oração (FIG. 2).



Figura 1 - Exposição do objetivo do encontro pela coordenadora/ pesquisadora
Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas.



Figura 2 - Momento da oração realizada pela Prof^ª. Vera Lúcia Mendes de Souza – Diretora da E.M.D. Gercina Vilas Boas e professora de Ensino Religioso da rede estadual de ensino.
Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas

O terceiro momento foi destinado à acolhida, à apresentação e à integração do grupo. Fez-se a dinâmica “fitas das diferenças” no qual cada participante recebia um rolinho de fita de papel crepom colorida. Cada participante tinha que pensar em uma qualidade marcante que ele tinha, em seguida desenrolava a fita, entregando uma das pontas da fita para aquela pessoa que ele tinha menos proximidade no grupo, se apresentava e oferecia a sua qualidade. O objetivo dessa atividade foi dinamizar a apresentação do grupo, favorecer a integração e sensibilizar os participantes para a importância do trabalho em equipe. (FIG. 3)



Figura 3 - Momento da dinâmica “fitas das diferenças”
Fonte: Arquivo pessoal.

No quarto momento, foi desenvolvida a atividade “Mitos ou Realidade?” a fim de fazer uma primeira aproximação dos assuntos a serem abordados ao longo do encontro e verificar as opiniões dos professores sobre temas relacionados à sexualidade. Para a realização dessa dinâmica, à medida que as afirmativas foram sendo feitas pela coordenadora (FIG. 4), os participantes deveriam se deslocar do centro do salão para um dos três diferentes pontos onde estavam colocados cartazes (FIG. 5). O primeiro cartaz continha a palavra “concordo”, o segundo a palavra “discordo” e o terceiro as palavras “tenho dúvida”. Posteriormente, ao final de cada afirmativa, as opiniões foram debatidas e as respostas adequadas foram explicitadas.

Quando o professor percebe que fará parte de uma atividade em que ele vai se expor, apresenta certa resistência. Observou-se que, no momento da realização da atividade, os professores ficaram tensos e com receio de não saberem dar a resposta adequada, então, muitos optaram pelas palavras “tenho dúvida”. Foi um momento de muita reflexão, pois os professores perceberam que

precisam se preparar para lidar com as variadas dúvidas dos seus alunos na sala de aula.

As afirmativas colocadas durante essa atividade são dúvidas freqüentes entre os adolescentes, por isso sugere-se que o professor a adapte, colocando afirmações que estejam mais contextualizadas com a realidade dos seus alunos, e a aplique em sala de aula. Após a discussão de cada afirmativa, o professor deverá esclarecer as dúvidas, fornecendo explicações com a intenção de diferenciar “os mitos” das “realidades” referentes à sexualidade.



Figura 4 - Leitura das afirmativas pela coordenadora do encontro da atividade “Mitos ou Realidade?”

Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas.



Figura 5 - Participantes posicionados no centro do salão, aguardando a leitura da afirmativa para se deslocarem para os pontos onde estavam os cartazes: concordo, discordo e tenho dúvidas

Fonte: Arquivo pessoal.

No quinto momento, realizou-se a dinâmica “Analisando o perfil do Orientador Sexual” cujo objetivo era dar a cada participante a oportunidade de

analisar e de identificar o seu perfil e sua postura frente à Orientação Sexual e, verificar se está coerente com a proposta do PCN. Foi solicitado aos professores que colocassem em cada espaço específico do crachá (FIG. 6) uma característica dele como: pessoa, professor na sala de aula e orientador sexual. Cada professor, no momento oportuno, iria analisar o seu perfil. A conclusão dessa dinâmica só se consolidou no sexto momento após terem sido expostas pela coordenadora as principais características e a postura do educador para desenvolver o ensino de sexualidade.

O crachá é representado por um retângulo com uma borda tracejada. Ele é dividido em três seções principais:

- Nome do participante:** Um retângulo na parte superior com uma borda tracejada.
- Característica Pessoal:** Um retângulo na parte inferior esquerda, com o texto escrito verticalmente.
- Características profissionais:** Dois retângulos na parte inferior direita, um acima do outro, com bordas tracejadas. O primeiro contém o texto "Característica – professor na sala de aula" e o segundo contém "Característica como orientador sexual".

Figura 6 - Modelo do crachá utilizado na dinâmica “Analisando o perfil do Orientador Sexual”

Fonte: Arquivo pessoal.

O sexto momento foi dedicado à aplicação da atividade “Reconhecendo a Orientação Sexual na escola” que se iniciou com distribuição de cópias e leitura conjunta do texto de apoio “Orientação Sexual como um tema transversal” que foi debatido entre os participantes. Em seguida, a coordenadora do encontro realizou a exposição oral do tema “Orientação Sexual X Educação sexual” (FIG. 7), destacando a diferença entre esses conceitos no contexto escolar, o que proporcionou uma análise de como a escola encara o trabalho de Orientação Sexual. Posteriormente, passou-se a discutir o perfil adequado do Orientador Sexual. Essa etapa proporcionou ao grupo a oportunidade de debater e de

analisar anonimamente o perfil de cada professor presente no encontro (apresentação e análise dos crachás preenchidos anteriormente). Foi um momento interessante porque cada participante pode fazer uma auto-avaliação da forma como vem fazendo a orientação sexual em sala de aula e, a partir dessa avaliação, repensar sua prática.



Figura 7 - Exposição Oral do tema “Orientação Sexual X Educação Sexual” pela coordenadora do encontro
Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas.

No sétimo momento, foi proposta uma atividade denominada “chuva de idéias” para que os professores, a partir de seus próprios conhecimentos, pudessem associar livremente palavras aos conceitos de sexo, sexualidade e afetividade. Para isso foram entregues três tarjas para cada um dos participantes e, em seguida solicitou-se que eles escrevessem uma palavra ou uma pequena frase que representasse o significado dos conceitos de sexo, sexualidade e afetividade.

A finalidade dessa atividade foi trabalhar estes três conceitos e também tratar da vulnerabilidade das opiniões pessoais dos professores em relação a eles. Através dessa dinâmica de grupo, eles puderam conhecer os “conceitos científicos” desses três termos.

Partindo das respostas dadas pelos professores, foi possível verificar uma dificuldade de conceituar sexo e sexualidade. Os professores associaram o sexo à prática do ato sexual realizado por pessoas de sexo oposto, quanto à sexualidade, foram apresentadas respostas como: “tesão”, atração, modo de ser, conhecimento do próprio corpo, interesse por outra pessoa e auto - conhecimento. Por outro

lado, em relação à afetividade, a maioria relacionou o seu significado a carinho, respeito, compreensão e amizade.

O QUADRO 2, “Trabalhando Conceitos”, apresenta os significados dos conceitos sexo, sexualidade e afetividade dados pelos professores participantes da atividade “Chuvvas de idéias”. Sua análise permitiu identificar insuficiência, equívocos e lacunas nas respostas, o que demonstrou a importância e a necessidade de se trabalhar melhor essas questões.

Sexo	Sexualidade	Afetividade
Prática do ato sexual Teseo Prazer sexual Beijo Atração Amor Satisfação Intimidade Sentimento natural Contato com o sexo oposto Órgão genital Relação entre um homem e uma mulher Transar	Amor Afetividade por outra pessoa Modo se ser Vida Prazer de viver Teseo Modo de se vestir Escolha sexual Atração Carência Cheiro Conhecimento do corpo Interesse por outra pessoa Sedução Relacionamento entre duas pessoas Forma de vida	Carinho Beijo Amor pelo próximo Abaço Amizade Companheirismo Respeito Compreensão

Quadro 2 - Trabalhando Conceitos.

Fonte: Dados da pesquisa.

Beiras, Tagliamento e Toneli (2005, p. 72-73) relatam resultados semelhantes:

Em nossa intervenção, pudemos verificar o quanto aquelas(es) profissionais desconhecem ou possuem dúvidas relacionadas ao tema sexualidade. Isto foi verificado a partir do questionário aplicado no primeiro encontro, no qual uma das questões era ‘O que é sexualidade e Educação Sexual?’. A maioria das respostas não foi considerada satisfatória em relação a estes conceitos. Exemplos disso foram: ‘sexualidade é ser homem – ser mulher’, ‘sexualidade é o que define o gênero’, ‘Educação sexual eu acho que é ensinar o tipo de sexo que cada um tem, sendo que engloba todo o assunto’, ‘sexualidade para mim é a definição do sexo como opção, não ser por você ser, homem e mulher, mas opção tua’, ‘Educação sexual é ajudar um indivíduo no que diz respeito ao sexo (lado bom e ruim)’, ‘sexualidade, cada um decide sobre a sua’, ‘educação sexual é uma orientação para a preparação para a vida sexual’ [...].

A coordenadora do encontro, ao concluir essa atividade, buscou estabelecer um esclarecimento sobre a diferença dos significados dos três conceitos, utilizando dados obtidos através da revisão de literatura apresentada no item 1.1 desta dissertação. Nesse momento, foi possível fazer uma reflexão individual e coletiva tornando possível a compreensão de diferentes expressões e definições relacionadas à sexualidade.

No oitavo momento do encontro a coordenadora proporcionou aos participantes um espaço para a reflexão e discussão sobre a atitude dos pais em relação à Orientação Sexual na escola, já que foi uma dificuldade manifestada pelos professores investigados em abordar os temas relacionados à sexualidade. Foi sugerido aos professores que, antes de iniciar o trabalho de Orientação sexual com seus alunos, eles deveriam primeiro preparar um encontro especial para os pais ou responsáveis, utilizando como atividades pedagógicas a aplicação das oficinas (sugestões: oficinas Significados; Quanto você ganha por hora; Concordo **X** Discordo, descritas no Caderno de capacitação “Sexualidade prazer em conhecer”), a fim de fazer uma sondagem para que possam identificar quais são as dúvidas, os sentimentos, os preconceitos, os valores e os tabus manifestados nos pais ou responsáveis em relação ao tema da sexualidade e da afetividade. A coordenadora ressaltou que os pais ou responsáveis devem tomar conhecimento do trabalho que vai ser desenvolvido e quais os seus objetivos para que eles autorizem a participação dos seus filhos e tenham consciência da importância desse trabalho na escola.

Durante as discussões, alguns professores se manifestaram inseguros e preocupados sobre as atitudes dos pais em relação ao trabalho de orientação sexual na escola, temendo gerar conflitos entre os pais e a escola principalmente no que se refere aos pais com tendências mais conservadoras.

Após esse momento, houve um intervalo de 20 minutos em que os participantes foram convidados a participar de um lanche coletivo, oferecido pelos organizadores do encontro. Durante o momento do intervalo, observou-se uma descontração entre os professores e discussões em grupos sobre as situações de impasse referentes à orientação sexual enfrentadas por eles no seu dia-a-dia escolar.

No nono momento, a coordenadora do encontro fez uma exposição oral dos resultados da pesquisa apresentada no capítulo 2: “As necessidades, as

dificuldades e as possibilidades da Orientação Sexual na visão dos professores de Ciências do Ensino Fundamental da cidade de Porteirinha – MG”. Esse momento foi importante, pois, além de dar um retorno dos resultados da pesquisa aos entrevistados, possibilitou que os participantes conhecessem e entendessem a realidade da orientação sexual em seu município e também entendessem as razões que nortearam a pesquisa e a realização do encontro.

Durante a exposição, foram priorizados os seguintes aspectos:

- a) perfil dos professores de Ciências das Escolas Públicas de Porteirinha-MG;
- b) conhecimento dos professores de Ciências das Escolas Públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual;
- c) orientação sexual nas Escolas Públicas de Porteirinha-MG;
- d) orientação sexual na prática educativa dos professores de Ciências.

No décimo momento, foi abordado o tema masturbação, em que foi discutido o conceito e os mitos que cercam esta prática sexual. Durante exposição e discussão desse tema, notou-se que alguns professores(as) se sentem constrangidos em falar do assunto, enquanto outros se expressam com mais naturalidade. Entretanto, quase sempre os professores(as) relataram que se sentem pouco à vontade para estabelecerem um diálogo franco com seus alunos no que se refere à masturbação. Um dos pontos enfatizados nesse momento foi a importância do professor construir com os alunos uma visão sem mitos e preconceitos sobre a masturbação. Além de estimulá-los a se preparar para lidar com as situações manifestadas pelos alunos no cotidiano escolar, foi sugerido que eles procurassem usar oficinas para trabalhar esse tema em sala de aula (sugestão: oficina “Masturbação - Mitos e realidade”, descrita no Caderno de capacitação “Sexualidade prazer em conhecer”).

O décimo primeiro momento foi dedicado à questão do namoro e da iniciação sexual entre os adolescentes. Para refletir o tema namoro, foi aplicada a oficina, “Cantando o namoro”, com o objetivo de discutir as relações afetivas que envolvem o ficar e o namorar entre os adolescentes. Foi entregue a cada participante a letra da música “O xote das meninas” para ser analisada. A participação dos professores (as) no debate foi estimulada a partir de perguntas

direcionadas como: O que é namorar para vocês? Qual a diferença entre ficar e namorar? Qual a importância do namoro no desenvolvimento humano? A música, instrumento de descontração e reflexão, foi inserida nesse momento como estratégia para se trabalhar o tema namoro. Os professores, muito animados, puderam com a realização dessa atividade, cantar e dançar (FIG. 8) ao som da voz de Luiz Gonzaga, além de refletir e discutir a letra da música.



Figura 8 - Momento em que as professoras dançam e cantam a música “O xote das meninas”

Fonte: Arquivo pessoal.

Para trabalhar o tema iniciação sexual, utilizamos a oficina “Dramatizando e analisando a iniciação sexual”, quando foi solicitado a alguns professores que encenassem um teatro baseando-se na letra da música “Laranja Lima” de Padre Zezinho. Para que essa atividade fosse realizada com sucesso, a letra da música foi repassada anteriormente a um grupo específico de professores para que eles pudessem analisá-la e criar uma peça teatral que contasse a história de conflito da decisão sobre a primeira relação sexual de um casal de namorados adolescentes. Essa encenação retratou a angústia da moça ao se sentir pressionada pelo namorado que insistia na relação sexual antes do casamento. A apresentação teatral, com a encenação da música “Laranja Lima” (FIG. 9), foi muito criativa e engraçada e conseguiu trazer, de maneira interessante e descontraída, as questões relacionadas à iniciação sexual, mostrando seus conflitos e suas consequências na adolescência.



Figura 9 - Momentos da encenação teatral da música “Laranja Lima” pelos participantes do encontro
Fonte: Arquivo pessoal.

Para finalizar o assunto iniciação sexual, foi apresentada e explicada a dinâmica “Há tempo para tudo” para que os participantes refletissem sobre o fato de que cada pessoa tem o seu tempo para realizar a iniciação sexual. A dinâmica “Há tempo para tudo” consiste em recortar flores em papel fantasia de várias cores com um miolo de cartolina onde pode ser colocada uma mensagem ou o nome do participante. Em seguida, cada um deles receberá uma flor com as pétalas dobradas de modo a cobrir o miolo e será solicitado a colocá-la na superfície da água de forma que a dobradura das pétalas fique exposta. Todos deverão observar que cada uma das flores vai se abrindo aos poucos em momentos diferentes. Essa dinâmica pode ser utilizada pelos professores para refletir, junto com seus alunos adolescentes, que cada um, assim como o desabrochar de cada flor, tem um tempo para iniciar as suas atividades sexuais, e que esse tempo é individual e deve ser respeitado.

Esse momento de discussão sobre namoro e a iniciação sexual foi interessante, pois os professores trouxeram para a discussão, as experiências

vivenciadas na escola com seus alunos, relacionando o assunto com a sua realidade. Assim, a partir das trocas de experiências, o grupo conseguiu articular prática e teoria, procurando saídas para resolução dos problemas emergentes enfrentados no cotidiano da escola.

O décimo segundo momento foi iniciado com a divisão dos participantes em quatro grupos de acordo com as cores dos seus crachás. Cada grupo ficou responsável por executar as oficinas propostas pela coordenadora do encontro e descritas no caderno de capacitação “Expressando a sexualidade na escola” (QUADRO 3).

Cor do crachá	Oficinas
Amarela	Corpo reprodutivo
Rosa	Estudo de caso – A estória de Camila
Laranja	Cadeia de transmissão
Verde	Campanha contra o preconceito

Quadro 3 - Distribuição das oficinas de acordo com as cores dos crachás dos participantes do encontro

Fonte: Dados da pesquisa

Posteriormente à formação dos grupos, houve uma pausa nos trabalhos e os professores participantes receberam uma homenagem especial, pois o encontro foi realizado um dia após a data comemorativa do “dia do professor”.

Os professores foram homenageados (FIG. 10) através de músicas ao vivo cantadas por um grupo de alunos da escola de música de Porteirinha-MG (FIG. 11) e em seguida foi oferecido, pela coordenação do encontro, um almoço especial (FIG. 12).



Figura 10 – Professores recebendo homenagem
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11 - Momento em que os integrantes da escola de música de Porteirinha-MG cantam para homenagear aos professores
Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas



Figura 12 – Momento do almoço
Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas.

Logo após o encerramento do almoço, iniciou-se o décimo terceiro momento do encontro com a delimitação de um tempo para cada grupo se reunir para planejar, organizar a sua estratégia de trabalho e preparar os materiais necessários para o desenvolvimento da oficina proposta.

O primeiro grupo, do crachá amarelo, trabalhou a oficina “corpo reprodutivo” que tinha o objetivo de resgatar e ampliar as informações a respeito da anatomia e da fisiologia do corpo humano e da reprodução. Esse grupo iniciou, solicitando a formação de dois subgrupos (de acordo com a afinidade dos participantes), ao invés de quatro subgrupos como proposto na oficina, que receberam tarefas específicas. Um grupo ficou com a tarefa de desenhar o corpo de um homem e o outro grupo o corpo de uma mulher. Os corpos deveriam ser confeccionados em um pedaço de papel pardo, com a utilização de materiais como canetas coloridas, bolas de isopor, balão, tintas, massa de modelar, barbante, entre outros. Após a entrega do material para cada grupo, foram solicitados um voluntário (FIG. 13) e

uma voluntária (FIG. 14) que pudessem servir de molde para o desenho (traçado da silhueta) de um corpo em tamanho natural sobre o papel.



Figura 13: Voluntário servindo de molde para o desenho de um corpo masculino
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 14: Participante voluntária servindo de molde para o desenho de um corpo feminino
Fonte: Arquivo pessoal

Depois de criados os contornos dos corpos (masculino e feminino), os participantes foram solicitados a enriquecerem os desenhos (FIG. 15), dando a cada personagem uma identidade e aquilo que achasse necessário como: características físicas específicas (distribuição de pêlos, de musculaturas, estruturas mamárias, órgãos genitais), adereços, nome, profissão, idade, gostos

etc. Foram acrescentados também os estereótipos que surgiram na figura do homem e da mulher, tais como a preocupação com a beleza, com força física etc.



Figura 15 - Professores construindo e enriquecendo o desenho do corpo masculino
Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas

Concluídos os desenhos, os participantes foram convidados a desvincularem-se dos subgrupos e sentarem em círculo, o que possibilitou que todos conhecessem e acompanhassem a exposição dos trabalhos. Cada subgrupo apresentou o seu trabalho (FIG. 16) e, sob a orientação da coordenadora do encontro, foram estabelecidas avaliações e explorações desses trabalhos. Foi possível, no decorrer da exposição, fazer correções ou acréscimos de informações necessárias para o entendimento da anatomia e do funcionamento do corpo sexual e reprodutivo.

Esse momento de construção foi muito interativo, proporcionando aos participantes trocas de conhecimento e discussão. Os participantes, através de seus desenhos, além de explorarem a anatomia e a fisiologia do sistema reprodutor feminino e masculino, preocuparam-se, também, em ressaltar características femininas e masculinas, pois, quando se fala em corpo, não se refere somente ao aspecto físico, mas também ao jeito de ser de cada pessoa, seus afetos e sua cultura.



Figura 16 - Momento de apresentação dos desenhos dos corpos femininos e masculinos pelos participantes

Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas.

Continuando, o grupo do crachá rosa trabalhou o tema gravidez na adolescência, utilizando um estudo de caso: “A estória de Camila”. Essa oficina tinha o objetivo de fazer uma reflexão acerca da importância de se planejar a relação sexual e de se fazer a contracepção. Os participantes foram convidados a continuarem em círculo para que cada um tivesse a oportunidade de discutir e se posicionar frente a um caso de gravidez na adolescência.

A estória de Camila é dividida em três partes e os participantes se dividiram em três grupos. Cada grupo deveria ler e responder as questões propostas no final de cada parte da estória, para depois serem apresentadas e discutidas em plenária. No entanto, devido à restrição de tempo para a realização dessa atividade, o grupo optou por distribuir cópias da estória de Camila aos participantes do encontro para que todos fizessem uma discussão coletiva do texto.

Uma integrante do grupo do crachá rosa iniciou a dinâmica fazendo a leitura da primeira parte da estória (FIG. 17) que abordava a questão da iniciação sexual entre o casal de adolescentes, Camila e Thiago. Logo após a leitura, alguns professores trouxeram para a discussão fatos ocorridos no ambiente escolar e familiar. Através do debate orientado, o grupo discutiu e ofereceu respostas a algumas perguntas que surgiram como: Quem teria que pensar na contracepção? Camila ou Thiago? Como vocês imaginam que seria um papo sobre contracepção entre os dois? Como eles poderiam se prevenir?



Figura 17 - Momento em que uma das integrantes do grupo do crachá rosa faz a leitura da primeira parte da estória de Camila

Fonte: Arquivo da E.M.D. Gercina Vilas Boas

Dando seqüência à oficina, trabalhou-se a segunda parte da estória que tinha como foco a questão da contracepção. Depois de lida e debatida entre os participantes, a coordenadora da dinâmica colocou algumas perguntas sobre a estória para serem discutidas em plenária como:

- a) a menina pode engravidar na primeira vez que transa?
- b) o que vocês acharam da atitude de Tiago quando Camila lhe pediu que usasse camisinha?
- c) o que vocês acham que Camila fez quando Tiago se recusou a usar o preservativo? O que vocês acham que ela deveria ter feito? O que vocês acharam da afirmação de Tiago quando disse não ser homossexual e nem tomar drogas e, portanto, não ter AIDS?

Para finalizar essa atividade, foi feita a leitura da terceira parte da estória de Camila que enfatizava a questão da gravidez na adolescência. Nesse momento, houve muitos relatos e debates entre os participantes e eles puderam se posicionar frente às perguntas propostas pelo texto:

- a) como vocês encaram a atitude da mãe de Camila?
- b) como vocês acham que Camila se sentiu com a notícia?
- c) quais seriam as opções de Camila?
- d) qual delas vocês acham mais acertada para este caso? Por quê?
- e) qual será a atitude de Tiago em sua opinião?

f) e do pai de Camila?

A aplicação dessa oficina proporcionou aos professores um momento de discussão e de reflexão a respeito da situação da gravidez na adolescência, vivenciada com frequência no ambiente escolar e também da necessidade do trabalho educativo da escola e dos pais em procurar conscientizar e sensibilizar os adolescentes em relação às questões da sexualidade, em especial as questões referentes à contracepção. Além disso, o grupo enfatizou a relevância do diálogo entre professores e alunos e a importância da prevenção e da responsabilidade que o sexo traz na vida das pessoas, podendo trazer várias consequências como doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.

Com a finalidade de reforçar a discussão sobre contracepção, originada no debate da estória de Camila, a coordenadora fez, através da exposição oral, uma revisão sobre os métodos contraceptivos existentes, para que os participantes pudessem reconhecer a contracepção como um recurso necessário para a prevenção da gravidez e da DST e também fazer uma reflexão coletiva a partir das discussões estabelecidas no grupo, sobre quando e como promover atividades educativas para adolescentes e jovens sobre os métodos contraceptivos.

Trazendo questões sobre o uso do preservativo com a finalidade de evitar as doenças sexualmente transmissíveis, o grupo do crachá laranja aplicou a oficina “Cadeia de transmissão” cujo objetivo era levar os participantes a reconhecerem comportamentos vulneráveis, identificarem a cadeia de transmissão da AIDS e refletirem sobre a vivência sexual responsável.

A aplicação dessa atividade iniciou-se com a distribuição de fichas aos participantes. As fichas eram diferenciadas pela presença de um símbolo: um triângulo verde ou um círculo vermelho ou uma estrela azul. As fichas foram distribuídas pelo coordenador da seguinte forma:

- a) uma única ficha com um triângulo verde – indivíduo portador de HIV;
- b) metade dos participantes com um círculo vermelho – indivíduos que fizeram uso de preservativo;
- c) outra metade dos participantes com uma estrela azul - indivíduos que não fizeram uso de preservativo.

Depois de distribuídas as fichas, foi solicitado a todos os participantes que desconheciam os significados dos símbolos que ficassem de pé e se posicionassem formando um círculo no salão. Ao som de uma música animada os participantes dançaram e se locomoveram no salão (FIG. 18). A cada parada da música, os professores deveriam parar de forma aleatória na frente de um colega e desenhar na sua ficha o símbolo que estava na ficha do seu colega. Depois de repetir esta operação cinco vezes, o coordenador apresentou o significado dos símbolos aos participantes e juntos analisaram o resultado. Os participantes constataram que:

- a) quem usou preservativo estava protegido;
- b) quem não usou preservativo correu o risco de ser contaminado pelo HIV;
- c) a parada da música e a troca de colega simularam a troca de parceiro(a) sexual, indicando vulnerabilidade;
- d) um único portador do vírus da AIDS colocou várias pessoas em risco.



Figura 18 - Participantes circulando no salão durante a oficina “Cadeia de transmissão”
Fonte: Arquivo pessoal.

A apresentação da legenda dos cartões provocou nos participantes ansiedades e surpresa, como se estivessem vivenciando a realidade de se deparar com os riscos que o HIV pode representar. Essa atividade promoveu uma reflexão sobre: auto-cuidado, vivência sexual responsável, comportamento de risco e importância do uso do preservativo como uma forma responsável de evitar a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

Finalizando esse momento do encontro, o grupo do crachá verde participou da oficina, “Campanha contra o preconceito”, com o objetivo de levar o participante a compreender as diferenças entre identidade sexual, orientação do desejo, homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, transexualidade e também rever a questão dos esteriótipos e preconceitos, especialmente em relação aos papéis de gênero e orientação do desejo.

Essa atividade foi realizada abordando diferentes tabus e reações dos professores diante dos rótulos que destacavam comportamentos afetivo-sexuais passíveis de julgamentos moralistas e preconceituosos. Para dar início a essa dinâmica, o grupo responsável convidou alguns professores para desfilar no salão com uma tarja na testa escrita uma palavra que representasse um rótulo discriminatório que circula na sociedade.

Alguns professores receberam uma tarja com palavras como: negão, bicha, boiola, sapatão, loira burra, galinha, vagabundo, puta, solteirona, pivete, caipira, favelado, mãe solteira, drogado, bobão etc., e sem conhecer o que estava escrito na sua tarja, eles foram convidados a desfilar pelo salão onde receberam as manifestações gestuais e verbais dos colegas que assistiam ao desfile. (FIG. 19).

Após o desfile, os participantes com as tarjas foram convocados a ficarem na frente de todos (FIG. 20), sendo informados do que estava escrito na sua tarja e solicitados a relatar as dificuldades e as sensações sentidas ao serem rotulados e ao receber as manifestações dos colegas. Expondo e refletindo sobre os sentimentos suscitados através dessa atividade, os professores ressaltaram e discutiram a questão da discriminação e do preconceito perante o tratamento comumente reservado às pessoas que assumem práticas afetivo-sexuais diferentes dos padrões ditos normais estabelecidos pela sociedade. Nesse sentido, essa atividade proporcionou discussões em torno da questão dos estereótipos sociais, possibilitando aos professores uma maior reflexão acerca dos papéis assumidos pelos indivíduos na sociedade. Através da discussão, os professores explicitaram de forma espontânea os seus pontos de vista, e seus medos e preconceitos em relação às diferentes manifestações da sexualidade.



Figura 19 - Professores desfilando no salão durante a oficina “Campanha contra o preconceito”

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 20 - Professores relatando as dificuldades e as sensações sentidas ao serem rotulados

Fonte: Arquivo pessoal

No decorrer das discussões geradas sobre os relacionamentos afetivos e sexuais, a coordenadora colocou para o grupo algumas perguntas relacionadas aos desejos e às manifestações afetivo-sexuais como:

- a) as pessoas que vivem os seus desejos afetivos e sexuais de forma considerada fora do padrão tendem a ser excluídas?
- b) o que vem a ser orientação do desejo?
- c) o que é ser transexual?
- d) como podemos definir papel sexual?
- e) como a escola lida com a homossexualidade?

Esse momento proporcionou uma reflexão sobre a presença e o tratamento dado aos alunos homossexuais na escola, além dos questionamentos de como identificar e lidar com as manifestações de homofobia e discriminação na comunidade escolar.

A partir da exibição de um vídeo, elaborado pela coordenadora do encontro, com imagens e mensagens sobre violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes, o décimo quarto momento desse encontro foi dedicado à discussão e à reflexão sobre as violências e o abuso sexuais a que, muitas vezes, os adolescentes são submetidos.

Após a exibição do vídeo, passou-se a discutir questões como:

- a) o que é violência sexual contra crianças e/ou adolescentes?
- b) quais as formas de violência sexual que os adultos podem fazer com crianças e adolescentes?
- c) quem são as pessoas que cometem violência sexual?
- d) como identificar o abuso sexual?

Os professores relataram conhecer alguns casos ocorridos com seus próprios alunos e que, para enfrentar essas situações, buscam o apoio do conselho tutelar da cidade.

O décimo quinto momento foi reservado para falar com os participantes sobre o material recebido no encontro e também para sugerir e incentivar os professores a colocar em prática na escola o que eles haviam esclarecido/aprendido durante o encontro.

Foi um momento aproveitado pela direção, orientadores e professores da escola D. Gercina Vilas Boas para discutir o cronograma para a inserção de uma programação de atividades sobre os temas da sexualidade na escola.

No último momento desse encontro, os participantes foram convidados pela coordenadora a escrever a respeito da avaliação que eles faziam do desenvolvimento, da metodologia e dos resultados do encontro.

As respostas dos participantes mostraram que eles gostaram do encontro:

P1– “Maravilhoso, pois é sempre bom inovar. Essa oficina trouxe muito aprendizado.”

P2- *“Foi de muita valia as oficinas de capacitação: Sexualidade, prazer em conhecer, pois achei excelente.”*

P3- *“Parabéns! O trabalho foi ótimo e interessante, espero que essa oficina atinja outros públicos.”*

P4- *“Este encontro me ajudou muito, tivemos a oportunidade de dialogar, trocas idéias e experiências, pois são coisas que deixamos de fazer no dia -a- dia da nossa escola”.*

A maioria dos participantes enfatizou a importância e a eficiência da oficina como estratégia pedagógica para se trabalhar a orientação sexual:

P5- *“Acho que a oficina é uma das melhores formas de trabalhar os temas da sexualidade com os nossos adolescentes, porque é dinâmico e dá oportunidade para todos os participantes expressarem a sua sexualidade”*

P6- [...] *“Gostei muito de participar dessa oficina e percebi o quanto esta estratégia nos dá oportunidade para discutir e abordar os temas da sexualidade de forma natural e descontraída propiciando para nós professores uma maior reflexão sobre os mitos e tabus que rodeiam a nossa sexualidade.”*

P7- [...] *“para mim foi uma ótima oportunidade participar dessa oficina. Apreendi muito e achei a técnica da oficina uma estratégia eficiente e lúdica para trabalhar os temas da sexualidade no dia-a-dia da nossa escola”.*

P8- *“Achei a oficina uma ótima forma de trabalhar os temas da sexualidade, pois tenho receio e dificuldades em falar e discutir esse assunto na sala de aula. Mas percebi com esse encontro que, utilizando o método da oficina, poderei melhorar a forma de trabalhar.”.*

P9- *“A técnica da oficina é excelente, pois propicia a aprendizagem através da interação entre os participantes e maior liberdade para expressarem suas opiniões.”*

Alguns participantes relataram a importância da oficina ter sido realizada por professores, o que facilitou a comunicação, o entrosamento e o entendimento sobre a temática:

P10- [...] *“já participei de oficina de sexualidade com outros profissionais e percebi uma grande diferença quando é realizada de professor para professor, pois falamos a mesma linguagem e isso nos dá mais segurança para enfrentar os tabus envolvidos nos temas da sexualidade.”*

P11- *“Quando me convidaram para participar desta oficina de sexualidade, imaginei que seria como as outras que já participei, geralmente com psicólogos. Mas esta nos proporcionou uma reflexão maior sobre como lidar com os temas da sexualidade na escola, no dia-a-dia com nosso aluno, por isso foi muito interessante e ao mesmo tempo dinâmico.”*

A existência de despreparo para trabalhar o tema, Orientação Sexual, a necessidade de levar o conhecimento adquirido para a Escola e a possibilidade de

se trabalhar com os alunos, utilizando os temas abordados e o material didático distribuído durante o encontro, foram ressaltadas:

P12- *“O curso foi proveitoso, consegui expressar mais as minhas opiniões e percebi o quanto estamos despreparados para lidar com algumas situações que envolvem os temas da sexualidade na escola.”*

P13- *“O uso da técnica da oficina é muito importante para nós professores, uma vez que não temos formação específica no tema e a cada dia se faz necessário no ambiente escolar a discussão e o trabalho com o assunto”*

P14- *“Muitos professores omitem o trabalho de orientação sexual na escola, mas hoje, nesse encontro, podemos perceber que nós professores podemos trabalhar sem preconceito e de forma lúdica os temas da sexualidade. Só precisamos agora é nos preparar e enfrentar mais esta tarefa na escola.”*

P15- *“Trabalhar os temas da sexualidade não é fácil, principalmente com adolescentes, mas com essa oficina percebi que é uma forma muito interessante e dinâmica de abordar a sexualidade na sala de aula, dando oportunidade para os alunos falar dos seus conceitos e dúvidas.”*

P16- *“Espero que depois dessa capacitação seja feita alguma coisa na nossa escola para a melhoria dos alunos.”*

P17- *“A oficina foi de grande importância, pois serviu como suporte para o trabalho de orientação sexual na escola. Espero que todos explorem ao máximo o material oferecido.”*

O encerramento do encontro ocorreu com a entrega de um certificado de participação para os professores.

O encontro “Sexualidade prazer em conhecer” foi uma experiência muito importante para o aperfeiçoamento e a organização do caderno, uma vez que a prática e a postura profissional dos educadores, diante da aplicação de conhecimentos, dos debates e das posições sobre as questões problematizadoras da sexualidade manifestadas no encontro, contribuíram de forma significativa na seleção dos temas e das oficinas para compor o caderno de capacitação em orientação sexual “Expressando a Sexualidade na Escola”.

Alguns aspectos observados na utilização do caderno como: planejar previamente os horários de trabalho, organizar a infra-estrutura para a realização do evento, checar os equipamentos, elaborar previamente o roteiro/seqüência dos temas e oficinas, entre outros, foram ações imprescindíveis para a organização e o sucesso do encontro de capacitação.

A realização do encontro permitiu a listagem de dicas importantes que podem ajudar sobremaneira na utilização do caderno de capacitação “Expressando a Sexualidade na Escola”. A seguir, colocamos essas dicas que também estão descritas no caderno:

- a) planejar previamente os horários de trabalho e a organização da infraestrutura para a realização do evento;
- b) checar os equipamentos, conforme a necessidade: TV/vídeo, retroprojektor, “Flip-chart”, equipamentos de som, assentos, luminosidade, ventilação, espaço compatível com a quantidade de pessoas e para o tipo de atividade que irá se desenvolver, etc.;
- c) elaborar, previamente, o roteiro/seqüência dos temas e oficinas que irão trabalhar com o grupo (vivências, músicas, intervalos, etc.);
- d) chegar o local com, pelo menos, uma hora de antecedência, para “energizar” o ambiente (respirar, relaxar, deixar música tocando suave, verificar a limpeza e a organização do ambiente, colocar flores, etc.);
- e) manter sempre um *kit* de “*Primeiros Socorros do coordenador*”, contendo pincéis coloridos, tesoura, canetas, barbante, cola, fita adesiva, filmes, fitas de áudio e/ou CD’s, papel branco, papel colorido, etc.). Tudo de acordo com as necessidades mais comuns;
- f) manter na “cartola”, sempre, uma ou duas vivências/dinâmicas para eventuais imprevistos ou mudança de planos com o grupo;
- g) evitar confiança plena na memória: anote a seqüência das dinâmicas que vai usar ou aquilo que vai dizer;
- h) evitar polemizar com alguém que está ali contra a vontade ou que já chega discordando. Seja prudente, relaxe e deixe que o próprio grupo estabeleça e componha o clima do encontro;
- i) evitar “forçar a barra” para algum membro do grupo participar, falar ou opinar sobre alguma coisa, se esse não estiver a fim;
- j) buscar divisão de tarefas com o grupo, definindo, através de consulta, “*quem faz o quê*”;
- k) elaborar previamente um glossário de termos e de expressões que aparecem nos textos de introdução das unidades e nos textos de apoio às oficinas;
- l) ter cuidado com o recurso da dramatização, que é utilizado em algumas oficinas e pode ser adequado e pertinente, que pode mobilizar sentimentos e emoções difíceis de lidar.
- m) fazer o registro sistemático da experiência na preparação dos encontros e no desenvolvimento das oficinas.

5 CONCLUSÕES

O trabalho apresentado enquadra-se numa das linhas de pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em ensino de Ciências e Matemática da PUC-Minas, que tem como objetivo a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação de propostas educacionais relacionadas à formação inicial e continuada de professores de Ciências e Matemática.

Esta dissertação consiste na narrativa das diversas etapas envolvidas no processo de elaboração e de avaliação do caderno de capacitação em orientação sexual - “Expressando a Sexualidade na escola”. A finalidade desta proposta era construir e experimentar um material educativo que pudesse contribuir de forma efetiva para a atualização/capacitação dos professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha-MG. A condução do trabalho foi ancorada no fato de que a abordagem de temas relacionados à sexualidade deve ser feita por meio de metodologias participativas e dialógicas e estar baseada na realidade sócio-cultural do público-alvo. Ou seja, é relevante que a orientação sexual seja trabalhada de forma atrelada à realidade e leve em consideração a vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, da ciência e da religião.

Após uma revisão de literatura de temas relacionados à temática, procurou-se investigar as necessidades, as possibilidades e as dificuldades dos professores de Porteirinha para trabalhar a Orientação Sexual na escola, seguindo-se com a descrição do processo de elaboração do caderno de capacitação “Expressando a Sexualidade na escola”. Finalmente, apresentou-se o relato da experiência vivida num encontro, “Sexualidade prazer em conhecer”, com a participação de um grupo de professores de Porteirinha, onde o caderno de capacitação foi utilizado como material didático em oficinas de capacitação em Orientação Sexual.

Considerando o desenvolvimento e os resultados deste trabalho, depreendemos que:

- a) atualmente, as escolas apresentam cada vez mais a necessidade de desenvolver programas em orientação sexual, para informar, orientar e

esclarecer as dúvidas dos adolescentes sobre a sexualidade. Dessa forma, devem-se estabelecer propostas e alternativas para um trabalho pedagógico efetivo nas escolas. Concorde-se com Silva (1997) que diz que os principais fatores intervenientes na educação sexual na escola pública se vinculam, fundamentalmente, à figura do professor, à sua formação profissional e à sua prática pedagógica. Os PCNs também sugerem que seja o professor o profissional indicado para assumir o papel de orientador sexual. Entretanto, percebe-se que a maioria dos professores não está preparada e não tem oportunidades suficientes ou condições materiais efetivas para assumir os trabalhos escolares em sexualidade humana (NUNES; SILVA, 2000). Portanto, fica evidente a importância de se investir na formação específica de professores orientadores sexuais. Faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade;

- b) as estatísticas da Secretaria Municipal de Saúde de Porteirinha mostram que, no ano de 2006, ocorreu um aumento considerável da gravidez na adolescência e da incidência de casos de DST na população da cidade. Esses dados enfatizam a sexualidade adolescente como um problema social, de saúde pública e de ordem moral a ser resolvido no município. Associado a isso, existe o fato de que apenas duas escolas de Porteirinha participam e conta com o apoio do “Programa de Educação Afetivo-Sexual: um novo olhar – PEAS”. Assim, salienta-se que a implantação da orientação sexual efetiva nas Escolas de Porteirinha é necessária e poderia contribuir sobremaneira para o abrandamento desses problemas;
- c) os professores de Porteirinha que participaram deste estudo se caracterizam como sendo, predominantemente, do sexo feminino, com faixa etária entre 35 a 55 anos, pertencentes à religião católica, com tempo de docência entre 10 a 20 anos, com curso superior completo e afirmam não ter recebido nenhuma informação durante a sua formação acadêmica de como fazer a Orientação Sexual na escola;
- d) verificou-se que a maioria dos professores investigados reconhece a importância da Orientação Sexual na escola, diz conhecer as diretrizes

propostas pelos PCNs para a Orientação Sexual e a identifica como um tema transversal, embora não consiga explicar o porque da transversalidade. A maior parte dos professores afirma existir um trabalho de Orientação Sexual sendo desenvolvido nas escolas onde trabalham, principalmente, através do desenvolvimento de projetos pedagógicos e relata que os profissionais que mais orientam sobre as questões relacionadas à sexualidade são os de ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino;

- e) com relação à abordagem da orientação sexual na prática dos professores, a maioria revelou que ela ocorre por meio de esclarecimento de dúvidas, conforme as necessidades diagnosticadas, e que os métodos contraceptivos e DSTs são os temas mais importantes a serem abordados. Os temas difíceis de serem abordados são: homossexualidade, preconceito/tabus e masturbação, abuso sexual, métodos contraceptivos e iniciação sexual. Em relação às dificuldades enfrentadas no cotidiano profissional para fazer a Orientação Sexual, foram destacadas: a falta de materiais didáticos específicos, a incompreensão dos pais, a existência de preconceitos, a questão religiosa, a timidez e o constrangimento e a insegurança em transmitir informações sobre o assunto. Curiosamente, nenhum dos professores apontou a falta de conhecimento teórico do tema como um entrave apesar de não possuírem formação específica na área;
- f) as considerações apresentadas acima indicam que existe um clima favorável para a implantação da Orientação Sexual nas Escolas públicas de Porteirinha-MG, embora muitos obstáculos tenham sido evidenciados. A maioria dos professores não apresenta capacitação nesta área e se encontra despreparada para fazê-la. Observamos uma dicotomia entre teoria e prática uma vez que os professores reconhecem a importância de se trabalhar a Orientação Sexual na escola, muitos dizem conhecer a proposta dos PCNs, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a discussão desse tema. Esses dados evidenciam a necessidade de investimento em ações com o objetivo de promover a formação continuada dos professores das escolas públicas de Porteirinha;

- g) assim, considerando a necessidade da abordagem da Orientação Sexual na escola, a importância dos recursos didáticos para o desenvolvimento adequado desse tema e a necessidade de formação complementar, buscou-se desenvolver um caderno de capacitação dirigido aos professores do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) no sentido de auxiliá-los no desenvolvimento de alguns temas relacionados à sexualidade. A elaboração do Caderno de capacitação, “Expressando a Sexualidade na escola”, foi pautada nos resultados resumidos nos itens 3 a 5; na proposta da Orientação sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais; e nos conteúdos de artigos e de materiais atualizados sobre a capacitação em orientação sexual disponíveis na literatura. Escolheu-se a oficina como a principal estratégia pedagógica a ser adotada na construção do caderno de capacitação uma vez que seu objetivo é articular técnicas/estratégias com uma postura pedagógica crítico-transformadora, a fim de viabilizar a dinâmica de grupo, a revisão de atitudes e valores no campo da sexualidade como resposta à questão fundamental desta pesquisa, além de oferecer um espaço para discussão da vivência dos professores sobre a sexualidade dos seus alunos, levando em consideração suas angústias e inseguranças. Usou-se uma metodologia participativa que facilita os processos de reflexão pessoais, interpessoais e de ensino-aprendizagem, integrando o grupo e estabelecendo vínculos de afetividade e respeito mútuo;
- h) é importante ressaltar que o caderno de capacitação, “Expressando a Sexualidade na escola”, poderá ser adaptado e utilizado pelos professores como material didático de apoio para se trabalhar os temas da sexualidade com os alunos em sala de aula. Salienta-se que uma das principais dificuldades para a efetivação do trabalho de Orientação sexual apontada pelos professores foi a falta de material didático adequado;
- i) a experiência vivenciada no encontro “Oficinas de Capacitação: Sexualidade prazer em conhecer” que teve a participação de professores de escolas públicas de Porteirinha permitiu inferir que:

- inicialmente, alguns professores apresentaram resistência em participar do encontro, não se envolvendo nas discussões, questionando poucas vezes e apresentando dificuldades em se manifestar frente às situações problemas referentes aos temas da sexualidade. Acredita-se que essas dificuldades podem estar relacionadas ao despreparo, à insegurança ou mesmo à timidez. Entretanto, no decorrer das oficinas notou-se que os professores foram se expondo mais e a interação do grupo foi ficando evidente a cada momento do encontro,
- o ambiente criado no encontro foi rico em interações e em partilha. Foi uma oportunidade para que os professores pudessem falar de suas experiências com o tema, de suas dúvidas, de seus conflitos e trazer situações do seu cotidiano para serem discutidas com os integrantes do grupo,
- à medida que os professores foram se revelando foi possível perceber melhor interpretação e maior compreensão das orientações oferecidas nas oficinas. Pode-se também entrar em contato com as dúvidas mais recorrentes desses professores em relação à sua prática no contexto de sala de aula. Notou-se que a cada oficina desenvolvida, formava-se uma teia de relações, onde cada participante, à medida que ia se desinibindo e se entrosando com o grupo, posicionava-se com mais segurança e espírito crítico. As relações foram fortalecidas gradativamente no grupo, com repercussão positiva nas atitudes dos professores,
- foi interessante perceber que as discussões dos professores no encontro se tornaram elementos de reflexão, produção de novos sentidos e significados, permitindo neles o desenvolvimento de uma consciência crítica, criando condições para uma intervenção transformadora e contribuindo para uma mudança da cultura profissional,
- corroborando dados da literatura, as oficinas apresentaram-se como uma técnica pedagógica bastante adequada para o desenvolvimento da temática sexualidade. Elas permitiram o alcance dos objetivos

propostos, sensibilizando e preparando os professores para lidar com a complexidade e a abrangência dos temas relacionados à sexualidade. As oficinas se desenvolveram de forma aberta, dialógica, crítico-reflexiva, favoreceram o processo de ensino-aprendizagem, a reflexão, a conscientização; facilitaram a identificação e a resolução de problemas da realidade vivenciada; forneceram bases para a produção de novos sentidos e conduziram a mudanças em relação à sexualidade,

- a utilização e o desenvolvimento de atividades que permitissem expressões artísticas (desenho, música, dança e teatro) proporcionaram maior sensibilização na abordagem dos temas da sexualidade e incentivou os professores a participarem do processo de aprendizagem. A transcendência da mera transmissão de informações possibilitou que eles deixassem de ser apenas receptores para se tornarem sujeitos ativos, questionadores das informações e construtores de conhecimentos. Os momentos de descontração produzidos na realização dessas atividades foram fundamentais neste processo,
- o caderno de capacitação, “Expressando a Sexualidade na escola” mostrou-se adequado como material educativo a ser utilizado na capacitação/atualização de professores orientadores sexuais. Entretanto, é importante salientar que ele foi elaborado para atender às necessidades regionais e, portanto, sua utilização deve ser adaptada de acordo com a realidade local de cada contexto escolar, pois, qualquer trabalho envolvendo a sexualidade está diretamente relacionado a fatores sociais e culturais localizados no tempo e no espaço,
- a realização do encontro, “Sexualidade prazer em conhecer”, foi um passo inicial no sentido de se conscientizar sobre a importância da capacitação e despertar o interesse dos professores de Porteirinha para a orientação sexual. Outras iniciativas devem ser adotadas no sentido de dar prosseguimento ao trabalho aqui descrito. Os próprios professores identificaram e ressaltaram, no final do encontro, a importância de dar continuidade ao processo de

capacitação bem como expandir a experiência vivenciada e os conhecimentos adquiridos para a sala de aula.

Finalmente, conclui-se que a pesquisa-ação configurou-se como uma metodologia efetiva na investigação e no tratamento do tema orientação sexual, tendo a escola como local privilegiado para o seu desenvolvimento. Espera-se que este trabalho tenha colaborado efetivamente para a construção de conhecimentos, habilidades e competências na área da sexualidade e contribuído para a atualização/capacitação dos professores da rede pública do ensino fundamental da cidade de Porteirinha.

REFERÊNCIAS

- ADOLPH, Cláudio; PRATA, M. R. S. **A participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 6., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2004. p. 336-336.
- AFONSO, Lúcia. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições no Campo Social, 2000.
- ALMEIDA, Tereza Joelma Barbosa. Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental no distrito de Arembepé, município de Camaçari-BA. **Candombá – Revista Virtual**, v. 2, n. 1, p. 1-13, jan./jun 2006.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 21, 2003.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- AMARAL, Marta Araújo *et al.* Oficinas de sexualidade: uma abordagem ampliada para se trabalhar com adolescentes. ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 8., Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2005.
- AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Confrontos na sala de aula**. São Paulo: Summus, 1996.
- ARAÚJO, U. F. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1999.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: Unimep, 1996. 263 p.
- AZEVEDO, Maria do Perpétuo Socorro M. T.; MOREIRA, José Augusto Alencar; CONFORTO, Maria Thereza Alves. **Educação sexual ou orientação sexual?** Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>>. Acesso em: 18 de jun. 2007.
- BARDI, Juliana; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Produção de materiais didáticos para temas de orientação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental**. [S.l.]: [s.n.], 2004.
- BEIRAS, Adriano; TAGLIAMENTO, Grazielle; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar. **Aletheia**, Canoas, n. 21, p. 69-78, jan./jun. 2005.

BENTO GONÇALVES. Secretaria Municipal de Educação e Desporto. **Projeto de Orientação sexual na escola**: da teoria à prática. Bento Gonçalves: Prefeitura de Bento Gonçalves, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo do Professor 1997**: o perfil dos docentes de educação básica. Brasília, MEC, 1999.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros curriculares nacionais**: orientação sexual. Brasília, MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural: orientação sexual. 2. ed. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental: DP & D, 2000. v. 10.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: ciclos, apresentação dos temas transversais. 2. ed. Brasília: MEC/SEF, 2000. v. 8.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. (v. 8).

BUSQUETS, M. D. *et al.* **Temas transversais em educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 2000.

CAMARGO, A. M. F. *et al.* Sexualidade do adolescente. **Pro-Posições**, [S.l.], v. 5, n. 3, p. 133-142, nov. 1994.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. Campinas: UNICAMP, 1999.

CARNEIRO, F.; AGOSTINI, M. Oficinas de reflexão: espaço de liberdade e saúde. In: AGOSTINI, M. **Trabalho feminino de saúde**. Rio de Janeiro, [s.n.], 1994. p. 52-83.

CARRADORE, V. M.; RIBEIRO, P. R. Marçal. **AIDS e educação escolar**: algumas reflexões sobre a necessidade de orientação sexual na escola. [S.l.]: [s.n.], 2002.

CARVALHO, Alysson Massote *et al.* Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 377-384, 2005.

CASTRO e SILVA, R. **Orientação sexual**: possibilidade de mudança na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B. da. **Juventude e Sexualidade**. Brasília: UNESCO: MEC/Coordenação Nacional de SDT/AIDS.

Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: Instituto Airton Senna, 2004.

CORREIA, Carmem Izaura Molina. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos**. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

COSTA, A. C. G. O adolescente como protagonista. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento**, Brasília, 1999.

COSTA, Maria das Graças; MAGNO, Vângela. **Educação sexual nas escolas de ensino fundamental e médio: realidade ou utopia?** 2002. 62 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) -- Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

EGYPTO, Antonio Carlos *et al.* **A escola e o professor no trabalho com orientação sexual, prevenção da DTS/AIDS e drogas**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/sos/teimp.htm>>. Acesso em: 10 de jun. 2007.

ESTRELA, M. T.; MADUREIRA, I.; LEITE, T. Processos de identificação de necessidades: uma reflexão. **Revista de Educação**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 29-47, 1999.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FIGUEIREDO, Tathiana Fernandes Biscuola. Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório. **Caderno de Psicopedagogia**, [S.l.], v. 5, n. 9, 2005.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. 2001. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2001.

FIGUEREDO, T. A. M. **Perfil do adolescente de uma escola pública e suas opiniões em relação à orientação sexual na escola**. 1991. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) -- Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 1991.

FONSECA R. M. G. S. Investigando, construindo e reconstruindo a enfermagem generificada através das oficinas de trabalho. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 2., Águas de Lindóia, 2002. **Anais ...** [s.n.] Águas de Lindóia, 2002. 1 CD-ROM.

FRAGIÁCOMO, V. de M. **Um estudo sobre a concepção que os pais de crianças, em idade escolar, têm a cerca da sexualidade infantil e sua manifestação na escola**. 2003. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) -- Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2003.

FURLAN, Samira A. E. H. Sexualidade, educação e formação de educadoras: contextos, atitudes e possibilidades. In: EDUCASUL: pensando a infância de 0 a 10 anos: a organização pedagógica e as múltiplas linguagens. Florianópolis: [s.n.], 2006. p. 48-49.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira. L.; NECKEL, Jane. F.; GOELLNER, Silvana. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 66-81.

GAUTHIER, J. H. M. *et al.* **Pesquisa em enfermagem**: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GIMENES, V. C. **A escola pública e a sexualidade**: um estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes escolarizados de classe social baixa acerca da concepção que possuem sobre o corpo, sexo e comportamento sexual. 2001. 50 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) -- Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2001.

GUIA de orientação sexual: diretrizes e metodologia. 4. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

GUIRALDO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 25-42.

HERBERT, M. **Convivendo com adolescentes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

LAPATE, Vagner. **Educando para a vida**: sexualidade e saúde. São Paulo: Sttima, 1985.

LETTNER, H. W.; RANGÉ, B. P. **Manual de psicoterapia comportamental**. São Paulo: Manole, 1987. cap. 7, p.149-165.

LIMA, Maria Helena C.; MEDEIROS, Selma Z. **Como trabalhar a sexualidade na escola**. Florianópolis: FUNCITEC: CAPES-SEED-CA: UFCS, 1999. (Apostila Pró-Ciências, 3)

LORENCINI, Álvaro Júnior. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola**. São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTÍNEZ, Tomás Priego; PASCUAL, Cosme Puerto. **Compreender a sexualidade**: para uma orientação integral. São Paulo: Paulinas, 1998.

MEDEIROS, Selma Z.; LIMA, Maria Helena C. **Biologia e sexualidade**. Florianópolis: FUNCITEC: CAPES-SEED-CA: UFCS, 1999. (Apostila Pró-Ciências, 3)

MEDEIROS, Selma Zelandra. **Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa**. 2000. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ergonomia) -- Programa de pós-graduação em Engenharia de produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MEYER, Dagmar. (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Série Cadernos de Educação Básica).

MIGUEL, Ana Maria; MARTINS, Magda Frediani; MENDONÇA, Rosa Helena. **PGM 5: projetos de saúde e orientação sexual**. [S.l.]: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/sos/teimp.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2007.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte, Fundação Odebrecht, 1998.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais. **Sistema de informação: SIMAVE/PROEB 2000, DATA/SUS/DIE/SE/SES/MG**, 2003. Disponível em: http://www.saude.mg.gov.br/politicas_de_saude/dst-AIDS/programa-afetivo-sexual. Acesso em: 25 set. 2007.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE / MG. **Programa afetivo-sexual – PEAS**. Disponível em: <<http://www.educacao.mg.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2007.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de educação afetivo- sexual PEAS “um novo olhar”: guia de oficina - escolas-referência, escola viva, comunidade ativa**. Belo Horizonte: [s.n.], 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa**. 7. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 2000.

MOIZÈS, Julieta Seixas. **A sexualidade na compreensão de professores de ensino fundamental**. Ribeirão Preto, 2007. 83 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) -- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

MONTEOLIVA, José Maria. **O dilema da sexualidade**. São Paulo: Loyola, 1990.

MORELLO, R. de C. G. **A realidade da orientação sexual na escola pública: estudo nas escola estaduais de Ribeirão Preto**. 1999. 198 f Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.

NASCIMENTO, Rita de Cássia Brasil do; WENDHAUSEN, Mônica. O papel do professor diante das manifestações da sexualidade. **Revista de divulgação 89 técnico-científica do ICPG**, [S.l.], v. 3 n. 10, jan./jun. 2007.

NUNES, C; SILVA, E. **A educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

NUNES, Célia Maria Fernandes. **O saber da experiência de professores de séries iniciais**: condições de produção e formas de manifestação. 2004. 161 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NUNES, César A. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação escolar. 1996. 92 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) -- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

OLIVEIRA, Maria Alice de Freitas Colli. **Pesquisa ação com escolares de 1º e 2º graus**: alguns aspectos de educação preventiva sobre DST e AIDS. 1997. 124 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) -- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 1998. (Paralelo 15).

PARRA, N. **Caminhos do ensino**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002. 95 p.

PATRÍCIO, Zuleica M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo**: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. 1995. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) -- Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

PECORARI, Eliane Porto Di Nucci, CARDOSO, Luciana Roberta Donola; ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. São Paulo: Record, 1996.

PECORARI, Eliane Porto Di Nucci; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; FIGUEIREDO, Tathiana Fernandes Biscuola. Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório. **Cadernos de Psicopedagogia**, [S.l.], v. 5, n. 9, 2005.

PEDROSO, A. G. **Materiais didáticos para orientação sexual em escolas estaduais de Botucatu**. 1999. 109 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso), UNESP, Botucatu, 1999.

PERES, C. *et al.* **Fala educadora & fala educador**. São Paulo: Secretaria de Educação de São Paulo, 2000.

PINTO, M. C. P. **Oficinas em dinâmica de grupo com adolescentes na escola**: a construção da identidade e autonomia mediada pela interação social. 2001. 140 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

RANGÉ, B. **Psicoterapia comportamental e cognitiva de transtornos psiquiátricos**. Campinas: Editorial PSY, 1995. cap. 15, p. 219-230.

REIS, Maria Helena; VILAR, Duarte. A implementação da educação sexual na escola: atitudes dos professores. **Análise Psicológica**, [S.l.], v. 4, n. 22, p. 737-745, 2004.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 248 p. (Trajetória, 5).

RIBEIRO, M. (Org.). O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. In: ORIENTAÇÃO e educação sexual. São Paulo: Gente, 1999.

RIBEIRO, P. R. M. **Orientação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROSISTOLATO, Rodrigo P. da R. **Sexualidade e escola: uma análise de implantação de políticas públicas de orientação sexual**. 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) -- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?** 2001. 60 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 97-106.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 107-117.

SCHMITZ, E. **Fundamentos da didática**. 7. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1993. 175 p.

SILVA, C. R. P.; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, C. R. Possibilidades e limitações da escola pública como agente de educação sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 209-225, jul./dez. 1997.

SILVA, Daniella Nazaré da; SILVA, Selma Ramos da. **Educação sexual: um desafio pedagógico e familiar**. 2002. 219 f. Monografia (Trabalho de conclusão de

curso) -- Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola**. 2004. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SOUZA, Hália Paulino de. **Orientação sexual**. [S.l.]: Juruas, 1999.

SUPLICY, Marta *et al.* **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

SUPLICY, Marta. Educação e orientação sexual. In: RIBEIRO, M. **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.

SUPLICY, Marta. **Orientação sexual nas escolas de São Paulo**. São Paulo: AMAEducando, 1995.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1988.

VALADÃO, Marina Marcos. **PGM 1: saúde, sexualidade e educação experiências integradas na vida** - 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/sos/teimp.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2007.

VALLADARES, Kátia Krepsky. **Sexualidade: professor que cala ... nem sempre consente**. 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Centro de Estudos Sociais, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

VALLADARES, Kátia. **Orientação sexual na escola**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

VIANA, Francisco José Machado. **A prática de sexo seguro entre estudantes de escolas públicas de Minas Gerais**. 2004. 70 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) -- Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

VITALLE, M. S. S. Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência. **Revista Paulista de Pediatria**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 89-94, 2003.

VITIELLO, Nelson. A educação sexual necessária. **Revista Brasileira da Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 18-25, 1995.

VITIELLO, Nelson. **Reprodução e sexualidade**. São Paulo: CEICH, 1994.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: quem educa o educador**. Um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Recorde, 1996.

APÊNDICE A - Consentimento livre e informado

Porteirinha (MG), 24 de Julho de 2006.

Consentimento Livre e Informado:

À Direção da Escola _____

Venho por meio deste, solicitar permissão da direção desta escola, para o desenvolvimento da pesquisa com professores desta instituição, referente ao projeto de pesquisa **“Levantamento e análise das necessidades dos professores de Ciências em Orientação Sexual”** que tem como objetivo geral: elaborar um material educativo, baseado nas necessidades, nas dificuldades e nas possibilidades vividas pelos professores de ciências de 5ª a 8ª séries, das escolas públicas de cidade de Porteirinha, para trabalhar a orientação sexual na sua prática educativa, base para minha dissertação de Mestrado em Ensino de Biologia, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais PUC-MINAS. Asseguro que os dados são confidenciais, os nomes dos professores e da instituição não serão utilizados em nenhum momento, garantido sua privacidade e anonimato. Este é um procedimento necessário em pesquisa.

Agradeço sua colaboração,

Janine Cinara Silveira Alves

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Levantamento e Análise das Necessidades dos Professores de ciências em Orientação Sexual

INTRODUÇÃO:

O(a) Senhor(a) está sendo convidado a participar voluntariamente de uma pesquisa que envolverá os professores de Ciências da cidade de Porteirinha – MG. A direção da escola está ciente da pesquisa.

Antes de obter o seu conhecimento, é importante que todas as informações a seguir sejam lidas com atenção e que todas as dúvidas sejam esclarecidas.

OBJETIVO DA PESQUISA:

O projeto de pesquisa, “Levantamento e Análise das Necessidades dos Professores de Ciências em Orientação Sexual”, é de autoridade da mestranda Janine Cinara Silveira Alves e tem como objetivo geral: elaborar um material educativo, baseado nas necessidades, nas dificuldades e nas possibilidades vividas pelos professores de ciências de 5ª a 8ª séries, das escolas públicas de cidade de Porteirinha, para trabalhar a orientação sexual na sua prática educativa.

O estudo consistirá na coleta de dados que será feita através de um questionário a ser respondido pelo professor que terá liberdade de recusar a participar de pesquisa em qualquer momento da realização da mesma. Tempo previsto para aplicação do questionário: 20 minutos.

CONFIDENCIALIDADE:

Será garantido sigilo absoluto das informações, assim como a privacidade e o anonimato do participante.

Os dados analisáveis estarão acessíveis a você e serão divulgados para fins científicos após o seu consentimento.

O senhor(a) não terá despesas e nem remuneração decorrente de sua participação na pesquisa.

RISCOS e DESCONFORTOS:

A participação na pesquisa não incorrerá em risco ou prejuízos de qualquer natureza.

BENEFÍCIOS:

As informações coletadas nesta pesquisa irão contribuir para o seu aperfeiçoamento profissional.

CONTATO PARA MAIS INFORMAÇÕES RELACIONADOS À PESQUISA:

Caso o(a) senhor(a) queira esclarecer alguma dúvida sobre a pesquisa, a favor entrar em contato com: Janine. Cinara Silveira Alves Fones: (38)9109-1134 ou (38) 3831-1139. email: janinecinara@yahoo.com.br

Eu, _____, após ter lido e compreendido as informações sobre a presente pesquisa, concordo que os dados colhidos sobre mim, através de questionário, sejam utilizados no estudo sobre “Levantamento e Análise das Necessidades dos Professores de Ciências em Orientação Sexual”.

Autorizo a utilização dos dados respondidos no questionário para realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária.

Estou ciente de que as informações serão tratadas de forma anônima, caso assim o desejo, não sofrerei nenhum tipo de sanção ou prejuízo, caso me recuse a participar, ou me decida, a qualquer momento, a desistir da minha participação.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Data: ____/____/____

Assinatura da pessoa que conduziu o termo de Consentimento.

Data: ____/____/____

APÊNDICE C – Questionário

NOME: _____

IDADE: _____ ANOS DE DOCÊNCIA: _____

SEXO: _____ NÍVEL DE FORMAÇÃO: _____

RELIGIÃO: _____ FORMAÇÃO ACADÊMICA: _____

1-O que você entende por Orientação Sexual?

2- Qual é a sua opinião sobre a importância da Orientação Sexual na escola?

3-Você conhece as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), quanto à Orientação Sexual?

☐ SIM ☐ NÃO ☐ EM PARTE

4-A Orientação Sexual é um tema transversal?

☐ SIM ☐ NÃO

Justifique:

5-Na escola em que você trabalha existe algum trabalho de Orientação Sexual?

☐ SIM ☐ NÃO

Qual?

6-A Orientação Sexual é abordada na sua prática educativa?

☐ SIM

Como?

☐ NÃO

Por quê?

7-Na sua escola qual é o profissional responsável em desenvolver a Orientação Sexual?

☐ Somente professores de Ciências

☐ Professores de Ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino.

☐ Profissionais de outras áreas. Qual (is)?

8-Qual(is) os temas que você acha importante abordar na Orientação Sexual da escola?

- ☐ Conhecimento do corpo
- ☐ Concepção e Gravidez
- ☐ Métodos Contraceptivos
- ☐ Masturbação
- ☐ Iniciação Sexual
- ☐ DST
- ☐ Homossexualidade
- ☐ Aborto
- ☐ Prostituição
- ☐ Abuso Sexual
- ☐ Namoro
- ☐ “Ficar”
- ☐ Prazer
- ☐ Amor/afeto
- ☐ Preconceito/tabus

Outros:

9-Dentro da Orientação Sexual qual (is) o(s) tema(s) você tem ou teria dificuldade de trabalhar?

10-Na sua prática educativa, qual (is) a(s) dificuldade(s) encontrada(s) para abordar os temas relacionados à Orientação Sexual?

- ☐ Falta de conhecimento teórico dos temas
- ☐ Timidez e constrangimento
- ☐ Incompreensão dos pais
- ☐ Falta de material didático específico
- ☐ Insegurança em transmitir informações sobre o assunto
- ☐ Existência de preconceitos
- ☐ Questões religiosas
- ☐ Nenhuma dificuldade

OUTROS:

11-Durante a sua formação acadêmica e profissional,você recebeu alguma informação de como fazer a Orientação Sexual na escola?

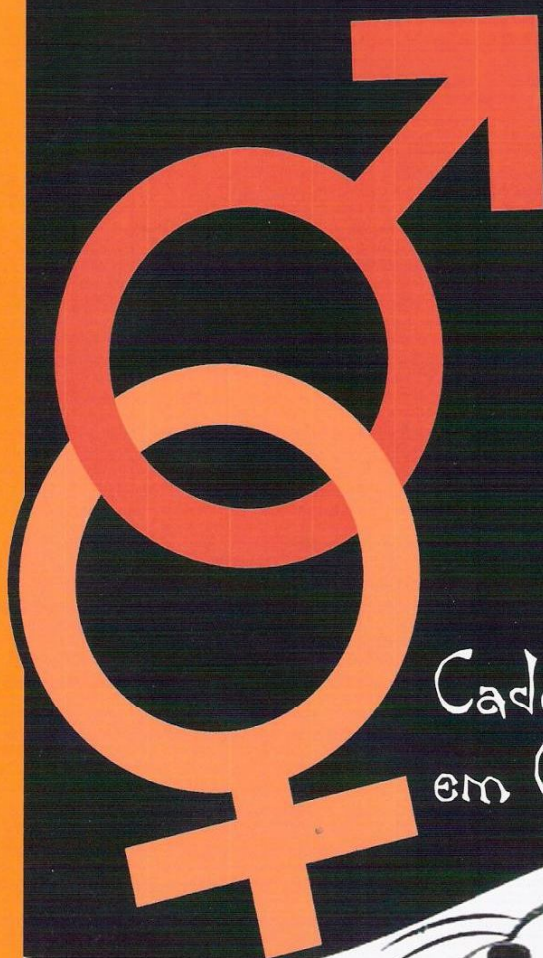
☐ SIM

Qual?

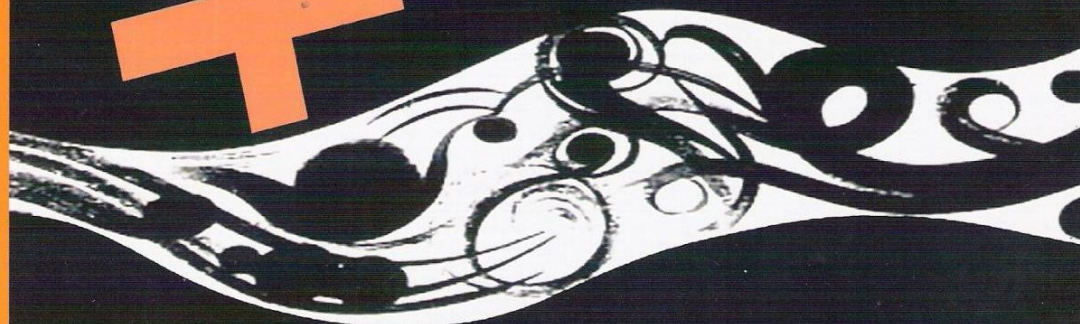
☐ NÃO

**APÊNDICE D – Caderno de orientação sexual – EXPRESSANDO A
SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Expressando a Sexualidade na Escola



Caderno de Capacitação
em Orientação Sexual



Janine Cinara Silveira Alves

Janine Cinara Silveira Alves
Andréa Carla Leite Chaves
Amauri Carlos Ferreira

Expressando a Sexualidade na Escola

Caderno de capacitação em Orientação Sexual

Janeiro/2008

"A escola querendo ou não, depara-se com situações em que é exigida uma intervenção. Seja no cotidiano de uma sala de aula, no recreio, quando proíbe ou permite certas manifestações, seja quando opta por informar, reprimir ou ignorar. Não podemos esquecer que a omissão também é uma forma de educação. Ignorar é dizer que o sexo é feio e não conversável".

Marta Suplicy

SUMÁRIO

<i>Apresentação.....</i>	<i>5</i>
<i>Introdução.....</i>	<i>6</i>
<i>Metodologia</i>	<i>7</i>
<i>Dicas importantes para os coordenadores do trabalho</i>	<i>8</i>
<i>Tema 01 - Primeiros Momentos: Acolhida, apresentação dos participantes e integração do grupo.....</i>	<i>9</i>
<i>Oficina 1 - Da apresentação</i>	<i>9</i>
<i>Oficina 2 - Integração e apresentação</i>	<i>10</i>
<i>Oficina 3 – Quebra –cabeça.....</i>	<i>10</i>
<i>Oficina 4 – Fitas das diferenças.....</i>	<i>11</i>
<i>Oficina 5 - Balões no ar.....</i>	<i>11</i>
<i>Oficina 6 - Estabelecimento de Acordo</i>	<i>12</i>
<i>Oficina 7 - Acordos para o trabalho em grupo</i>	<i>12</i>
<i>Tema 02: Orientação Sexual na escola.....</i>	<i>14</i>
<i>Oficina 1 - Reconhecendo a Orientação Sexual na escola.....</i>	<i>14</i>
<i>Oficina 2: Analisando o perfil do Orientador Sexual.....</i>	<i>17</i>
<i>Oficina 3: Orientação sexual: sim ou não?</i>	<i>19</i>
<i>Oficina 4 - A mala</i>	<i>20</i>
<i>Tema 03 - Sexo e Sexualidade</i>	<i>21</i>
<i>Oficina 1 - Mitos ou realidade?</i>	<i>21</i>
<i>Oficina 2: Diferença entre sexo, sexualidade e afetividade.....</i>	<i>23</i>
<i>Oficina 3: Expressando a sexualidade</i>	<i>24</i>
<i>Tema 04 - Sexualidade na adolescência</i>	<i>26</i>
<i>Oficina 1: O semáforo</i>	<i>26</i>
<i>Oficina 2 - Adolescer.....</i>	<i>27</i>

Oficina 3 - Descobrindo a adolescência.....	27
Oficina 4 - Revisitando a adolescência	28
 Tema 05 - Nosso corpo em transformação	 32
Oficina 1 - Anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais.....	32
Oficina 2: Corpo Reprodutivo	33
Oficina 3 - O corpo tem alguém como recheio	34
 Tema 06 - Relações de gênero.....	 36
Oficina 1 - Identificando estereótipos.....	36
Oficina 2: Ser homem e ser mulher	37
Oficina 3: Porque tanta diferença?	38
 Tema 07 - Identidade Sexual e Orientação do desejo	 39
Oficina 1 - A orientação sexual do desejo.....	39
Oficina 2 – Homossexualidade na escola	41
 Tema 08 - Preconceitos e tabus.....	 45
Oficina 1: Campanha contra o preconceito	45
Oficina 2 - Discriminação X Solidariedade.....	46
 Tema 09 – Masturbação	 47
Oficina 1: Masturbação - Mitos e realidade.....	47
 Tema 10 - Amar, namorar, ficar	 49
Oficina 1: Ficar é... Namorar é.....	49
Oficina 2: Cantando o namoro	50
 Tema 11: Iniciação Sexual.....	 52
Oficina 1 - Dramatizando e analisando a iniciação sexual	52
Oficina 2 – Há tempo para tudo.....	54
Oficina 3 – Refletindo sobre a virgindade	55

Tema 12 - Gravidez na adolescência e aborto	56
Oficina 1 - Gravidez na adolescência	56
Oficina 2: Estudo do caso	58
Oficina 3: Gravidez não planejada	60
Oficina 4 - Direitos sexuais e Direitos reprodutivos.....	61
Tema 13 - Métodos contraceptivos	65
Oficina 1: Painel dos métodos	65
Oficina 2: A cores da prevenção	66
Oficina 3 - Métodos contraceptivos	67
Tema 14 - Doenças sexualmente transmissíveis	74
Oficina 1: Cadeia de transmissão	74
Oficina 2 - Aids e direitos	75
Oficina 3: Dramatização – DST/Aids.....	80
Tema 15 - Violência e Abuso Sexual	81
Oficina 1: Violência Sexual.....	81
Oficina 2 - Parando para pensar sobre a violência.....	82
Oficina 3 - Violência e abuso sexual.....	82
Tema 16 – Pais e sexualidade.....	87
Oficina 1 – Significados.....	87
Oficina 2 - Quanto você ganha por hora?	88
Oficina 3: Concordo x Discordo.....	89
Referências	91

Apresentação

Este Caderno de Capacitação em Orientação Sexual intitulado “*Expressando a Sexualidade na Escola*” é produto da dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da PUC - Minas, desenvolvida pela mestrandia Janine Cínara Silveira Alves sob a orientação da Prof^a. Dra. Andréa Carla Leite Chaves e a co-orientação do Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira.

Com o objetivo de capacitar os (as) professores (as) do ensino fundamental interessados (as) em fazer a orientação sexual na escola, este caderno contém sugestões de estratégias que orienta e subsidia o professor, independente da disciplina que leciona. Ele permite, através de técnicas de trabalho em grupo, que os professores adquiram mais segurança em abordar os temas ligados à sexualidade humana na sala de aula, possibilitando assim, uma maior reflexão e discussão no meio estudantil.

Está disponível neste trabalho um bom número de temas da sexualidade que foram especialmente selecionados de acordo com a importância, necessidades e dificuldades apresentadas pelos professores de Ciências da cidade de Porteirinha - MG. Para cada tema há várias sugestões de oficinas como estratégias para preparar o professor do ensino fundamental no desenvolvimento do trabalho de Orientação Sexual na escola. As oficinas devem ser escolhidas e adaptadas de acordo com as características pessoais e culturais dos educadores que delas participarão.

Cada um dos temas propostos no Caderno de Capacitação é estruturado com uma pequena introdução e finalidade, indicando o que se pretende alcançar com a realização das oficinas sugeridas, oferecendo ao coordenador um fio condutor para o planejamento e abertura para possíveis adaptações. Para cada oficina estão indicados: título, objetivos, tempo de duração, material necessário, desenvolvimento e referência bibliográfica.

A proposta do processo de capacitação dos professores (as) em Orientação Sexual prevê a realização de um conjunto de oficinas com objetivos diversos e complementares: construção de conceitos, reflexão sobre a prática e a postura profissional diante das questões abordadas, aplicação de conhecimentos ou, ainda, o debate de idéias e posições sobre assuntos polêmicos.

Para o desenvolvimento do trabalho, sugere-se que o coordenador planeje um cronograma com encontros semanais de quatro horas de trabalho, selecione os

temas de acordo a necessidade dos profissionais envolvidos e estabeleça a formação dos grupos.

Esperamos que este material didático formativo seja uma ferramenta útil para incentivar, capacitar e desencadear o processo de formação continuada de profissionais da educação, especialmente os professores, que aprendem e também ensinam.

Introdução

Falar de sexualidade não é tarefa fácil, mas ela envolve, sobretudo, a intencionalidade humana, a expressão e a vivência. “A sexualidade humana é um fenômeno extremamente complexo que inclui fatores psicológicos, biológicos e sociais e que tem influência bastante significativa sobre o comportamento humano” (LETTNER e BRITO, 1987, p.149).

Neste sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte. Conforme Corrêa (2003 p.40) é algo cultural e contingencial, que se aprende e se constrói; não é algo estanque que se limita ao biológico; e nem começa, nem termina na escola. É algo que atravessa toda a vida escolar e que exige respostas da escola, tais respostas jamais concorreram com aquelas oferecidas pela família, pelos meios de comunicação, pelos amigos, pela experimentação; são complementares a todas essas, o que não restringe o poder de influência dessa escola; pelo contrário, amplia sua responsabilidade, na medida em que todos os saberes estão interagindo, de forma dinâmica e até controvertida, no cotidiano escolar, sugerindo direcionamentos e intervenções.

Os PCNs (2000) sugerem que seja o professor o profissional indicado para assumir o papel de orientador sexual na escola, pois eles desempenham um papel importante para intervir e informar os estudantes sobre os temas relacionados à sexualidade de forma a contribuir para a prevenção de problemas graves como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, abuso sexual e outros temas relevantes. O professor, no seu papel de orientador sexual, precisa ficar atento para não entrar na vida particular, na intimidade dos seus alunos e nem expor opiniões próprias. Ele deve promover debates, conduzir as discussões de forma a auxiliar na orientação e no desenvolvimento do tema e criar condições para que os alunos tracem seus caminhos, formem suas atitudes e opiniões. O grande desafio é capacitar-se para desenvolver este trabalho, uma vez que a educação sexual não pode ser dissociada da educação como um todo. Portanto, faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade. Assim, o educador deve buscar a capacitação profissional, ampliar a compreensão sobre a sexualidade, aprofundar conceitos, revisar valores e se instrumentalizar.

A elaboração deste caderno de Capacitação em Orientação Sexual, que utiliza a oficina como metodologia pedagógica, foi baseada nos resultados obtidos na pesquisa: *Análise das necessidades, dificuldades e possibilidades dos professores de Ciências em orientação sexual*, realizada com os professores de Ciências das escolas públicas da cidade de Porteirinha-MG (ALVES; CHAVES, 2007).

Espera-se que este caderno possa contribuir para a formação do professor preparando-o para trabalhar, na sua prática educativa, com temas relacionados à Sexualidade.

Metodologia

O caderno de capacitação "Expressando a Sexualidade na Escola" traz uma metodologia participativa voltada para a utilização de técnicas de trabalho em grupo utilizando uma linguagem de fácil compreensão, como elemento facilitador do processo de construção do conhecimento da sexualidade.

Os temas ligados à Sexualidade suscitam a emergência de emoções, valores, crenças, mitos, tabus e preconceitos que estão arraigados na identidade pessoal e social dos participantes a serem capacitados. Em vista disso, na proposta para a capacitação de professores(as) em Orientação Sexual, buscou-se a metodologia participativa que facilita os processos de reflexão pessoal, interpessoal e de ensino-aprendizagem, integrando os participantes e estabelecendo vínculos de afetividade e respeito mútuo.

A Metodologia participativa é aquela que permite a atuação efetiva dos participantes no processo educativo sem considerá-los meros receptores, nos quais depositam conhecimentos e informações. É uma forma de trabalho didático e pedagógico baseada no prazer, na vivência e na participação em situações reais e imaginárias, onde, valoriza os conhecimentos e experiências dos participantes, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas. (Revista *Adolescer*, 2005)

Neste caderno, adota-se a estratégia "Oficina" como a metodologia de intervenção pedagógica para capacitar os professores a fazer a orientação Sexual na escola. As atividades propostas envolvem o uso de dinâmicas, músicas, teatro, vídeos e textos de maneira a constituir um espaço privilegiado para o questionamento, favorecendo a desmistificação de preconceitos, a reavaliação das informações distorcidas e a reflexão crítica sobre os temas ligados a sexualidade.

De acordo Afonso (2002, p.11) a Oficina é caracterizada como uma prática de intervenção psicossocial, seja em um contexto pedagógico, clínico, comunitário ou de política social e a conceitua como "um processo estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir". A Oficina traz ainda a possibilidade do lúdico, promove a descontração e a criação de elos entre os

participantes do grupo de uma forma crescente, desde que as atividades propostas ocorram em clima acolhedor e de respeito e possibilita ainda a atuação efetiva dos participantes no processo educativo.

Dicas importantes para os coordenadores do trabalho¹

O caderno de capacitação em Orientação Sexual *“Expressando a Sexualidade na escola”* está estruturado em seqüências de temas e oficinas sobre sexualidade com objetivos diversos e complementares: construção de conceitos, reflexão sobre a prática e a postura profissional diante das questões abordadas, aplicação de conhecimentos ou, ainda, o debate de idéias e posições sobre assuntos polêmicos.

Como coordenador, é imprescindível que haja um prévio planejamento, objetivando segurança e tranquilidade no processo de condução do grupo.

Alguns aspectos que ajudarão e que devem ser observados ANTES da utilização deste caderno:

- Planejar previamente os horários de trabalho e organização da infra-estrutura para a realização do evento;
- Checar os equipamentos, conforme a necessidade: TV/vídeo, retroprojektor, “Flip-chart”, equipamentos de som, assentos, luminosidade, ventilação, espaço compatível com a quantidade de pessoas e para o tipo de atividade que irá se desenvolver, etc...;
- Elaborar, previamente, o roteiro/seqüência dos temas e oficinas que irá trabalhar com o grupo (vivências, músicas, intervalos, etc.);
- Chegar ao local com, pelo menos, uma hora de antecedência, para “energizar” o ambiente (respirar, relaxar, deixar música tocando suave, verificar a limpeza e organização do ambiente, colocar flores, etc.);
- Manter sempre consigo um kit de *“Primeiros Socorros do coordenador”*, contendo pincéis coloridos, tesoura, canetas, barbante, cola, fita adesiva, filmes, fitas de áudio e/ou CD’s, papel branco, papel colorido, etc.) tudo de acordo com as necessidades mais comuns;
- Manter na “cartola”, sempre, uma ou duas vivências/dinâmicas para eventuais imprevistos ou mudança de planos com o grupo;
- Evitar confiança plena na memória: anote a seqüência das dinâmicas que vai usar ou aquilo que vai dizer;
- Evitar polemizar com alguém que está ali contra a vontade ou que já chega discordando. Seja prudente, relaxe e deixe que o próprio grupo estabeleça e componha o clima do encontro;
- Evitar “forçar a barra” para algum membro do grupo participar, falar ou opinar sobre alguma coisa, se esse não estiver a fim;
- Buscar dividir tarefas com o grupo, definindo, através de consulta, *“quem faz o quê”*;

¹ Extraído e adaptado do livro PUEBLA, Eugênia. **Educar com o coração**. Peirópolis: Editora Fundação Peirópolis, 1997. (Série Educação para a Paz) e do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação Saúde e Prevenção nas Escolas Ministério da Saúde - SVS - Programa Nacional de DST/ Aids. [S.l.]: [s.n.], 207.

-
- Elaborar previamente um glossário de termos e expressões que aparecem nos textos de introdução das unidades e nos textos de apoio às oficinas;
 - Ter cuidado com o recurso da dramatização, que é utilizado em algumas oficinas e pode ser adequado e pertinente, entretanto, pode mobilizar sentimentos e emoções difíceis de lidar.
 - Fazer o registro sistemático da experiência na preparação dos encontros e no desenvolvimento das oficinas

Tema 01 - Primeiros Momentos: Acolhida, apresentação dos participantes e integração do grupo

Esse momento marca o início do trabalho, justificando a necessidade de apresentação dos participantes, pois, representa o primeiro contato do coordenador com o grupo e vice-versa. É o momento onde se explica a metodologia a ser utilizada, pesquisa-se as expectativas dos participantes, afirmam (ou reafirmam) um contrato de convivência que favoreça o aproveitamento da experiência compartilhada, aplica-se técnicas de apresentação e de descontração para relaxar o campo das relações e promover um clima favorável.

As oficinas sugeridas destinam-se a ajudar o coordenador a planejar esses primeiros momentos e contribuir para que os participantes do grupo sintam-se em um ambiente agradável e seguro.

Finalidades:

- Apresentação e conhecimento imediato das pessoas do grupo;
- Entrosar o grupo;
- Levantamento das expectativas do grupo;
- Apresentação da proposta do trabalho;
- Contribuir para que os participantes do grupo sintam-se em um ambiente agradável e seguro;
- Afirmar junto aos participantes um contrato de convivência que favoreça o aproveitamento da experiência compartilhada;

Oficina 1 - Da apresentação²

Objetivos:

- Integrar o grupo e conhecer os integrantes;
- Desfazer tensões;
- Reconhecer a importância de cada membro do grupo;
- Perceber os valores pessoais dos participantes.

Duração: cerca de 30 minutos

Desenvolvimento:

- Organize os participantes em círculo;
- Exponha os objetivos da dinâmica ressaltando que todos deverão se comunicar para que saibam quem é quem;
- Divida a turma em dupla, de preferência com parceiros desconhecidos;
- Durante cerca de 7 minutos, as duplas se entrevistam reciprocamente;

² Técnica extraída da obra O dia-a-dia do professor: adolescência: afetividade, sexualidade e drogas.

- Retorne ao grande grupo, onde cada um fará a apresentação do colega entrevistado.

Oficina 2 - Integração e apresentação³

Objetivo:

- Iniciar o trabalho do grupo e permitir que as pessoas se conheçam um pouco mais.

Duração: 30 minutos

Desenvolvimento:

- Um participante fala seu nome e expressa por mímica algo que goste muito de fazer. Por exemplo: cantar, jogar futebol, ler, viajar, etc.
- O colega que estiver a seu lado direito repete o nome do vizinho, o gesto feito por ele do que gosta de fazer, e em seguida, diz seu próprio nome e faz sua mímica do que gosta de fazer.
- Segue assim até completar toda a roda. O último talvez precise de ajuda para lembrar o nome de todos e a mímica feita pelos integrantes do grupo.
- Ao final cada um deve dizer sobre a sua participação; se achou difícil ou fácil, divertido ou não e se a técnica ajudou a conhecer um pouco mais seu colega.

Oficina 3 – Quebra –cabeça⁴

Objetivo:

- Levar os participantes do grupo a interagirem entre si até encontrarem o seu “par”, a quem deverão apresentar aos demais. O objetivo final é que cada integrante seja apresentado.

Duração: Cerca de 40 minutos, mas varia conforme o tamanho do grupo.

Número de participantes: Ilimitado, desde que seja um número par de pessoas (caso o nº. de participantes seja ímpar, o coordenador deverá participar).

Material: Cartões pequenos e coloridos, de cartolina ou qualquer material semelhante, recortados pela metade de forma a se encaixarem as duas partes como um quebra cabeça. Cada cartão poderá ser representado por uma figura geométrica (quadrado, retângulo, triângulo, círculo, etc.) e cada participante receberá uma das partes.

Desenvolvimento:

- Misture bem as partes dos cartões e entregue uma para cada participante. Depois que todos estiverem com suas partes, instrua-os a circularem à vontade, tentando achar quem está com a outra parte que se encaixa no seu cartão. Deve haver só um par disponível e apenas uma possibilidade de encaixe, que atenda tanto a cor quanto a figura representada do cartão.
- Peça aos participantes que, após a identificação de seus pares, conversem com a pessoa tentando obter informações como nome, local de trabalho, qual disciplina que leciona, etc. (o tipo de informação a ser obtida fica a seu critério, segundo os objetivos do seu trabalho).
- Terminando o tempo dessa conversa, peça aos participantes que de forma breve apresentem o seu par ao grupo.

³ Técnica extraída e adaptada do GUIA de oficinas: Programa de Educação Afetivo-Sexual – PEAS um novo olhar, 2005.

⁴ Técnica extraída e adaptada de Técnicas de Dinâmica de Grupo - Toda Adolescência.

• Oficina 4: Fitas das diferenças⁵

Objetivo:

- Integrar o grupo, despertar o espírito de cooperação e sensibilizar sobre a importância do trabalho em equipe e apresentar os participantes.

Duração: Cerca de 20 minutos, mas varia conforme o tamanho do grupo.

Material: Papel crepom, cortar o papel crepom em rolinhos para que depois possam ser desenrolados.

Desenvolvimento:

- O coordenador solicita que os participantes fiquem de pé e formem um círculo.
- Cada participante recebe um rolinho de fita de papel crepom em cores diversas, cada cor representa a diferença e o potencial de cada pessoa.
- O coordenador pede que pensem em uma qualidade marcante, que tem cada pessoa e solicita a cada uma que desenrole a fita e entregue uma das pontas da fita para aquele que tem menos proximidade no grupo, falando o seu nome e sua qualidade. Ex: Eu me chamo Maria e lhe dou a minha comunicação.
- O participante que recebeu a ponta da fita faz o mesmo entregando a ponta da sua fita para aquele que tem menos proximidade.
- Depois que todos os participantes estiverem segurando as pontas das fitas forma-se uma rede de cores diferentes.
- O coordenador pede para todos levantarem os braços dizendo que bom que você está aqui... e juntos refletem sobre a importância do trabalho em equipe, da participação e cooperação de cada um e da necessidade de partilharmos nossas qualidades, diferenças.

Oficina 5 - Balões no ar⁶

Objetivo:

- Entrosar a turma e despertar para a importância da cooperação.

Duração: 15 minutos

Material: Balão ou bexiga e linha.

Desenvolvimento:

- Com os participantes assentados em círculo distribua três balões vazios para cada um deles, que terão que enchê-los e amarrá-los com um barbante. Coloque uma música de fundo e inicie a brincadeira.
- Cada participante joga para cima, dentro do grupo um dos balões que foram cheios, sem deixar cair no chão.
- Passando aproximadamente 3 minutos, peça a cada participante que acrescente o segundo balão na roda, tomando o cuidado de não deixá-lo cair no chão.

⁵ Técnica adaptada da dinâmica fitas dos dons extraída do site http://www.radioevangelizacion.org/IMG/pdf/Capitulo_13_-_Dinamicas_.pdf.

⁶ Técnica extraída e adaptada da obra O dia-a-dia do professor: adolescência: afetividade, sexualidade e drogas.

- Três minutos depois, acrescente o terceiro balão. O grupo não poderá deixar os balões caírem.
- O coordenador deve manter-se de longe, apenas observando as soluções encontradas pelo grupo para evitar que os balões caiam no chão. Ao terminar a brincadeira, o coordenador solicita aos participantes que se sentem novamente em círculo e direcione uma discussão para avaliar a atuação dos professores na atividade com perguntas do tipo: Quais foram as dificuldades encontradas? Como foi a participação dos integrantes do grupo? Houve cooperação?
- Por fim, o coordenador faz o fechamento orientando o debate “A cooperação como facilitador da vida das pessoas”.

Oficina 6 - Estabelecimento de Acordo⁷

Objetivo:

- Estabelecer acordos para criar um clima de confiança e respeito entre os participantes.

Duração: 5 minutos

Material: folhas de papel brancas, pincéis atômicos coloridos.

Desenvolvimento:

- Fazer uma lista em *flipchart* de valores que todos devem respeitar.
- Começar a lista com confidencialidade e respeito.
- Pedir ao grupo que dê outros valores que querem ter na lista.
- Manter a lista visível em todo o encontro e fazer referência aos seus itens, caso necessário.

Oficina 7 - Acordos para o trabalho em grupo⁸

Objetivo

- Validar, coletivamente, os compromissos que devem nortear os encontros do grupo, visando favorecer a aprendizagem, o respeito às diferentes opiniões, a interação e a solidariedade entre os participantes.

Duração: ± 1 hora e 40 minutos

Material: lousa e giz, folha de papel para cartaz, caneta de ponta grossa e fita adesiva.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta o objetivo da oficina explicando que, habitualmente, no início de trabalhos em grupo no campo da sexualidade, é estabelecido um “contrato de convivência” entre os participantes;

⁷ Dinâmica extraída do GUIA para oficinas, palestras, difusão e informação para organizações de mulher e entidades de saúde – contracepção de emergência: um direito da mulher.

⁸ Técnica extraída do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação. Saúde e prevenção nas escolas.

- Pede a cada um dos participantes que reflita sobre as condições mais importantes para permitir que os encontros do grupo sejam produtivos, agradáveis e respeitosos;
- Faz-se uma rodada na qual cada participante sugere uma única condição que considera importante. As idéias são anotadas na lousa, evitando-se repetições sempre que a pessoa concordar que sua sugestão coincide com uma idéia já anotada. Nesta primeira rodada, é importante garantir a manifestação de cada um dos participantes;
- As sugestões apresentadas são debatidas, com o objetivo de chegar a uma lista pequena (a ser anotada em um cartaz). Durante o debate o coordenador procura sintetizar, na lousa, as idéias mais importantes e de consenso geral;
- Ao final do debate, faz-se um cartaz com o “contrato de convivência”. O cartaz é guardado para que possa estar sempre disponível nos encontros futuros.

Comentários

Alguns acordos costumam ser considerados os mais importantes para os trabalhos em grupos sobre esses temas:

- Evitar a concentração em questões pessoais, deixando claro que, eventualmente, necessidades pessoais não poderão ser trabalhadas ou atendidas;
- Respeitar o direito de diversidade de opiniões;
- Equilibrar a distribuição de tempo para as falas, de forma que todos possam participar;
- Combinar que as falas e os acontecimentos internos do grupo dizem respeito a seus participantes e não devem ser objeto de comentários fora do grupo. Entretanto, como não é possível contar com uma “garantia” de sigilo, é altamente desejável evitar a exposição pessoal excessiva.

Os acordos não precisam pretender abranger todas as possíveis situações a serem vivenciadas, nem visam suprimir eventuais divergências e conflitos. Contribuem apenas para a delimitação de um horizonte comum e para o favorecimento de um clima de diálogo e respeito mútuo. Ao longo do tempo de trabalho conjunto a experiência poderá levar os participantes a identificar a necessidade de reformular ou flexibilizar os acordos inicialmente estabelecidos.

Tema 02: Orientação Sexual na escola

O tema sexualidade, está na “ordem do dia da escola”. Está presente em diversos espaços escolares ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. (ALTMANN, 2001, p. 1).

Segundo os PCNs (BRASIL, 2000), a Orientação sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. E o seu trabalho na escola se faz problematizando, questionando, debatendo os diferentes tabus, preconceitos crenças e atitudes existentes na sociedade, ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho.

Finalidades:

- Reconhecer a importância da Orientação Sexual na escola;
- Distinguir os termos Orientação Sexual e Educação Sexual;
- Compreender a Orientação Sexual como um tema transversal;
- Refletir sobre a postura e o perfil apropriado do educador para o trabalho de orientação sexual na escola.

Oficina 1 - Reconhecendo a Orientação Sexual na escola

Objetivos:

- Explorar o conceito de Orientação Sexual;
- Diferenciar Orientação de Educação Sexual;
- Apresentar a importância da orientação sexual como um tema transversal segundo a proposta dos PCNs;
- Reconhecer a importância do trabalho de Orientação Sexual na escola;
- Refletir criticamente sobre a atuação da escola em relação aos temas da sexualidade.

Duração: 40 minutos

Material: lâminas para retroprojektor ou apresentação em data Show e cópias do texto de apoio para cada participante.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta os conceitos e a diferença entre Orientação Sexual e Educação Sexual.

- Organiza a leitura conjunta do texto Orientação Sexual como um tema transversal, interrompendo sempre que seja solicitado algum esclarecimento, ou seja, colocada alguma questão em debate;
- Após a leitura e discussão do texto, o facilitador aborda, junto com os participantes, como a escola encara o trabalho de Orientação Sexual.

Texto de apoio:**Orientação Sexual como um tema transversal⁹**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem uma educação comprometida com a cidadania, que permita ao educando desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva, a partir da configuração da escola como um espaço não só de reprodução, mas também de transformação, voltado à busca de caminhos e conteúdos que possibilitem a esse educando a compreensão e a crítica da realidade, assim como a aprendizagem efetiva de novas alternativas de ação. Como decorrência, caberá então ao educador não só saber como e quando intervir, como também prever que mudanças essas intervenções produzirão, o que implica a necessidade de alicerçar tais intervenções num projeto didático sistemático e planejado que integre diferentes modos de organização curricular.

No entanto, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, percebe-se a preocupação com o objetivo principal da educação que é a construção da cidadania. Logo, não se alcança a cidadania de um país com escolas que somente trabalham conteúdos tradicionais, relegando a segundo plano o debate inevitável como o da sexualidade humana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são produzidos pelo MEC com a intenção de controlar e ditar normas para a educação e, assim, para a sociedade. E não somente normas para as disciplinas que sempre se apresentaram na escola, mas regras sobre 'Temas Transversais' que devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. Temas Transversais, segundo os PCNs, são assuntos considerados importantes a serem refletidos na escola para que, assim, se possa construir *cidadania* de igualdades no país, são eles: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual.

⁹ Texto extraído e adaptado da dissertação de mestrado Orientação Sexual: elaboração do caderno "Expressando a sexualidade na escola" para a capacitação de professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha-MG.-2008.

Os PCNs, propõe que a orientação sexual seja trabalhada como um tema transversal. Isto exigiria um trabalho integrado de diversos professores, em que questões ligadas à sexualidade fossem abordadas transversalmente em todos os ciclos de escolarização, e não como conteúdo específico de uma única disciplina em um único ano escolar. (ALTMANN, 2003).

A proposta dos Parâmetros é de que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que os alunos já possuem e principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito daquilo que lhe foi apresentado. A escola ao oferecer tais informações, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (BRASIL, 2000).

A Orientação Sexual como tema transversal proposto pelos PCNs deve ser entendido como um processo de intervenção pedagógica, cujo objetivo é transmitir informações, problematizar questões e ampliar o leque de conhecimento e opções referentes à sexualidade, incluindo posturas, ideologias, crenças e tabus, propiciando debates e discussões a ela relacionadas, para que o próprio aluno escolha seu caminho.

Transversalidade significa que “[...] tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados por diversas áreas do conhecimento.” (BRASIL, 2000, p. 128). Dessa forma, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho.

Além disso, o trabalho de Orientação Sexual implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as diversas áreas do currículo - seja porque trata de questões singulares que necessitam de um tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, surgindo de maneira emergente e exigindo do professor, flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar tais questões. (BRASIL, 2000, p. 128).

Para tanto, o documento propõe que a relevância sociocultural deva ser um critério de seleção dos conteúdos e que os professores, ao abordá-los nas escolas, levem em consideração as dimensões biológicas, culturais, psíquicas e sociais, pois sendo a sexualidade uma construção humana, esta se encontra marcada pela

história, pela cultura, pela ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressada com singularidade em cada sujeito.

Nesse sentido, o trabalho denominado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual visa preencher lacunas nas informações que as crianças e jovens apresentam, proporcionando informações atualizadas, do ponto de vista científico, dando-lhes a oportunidade de formarem opiniões do que lhes é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegerem como seus, ampliando os conhecimentos a respeito da sexualidade humana, combatendo tabus, preconceitos, abrindo espaços para discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação dos indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Os PCNs (BRASIL, 2000), demonstram que a Orientação Sexual deve ser abordada de duas formas:

- dentro da programação, por meio de conteúdos, ou seja, transversalizados nas diferentes áreas de ensino;
- extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Não se trata, portanto, de criar novos conteúdos, e, sim, desvendar a dimensão da sexualidade em geral, oculta ou estereotipada nos conteúdos específicos de cada disciplina.

Na visão de Araújo (1999), há três formas diferentes de se entender a relação entre os conteúdos tradicionais e os transversais. Uma primeira forma seria entendendo que essa relação deve ser intrínseca, ou seja, não tem sentido existir distinções claras entre conteúdos tradicionais e transversais. Uma segunda maneira seria entendendo que a relação entre disciplinas tradicionais e transversais pode ser feita pontualmente, através de módulos ou projetos específicos, com os quais os professores de diferentes áreas abririam espaço para algum tema transversal em suas aulas. Uma terceira maneira seria integrando interdisciplinarmente os conteúdos tradicionais e os temas transversais, ou seja, entendendo que a transversalidade só faz sentido dentro de uma concepção interdisciplinar de conhecimento. O que essas três formas de conceber o trabalho transversal na educação têm em comum é que todas elas defendem a concepção de manutenção das disciplinas curriculares tradicionais como eixo longitudinal do sistema educacional, cabendo aos temas transversais, girar em torno deste eixo ou impregná-lo.

Os Parâmetros apontam uma transformação na prática pedagógica, pois rompem a limitação da atuação dos educadores às atividades formais e ampliam um leque de possibilidades para a formação do educando.

Oficina 2: Analisando o perfil do Orientador Sexual

Objetivos:

- Identificar o perfil e a postura apropriada para o Orientador Sexual;
- Analisar as principais condições do educador em desenvolver o ensino de sexualidade na escola;
- Dar oportunidade para cada participante analisar o seu perfil e verificar se está coerente com a proposta dos PCNs.

Duração: 30 minutos

Material: Crachás coloridos conforme modelo proposto, lâminas para retroprojektor ou apresentação em data Show.

Desenvolvimento:

- Sugere-se que a coordenação confeccione crachás conforme o modelo proposto abaixo e peça a cada professor(a) participante que coloque em cada espaço específico do crachá uma característica pessoal, outra como professor(a) em sala de aula e outra característica como orientador sexual.
- O coordenador com o apoio do texto “Perfil apropriado do Orientador Sexual” deve expor as principais condições e postura do educador para desenvolver o ensino de sexualidade e promover uma discussão e reflexão a cerca das recomendações para postura do professor e da escola no trabalho de Orientação Sexual propostas nos PCNs/MEC (BRASIL, 2000).

Nome do participante	
Característica Pessoal	Característica – professor na sala de aula
	Característica como orientador sexual

Texto de apoio:**Perfil apropriado do Orientador Sexual¹⁰**

Trabalhar com o tema “sexualidade” não é fácil, e os professores sabem disso muito bem. Para que o processo educativo possa ocorrer na escola, é preciso que o professor tenha se debruçado antes sobre o conhecimento de um saber específico e que tenha o desejo de transmitir esse saber.

Os PCNs sugerem que seja o professor o profissional indicado para assumir o papel de orientador sexual, considerando que todo e qualquer professor pode desempenhar tal tarefa, uma vez que os temas transversais devem ser contemplados pelas diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar. (BRASIL, 2000).

De acordo com Silva e Silva (2002), o orientador sexual deve usar uma linguagem simples, clara e natural, sem impor nada e sim estimulando o aluno para a aquisição de valores próprios. Este não será apenas um palestrante do assunto, sua

¹⁰ Texto extraído e adaptado da dissertação de mestrado orientação sexual: elaboração do caderno “Expressando a sexualidade na escola” para a capacitação de professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha-MG.-2008.

finalidade principal é ouvir o aluno e saber direcionar as discussões para que o aluno pense e reflita a respeito dos conflitos e desmistificá-los. Este professor será testado pelos alunos, através de comentários, perguntas e desafios, sendo difícil enfrentar certas situações sem um preparo adequado.

No entanto, Silva e Silva (2002) apontam a necessidade de relacionar uma série de recomendações para postura do professor e da escola no trabalho de Orientação Sexual como:

- O objetivo principal é desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos e como algo ligado ao prazer e à vida;
- Não cabe à escola julgar a educação que cada família oferece aos seus filhos;
- O respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos é uma atitude a ser estimulada no debate entre educadores e alunos;
- A escola deve atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região;
- É importante que os alunos conheçam os métodos contraceptivos, suas indicações e contra-indicações. Nesse item, cabe destacar o uso da camisinha como meio de prevenção da gravidez e da contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a Aids;
- É necessário que se trabalhe com informações atualizadas sobre transmissão e prevenção de contágio da Aids, com o histórico das enfermidades, a diferença entre um portador do vírus e uma pessoa que desenvolve a doença e as formas de tratamento;
- A repetição de conteúdos faz bem aos alunos, porque a sexualidade nas pessoas é despertada em momentos diferentes.

Assim, o Educador está à mercê dos preconceitos vigentes e ainda sem a devida capacitação, percebe-se inseguro e, em geral, não se coloca à disposição para ensinar-aprender a sexualidade. Então, o impasse está estabelecido: Qual o perfil ideal do educador em sexualidade?

Segundo Aquino (1997); Vitiello (1997); Suplicy et al (1998) não existe uma exigência profissional específica para alguém exercer o papel de orientador sexual. No entanto, os estudiosos acreditam que a escolha mais adequada tem sido o próprio professor, de preferência aquele que tem maior empatia pelo aluno e que está em sintonia com a sua linguagem, de tal forma que seja capaz de exercer autoridade com afetividade e não com autoritarismo. É o professor que convive com seus alunos, muitas vezes diariamente, que conhece a forma como vivem em grupo, seus conflitos etc.

Portanto, o importante é que este professor tenha abertura e receptividade com os alunos e interesse pelo tema. Pois, o Orientador Sexual é acima de tudo um educador que observa e reflete para os alunos as diversas opiniões para que cada indivíduo se torne capaz de ser sujeito de seu desenvolvimento emocional e sexual. Sendo necessário que o Educador ao trabalhar a Orientação Sexual na escola tenha capacidade de rever sua postura e seus conhecimentos constantemente.

O orientador sexual “ideal” é aquele que está aberto para questionamentos e predisposto a mudanças, a escutar o aluno, reconhecendo seus limites, pois estes deverão ser encorajados a expressar suas idéias e opiniões sem ter que dar depoimentos pessoais. (SANTOS, 2001, p. 33)

As principais características do professor facilitador do trabalho de Orientação Sexual são: disponibilidade em lidar com o assunto e o compromisso de estar atualizado com as informações referentes à sexualidade, bem como sobre os recursos a serem usados pelos alunos. O educador deve garantir o respeito às diferenças, que é condição fundamental na viabilização do trabalho de Orientação Sexual. Além disso, é preciso garantir a ética no trabalho por parte dos alunos e do professor; bom senso; facilidade em dirigir dinâmica de grupo; desejo por conhecimento do assunto; bom relacionamento com os alunos e tranquilidade em relação à sexualidade são algumas das condições necessárias ao orientador. (SANTOS, 2001, p. 33-34)

De acordo o PCNs (2000), o bom trabalho de orientação sexual com informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos pode contribuir para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada. No entanto, como tema transversal, o PCN , não aponta que os assuntos abordados na Orientação Sexual tenham caráter normativo. Ao contrário, a recomendação é que a escola trabalhe com questionamentos e ampliação do leque de conhecimentos dos alunos, para que eles tracem seus caminhos. Neste contexto, os professores desempenham um papel importante para informar os estudantes sobre questões relacionadas à sexualidade. Significa que o professor precisa ficar atento para não entrar na vida particular, na intimidade de cada um. Porém, é fundamental que o debate esteja sempre presente para que os jovens criem condições de formar suas atitudes e opiniões.

Oficina 3: Orientação sexual: sim ou não?¹¹

Objetivo: Proporcionar aos participantes a oportunidade de refletirem acerca da Orientação Sexual.

Duração: 40 minutos

Material: Duas folhas de papel pardo e pincel atômico

Desenvolvimento:

- Divida o grupo em dois subgrupos. Um deles deverá se posicionar contra a Orientação Sexual ser realizada na escola e o outro, a favor. Peça que registrem nas duas folhas de papel pardo as razões apresentadas.
- Após o tempo de discussão, refletir sobre a importância da Orientação Sexual na escola.

Oficina 4 - A mala¹²**Objetivos:**

- Desenvolver a criatividade.
- Refletir sobre os elementos indispensáveis para que o educador/facilitador possa conduzir adequadamente um grupo
-

Material: Cartolina cortada no formato de maleta, tesouras, revistas, cola, canetas hidrocor.

Duração: 40 minutos

Desenvolvimento:

- Distribua aos participantes o material;
- Oriente-os que confeccionem, com o material distribuído, uma maleta de educador em sexualidade. Eles deverão expressar, por meio de gravuras, palavras, desenhos, os elementos indispensáveis para que um educador desempenhe seu trabalho. Incentive a criatividade, a mútua ajuda e a troca de material, entre os participantes.
- Na segunda etapa do trabalho, peça aos participantes que formem um grande círculo e que cada um apresente a sua mala. Ao final, reforce a criatividade dos participantes e as características indispensáveis necessárias para um educador em sexualidade.

¹¹ Técnica adaptada da dinâmica Educação/Orientação Sexual: sim ou não? Extraída de PGM 1 Educação Sexual ou Orientação Sexual? Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>>.

¹² Técnica extraída de PGM 1 - Educação Sexual ou Orientação Sexual? Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>>.

Tema 03 - Sexo e Sexualidade

Quando escutamos a palavra sexo, automaticamente pensamos em relação sexual, ato sexual, coito, orgasmo, enquanto a sexualidade humana, ao contrário, não se resume à cópula só pelo fim reprodutivo, ela é muito mais ampla. Ela está sempre ligada a circunstâncias emocionais, à cultura em que está inserida, à educação, ao ambiente e à personalidade, portanto, é muito mais complexa e emocionalmente muito mais significativa que a vida sexual dos animais não racionais.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônima de coito e não se limita à presença ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações é tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada um direito humano básico.

A partir desse conceito também podemos afirmar que a sexualidade envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura, sendo construída desde o nascimento até a morte.

Finalidades:

- Identificar a diferença entre sexo e sexualidade;
- Propiciar condições para que os participantes possam explorar as distinções entre sexo e sexualidade, reconhecendo as dimensões históricas e culturais desses conceitos;
- Promover reflexão sobre os mitos relacionados aos temas da sexualidade;
- Promover a discussão sobre as manifestações da sexualidade na escola.

Oficina 1 - Mitos ou realidade?¹³

Objetivo:

- Fazer uma primeira aproximação dos temas a serem abordados ao longo do curso.

Duração: ± 1 hora

¹³ Técnica adaptada do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação saúde e prevenção nas escolas.

Material: lista de afirmações e folha de recursos para o coordenador, fita adesiva, 3 cartazes com as palavras: Concordo – Discordo – Tenho dúvidas.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta o objetivo da oficina e distribui pela sala os cartazes, afixando-os nas paredes;
- Informa que vai ler um conjunto de afirmações e que, após a leitura de cada uma delas, os participantes deverão dirigir-se ao cartaz que expressa sua posição em relação à afirmação apresentada. O grupo deve escutar com atenção cada frase, que será lida duas vezes, para, só então, se movimentar;
- Após cada deslocamento, o coordenador pode apresentar algumas informações disponíveis na folha de recursos ou promover rápidas trocas de idéias sobre cada tema;
- Ao término desta etapa, o coordenador abre um debate utilizando-se de algumas referências, como: Os mitos estão relacionados com o grau de informação pessoal, mas, principalmente, com a cultura e os valores predominantes na sociedade; Um dos principais objetivos do trabalho educativo no campo da sexualidade e prevenção de DST/AIDS é permitir que as pessoas possam questionar os mitos e preconceitos para ampliar sua liberdade na busca de novos conhecimentos, recursos de proteção e experiências de vida.

Texto de apoio:

Afirmações

- O homem costuma ter várias parceiras porque sente mais desejo sexual do que a mulher;
- Uma pessoa pode ter uma doença sexualmente transmissível sem ter nenhuma dor ou problema aparente;
- Um homem com o pênis grande é sexualmente mais potente do que um homem com o pênis menor;
- O fornecimento de métodos contraceptivos para adolescentes requer a autorização de pais ou responsáveis;
- A masturbação pode causar doenças mentais;
- O uso da camisinha é importante no início de um relacionamento, quando os parceiros estão se conhecendo;
- Os adolescentes usam preservativo com menor frequência do que os adultos porque muitos não estão atentos para a importância da prevenção da gravidez não planejada e das DST/Aids;
- Uma mulher pode engravidar mesmo que o homem ejacule fora dela;
- Os grupos de risco para Aids são os homossexuais, os drogados, os hemofílicos e as pessoas que têm diversos parceiros ou parceiras sexuais;
- Quando alguém se infecta com o vírus da Aids- o HIV - começa a emagrecer e perder cabelo;
- A mulher pode saber exatamente o período do mês em que pode engravidar;
- Quase todas as vezes que adolescentes e jovens são abusados sexualmente, o crime é cometido por desconhecidos.

Folha de recursos para o coordenador

- A cultura e o papel social do homem na sociedade são os principais fatores que condicionam os comportamentos sexuais, masculino e feminino, considerados “normais” e não as suas características biológicas, como muitas vezes somos levados a crer.
- É possível ter doenças sexualmente transmissíveis sem sentir nada e sem apresentar sintomas por um longo período após a infecção. Para algumas doenças sexualmente transmissíveis, a ausência de sintomas costuma ser mais freqüente entre as mulheres.
- O tamanho do pênis não determina a capacidade de procriar ou o prazer do homem ou da mulher na relação sexual.
- Um(a) adolescente não necessita de autorização dos pais ou responsáveis para solicitar ou comprar métodos contraceptivos. É direito dos adolescentes, de ambos os sexos, a busca de orientação adequada para o uso de contraceptivos.
- A masturbação não causa doenças mentais, acne, nem faz crescer pêlos nas mãos ou no corpo.
- O fato de não conhecer o parceiro não é o principal motivo para usar camisinha. Para que ela funcione para evitar a gravidez, as doenças sexualmente transmissíveis e a Aids, ela precisa ser usada em todas as relações sexuais, pois uma única relação pode bastar para a transmissão de doenças por via sexual. Hoje, ocorre com muita freqüência nos namoros e casamentos um pacto entre os casais de usar preservativo apenas se forem mantidas relações sexuais com outros parceiros. Mas, na vida real, pode ser mais difícil utilizar a prática do sexo seguro nas situações imprevistas do que nas relações estáveis. Atualmente, a infecção pelo HIV está aumentando, de forma desigual, entre mulheres que têm um único parceiro e que não se beneficiam da dupla proteção oferecida pelo preservativo (contra DST/Aids e gravidez não desejada).
- O uso de preservativos é muito mais difundido entre adolescentes do que entre adultos. Além disso, cabe refletir sobre o planejamento da gestação. Será que a maioria das gestações que ocorrem entre pessoas adultas é planejada?
- Pode. Ejaculações “nas coxas”, próximas à entrada da vagina, podem levar à gravidez. O líquido expelido antes da ejaculação contém espermatozóides.
- O conceito de grupo de risco já foi abandonado. Além disso, os comportamentos que aumentam as chances de contrair a Aids não podem ser compreendidos ou transformados sem considerar as condições de vida das pessoas e grupos sociais. A associação inicial da Aids a grupos de risco ampliou o preconceito contra determinadas pessoas e grupos e, também, gerou a falsa idéia de que as pessoas que não pertenciam a esses grupos não corriam riscos de infectar-se.
- Uma pessoa pode se contaminar com o HIV, tornando-se soro positiva, e não desenvolver a doença – Aids – por vários anos. Nesses casos, a portadora ou portador do HIV, mesmo sem ter nenhum sintoma, pode transmitir o vírus se não fizer sexo seguro. Mesmo quando adoecem de Aids, a medicação permite que as pessoas mantenham peso adequado e não apresentem queda de cabelo.
- Não é fácil saber com exatidão o período fértil de uma mulher. Existem formas de calcular esse período, mas para isto os ciclos precisam ser regulares, sendo necessário observá-los durante alguns meses, pois sempre há uma

pequena variação. Além disso, mudanças no ritmo de vida, doenças, etc. podem alterar momentaneamente o ciclo ovulatório. Na adolescência é mais difícil determinar o período fértil porque é freqüente a irregularidade dos ciclos.

- A maior parte dos abusos sexuais de crianças e adolescentes é cometida por pessoas conhecidas das vítimas, muitas vezes os próprios familiares.

Comentários

- Poderão surgir novas questões para as quais o coordenador não tem resposta. Nesse caso, não se deve ter receio de afirmar que será necessário procurar novas fontes de informação;
- O objetivo da oficina é a realização de uma primeira aproximação das questões a serem aprofundadas durante o desenvolvimento do curso e as respostas oferecidas como subsídio podem não dar conta de eliminar as dúvidas no grau de profundidade desejada.

Oficina 2: Diferença entre sexo, sexualidade e afetividade¹⁴

Objetivos:

- Conceituar e diferenciar sexo, sexualidade e afetividade;
- Debater as concepções do grupo sobre sexualidade e suas diferentes maneiras de expressão.

Duração: 30 min

Material: Cartolina e caneta hidrocor.

Desenvolvimento:

- Fazer uma chuva de idéias em torno das palavras sexo, sexualidade e afetividade, pedindo que os participantes falem, sem censura, o que vem à sua cabeça quando ouvem as palavras sexo, sexualidade e afetividade;
- Conforme vão falando, registre no painel as palavras ou expressões em forma de lista;
- Divida o grupo em quatro subgrupos e peça a cada subgrupo para construir a partir das palavras que foram levantadas o conceito de sexo e sexualidade em um cartaz;
- Solicitar um representante de cada grupo para expor o conceito no plenário;
- A partir da apresentação dos conceitos, o grupo foi convidado para identificar as contradições; a expressar sua compreensão e sua concordância ou não com as concepções de “sexo e sexualidade” explicitadas;
- O coordenador deverá sintetizar e organizar os conceitos com o apoio de transparências ou cartazes e incentivar a reflexão sobre as manifestações da sexualidade em diferentes culturas.

Sugestões para reflexão:

- Por que as pessoas confundem sexualidade com sexo?
- De que maneira a sexualidade pode ser expressa?
- Que sentimentos podem estar envolvidos na expressão da sexualidade?

¹⁴ Técnica adaptada do caderno Sexo sem vergonha. São Paulo: ECOS, 2001.

Oficina 3: Expressando a sexualidade¹⁵**Objetivo:**

- Discutir as diferentes maneiras de expressão da sexualidade.

Duração: ±1 hora

Material: Cartolinas, folhas de papel, canetas coloridas, revistas, jornais atuais e cola.

Desenvolvimento:**Atividade Individual**

- O coordenador pede aos participantes para pensarem em algo que tenham visto, ouvido, falado ou sentido, sobre sexualidade.
- Solicita aos participantes que guardem esses pensamentos para si. Não é necessário escrevê-los.

Atividade em pequenos grupos

- Formar grupos de 5 participantes e solicitar que conversem sobre as situações em que a sexualidade é manifestada pelas pessoas no ambiente social.
- Entregar revistas, jornais, folhas de papel, canetas, tesouras e cola aos grupos.
- Solicitar aos grupos que montem um painel com figuras, anúncios e textos relacionados com a sexualidade.

Atividade de grande grupo (todos os participantes)

- Após a elaboração do painel, pede a cada grupo que eleja um representante para falar do processo de discussão e montagem do painel.
- Cada representante de grupo coloca seu painel na parede da sala e explica para o grande grupo o seu significado.
- Após as apresentações dos representantes, abre o debate para todos os participantes.
- O coordenador pode fazer uma síntese dos tópicos apresentados e incentivar a reflexão sobre as manifestações da sexualidade em diferentes culturas.

Sugestões para reflexão:

- Por que as pessoas confundem sexualidade com sexo?
- De que maneira a sexualidade pode ser expressa?
- Que sentimentos podem estar envolvidos na expressão da sexualidade?
- Que se entende por sexualidade, sensualidade, erotismo e pornografia?

¹⁵ Técnica extraída e adaptada da Revista *Adolescer*/2005.

Tema 04 - Sexualidade na adolescência

A adolescência é uma etapa da vida onde ocorrem muitas transformações. O corpo começa a mudar e vão surgindo dúvidas, vontades, ansiedades. Nessa época, tudo é vivido intensamente e tudo muda muito rápido: o adolescente varia suas opiniões, idéias, comportamentos, humor, assim como muda de roupa. Tudo isso leva ao amadurecimento, que é o objetivo desta fase marcada por duas aquisições importantes: a capacidade reprodutora e a identidade pessoal.

Apesar de se achar que falar sobre sexualidade está se tornando uma coisa normal, muitos jovens ainda sentem vergonha e medo de discutir esse assunto.

Entender e discutir os questionamentos e reflexões dos adolescentes é fundamental para o amadurecimento e desenvolvimento de atitudes responsáveis.

A sexualidade é fundamental não só para a reprodução, como também para o bem-estar do ser humano, devendo, por isso, estar relacionada a outros aspectos como sentimentos, afeto, prazer, namoro, casamento, filhos, projetos de vida, etc.

Finalidades:

- Promover o debate e a apropriação de conceitos relacionados à sexualidade;
- Promover a identificação das dificuldades dos participantes quanto aos temas de maior interesse em sexualidade;
- Possibilitar aos participantes uma reflexão sobre como percebem o processo da adolescência;
- Estimular a identificação das dimensões biológicas, afetivas e socioculturais das expressões da sexualidade na vida pessoal e social.

Oficina 1: O semáforo¹⁶

Objetivo:

- Auxiliar os participantes a identificar suas dificuldades quanto aos temas de maior interesse em sexualidade.

Material: Papel sulfite, pincéis atômicos, 3 círculos de papel cartão nas cores vermelha, amarela e verde.

Duração: 20 minutos.

Desenvolvimento:

Trabalho individual (5 minutos)

¹⁶ Técnica extraída da Revista Adolescer.

- O coordenador fornece folhas de sulfite e pincel atômico para cada participante.
- Pede-se que cada um dobre em 3 partes a folha de sulfite no sentido do comprimento.
- Em cada tira de papel (ou ficha) será escrita 1 palavra que corresponda a um tema de interesse próprio sobre sexualidade. Pode-se também escrever uma pergunta, no caso de não se saber a que assunto ela pertença.
- O coordenador colocará os 3 círculos distanciados, lado a lado, no chão da sala.

Trabalho grupal (15 minutos):

- Cada participante distribuirá suas fichas pelos círculos ou "sinais do semáforo", dependendo do grau de dificuldade que eles sentem ao se debater sobre os temas. O sinal vermelho representa que se tem muita dificuldade sobre o assunto, o amarelo representa dificuldade média e o verde significa pouca dificuldade.
- O coordenador pede que os jovens passem pelos círculos e leiam os temas escolhidos.
- Solicitar que as fichas sejam enfileiradas abaixo de cada círculo, em ordem decrescente de escolha.
- É interessante discutir com eles a possibilidade de mudança da ordem dos temas, no caso de haver assuntos que são pré-requisitos para outros temas.

Sugestões para reflexão:

- Por que esses assuntos são importantes para os jovens?
- Qual dos temas citados é mais difícil de falar e por quê?
- Qual o tema mais fácil? Por quê?

Oficina 2 - Adolescer¹⁷**Objetivo:**

- Possibilitar aos participantes uma reflexão sobre como percebem o processo da adolescência.

Duração: 1 hora

Material: Sala ampla, aparelho de som, papel sulfite, lápis de cor ou cera e hidrocor.

Desenvolvimento:

- O coordenador solicitará ao grupo que formem duplas e façam um desenho representando como eles percebem a fase da adolescência.
- Após a realização dos desenhos, solicitar aos participantes que escrevam algo sobre: Adolescência é...
- Cada dupla irá falar a respeito de seu desenho, relatando como caracterizou a adolescência.

Sugestões para reflexão:

- Como os participantes percebem o adolescente?

¹⁷ Técnica extraída da Revista Adolescer.

- Como o adolescente é visto pela Sociedade?
- De que forma o adolescente contribui com as transformações sociais?

Oficina 3 - Descobrindo a adolescência¹⁸

Objetivo:

- Conversar sobre o que é ser adolescente hoje e auxiliar os adolescentes a identificarem suas possibilidades;
- Verbalizar histórias de vida diferentes e semelhantes;
- Reconhecer mudanças físicas e identificar pessoas com quem dividir essa etapa da vida;

Duração: 1 hora.

Material: Folhas de papel, pincéis atômicos para cada participante.

Desenvolvimento:

Com o grupo todo reunido, o coordenador solicitará a realização das seguintes tarefas:

1. Falar da infância:

- Imagine uma criança, seu nome, idade, o que ele gosta de fazer e de brincar.
- Representem o que imaginaram através de um objeto.
- Falem do seu objeto para o grupo e, juntos, definam (numa frase ou numa imagem) o que é ser criança.

2. Falar da adolescência:

- Pensem que a criança cresceu e entrou na adolescência.
- Falem sobre o que aconteceu com ela.
- Escolham um objeto que represente o adolescente ou sua própria adolescência.
- Os participantes apresentam seus objetos, conversam e definem o que é adolescência.
- Discutem qual o objeto que representa melhor a passagem da adolescência para a vida adulta.

3. Falar do novo na adolescência:

- Solicitar que os participantes façam uma lista de acontecimentos importantes em suas vidas, destacando a "primeira vez" em que ocorreram.

Sugestões para reflexão:

- Refletir se é fácil ser adolescente.
- Por que é fácil para algumas pessoas e difícil para outras.
- Com quem os adolescentes conversam sobre essa etapa de suas vidas.

Observação:

¹⁸ Idem.

- Podem surgir situações como o primeiro beijo, o primeiro não, a primeira transa e outras. O coordenador não deve sugerir, ele deve esperar trabalhar com o material que surge do grupo, inclusive com o silêncio e as inibições que possam eventualmente aparecer, tentando apontar seu significado. Avançar no tema com a montagem de uma história, a partir da lista por eles elaborada. Montam a história, criam personagens e enredos. Encenam ou relatam para o grupo e juntos discutem as cenas.

Oficina 4 - Revisitando a adolescência¹⁹

Objetivos:

- Ampliar a compreensão dos processos de transformação corporal, psicológica e social que ocorrem na puberdade e na adolescência;
- Identificar os preconceitos sobre a adolescência, difundidos em nossa sociedade, e seus impactos na comunicação entre gerações e na educação;
- Explorar as possibilidades de ampliar a comunicação entre profissionais de educação, adolescentes e jovens, preservando a intimidade das pessoas envolvidas.

Tempo de duração: ±1 hora e 20 minutos

Material necessário: cópias do texto de apoio

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta o tema da oficina e solicita que, individualmente, os participantes reflitam sobre suas experiências pessoais da puberdade e da adolescência, considerando algumas das seguintes questões, que são apresentadas paulatinamente:
 - Qual a minha lembrança mais marcante da adolescência?
 - Quais foram minhas maiores alegrias nessa fase da vida?
 - Quais foram meus maiores temores e dificuldades?
 - O que eu pensava sobre os adultos que me cercavam (pais e professores, profissionais de saúde, principalmente)?
 - Que partes do meu corpo eu mais gostava nessa fase da vida?
 - Que partes do meu corpo eu não gostava?
 - O que eu mais gostava de fazer junto com as outras pessoas da minha idade?
 - Eu tinha uma “turma”? Se sim, o que nos unia?
- O coordenador pede aos participantes que registrem suas lembranças;
- Em seguida o coordenador estimula o grupo a discutir como os adolescentes se comportam atualmente fazendo um paralelo com as sensações e experiências recordadas na fase anterior da atividade;
- O coordenador questiona junto com os participantes em que medida essas reflexões são importantes para a realização de um trabalho educativo junto a adolescentes e jovens que considere a realidade local;

¹⁹ Técnica extraída e adaptada do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

- Como encerramento da oficina, realiza-se a leitura conjunta do texto de apoio indicado a seguir.
- Pode-se também abordar a vivência da sexualidade na adolescência utilizando o vídeo “Aninha do Beto”, produzido pelo Programa Nacional de DST e Aids, Ministério da Saúde, 2004.

Comentário:

- O cuidado com a privacidade e a forma de tratamento das recordações pessoais deve ser compreendido como um exercício de postura do educador;
- A publicação O Projeto Saúde na Escola: Texto de Apoio, indicada na bibliografia, aborda o tema da sexualidade na adolescência e pode ser consultada para apoiar o facilitador no desenvolvimento desta oficina;
- Nesta oficina, é importante trazer à tona os estereótipos ligados à adolescência, questionando expressões como “aborrescentes” e lembrando que vivemos adolescências muito diferentes conforme nossas condições de vida.

Texto de apoio**...Adolescência²⁰**

A adolescência tem sido aclamada, tem ocupado a agenda de profissionais das mais diversas áreas e está na ordem do dia da discussão de políticas públicas. Além disso, ocupa os noticiários dos meios de comunicação, em especial os horários e páginas policiais. A adolescência, este lugar construído historicamente que, atualmente, iguala as diferenças pretende tornar a todos, um ser único: “adolescente é tudo igual, só muda de endereço”, dizem os pais, professores, comunicólogos.

Espera-se que ao chegar na adolescência, a idade da contestação, toda sorte de dificuldades surja. Aquele menino passa a ser malcriado, a mentir, a não concordar com nada e aquela menina não aceita que a mãe escolha seus vestidos, fica ao telefone por horas, começa a ir mal na escola. Os pais passam toda a infância dos filhos esperando a adolescência chegarem para, finalmente, poder amargar-se na dura missão de serem pais e mães dos famigerados adolescentes.

²⁰ CASTRO; SILVA (2005).

“Agora a preocupação é outra, eu não durmo enquanto meu filho não chega”. Quanto mais difícil a relação, mais provas de amor os pais pensam que estão dando. Este conceito de adolescente revoltado, irresponsável e mal-humorado, está descrito nos livros e manuais de pedagogia, de psicologia e de medicina. O próprio conceito patologiza e faz a sociedade crer que o adolescente é problema e que portanto, precisa da paciência da sociedade, da escola e da família para esperar esta fase passar.

Como os adultos, responsáveis pela formação das crianças e dos adolescentes, realizam este “treinamento” para transformá-los em “adolescentes-problema”? Que instrumentos sutis são utilizados para criar este adolescente que temos hoje? Como o mundo adulto - e aqui lembramos a família, os meios de comunicação e em especial a TV, a escola e todas as instituições adultas, responsáveis pela educação das crianças - define as etapas pelas quais o ser humano passa, assim como os padrões de convivência e a distribuição dos direitos e das responsabilidades para cada uma delas?

Neste jogo de rótulos, a marca que se cria é de que os e as adolescentes não são capazes de cuidar de si mesmos, de criar, de pensar e de atuar como sujeitos construtores de sua história e da história de seu tempo. De fato, são “o” problema.

Entretanto não são somente este e esta adolescente que estão presentes na sociedade. Existe adolescente responsável, participante, sensível, crítico, engajado, sonhador, perspicaz... adjetivos inexistentes nos manuais que até aqui rotularam todos aqueles que são o motivo deste artigo. Adolescentes que planejam, pesquisam, executam, avaliam os resultados, consertam, caminham para novas descobertas, aprendem a ouvir, a entrevistar, a reconhecer os empecilhos e limites, a buscar novas maneiras de agir, a argumentar, a ceder, a ousar, adolescentes que agem como cidadãos e cidadãs e que estão longe de representar um problema para a sociedade.

Esta possibilidade de se reconhecer como cidadão e cidadã tem tido seu início no trabalho voluntário quando ele ou ela elege como sendo a maneira que encontrou para contribuir para que as injustiças sociais diminuam e a sua própria auto-imagem se transforme. Este ato de doar seu tempo, trabalho e talento para uma causa em que acredita já o e a torna diferente.

Caminhando na contramão dos conceitos estagnados, inventados para categorizar, estamos nos dispondo a ouvir jovens para saber deles e delas o que a

eles e a elas pertence, as identidades e as subjetivações que construíram rompendo com o que deles e delas foi esperado.

Portanto agora, neste texto, trazemos a fala de uma adolescente: Batalhamos para que cada vez mais adolescentes descubram o prazer de participar. Preocupamos nos ver que muitos adolescentes cumprem o lema com que foram educados: acreditam que são chatos, que são fúteis, que são insensíveis, alienados, aborrescentes e que só sabem contestar. Estes que são educados desde pequenos para tornarem-se este tipo de adolescente comportam-se de modo a fazer jus à expectativa, ou seja, tornam-se chatos(as), fúteis, insensíveis, alienados e enfim aborrescentes. Os adultos, bons mestres, os treinam para cumprir este legado e assim manter as relações de poder que tornam as coisas estáveis e previsíveis.

Tema 05 - Nosso corpo em transformação

O corpo se transforma constantemente ao longo da vida. É preciso aprender com as mudanças, desenvolvendo hábitos saudáveis de higiene e atitudes preventivas quanto a doenças.

É preciso cuidar do corpo, isto não se discute. E mais, é preciso conhecê-lo. Conhecer nosso próprio corpo é aprender a respeitar seus limites e desenvolver suas potencialidades.

O corpo é um conjunto de sistemas interligados que vai muito além do aspecto biológico. Ele inclui emoções, sentimentos e sensações.

Finalidades:

- Promover uma reflexão individual e coletiva sobre a anatomia e fisiologia humana;
- Ampliar a compreensão dos processos de transformação corporal, psicológica e social que ocorrem na puberdade e na adolescência;
- Trabalhar questões relacionadas ao corpo, tais como: mudança corporal decorrente do crescimento, diferenças corporais entre meninos e meninas, detalhamento do corpo masculino e feminino pensando nas questões físicas e culturais envolvidas.

Oficina 1 - Anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais²¹

Objetivo:

- Aprofundar conhecimentos sobre a anatomia e a fisiologia humana, em particular dos órgãos sexuais e dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos na vida adulta.

Duração: ± 2 horas

Material: Folhas de papel grandes, canetas de ponta grossa, desenhos recortados dos órgãos sexuais masculinos e femininos e fita crepe.

Nota:

Sugere-se, para realização desta oficina, o convite a um profissional de saúde que possa, ao final da oficina, esclarecer dúvidas e fazer uma síntese dos conteúdos tratados, de acordo com as necessidades do grupo.

²¹ Técnica extraída e adaptada do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

Desenvolvimento:

- O coordenador pede que dois voluntários, um homem e uma mulher, sirvam de modelo para traçar o contorno dos corpos em um papel grande o suficiente;
- Feitos os contornos, as folhas de papel são afixadas em local visível para todos. Os participantes escolhem nomes para o boneco e para a boneca desenhados;
- O coordenador apresenta desenhos, em tamanho real, dos órgãos sexuais masculinos e femininos recortados, entregando, um a um, para que sejam colados nos cartazes;
- Enquanto se realiza a colagem, o coordenador pergunta aos participantes o que sabem sobre o funcionamento de cada órgão;
- Ao final do exercício, realiza-se uma avaliação dos conhecimentos a serem aprofundados e dos interesses e dúvidas dos participantes;
- O profissional de saúde convidado realiza uma exposição dialogada, de acordo com as necessidades de aprendizagem do grupo.

Comentário:

- É importante que sejam compartilhadas fontes de pesquisa e materiais que poderão ser utilizados para o aprofundamento dos estudos ou para a preparação de atividades com adolescentes e jovens.

Oficina 2: Corpo Reprodutivo²²**Objetivo:**

- Conhecer o corpo reprodutivo – feminino e masculino – de forma participativa e de modo a perceber que do corpo também fazem parte as características psicológicas, a história pessoal e as relações que se estabelecem com as pessoas, seu meio social e sua cultura.

Duração: ±1 hora

Material: Folhas de papel pardo ou manilha, canetas hidrográficas coloridas, fita adesiva, barbante, cola, revistas, purpurina.

Desenvolvimento:

- Dividir os participantes em quatro grupos e informar que a proposta é a de que dois grupos desenhem o corpo de um homem e os outros dois, o corpo de uma mulher.
- Solicitar que dois homens e duas mulheres deitem nas folhas e papel pardo e que os demais componentes do grupo desenhem, primeiramente, o contorno do corpo; e que, depois, os voluntários se levanten e todos desenhem as partes do corpo de que se lembram (interno e externo), não se esquecendo de desenhar o corpo reprodutivo feminino e masculino.
- Pedir que pensem em uma identidade para os personagens desenhados, colocando tudo que acharem necessário: características, adereços, nome, profissão, idade, gostos, etc. Quando todos tiverem apresentados os

²² Técnica extraída do caderno de capacitação Sexualidade prazer em conhecer.

desenhos, corrigir ou acrescentar as partes do corpo reprodutivo feminino e masculino que não foram contempladas.

Pontos para discussão:

- O que foi mais difícil de desenhar?
- Como acontece a fecundação?
- O que é menstruação?
- Quantos dias por mês a mulher está fértil? E o homem?
- Quem tem que pensar na contracepção: o homem ou a mulher?

Fechamento:

- Observe os desenhos e explore os estereótipos que possam ter surgido, como por exemplo: na figura da mulher se teve mais preocupação com a beleza do que na masculina; na do homem, com a força física ou com o desempenho sexual, etc.
- Explique que quando falamos em corpo, não estamos somente falando em físico, mas também no jeito de ser de cada pessoa, seus afetos, sua cultura e suas expectativas.

Oficina 3 - O corpo tem alguém como recheio²³**Objetivos:**

- Explorar o conceito de corpo, além de organismo biológico;
- Compreender a importância de valorizar as dimensões afetivas e sociais da educação e da atenção à saúde da população adolescente e jovem.

Duração: ± 1 hora e 20 minutos

Material necessário: lousa e giz, cópias do texto de apoio, folhas grandes ou rolo de papel pardo, canetas de ponta grossa, fita crepe e filipetas.

Desenvolvimento:

- O coordenador pede a dois voluntários (um homem e uma mulher) que se deitem sobre as folhas de papel, para que sejam feitos, pelos colegas, desenhos do contorno de seus corpos;
- Os cartazes com os contornos são colados na parede para que sejam incluídos, por todos os participantes, desenhos, símbolos ou palavras que representem detalhes da aparência externa e dos órgãos existentes no corpo do homem e da mulher;
- Ao final desta etapa, o coordenador distribui aos participantes as filipetas, para que sejam escritos, na forma de uma palavra ou frase curta, alguns sentimentos humanos considerados mais significativos;
- As filipetas são afixadas, pelos próprios participantes, na parte dos corpos consideradas mais ligadas aos sentimentos indicados;
- O coordenador procura sintetizar os resultados das colagens e abre-se um debate com vistas à identificação das expressões do grupo, lançando mão de algumas questões orientadoras:

²³ Técnica extraída do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

- Houve mais facilidade para desenhar as partes do corpo feminino ou masculino?
- A inclusão de palavras e desenhos no corpo masculino e no feminino foi diferente?
- A localização dos sentimentos seguiu certo padrão ou foi muito variada? Foi diferente para a figura do homem e para a figura da mulher?
- O coordenador organiza a leitura coletiva e discussão do texto de apoio, abrindo para esclarecimentos e discussão ao final de cada parágrafo ou sempre que necessário;
- O coordenador apresenta os objetivos da oficina e coloca as seguintes questões:
 - Com quais objetivos é realizado hoje o ensino do funcionamento do corpo humano nas instituições nas quais atuamos?
 - As estratégias utilizadas favorecem o alcance desses objetivos e levam em conta as dimensões psicossociais do cuidado do corpo e da saúde?

Texto de apoio

Na educação escolar de muitas pessoas que hoje são profissionais da educação e da saúde, o estudo do corpo humano foi realizado por meio de comparações com uma máquina. Nas primeiras séries, eram estudadas as partes da máquina que podiam ser vistas. Nas séries mais adiantadas, o corpo ia ganhando um conjunto cada vez maior de órgãos e sistemas articulados numa engrenagem complicada e admirável!

O estudo da sexualidade era restrito à biologia, ou, fora da aula de ciências, à afirmação de regras morais. Seria esta uma maneira “científica” de aprender sobre esse corpo, que é nosso meio de conhecer e experimentar o mundo e por meio do qual vivemos e expressamos nossa sexualidade?

Na realidade, todo processo educativo inclui uma carga emocional e afetiva, que se expressa na seleção dos conteúdos e na forma como eles são ensinados. As pessoas, por sua vez, aprendem com seu próprio corpo, que pensa e sente. Mesmo sem perceber, incorporamos valores, preconceitos e ideologias às informações científicas relacionadas ao corpo e, em especial, às relacionadas à sexualidade.

A forma tradicional de abordar esses conteúdos, baseada apenas na informação sobre anatomia e fisiologia, leva a um distanciamento entre a aprendizagem escolar e a vida das pessoas em sociedade. Para aprender “para a vida” é necessário promover a compreensão e a valorização de corpos reais, de pessoas reais: com características biológicas, com história, cultura e também com atitudes, comportamentos, habilidades e limitações. Corpos de pessoas com valores,

desejos e fantasias, que têm relação direta com as épocas e os lugares em que elas vivem e constroem suas relações.

Quando pensamos em cuidado do corpo, percebemos que a atuação dos profissionais de saúde também passou a ser fortemente baseada no tratamento de órgãos, sinais e sintomas. Muitos profissionais e serviços de saúde passaram a organizar suas práticas em torno de procedimentos que não tomam em conta as necessidades e características de seus “pacientes”. Chegamos a uma situação na qual a humanização da assistência em saúde aos seres humanos tornou-se prioridade! Será que esta tendência é inevitável?

Tema 06 - Relações de gênero

O termo “gênero” define o conjunto de papéis sociais atribuídos a cada sexo. Esses papéis não são fixos, variam de acordo com a época e as tradições. Mas os padrões tradicionais muitas vezes entram em conflito com novas realidades ao exigir que as pessoas adotem este ou aquele comportamento. Os padrões permanecem e nos influenciam de muitas formas.

Finalidades:

- Propiciar condições para que os participantes possam refletir sobre os estereótipos de gênero;
- Promover a reflexão e o debate sobre o papel da escola em relação às desigualdades de gêneros;
- Propiciar condições para que os participantes possam discutir, identificar e reconhecer os papéis sexuais entre homens e mulheres na sociedade.

Oficina 1 - Identificando estereótipos²⁴

Objetivos:

- Identificar e refletir acerca de estereótipos para o comportamento masculino e feminino;
- Compreender e debater o conceito de gênero;
- Trocar experiências e idéias sobre como enfrentar as desigualdades nas relações de gênero no cotidiano da atuação profissional.

Duração: ⁺ 1 hora e 40 minutos

Material: folhas de papel para a elaboração de cartazes, canetas de ponta grossa, fita adesiva, lousa e giz.

Desenvolvimento:

- O coordenador pede aos participantes que formem quatro grupos, dando a cada um deles uma tarefa. Dependendo da composição do grupo, agrupam-se homens e mulheres para a realização da tarefa.
 - Grupo 1: descrever o homem ideal, segundo a forma de pensar mais comum entre os homens;
 - Grupo 2: descrever o homem ideal, segundo a forma mais comum de pensar entre as mulheres;
 - Grupo 3: descrever a mulher ideal, segundo a forma de pensar mais comum entre os homens;
 - Grupo 4: descrever a mulher ideal, segundo a forma mais comum de pensar entre as mulheres;

²⁴ Técnica extraída do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

- Os subgrupos apresentam os resultados de seu trabalho e abre-se uma rodada para a livre expressão dos participantes, na qual o facilitador pode colocar algumas questões para fomentar o debate, entre elas:
 - Cada participante se sente retratado ou retratada nas descrições de homem e de mulher apresentadas?
 - Como podem ser explicadas as diferenças e semelhanças encontradas nas descrições dos quatro grupos?
 - Podem ser lembradas obras de arte (músicas, filmes, poemas) que espelham diferentes imagens do masculino e do feminino?
- Ao término dos comentários sobre o exercício realizado, o facilitador apresenta os objetivos da oficina e distribui cópias do texto de introdução dessa unidade para leitura e discussão coletiva, interrompendo a cada parágrafo ou sempre que necessário;
- Propõe-se aos participantes que se reúnam em pequenos grupos para trocar experiências sobre as seguintes questões:
 - A escola e os serviços de saúde reforçam as diferenças entre os sexos de forma preconceituosa? De que maneiras?
 - Em quais aspectos a nossa atuação, no que diz respeito às relações de gênero, influencia a formação para a cidadania de adolescentes e jovens?
 - Como é possível, no dia-a-dia de nosso trabalho, contribuir para a igualdade de gênero?

Oficina 2: Ser homem e ser mulher²⁵

Objetivo:

- Discutir as diferenças entre homens e mulheres; as transformações dessas diferenças em desigualdades e o gênero como uma construção social.

Duração: 40 minutos

Material: Tiras de papel, canetas, fita crepe.

Desenvolvimento:

- Distribua 2 tiras de papel, uma caneta e dois pedaços de fita crepe para cada participante.
- Peça que, individualmente, escrevam as características femininas e masculinas e as diferentes mensagens que são passadas para as meninas e meninos. Lembre que deve haver uma característica por tira. Pode-se dar algum exemplo: menina não se senta de perna aberta ou menino não chora. Sugira também que pensem nos brinquedos e brincadeiras que são dados para meninas e meninos diferentemente.
- Quando tiverem terminado de escrever suas tiras, peçam que duas pessoas venham até à frente, de preferência uma mulher e um homem, para servirem como modelos. Solicite que tragam suas tiras e a fita crepe. Na falta de um dos sexos solicite que uma das pessoas represente o sexo oposto.
- Solicite que a mulher que está na frente cole no homem as tiras que escreveu sobre as características masculinas. Esta colagem deve ser feita na região do

²⁵ Técnica extraída do caderno Sexo sem Vergonha. São Paulo: ECOS, 2001.

corpo que ela achar mais adequada. Por exemplo: força pode ser colocada no bíceps. Depois que tiver terminado, peça que o homem faça o mesmo com as que ele escreveu sobre a mulher.

- Peça que cada pessoa venha até a frente e faça o mesmo com suas tiras, lembrando que elas devem ser coladas na parte do corpo que mais representa aquela característica/mensagem.
- Peça que examinem como ficaram os modelos e que conclusões se é possível tirar do exercício.

Pontos para discussão

- O que é ser mulher?
- O que é ser homem?
- Quais as diferenças entre ser mulher e ser homem?
- Quais dessas diferenças são biológicas? Quais são construídas socialmente?
- Quais as situações onde estas diferenças se tornam desigualdades?
- Como a escola poderia contribuir para modificar essa situação?
- Como a escola poderia trabalhar a questão do gênero no currículo escolar? E nas atividades extracurriculares? E em qualquer atividade educativa?

Oficina 3: Porque tanta diferença?²⁶**Objetivo:**

- Discutir como os participantes percebem os papéis sexuais entre homens e mulheres na sociedade.

Duração: 40 minutos.

Material: Folhas de papel sulfite, canetas e cartolinas ou papel manilha.

Desenvolvimento:

- Dividir os participantes em 03 grupos: 01 grupo do sexo masculino; 01 grupo do sexo feminino; 01 grupo misto.
- Solicitar a cada grupo que discutam:
 - As vantagens e desvantagens de ser mulher.
 - As vantagens e desvantagens de ser homem.
- Após a discussão, deverão preparar uma lista com as referidas vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher.
- Após a montagem da listagem, cada grupo apresenta seus resultados.

Observação:

Nesta dinâmica de grupo, é proposital que os homens pensem sobre as vantagens e, às desvantagens de ser mulher e vice-versa. Dessa forma, um sexo se colocará no lugar do outro.

Sugestões para reflexão:

- Qual a origem dessas diferenças?

²⁶ Técnica e extraída e adaptada da Revista Adolescer.

-
- Como essas diferenças são vistas em outras sociedades?
 - Como essas diferenças afetam a vida dos homens e das mulheres?
 - Quais das vantagens de ser homem ou mulher são reais e quais são estereotipadas?
 - É possível ser homem e exercer alguns dos tópicos listados em "mulher" e vice-versa?

Tema 07 - Identidade Sexual e Orientação do desejo

O preconceito existe em toda parte, mas nem todos têm preconceito. O preconceito não é só da cor da pele da pessoa, mas também social, sexual e físico. O preconceito social seria as diferenças das classes sociais; o preconceito físico pode ser exemplificado quando empresas descartam a possibilidade de um deficiente físico trabalhar; e o preconceito sexual quando as pessoas excluem os homossexuais.

Finalidades:

- Identificar as dimensões biológicas, afetivas e socioculturais das expressões da sexualidade na vida pessoal e social;
- Mobilizar para o respeito à diversidade humana nas formas de expressão dos desejos sexuais;
- Refletir sobre os desejos e manifestações afetivo-sexuais manifestadas na diversidade humana.

Oficina 1 - A orientação sexual do desejo²⁷

Objetivos:

- Reconhecer e refletir sobre a diversidade humana quanto aos desejos e manifestações afetivo-sexuais;
- Identificar e questionar as manifestações de homofobia em nossa sociedade;
- Estabelecer diferenças entre a educação para a vivência prazerosa e responsável da sexualidade e a expectativa de influenciar a orientação sexual do desejo das pessoas.

Duração: ± 1 hora

Material: cópias do texto de apoio.

Desenvolvimento:

- O coordenador organiza a leitura coletiva do texto: No país de Blowmink;
- Ao final da leitura, abre-se a roda para comentários e respostas às perguntas colocadas no final do texto;
- O coordenador pode colocar algumas questões para alimentar o debate, entre elas:
 - Vivemos situações semelhantes em nosso cotidiano, com os papéis invertidos?
 - Que atitudes são mais comuns em nossa realidade, diante desse tipo de situação?

²⁷ Técnica extraída do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

- As pessoas que vivem os seus desejos afetivos e sexuais de forma considerada fora do padrão tendem a ser excluídas?
- A escola e os serviços de saúde desempenham um papel importante no enfrentamento dessas situações? Poderiam representar?
- Terminada essa etapa, o coordenador distribui cópias do texto de apoio para leitura posterior e apresenta um resumo do texto, destacando os quatro pilares da sexualidade descritos pelo autor. Podem ser lidos, em conjunto, alguns parágrafos de texto previamente selecionados;
- O coordenador retoma os objetivos da oficina e abre-se uma roda para a livre expressão dos participantes.

Texto de apoio

No país de Blowmink²⁸

Blowmink é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo, atração ou tesão nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowmink, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowmink e freqüentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola. Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude. Mas uma tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hetero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

²⁸ PICAZIO, 1998, p. 36-37.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowmink. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente.

Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.

Questões

- O que Marina e Ivan poderiam fazer para viver melhor no país onde moram?
- O que Marina e Ivan poderiam fazer para viver melhor com seus pais e amigos?
- O que você poderia fazer para que Ivan e Marina vivessem melhor?

Existem ainda pessoas que têm uma identidade sexual oposta a seu sexo biológico, chamadas transexuais. A identidade sexual está muito mais vinculada à idéia de quem acreditamos ser. Ela é formada ao longo da vida através da imagem física, de como a pessoa é tratada e como ela se sente.²⁹

Papéis sexuais podem ser definidos como comportamentos masculinos ou femininos dos indivíduos na sociedade. Como vimos, a identidade sexual, que é um sentimento interno, geralmente se manifesta em um comportamento externo, que denominamos papel social sexual. [...] Quem desempenha papéis sexuais diferentes dos habituais [...] muitas vezes é denominado homossexual. Uma mulher não é homossexual por jogar futebol, não importa quão “machona” ela pareça. Ela é homossexual apenas se deseja sexualmente uma outra mulher. Um marido que resolva ficar cuidando dos filhos e dos afazeres do lar estará contrariando um papel

²⁹ PICAZIO, 1998, p. 19-34, (grifo nosso).

sexual do homem, mas isto, obviamente, não quer dizer que este homem seja homossexual. Não há correspondência entre os papéis sexuais que adquirimos e a nossa orientação afetiva sexual.

A **orientação do desejo**, também chamada de orientação sexual, é o sentimento de atração direcionado a pessoas com quem desejamos nos relacionar amorosa e sexualmente. Esse talvez seja o conceito mais difícil de ser entendido, por que ele independe de uma escolha consciente ou de um aprendizado e, na literatura, não se encontram definições claras a respeito.

A orientação do desejo é a moradia dos nossos amores e desejos eróticos, nossas fantasias e paixões. É a orientação do desejo que indica a pessoa sexual (homem ou mulher) que nos atrai e, também, o seu tipo. Existem várias teorias sobre a formação da orientação do desejo sexual. O que se acredita é que uma junção de vários fatores psicológicos, genéticos e sociais determina a orientação de nossos desejos. O mais importante, porém, é termos claro que a atração pela pessoa amada não é uma opção. [...] Se há uma escolha, ela é inconsciente [...]. Existem vários estudos que tentam mostrar a existência de uma configuração genética do DNA que determinaria a homo ou a heterossexualidade, mas ainda são estudos e nada há de certo. De qualquer modo, somos muito mais passivos do que pensamos em relação a quem vamos dirigir o nosso desejo.

São estes **quatro pilares** que vão determinar em estrutura, forma e ação, a sexualidade de cada um. As inúmeras variações que podemos perceber entre estes quatro elementos propiciam diversidades de expressão da sexualidade. [...] Talvez seja importante que as pessoas reflitam sobre seus posicionamentos. Será que são as pessoas quem têm de se moldar aos padrões tidos como “normais” da sociedade? Ou é a sociedade - nós mesmos - que deve aceitar a diversidade e mudar seus padrões?

Oficina 2 – Homossexualidade na escola³⁰

Objetivos:

- Refletir criticamente sobre o tratamento dado a pessoas homossexuais na comunidade escolar e nos demais espaços de convivência social;
- Mobilizar-se para o respeito à diversidade sexual humana.

Duração: ±1 hora

³⁰ Técnica extraída do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação saúde.

Material: cópias do texto de apoio

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta os objetivos da oficina e esclarece que será utilizado um texto no qual a expressão “orientação sexual” é usada no sentido de “objeto do desejo” ou atração sexual. Esta expressão também pode ser usada no sentido de educação sexual;
- Organiza a leitura conjunta do texto Homossexualidade, interrompendo sempre que seja solicitado algum esclarecimento, ou seja, colocada alguma questão em debate;
- Após a leitura e discussão do texto, o coordenador aborda, junto com os participantes, como a escola encara esta questão. Como encerramento da oficina, pede aos participantes que procurem sugerir diferentes formas de responder às questões relativas à orientação sexual do desejo que podem ser colocadas por adolescentes e jovens.

Sugestão:

- Pode-se também abordar a temática da homossexualidade utilizando o vídeo "Pra que time ele joga?", produzido pelo Programa Nacional de DST e Aids, Ministério da Saúde, 2003. No vídeo, a orientação sexual é apresentada como algo que se define na vida das pessoas, especialmente na adolescência, quando a pessoa se “descobre” como hetero, homo ou bissexual. Mas não existe uma opinião unânime de que esta orientação seja tão clara nem tão definitiva na vida das pessoas.

Texto de apoio

Homossexualidade³¹

Homossexual é a pessoa que sente desejos afetivos e sexuais pela pessoa do mesmo sexo. Tomando como referência os quatro pilares citados no texto da oficina anterior, concluímos que a orientação sexual pode ser o único aspecto que difere entre as pessoas homossexuais e heterossexuais. Mas muitas pessoas confundem orientação sexual com identidade de gênero ou com papel social. Entretanto, uma mulher que tem atração sexual por outras mulheres não necessariamente se comporta como homem. Ao mesmo tempo, um cabeleireiro ou um homem que não goste de futebol podem ser tanto hetero como homossexuais.

³¹ PICAZIO, 1998, p. 30-33.

Não se sabe ao certo o que faz alguém se sentir atraído por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Existem numerosos estudos e pesquisas nas áreas das ciências humanas e biológicas que tentam explicar esse fenômeno, porém não há nenhuma teoria conclusiva a esse respeito. Embora algumas pesquisas apontem um componente biológico na homossexualidade, não está comprovada a existência de um gene responsável pela orientação sexual.

Nenhuma pessoa nasce heterossexual ou homossexual: nascemos homem (sexo masculino-biológico) ou mulher (sexo feminino-biológico) e, em alguns casos mais raros, com os dois sexos (pessoas hermafroditas). No seu desenvolvimento, a criança aprende a se comportar de acordo com o que a sociedade – família, amigos, escola – espera de uma pessoa do seu sexo biológico. Dessa forma, a criança aprende sua identidade de gênero, isto é, ela passa a se identificar com o gênero masculino ou feminino, reproduzindo o comportamento de homens e mulheres que estão à sua volta.

Na Grécia antiga a homossexualidade era cultivada e era considerada como uma relação mais nobre se comparada com a relação entre homem e mulher. Esperava-se que um grego da alta sociedade se apaixonasse por um rapaz, mas que tivesse uma família e uma esposa com quem tivesse uma relação de natureza diferente, também regida pelas normas sociais. Com este exemplo podemos observar que o critério de aceitação das diferentes formas de sexualidade depende do contexto histórico/cultural em que vivemos.

Em nossa sociedade, não é fácil para uma pessoa admitir a sua homossexualidade. Perceber-se sentindo desejo por um igual, em uma sociedade onde isto ainda é visto, no mínimo, como inferioridade, é muito complicado. De repente, a pessoa sente coisas que provavelmente ela mesma condena nos outros. Suas impressões a respeito de si mesma, conjugadas ao preconceito vigente, levam a uma auto-desvalorização, fazendo com que se negue como pessoa e fuja de si mesma, às vezes atacando um outro homossexual para, assim, tentar distanciar-se do seu desejo.

Os/as homossexuais têm vontade de ter uma profissão, viver relações afetivas e sexuais, fazem planos, têm conflitos, como todo mundo. Porém, sofrem uma grande carga de discriminação por parte da sociedade, o que torna difícil poderem manifestar em público seu amor e afeto pelo/a parceiro/a. Além disso, sofrem muitas outras formas de violência, envolvendo familiares, vizinhos, colegas de trabalho ou

de instituições públicas como a escola, o serviço de saúde, a justiça ou a polícia. A homofobia (aversão a homossexualidade) ainda é um dos principais preconceitos da nossa sociedade, e pode se manifestar através de um xingamento ou até mesmo de um espancamento. Pesquisas recentes nos mostram a violência cotidiana que muitos/as homossexuais enfrentam, que englobam a humilhação, a ofensa e a extorsão³².

A constituição do nosso país garante a igualdade de direitos, independente de classe social, raça, origem, sexo e orientação sexual. Contudo, na prática a discriminação das pessoas em função de suas diferenças é uma realidade. Segundo pesquisa da UNESCO realizada em 2004, cerca de um quarto dos estudantes ouvidos não gostariam de ter um colega de classe homossexual e, entre professores, a rejeição explícita à homossexualidade também apareceu, ainda que em grau menor.

Familiares, educadores, profissionais da saúde, justiça, enfim, a sociedade, precisa se comprometer com uma educação e serviços em que as formas de violência não façam parte do cotidiano de milhares de homossexuais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é um instrumento legal que também defende a livre orientação sexual dos/as jovens – artigos 15, 17 e 18.

Muitas pessoas aconselham ou até forçam mulheres e homens homossexuais a experimentar relacionar-se com uma pessoa de sexo diferente do seu. Ninguém pede a um heterossexual que tenha relações com alguém do mesmo sexo para saber do que mais gosta. A homossexualidade não é uma opção, o que é muito importante de ser levado em conta. [...] Meninas e meninos homossexuais sentem o seu desejo da mesma forma espontânea que os heterossexuais, não havendo a escolha consciente que a palavra “opção” implica. Um homossexual não é um hetero frustrado. A frustração dos homossexuais pode residir no fato de não terem a mesma aprovação social que os heteros. Muitas pessoas heterossexuais deixam de ter amizade com homossexuais depois que isso fica revelado. Ficam indignadas com essa orientação sexual, como se o outro fosse culpado ou vitimado por ter esse desejo. Há trinta anos a homossexualidade perdeu seu caráter de doença. Foi eliminada do Código Internacional de Doenças (CID), e tentativas de “cura” foram publicamente repudiadas pelo Conselho Federal de Psicologia em 1999.

³² BRASIL sem homofobia: programa de combate à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

Comentários

- A oficina busca gerar uma oportunidade para questionar os preconceitos e debatê-los, no sentido de promover a aprendizagem para conviver com a diversidade, respeitá-la e valorizá-la como uma característica humana. Mas o importante não é chegar a opiniões definitivas ou a consensos. As conclusões “rápidas” sobre o assunto podem ser declarações de princípios genéricas, que não refletem atitudes reais, pois a homofobia é muito presente em nossa sociedade. Como acontece muitas vezes com a questão racial, podemos afirmar que “não temos preconceitos” embora eles se revelem em nossas atitudes e comportamentos cotidianos;

Tema 08 - Preconceitos e tabus

Toda sociedade tem preconceitos e tabus que, de algum modo, impõem irracionalmente certas formas de conduta. Será muito difícil para você viver, como membro de um grupo social, sem que estes preconceitos e tabus exerçam influência em sua conduta.

Normalmente o preconceito é causado pela ignorância, isto é, o não conhecimento do outro que é diferente, levando à discriminação, à marginalização e à violência enquanto os tabus são as proibições que são impostas pela tradição e não podem se violadas.

Finalidades:

- Promover a reflexão sobre o preconceito e a discriminação em relação aos papéis de gênero e orientação do desejo;
- Promover debates sobre as diferentes formas de discriminação presentes em nossa vida social;
- Identificar possíveis formas de exercício da discriminação ou da solidariedade na vivência escolar.

Oficina 1: Campanha contra o preconceito³³

Objetivos:

- Incentivar a reflexão sobre o preconceito e a discriminação.
- Rever estereótipos e preconceitos, especialmente em relação aos papéis de gênero e orientação do desejo.
- Compreender o que se entende por homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e transexualidade.

Duração: 30 min

Material: Som, CDs, fita crepe e etiqueta adesiva.

Desenvolvimento:

- Propor ao grupo a vivência de uma situação de discriminação.
- Explicar que cada participante receberá na testa uma etiqueta com uma palavra que represente um rótulo discriminatório que circula na sociedade. Dar exemplo para que o grupo compreenda do que se trata. **Sugestões de rótulos:** negão, bicha, boiola, sapatão, loira burra, galinha, vagabundo, puta, boazuda, solteirona, pivete, caipira, favelado, mãe solteira, drogado, bobão, beata, menino de rua, etc.
- Deixar que a discussão se prolongue por tempo suficiente para que as pessoas sintam o efeito do rótulo ou até deduzam que rótulo receberam.

³³ Técnica extraída e adaptada do GUIA de Oficinas - Programa de Educação Afetivo-Sexual – PEAS.

- Solicitar que todos retirem os rótulos e abrir espaço para que os participantes expressem o que sentiram e perceberam.
- Informar e refletir sobre as questões do preconceito e discriminação.

Oficina 2 - Discriminação X Solidariedade³⁴

Objetivos:

- Identificar e debater as diferentes formas de discriminação presentes em nossa vida social;
- Reconhecer a importância do desenvolvimento de uma cultura solidária;
- Identificar possíveis formas de exercício da discriminação ou da solidariedade na vivência escolar.

Duração: ± 1 hora e 40 minutos

Material necessário: recursos para a elaboração e apresentação das cenas a serem dramatizadas.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta os objetivos da oficina e solicita aos participantes que formem quatro grupos para a elaboração de uma cena curta, a ser dramatizada, na qual o personagem central está sendo vítima de discriminação e preconceito:
 - Grupo 1: pessoa portadora do HIV
 - Grupo 2: pessoa usuária de drogas
 - Grupo 3: pessoa negra
 - Grupo 4: pessoa homossexual
- Os grupos elaboram e apresentam as cenas e abre-se uma roda para a livre expressão dos participantes sobre essa experiência. O coordenador coloca, para orientar o debate, as seguintes questões:
 - Quais sentimentos são mobilizados quando discriminamos as pessoas?
 - Quais sentimentos são mobilizados quando somos vítimas de discriminação?
 - Das situações dramatizadas, qual é fonte de maior discriminação em nossa realidade?
- O coordenador organiza uma discussão sobre os significados da solidariedade e as possibilidades de atuação para o desenvolvimento de uma cultura mais solidária no âmbito das instituições de atuação dos participantes do grupo;
- Como encerramento da oficina, pergunta-se aos participantes como seria possível alterar as cenas apresentadas de forma que expressassem solidariedade às pessoas que estavam sendo discriminadas.

³⁴ Técnica extraída do Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação.

Tema 09 – Masturbação

Na adolescência, a produção de hormônios e os novos interesses tornam o desejo sexual intenso. O desejo gera uma tensão e a masturbação é uma das maneiras de liberar essa tensão. O ato de acariciar os próprios genitais assume um caráter erótico, com intenção de satisfação sexual.

A masturbação, em geral, vem carregada de culpa e medo, pois, nossa sociedade, há muitos séculos, vem associando o prazer à culpa. Por isso, muitas fantasias ainda envolvem o assunto.

No entanto, muitos especialistas entendem que a masturbação na adolescência é fundamental para a satisfação sexual na vida adulta. É uma forma de o jovem aprender a ter prazer, a conhecer melhor seu corpo, suas emoções e suas sensações.

Finalidades:

- Propiciar debate sobre a definição de masturbação
- Promover reflexão sobre os mitos e tabus que envolvem a masturbação

Oficina 1: Masturbação - Mitos e realidade³⁵

Objetivo:

- Discutir o que é masturbação e por que tantos mitos cercam esta prática sexual.

Duração: ±50 minutos.

Material: Cópia das caça-palavras para todos, cópia dos textos Perguntas e Respostas sobre a Masturbação e Você sabia que... para todos.

Desenvolvimento:

- O coordenador solicita que façam o Caça-Palavras.

Caçando palavras

Leia o texto abaixo e depois procure e marque as palavras EM DESTAQUE, no texto, no diagrama de letras. Elas podem estar na horizontal, na vertical e de trás para frente.

É verdade que a MASTURBAÇÃO afina o pênis?

³⁵ Técnica extraída da Revista Adolescer.

Não, não é verdade. A masturbação não afina o PÊNIS, não deforma a VAGINA, não dá espinha, não emagrece, não deixa ninguém louco, não faz crescer pêlos na palma da mão e nem interfere no TESÃO.

Isso tudo são mitos muito antigos. A masturbação é um ato que acompanha a vida inteira das pessoas e cuja frequência depende da idade, das experiências e dos ENCONTROS de cada um.

Os ADOLESCENTES, tanto as meninas quanto os meninos, costumam masturbar-se mais do que os adultos porque é nessa faixa etária que os HORMÔNIOS SEXUAIS começam a se desenvolver. Além do mais, a masturbação nessa fase da vida tem um sentido exploratório, de pesquisa e experimentação do próprio CORPO na busca das áreas mais PRAZEROSAS.

Enfim, a masturbação é uma prática comum e natural de se buscar PRAZER, de conhecer o próprio corpo e de se preparar para uma vida sexual gostosa.

D	S	R	O	P	R	O	C	A	E	T	Z	E	A	E	F	E	Z	W	P	S	Q	A	X	E	F	W	C	R	Y	Y
P	O	I	L	P	P	M	L	K	P	J	G	O	P	P	E	M	O	S	E	M	O	F	L	H	M	B	P	V	R	A
R	M	A	D	O	L	E	S	C	E	N	T	E	P	D	P	A	E	P	N	S	P	E	I	O	E	U	O	A	I	E
A	H	O	R	M	O	N	U	P	D	P	D	W	P	K	L	A	O	L	I	L	F	J	E	F	F	E	R	P	A	O
Z	V	A	G	I	N	A	P	T	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	S	E	N	C	O	N	T	R	O	S	P	E
E	P	H	I	S	I	A	U	X	E	S	S	O	I	N	O	M	R	O	H	P	M	I	P	G	E	P	O	E	I	O
R	K	P	L	P	O	O	R	P	R	A	Z	E	R	O	Z	A	P	E	P	A	P	A	E	I	O	U	P	A	I	
P	R	M	A	S	T	U	R	B	A	Ç	A	O	P	R	Q	P	A	O	A	S	E	T	J	P	B	H	S	E	Q	R

- Cinco minutos depois, pergunta quem conseguiu achar todas as palavras.
- Junto com eles, identifica o mito sobre masturbação no texto e levantam outros.
- Finaliza, definindo o que é masturbação e em seguida solicita que um aluno leia as Perguntas e Respostas sobre Masturbação e que outro leia o texto Você sabia que...

Perguntas e Respostas sobre Masturbação

P: O que é masturbação a dois? Isso é normal?

R: É, sim. A masturbação a dois é uma prática erótica nas quais os namorados ficam se acariciando até chegarem ao orgasmo. É considerada uma forma de se praticar sexo seguro, pois, não existindo a penetração, não transmite o vírus da Aids.

P: Por que me sinto culpado toda vez que me masturbo?

R: Isso acontece porque muitos de nós receberam uma educação sexual repressora que vê o sexo como uma coisa feia e suja. Mas não existe motivo

nenhum para se sentir culpado: a masturbação é um ato natural e não traz nenhum tipo de problema, nem físico nem psicológico.

P: Eu me masturbo todo dia. Será que quando eu tiver relações sexuais o meu/minha namorado vai perceber isso?

R: Não, nem o menino nem a menina têm como saber se o outro se masturba ou não.

Você sabia que...

- A palavra masturbação vem do latim *stuprare* que significa sujar com as mãos, carregando assim um forte significado negativo? Por este motivo, alguns/as sexólogos querem mudar o nome masturbação para auto-erotização.
- A masturbação pode ser a primeira maneira de uma pessoa experimentar prazer sexual?
- A masturbação é muito comum entre homens e mulheres de todas as idades?
- A frequência da masturbação varia de pessoa para pessoa e não existe nenhum padrão do que é uma quantidade normal ou anormal?
- Objetos que possam machucar o próprio corpo ou o corpo do outro não devem ser usados na masturbação?
- A masturbação, seja sozinho ou com um o parceiro, é uma das maneiras de sentir prazer sexual sem arriscar uma gravidez ou uma doença sexualmente transmissível, inclusive a Aids?

Tema 10 - Amar, namorar, ficar

Amor... Será que o jovem de hoje sabe o que isso significa? Será que o excesso de liberdade que nossa geração deu ao jovem é de fato um ato de amor, ou o jovem está preso nas teias do desamor?

O namoro é uma etapa importante e necessária no desenvolvimento do ser humano. E é na adolescência que se inicia esta atração pelo sexo oposto, acompanhado pelas mudanças físicas, psicológicas e sociais.

O ficar, como definem os jovens é uma troca de carinhos por um período curto, sem compromisso de namoro, sem o compromisso do dia seguinte. O adolescente, ao ficar, exercita sua descoberta da sexualidade: seu corpo, sua personalidade, sua auto-estima, o outro, o prazer. Já o namoro pressupõe a exigência de permanência, de mais consistência na relação, de maior envolvimento e, porque não, de maturidade.

Finalidades:

- Relacionar as representações das relações da paixão e do amor vinculadas à arte e a mídia;
- Propiciar reflexões sobre as relações afetivas entre os adolescentes;
- Promover discussão sobre as diferenças entre os conceitos de ficar e namorar;
- Promover debates sobre a importância do namoro como etapa necessária no desenvolvimento humano.

Oficina 1: Ficar é... Namorar é...

Objetivos:

- Refletir sobre a importância da afetividade e do encontro humano nos relacionamentos amorosos;
- Identificar as diferenças da maneira de se relacionar dos meninos e das meninas, e como estas diferenças influenciam em seus comportamentos amorosos.

Duração: 40 minutos.

Material: Cartolinas, revistas velhas, tesouras, cola branca, gizão de cera e hidrocor, canetas pilot e papel chamex.

Desenvolvimento:

- Dividir o grupo em 2 subgrupos.
- Solicitar que um deles discuta o que é ficar e o que é namorar.

- Estes subgrupos apresentarão os seus trabalhos com diferentes formas de comunicação. O 1º fará uma colagem, o 2º fará uma pequena dramatização.

Sugestões para reflexão:

- Após as apresentações, o coordenador discutirá com o grupo a importância do relacionamento amoroso na adolescência e em todas as idades, ressaltando os fatores individuais e culturais que nele influenciam, dando ênfase às relações de gênero, e como esses fatores interagem nas idealizações pessoais como a crença de que existe alguém que corresponderá a todas as idealizações criadas, na convivência de duas pessoas e na saúde sexual.

Oficina 2: Cantando o namoro³⁶**Objetivos:**

- Analisar letra da música “O xote das meninas”;
- Discutir as diferenças entre “ficar” e namorar;
- Propiciar reflexões dos participantes sobre as relações afetivas que envolvem o ficar e o namorar entre os adolescentes.

Duração: 30 minutos.

Material: Som, CD, letra da música, sugestões de perguntas.

Desenvolvimento:

- Depois de entregar a cada participante a letra da música popular sobre namoro, “O xote das meninas” de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e José Roberto Molina, o coordenador solicita a todos os participantes que se sentem formando um círculo em seguida coloca a música para tocar orientando a todos que acompanhem a letra.
- Ao final da música o coordenador deverá estimular um debate entre os participantes aplicando algumas perguntas e provocando o grupo a se manifestar sobre o sentido do ficar, do namorar e das relações de intimidade entre os jovens.
- Após o término do debate, o coordenador convida os participantes a dançarem de duplas ou em pequenos grupos a música “O xote das meninas” ao som da voz de Luiz Gonzaga.

Sugestões de perguntas:

- O que faz uma pessoa “ficar” com outra?
- Quais são os sentimentos e emoções relacionados ao “ficar”?
- O “ficar” dos meninos tem o mesmo significado para as meninas?
- O que vocês pensam da menina que “fica” com vários parceiros?
- O que é namoro para vocês?
- Quais os sentimentos e emoções relacionados ao namoro?
- Duas pessoas do mesmo sexo podem namorar?

³⁶ Técnica extraída e adaptada da oficina Namorar e ficar do GUIA de oficinas do programa de educação afetivo-sexual.

Música: “O xote das meninas ”

Letra e música: Luiz Gonzaga; Zé Dantas; José Roberto Molina.

Mandacaru quando fulorá na seca
É um siná que a chuva chega no sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal de que o amor já chegou no coração
Meia comprida não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado não quer mais vestir gibão
Ela só quer só pensa em namorar [bis]
De manhã cedo já tá pintada
Só vive suspirando sonhando acordada
O pai leva ao doutor a filha adoentada
Não come não estuda não dorme nem quer nada
{Ela só quer só pensa em namorar
Ela só quer só pensa em namorar
Ela só quer só pensa em namorar}[bis]
Mas o doutor nem examina
Chamando o pai de lado
Lhe diz logo em surdina
Que o mal é da idade
E que pra tal menina
Não há um só remédio
Em toda medicina
Ela só quer
Ela só pensa em namorar

Tema 11: Iniciação Sexual

A iniciação sexual é considerada um marco importante e a idade em que esta ocorre vêm decaindo ao longo do tempo.

A primeira vez a gente nunca esquece. Mas para muitas adolescentes nem sempre essa lembrança está associada a uma saudável nostalgia. Divididos entre os hormônios e a responsabilidade, os adolescentes iniciam a atividade sexual cada vez mais cedo e aumentam a incidência da gravidez precoce, das doenças, dos abortos, dos desencontros amorosos.

Finalidades:

- Promover discussão sobre as implicações da atividade sexual na adolescência;
- Promover debate e posicionamento sobre as pressões sofridas pelos adolescentes para iniciarem as relações sexuais;
- Promover reflexão sobre os mitos e tabus que cercam a iniciação sexual.

Oficina 1 - Dramatizando e analisando a iniciação sexual³⁷

Objetivo:

- Propiciar aos participantes a oportunidade de viverem determinadas situações da sexualidade no papel de adolescentes, a partir de dramatização da música “Laranja-lima” de Padre Zezinho.

•

Material: Recursos disponíveis no local (cadeiras, papéis, bolsas, etc.), letra da música.

Duração: Explicação da atividade, divisão dos grupos: 10 minutos; Preparo da encenação: 20 minutos; Apresentação da encenação: 10 minutos; Encerramento e considerações finais: 10 minutos. **Total: 50 a 60 minutos.**

Desenvolvimento:

- Explique a atividade aos participantes e peça-lhes que se subdividam em grupos de até seis pessoas.
- Designe a um dos grupos a tarefa de encenar o tema iniciação sexual a partir da letra da música Laranja-lima. (A escolha do grupo teatral pode ser por consenso ou por sorteio) O grupo montará uma encenação usando quantos personagens achar necessário.
- Após a designação do grupo do teatro, peça que este grupo se desloque para outro ambiente para o preparo da encenação. Enquanto o grupo teatral prepara a sua dramatização, entregue para aos outros grupos a letra da

³⁷ Técnica extraída e adaptada de Toda adolescência: técnicas de dinâmicas de grupo.

música e solicite que reúnam para análise da letra da música e possíveis discussões sobre as questões da iniciação sexual na adolescência.

- Depois da preparação da encenação, reúna os participantes e peça para o grupo teatral apresente-a para os demais.
- Logo após a apresentação teatral, faça as observações necessárias, acerca do trabalho. Explore também, as sensações experimentadas por esta vivência.

Música - Laranja-lima

Letra - Padre Zezinho

Andei pensando na sua proposta
De fazer amor antes do casamento
Você me diz que não faz diferença,
Quase ninguém pensa e todo mundo faz.

E eu lhe respondo que pensei bastante e
Não fiz pouco caso do seu sentimento.
Mas lhe confesso que essa história boba
De imitar os outros me tirou a paz.

Laranja-lima também é doce no momento,
Mas logo após tem gosto amargo até demais.
Quando um casal apressa este sentimento,
O gosto amargo é o da mulher, que sofre mais,
O gosto amargo é o da mulher, que sofre mais.

Você me diz que não tem paciência
Que esperou bastante e vive agoniado.
E que hoje em dia, quem se guarda muito
Fica pra titia, acaba em solidão.

E eu lhe respondo que não é por medo
Nem por covardia ou só por ser pecado.
Eu gostaria que você soubesse
Que eu tenho o direito a ter uma ilusão.

Laranja-lima também é doce no momento,
Mas logo após tem gosto amargo até demais.
Quando um casal apressa este sentimento,
O gosto amargo é o da mulher, que sofre mais,
O gosto amargo é o da mulher, que sofre mais.

Seu sonho é curto, grosso e bem rasteiro
Quer ser o meu parceiro e tem que ser agora.
E me repete que sou atrasada
E vivo do passado e que a moral mudou.

E eu lhe respondo que o meu sonho é outro
Quero ter você, mas tenho a minha hora.

No seu relógio, toda hora é hora.
Mas no meu relógio a hora não chegou.

Laranja-lima também é doce no momento,
Mas logo após tem gosto amargo até demais.
Quando um casal apressa este sentimento,
O gosto amargo é o da mulher, que sofre mais,
O gosto amargo é o da mulher, que sofre mais.

Sugestão:

- Pode-se readaptar esta técnica e sugerir um tema diferente para cada grupo fazer a sua dramatização.

Oficina 2 – Há tempo para tudo³⁸**Objetivo:**

- Refletir sobre o tempo de cada um para a iniciação sexual.
-

Duração: 15 minutos

Material: Flores feitas de papel fantasia com miolo de cartolina e uma bacia de água.

Desenvolvimento:

- Entregar a cada participante uma flor de papel escrita uma mensagem no seu miolo e com as pétalas dobradas de forma que as pétalas tapem o miolo da flor, em seguida pedir que cada um coloque a sua flor na superfície da água da bacia localizada no centro da sala com as dobraduras das pétalas voltadas para a parte externa.
- Pedir que todos observem que cada flor abre em um tempo diferente da outra.
- O coordenador estimula um debate em torno do tempo que cada flor levou para abrir e compare esse tempo com os dos seres humanos para realizar a sua iniciação sexual.
- O coordenador finaliza a oficina lendo um texto bíblico Eclesiastes cap.3, 1-7 que leva o grupo a refletir que há tempo para tudo e que cada um tem o seu tempo para amar, falar e também para iniciar a relação sexual.

Oficina 3 – Refletindo sobre a virgindade³⁹**Objetivo:**

- Fornecer uma reflexão crítica que favoreça uma tomada de decisão consciente.

Duração: ±1 hora.

³⁸ Técnica adaptada da dinâmica da flor.

Disponível em: <http://www.dehonbrasil.com/mdj/bm/docs/cartilha_mdj.doc>.

³⁹ Técnica extraída e adaptada da Revista Adolescer.

Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.3.html>>.

Material: papel pardo e canetinha hidrocor.

Desenvolvimento:

- O coordenador explica a atividade aos participantes e em seguida solicita que se subdividam em 4 grupos, sendo que dois grupos deverão discutir o tema a 1ª vez e escrever em um cartaz os sentimentos envolvidos antes e depois da primeira relação sexual. Os outros dois grupos deverão discutir o tema virgindade e escrever no papel pardo, as vantagens e desvantagens de ser virgem.
- Depois das discussões o coordenador reúne os participantes e pede para que os grupos apresentem suas conclusões para os demais.
- O coordenador estimula a reflexão do grupo através de um debate orientado.

Sugestões para reflexão:

- Quais os fatores que influenciaram estes sentimentos?
- Que motivos a pessoa deve ter para continuar a ser virgem?
- Que motivos a pessoa deve ter para não continuar a ser virgem?
- Existe diferença na virgindade e na primeira vez do homem e da mulher? Por quê?
- Que critérios o homem e a mulher devem adotar na hora de decidir?

Tema 12 - Gravidez na adolescência e aborto

A adolescência caracteriza-se por grandes questões, como: a busca por uma identidade que possibilite a passagem da fase infantil para a adulta, a explosão de novas sensações corporais, a afirmação da escolha sexual, o ingresso da vida profissional, a problemática da dependência dos pais... Acrescer a estas questões uma grande mudança de identidade, uma transição existencial como é a gravidez, torna a situação bastante complexa.

Atualmente, a gravidez na adolescência não é mais sinônimo de tragédia, mas de muitos problemas. As famílias e os adolescentes convivem neste momento com os “fantasmas” do aborto e do casamento, carregados de todos os valores sociais que os cercam. Implicações financeiras e morais, desejos frustrados com relação aos filhos, novas responsabilidades... Tudo ao mesmo tempo!

Finalidades:

- Promover a reflexão e o debate sobre a gravidez na adolescência;
- Promover a discussão e posicionamento acerca da importância de se planejar uma transa e de fazer contracepção.
- Promover reflexão sobre a questão do aborto e a legislação vigente

Oficina 1 - Gravidez na adolescência⁴⁰

Objetivo:

- Dialogar sobre a gravidez na adolescência, analisando criticamente as possibilidades e finalidades de realizar um trabalho educativo relacionado a essa questão.

•

Duração: 1 hora

Material necessário: cópias do texto de apoio.

Desenvolvimento:

- O coordenador organiza a leitura coletiva e discussão do texto de apoio;
- Terminada a leitura, solicita aos participantes que, tomando em conta as discussões realizadas nas oficinas anteriores, debatam a seguinte questão:
 - Tem sido atribuído à escola, com frequência, o papel de evitar a gravidez na adolescência. Este pode ser um dos objetivos da educação? Por quê?
 - De que maneiras a escola participa dessa problemática atual? De que forma poderia participar?
- Abre-se para o debate, colocando os seguintes pontos para discussão:

⁴⁰ Técnica extraída do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

- Os professores e os profissionais de saúde reagem de maneiras diferentes diante da adolescente grávida/mãe e do adolescente grávido/pai?
- Como a escola e o serviço de saúde podem apoiar a adolescente grávida ou mãe – e ao adolescente “grávido” ou pai e, em especial, contribuir para a continuidade dos seus estudos?

Texto de apoio

Gravidez na adolescência

Há muitos adolescentes tornando-se mães e pais. Frequentemente este fato é citado em nossos comentários como uma expressão da falta de responsabilidade dos jovens perante a vida. Entretanto, dados mais recentes mostram que a taxa de adolescentes grávidas entre 15 e 19 anos vem diminuindo desde 1999 e chegou, em 2003, a patamares menores do que os verificados no início da década passada. A mudança nesta tendência pode estar associada, inclusive, à prevenção da Aids, dado o aumento significativo de uso do preservativo desde o início da epidemia em nosso país, na década de 1980.

As pesquisadoras Elza Berquó, do Núcleo de Estudos de População da Unicamp, e Suzana Cavenaghi, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), constataram que o índice de gravidez na adolescência, de fato, está diminuindo. Esse estudo comparou informações provenientes de três fontes diferentes: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE), o Sistema de Informações de Nascidos Vivos (SINASC/Ministério da Saúde) e o dados de registro civil, recolhidos em cartórios. Em 1999, foi verificada uma taxa de 90,5 grávidas para cada grupo de 1.000 adolescentes entre 15 e 19 anos. Em 2003 havia 81 grávidas para cada grupo de 1.000, uma queda de 10,5%.

Cabe ressaltar, entretanto, que a queda na taxa de gravidez na adolescência não diminui a responsabilidade da sociedade e do poder público em relação a essa questão, dado que as taxas brasileiras ainda são altas se comparadas a países desenvolvidos e revelam grande diferencial entre classes sociais. (Boletim da Rede Feminista, 2005).

A idade considerada apropriada para a procriação está relacionada à cultura de cada sociedade. No Brasil do século passado, por exemplo, a faixa etária entre 12 e 18 anos não tinha o caráter de passagem da infância para a vida adulta e as

adolescentes eram consideradas aptas para o casamento. Não casá-las nessa idade era problemático para os pais.

Nos dias atuais, a nossa sociedade atribui à faixa dos 12 aos 20 anos as funções de desenvolvimento psicossocial, formação escolar e preparação profissional. Considerasse que é preciso atingir a maioridade, terminar os estudos, ter trabalho e rendimentos próprios, para só então estabelecer uma relação amorosa duradoura e ter filhos. A gravidez e a maternidade ou paternidade na adolescência rompem com essa trajetória considerada “natural” e são vistas como problema e risco a ser evitado.

Uma gravidez na adolescência pode gerar medo, insegurança ou desespero. A desorientação e o sentimento de solidão são reações muito comuns, principalmente no momento da descoberta da gravidez. No entanto, não se pode ter uma falsa idéia de que toda gestação, entre adolescentes, seja inconseqüente e desastrosa. Para muitas e muitos adolescentes, não existe uma relação direta entre gravidez e fim da juventude. Muitas famílias não vêem isso como uma ruptura social e se solidarizam com a gravidez.

Em resumo, a questão envolve muito mais do que um julgamento quanto ao grau de responsabilidade (ou irresponsabilidade) pessoal ao qual é freqüentemente reduzida. Esta fórmula apenas contribui para descomprometer a sociedade com ao assunto e, por isso, vale a pena refletir sobre alguns aspectos da questão tão importantes quanto a responsabilidade das pessoas e casais:

- Que possibilidades têm os adolescentes e as adolescentes com quem trabalhamos de conseguir métodos contraceptivos de baixo custo?
- Quantas pessoas, entre nós (ou conhecidas por nós), passaram pela experiência de uma gravidez na adolescência em casa e enfrentaram o desafio por meio do apoio social?
- Os serviços de saúde acolhem as adolescentes “não grávidas” ou o acesso a eles só se torna efetivo quando uma gravidez já começou?
- Que diferenças podemos observar entre as repercussões de uma gravidez na vida de adolescentes mais ricas (ou mais ricos) e mais pobres?

A gravidez pode ser fruto da falta de informação sobre saúde reprodutiva e métodos contraceptivos ou da falta de acesso a eles. Pode, também, estar relacionada com aspectos comportamentais, como a inabilidade (às vezes inibição) da jovem para negociar o uso do preservativo com o seu parceiro. Mas pode,

igualmente, ser fruto da vontade das adolescentes e de seus parceiros, de seu desejo de conquistar autonomia, espaço no mundo adulto e valorização social.

Quando analisamos a questão com mais cuidado, percebemos que a gravidez na adolescência torna-se um grande problema quando a sociedade e o poder público não garantem, efetivamente, o direito de viver a adolescência, o apoio para as adolescentes grávidas (e os adolescentes grávidos) e, ao mesmo tempo, não se responsabilizam pelo acesso à contracepção entre adolescentes. Como é possível, em nossa realidade de trabalho, contribuir para a superar esta situação?

Oficina 2: Estudo do caso⁴¹

Objetivos:

- Discutir e se posicionar frente a um caso de gravidez na adolescência;
- Refletir acerca da importância de se planejar uma transa e de fazer contracepção.

Duração: 50 minutos.

Material para cada grupo: Cópia do estudo de caso "A história de Camila"; lápis ou canetas; folhas em branco para as respostas.

Desenvolvimento:

- O coordenador forma subgrupos de até 8 pessoas e solicita-lhes que escolham alguém para coordenar. Explica a dinâmica, distribui para cada grupo as três folhas com "A história de Camila" e esclarece as funções da coordenação no subgrupo.
- As funções do coordenador serão: distribuir as partes do estudo de caso, para que todos leiam e respondam as questões ao final de cada página; permitir que todos os membros do grupo se posicionem e anotar as respostas em uma folha em branco. Convém ao instrutor se reunir um pouco antes com quem coordenará, para tirar dúvidas quanto à dinâmica. Deixar bem claro que só se passa à parte seguinte da história depois de discutidas as questões.
- Após o tempo determinado, as respostas de cada grupo são apresentadas em plenário pelo coordenador.
- O coordenador encerra a dinâmica, fazendo comentários sobre a iniciação sexual da população jovem, a gravidez na adolescência, a importância de planejar a contracepção e que isso não tira o prazer nem do homem, nem da mulher.

⁴¹ Técnica extraída da Revista *Adolescer*.

Texto de apoio**Parte 1****A estória de Camila**

Camila tem 15 anos e é a filha mais velha, numa família de três irmãos. A sua mãe é secretária em uma grande empresa e trabalha o dia inteiro; à noite, mesmo quando está atarefada, sempre encontra um tempinho para conversar com os filhos e ver se vai tudo bem com eles. O pai também trabalha o dia todo.

Quando terminou a 8ª série, Camila foi com a família de sua melhor amiga passar as férias em Salvador. Era a primeira vez que ela viajava sem a sua própria família e por isso sua mãe lhe fez mil recomendações, mesmo confiando no bom senso da filha e acreditando que havia lhe dado todo tipo de informação possível sobre sexualidade.

O sol, a praia, o calor, tudo era maravilhoso e Camila sentia que estava vivendo o melhor período da sua vida. Teve certeza disso quando conheceu Tiago. Um mineiro de Itajubá, 18 anos, olhos cor de mel.

O namoro corria solto, gostoso, até que um dia Tiago convidou Camila a ir à casa em que ele estava hospedado porque todo mundo tinha ido a Itaparica e eles poderiam ficar toda a tarde juntos, sozinhos e tranquilos.

Camila pensou um pouco e resolveu aceitar. Afinal, estava apaixonada e se sentia preparada para iniciar sua vida sexual.

Questões para discussão:

- Quem teria que pensar na contracepção? Camila ou Tiago?
- Como vocês imaginam que seria um papo sobre contracepção entre os dois?
- Como eles poderiam se prevenir?

Parte 2**A estória de Camila**

Quando chegou na casa de Tiago, Camila teve certeza que a transa ia rolar. O ambiente cheirava a caju maduro, Tiago estava super romântico. Foram para um canto da sala e começaram a se beijar e a se abraçar.

Um dado momento Camila disse que era virgem, que não tomava pílula e que tinha medo de engravidar. Tiago acalmou-a dizendo que ninguém engravida na primeira vez que transa, que ele tinha certeza.

Camila, então, lhe disse que sua mãe sempre lhe dizia que se cuidasse e que todo mundo deveria usar camisinha por causa da AIDS. Tiago ficou nervoso: "Transar com camisinha é o mesmo que chupar bala com papel" - disse ele. "Além do mais eu não sou homossexual, nem tomo drogas. Não ponho camisinha de jeito nenhum".

Questões para discussão:

- A menina pode engravidar na primeira vez que transa?
- O que vocês acharam da atitude de Tiago quando Camila lhe pediu que usasse camisinha?
- O que vocês acham que Camila fez quando Tiago se recusou a usar o preservativo?
- O que vocês acham que ela deveria ter feito?
- O que vocês acharam da afirmação de Tiago quanto a não ser homossexual nem tomar drogas e, portanto, não ter AIDS?

Parte 3

A estória de Camila

Camila acabou topando e eles transaram sem prevenção alguma.

As férias acabaram e Camila voltou para casa. Ficava horas pensando naquela tarde, lembrando detalhe por detalhe e escrevendo longas cartas para Tiago. Tiago, por sua vez, também ia lhe escrevendo cartas e mais cartas.

Depois de um mês e meio, Camila percebeu que alguma coisa estava acontecendo, tinha enjôos constantes e sua menstruação estava atrasada.

Ficou desesperada. "E se eu estiver grávida?", pensou.

A mãe de Camila notou que sua filha estava muito agoniada. Nem parecia aquela Camila que tinha voltado tão radiante e apaixonada das férias. È noite, quando voltou do trabalho, foi até o quarto da menina e perguntou-lhe o que estava acontecendo.

Quando Camila contou, sua mãe começou a chorar e a lhe dizer que ela tinha lhe dito mil vezes que se prevenisse e que ela tinha que ter tomado esses cuidados.

No dia seguinte foram ao médico e veio a confirmação. Camila estava realmente grávida.

Questões para discussão:

- Como vocês encaram a atitude da mãe de Camila?
- Como vocês acham que Camila se sentiu com a notícia?
- Quais seriam as opções de Camila?
- Qual delas vocês acham mais acertada para este caso? Por quê?
- Qual vocês acham que será a atitude de Tiago?
- E do pai de Camila?

Observações:

- Contracepção de emergência - até 72 horas - dosagem de pílula - procurar médico.
- Aborto legal: risco de vida da mãe, estupro (tentativas - anomalia fetal) - Cytoteck.
- Lembrar prevenção - conversa inicial sobre métodos - uso da camisinha.
- Idade ideal - conversa antes - lembrar que o diálogo significa amadurecimento.

Oficina 3: Gravidez não planejada**Objetivos:**

- Relacionar as questões e dúvidas que a mulher adolescente tem, no momento em que descobre uma gravidez não planejada;
- Refletir sobre a questão do aborto e a legislação vigente.

Duração: ±1 hora e 30 minutos.

Desenvolvimento:

- Uma das participantes apresenta-se voluntariamente para a aplicação da técnica.
- O coordenador inicia fornecendo as instruções: "Faz de conta que essa jovem acabou de saber que está grávida. Vocês pensem sobre isso, e em seguida cada um dará a esta grávida um motivo para que ela tenha esse filho e um motivo para que ela não tenha esse filho".
- Em seguida a "grávida" senta-se no centro da sala e em silêncio aguarda os motivos dos colegas, enquanto os demais caminham em volta, refletindo sobre o tema abordado.
- Cabe ao coordenador fazer o registro de todas as opiniões para depois expô-las ao grupo, ressaltando as prováveis dúvidas que povoam a imaginação da mulher nessa situação.

Pontos para discussão:

- A quem cabe a decisão final sobre ter ou não ter esse filho?
- A legislação em vigor, em relação ao aborto e à violência sexual.

Oficina 4 - Direitos sexuais e Direitos reprodutivos**Objetivos:**

- Conhecer os direitos sexuais e reprodutivos e avaliar em que medida eles são respeitados em nossas realidades;

- Refletir, coletivamente, sobre o papel dos profissionais da educação na promoção desses direitos;
- Analisar os impactos do abortamento inseguro sobre a saúde das mulheres brasileiras, especialmente adolescentes, identificando a responsabilidade da sociedade e dos profissionais da educação com relação a essa questão, independentemente de alinhamentos morais e religiosos.

Tempo de duração: ± 1 hora

Material necessário: lousa e giz, pequenos pedaços de papel de várias cores, canetas de ponta grossa, uma folha de papel grande, cola, cópias do texto de apoio.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta o tema da oficina e anota a seguinte frase na lousa: Como parte dos direitos humanos, para que eu possa viver a minha vida sexual e reprodutiva com liberdade, prazer e saúde, tenho o direito de...
- Distribuir os pedaços pequenos de papel, pedindo aos participantes que reflitam e escrevam, individualmente, algo que complete a frase.
- Após o tempo necessário para que todos os participantes registrem o complemento da frase no papel, o coordenador cola a folha de papel grande na lousa ou na parede, em local visível para todos, e pede a um participante que declare o direito registrado e cole seu papel na folha grande;
- O procedimento se repete, até que todos tenham participado.
- É aberta uma rodada de comentários sobre o resultado do trabalho coletivo, procurando identificar se algo foi esquecido e se os direitos apresentados dizem respeito a todos os cidadãos e cidadãs (mesmo que as pessoas sejam diversas e, não necessariamente, queiram exercer os mesmos direitos da mesma forma);
- O coordenador distribui os textos de apoio para três voluntários e organiza a leitura coletiva interrompendo, sempre que necessário, para que se possam estabelecer relações entre a leitura e o trabalho anteriormente realizado;
- Como encerramento das atividades, o coordenador apresenta os objetivos da oficina e avalia, junto com os participantes, se eles são considerados válidos e se foram atendidos.

Textos de apoio

O desenvolvimento dos direitos reprodutivos como direitos humanos⁴²

A natureza dinâmica dos direitos humanos vem permitindo a incorporação gradativa de novas demandas que surgem no seio da sociedade. Desde 1948, data da aprovação da Declaração Universal de Direitos Humanos, novos direitos foram sendo incorporados dentro do marco legal dos direitos humanos através de um processo de ampliação, principalmente em temas que afetam diretamente os direitos humanos das mulheres. Em relação aos direitos reprodutivos, a proibição de

⁴² Elaborado a partir de consulta à Internet: <www.advocaci.org.br>.

discriminação em razão do sexo é especialmente relevante e consta nos instrumentos de direitos humanos de caráter geral, tais como: a Declaração Universal de Direitos Humanos, o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e a Convenção Americana sobre Direitos Humanos. [...] O Brasil é signatário de todos estes instrumentos internacionais e, portanto, tem a obrigação de tomar as medidas necessárias para o seu efetivo cumprimento e implementação dentro de seu território. [...]

Os direitos reprodutivos entraram na arena internacional através da Primeira Conferência Mundial sobre Direitos Humanos celebrada em Teerã, onde foi reconhecido o direito a determinar livremente o número de filhos e os intervalos entre os seus nascimentos. Desde então várias outras Conferências sobre os direitos das mulheres foram realizadas. Em matéria de saúde sexual e reprodutiva, a Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento realizada no Cairo em 1994 foi particularmente importante. O documento final desta Conferência, conhecido como Programa de Ação do Cairo, estabeleceu que a saúde reprodutiva é um estado geral de bem estar físico, mental e social e não a mera ausência de enfermidades ou doenças, em todos os aspectos relacionados com o sistema reprodutivo bem como suas funções e processos. Além disso, estabeleceu que a saúde reprodutiva inclui a capacidade de desfrutar de uma vida sexual satisfatória e sem riscos, assim como de procriar, e a liberdade para decidir fazê-lo ou não, quando e com que frequência. O homem e a mulher têm direito de obter informação e acesso a métodos para a regulação da fecundidade que sejam seguros, eficazes, acessíveis, aceitáveis e de sua escolha, assim como o direito de receber serviços adequados de atenção à saúde que permitam gravidez e partos sem riscos.

Sobre os direitos dos/das adolescentes⁴³

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), respaldadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ONU (Cairo + 5, 1999) e Código de Ética Médica, e

⁴³ Trechos selecionados de: Adolescência, contracepção e ética, 2002.

após o Fórum 2002 - Adolescência, Contracepção e Ética, estabelecem as seguintes diretrizes em relação à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes:

- O adolescente tem direito à privacidade, ou seja, de ser atendido sozinho, em espaço privado de consulta. Deve-se lembrar que a privacidade não está obrigatoriamente relacionada à confidencialidade.
- Confidencialidade é definida como um acordo entre o profissional de saúde e o cliente, no qual as informações discutidas durante e depois da consulta ou entrevista, não podem ser passadas a seus pais e ou responsáveis sem a permissão expressa do adolescente. A confidencialidade apóia-se em regras da bioética médica, através de princípios morais de autonomia.

A garantia de confidencialidade e privacidade, fundamental para ações de prevenção, favorece a abordagem de temas como sexualidade, uso de drogas, violência, entre outras situações. [...]

Os adolescentes de ambos os sexos têm direito à educação sexual, ao sigilo sobre sua atividade sexual, ao acesso e disponibilidade gratuita dos métodos contraceptivos. A consciência desse direito implica em reconhecer a individualidade do adolescente, estimulando a responsabilidade com sua própria saúde. O respeito à sua autonomia faz com que eles passem de objeto a sujeito de direito. [...]

Art. 103, Código de Ética Médica:

É vedado ao médico: revelar segredo profissional referente a paciente menor de idade, inclusive a seus pais ou responsáveis legais, desde que o menor tenha capacidade de avaliar seu problema e de conduzir-se por seus próprios meios para solucioná-lo, salvo quando a não revelação possa acarretar danos para o paciente.

Abortamento: um problema de saúde pública⁴⁴

Embora não seja um método anticoncepcional, o abortamento é muito utilizado com essa finalidade, especialmente entre as mulheres que não têm acesso à contracepção. É uma prática proibida em nosso país, exceto em casos especiais, quando existe risco de vida para a mãe ou quando a gravidez é consequência de um ato de violência contra a mulher.

Nos países em que o abortamento é legal nas primeiras semanas da gravidez, ele é realizado por profissionais de saúde, em boas condições de higiene e não traz os mesmos riscos à vida e à saúde das mulheres constatados em nosso país. Onde ocorreu a legalização desta prática, ela não funcionou como um incentivo a um uso

⁴⁴ Técnica e texto extraídos e adaptados do GUIA para a formação de profissionais de saúde.

indiscriminado e não ocorreu, como se poderia imaginar, um aumento do número de abortamentos praticados. O abortamento é compreendido como um recurso de retaguarda, para casos de falha do método de contracepção em uso, e sua utilização para a interrupção de uma gravidez é uma opção pessoal.

No Brasil, embora seja ilegal, o abortamento é praticado por milhares de mulheres. Algumas estimativas indicam que são realizados 750 mil abortamentos/ano, outras estimativas indicam 1,4 milhão/ano. Existem muitas polêmicas sobre a forma de fazer esses cálculos, mas sempre resultam números muito grandes. Como o procedimento é ilegal, torna-se difícil saber o número de abortamentos realizados. Mas as complicações que resultam de abortamentos inseguros, feitos em condições precárias de higiene, levam um número muito grande de mulheres aos pronto-socorros todos os dias. Segundo os dados registrados pelo Sistema Único de Saúde, cerca de 10% das gestações terminam em abortamento espontâneo e 21% em abortamento provocado em função de necessidades não satisfeitas de planejamento reprodutivo. A curetagem pós-abortamento representa o segundo procedimento obstétrico mais realizado nas unidades de internação da rede pública de serviços de saúde, superada apenas pelos partos normais.

Na América Latina e no Caribe, segundo a Organização Mundial de Saúde, 21% das mortes relacionadas com a gravidez, o parto e o pós-parto têm como causa as complicações decorrentes de abortamentos realizados de forma insegura.

Para Rosana Alcântara, coordenadora da entidade denominada Advocaci – Advocacia Cidadã pelos Direitos Humanos, a discussão sobre a vida do feto é um véu que encobre a questão central: o controle da sexualidade e do corpo da mulher pelo Estado e pela sociedade. Independentemente da diversidade de opiniões e conceitos éticos, religiosos e morais a respeito do abortamento, o fato é que esse procedimento, realizado em precárias condições de higiene, gera uma taxa de mortalidade materna inaceitável e apresenta-se como um grave problema de saúde pública. Em resposta a essa situação, o Ministério da Saúde estabeleceu, no ano 2005, uma norma técnica para o “Atendimento Humanizado ao Abortamento”, na qual são indicados os cuidados técnicos e éticos para o acolhimento, pelos serviços e profissionais de saúde, das mulheres com necessidades de atenção médica relacionadas ao abortamento, incluindo orientação para o planejamento reprodutivo.

Tema 13 - Métodos contraceptivos

Os métodos anticoncepcionais, hoje, são inúmeros e de diversas naturezas e os meios de comunicação informam como e porque usá-los; mesmo assim, no Brasil e em todo mundo, cresce o número de adolescentes grávidas. O mesmo acontece com a Aids.

Por quê? Será que as pessoas não estão ligando para o perigo de pegar uma doença tão grave e incurável quanto a Aids? E quanto a gravidez: será que todos estão dispostos a arcar com a responsabilidade de criar uma nova pessoa?

Mas, a discussão sobre métodos anticoncepcionais não pode apenas girar em torno de responsabilidade, de obrigação. Pelo contrário, é uma discussão sobre os direitos de cada um de escolher os rumos da própria vida.

Finalidades:

- Oferecer informações corretas e atualizadas sobre os processos de contracepção, no contexto das relações humanas;
- Promover debate e reflexão sobre quando e como promover atividades educativas para adolescentes e jovens sobre os métodos contraceptivos;
- Reconhecer a contracepção como um recurso essencial para ampliar as possibilidades de exercer a sexualidade com liberdade e responsabilidade.

Oficina 1: Painel dos métodos⁴⁵

Objetivos:

- Fazer uma revisão sobre os métodos anticoncepcionais existentes, com o fim de reciclar e/ou aprender novos conhecimentos sobre eles.
- Identificar os métodos mais adequados para os adolescentes e as dificuldades para o seu uso.

Duração:

- Apresentação da dinâmica, organização dos grupos e distribuição do material: 10 minutos.
- Trabalho em grupo: 40 minutos
- Apresentação dos trabalhos de síntese: 1 hora
- Considerações finais: 10 minutos
- Duração total: 2 horas

Número de participantes: Grupos de até 8 pessoas

Material: Para cada grupo:

⁴⁵ Técnica extraída de Toda a adolescência: técnica de dinâmica de grupo.

- Um Kit de métodos anticoncepcionais;
- 2 folhas “Painel de métodos”;
- Lápis ou canetas;

Observação:

- Será conveniente ter em mãos algumas cópias extras da folha “painel de métodos” caso os grupos necessitem de mais espaço, além das 2 folhas fornecidas.

Desenvolvimento:

- Apresente a dinâmica aos participantes.
- Peça-lhes que formem grupos de até 8 pessoas e escolham um coordenador.
- Distribua, para cada grupo, o kit de métodos anticoncepcionais, duas folhas “painel de métodos”, lápis ou canetas.
- Peça aos participantes para manusearem os métodos, trocarem conhecimentos e experiências, discutindo para cada método, se pode ser usado pelos adolescentes e por que. Também lhes diga que tentem imaginar quais dificuldades os adolescentes poderiam ter para o seu uso.
- O coordenador deverá escrever, de forma bastante resumido, as respostas na folha e após o tempo designado, deverá apresentar os resultados do grupo em plenário.
- Faça a síntese dos trabalhos dos grupos e esclareça dúvidas.
- Encerre a dinâmica fazendo um breve comentário, enfatizando que apesar de existirem métodos mais adequados para adolescentes, cada jovem tem que escolher o próprio método de acordo com as características dele e as suas características pessoais.

“Painel de Métodos”

Nome do método	Principal modo de ação	Como se usa	Eficácia	Pode ser usado por adolescentes?	Por quê?	Dificuldades para os jovens usarem

Oficina 2: A cores da prevenção⁴⁶**Objetivos:**

- Identificar todos os métodos contraceptivos.
- Identificar conforme sua indicação de uso na adolescência e quanto à sua eficácia.

Materiais: Papel pardo, pincéis atômicos de várias cores, fita adesiva e etiquetas.

Duração: 30 minutos

Desenvolvimento:

- O coordenador colocará uma folha de papel pardo na parede.
- Solicitará os participantes a listarem individualmente os métodos contraceptivos conhecidos.
- Anotar na coluna dos métodos contraceptivos e localizar, conforme as seguintes categorias:
 - métodos de barreira;
 - métodos comportamentais;
 - métodos hormonais;
 - dispositivos intra-uterinos;
 - métodos cirúrgicos.
- O coordenador provocará discussão no grupo, para que os participantes identifiquem cada método dentro das várias categorias.
- O coordenador apresentará o Kit de anticoncepção com todos os métodos.
- Colocará os adesivos autocolantes das 3 cores sobre a mesa.
- Solicitará aos participantes pegarem os adesivos e colarem em cada método, considerando que:
 - O verde – livre uso para o (a) adolescente;
 - O vermelho – não recomendável;
 - O amarelo – algumas restrições (atuação, considerando que o método a ser utilizado deve ser monitorado por um profissional a serviço de saúde).

Sugestões para reflexão:

- Quem deve usar método anticoncepcional?
- O que é planejamento familiar?
- Porque os métodos naturais não são recomendados para os adolescentes?
- Com quem o adolescente deve esclarecer-se sobre anticoncepção?
- Em uma relação, de quem é a responsabilidade da anticoncepção?

Resultados esperados:

- Reflexão sobre o planejamento familiar e os diferentes métodos anticoncepcionais; modo das pessoas se relacionarem consigo mesmas e com os outros;
- Discussão dos estereótipos conhecidos pela comunidade.

⁴⁶ Técnica extraída da Revista Adolescer.

Oficina 3 - Métodos contraceptivos

Objetivos:

- Obter informações corretas e atualizadas sobre os métodos contraceptivos;
- Reconhecer a contracepção como um recurso essencial para ampliar as possibilidades de exercer a sexualidade com liberdade e responsabilidade;
- Refletir, coletivamente, sobre quando e como promover atividades educativas para adolescentes e jovens sobre os métodos contraceptivos.

Duração: ± 1 hora e 40 minutos

Material: Folhas de papel para a elaboração de cartazes, canetas de ponta grossa; amostras / figuras dos métodos contraceptivos; cópias do texto de apoio e de outros materiais para pesquisa sobre o tema.

Desenvolvimento:

- O facilitador apresenta os objetivos da oficina e orienta os participantes para a formação de 6 subgrupos:
 - **Grupo 1:** Métodos hormonais (exceto anticoncepção de emergência)
 - **Grupo 2:** Dispositivo Intra-uterino (D.I.U.)
 - **Grupo 3:** Métodos de barreira
 - **Grupo 4:** Métodos naturais
 - **Grupo 5:** Métodos cirúrgicos: o uso da laqueadura como método contraceptivo em nossa realidade.
 - **Grupo 6:** Anticoncepção de emergência
- Os subgrupos, mediante a disponibilidade dos textos de apoio e das amostras dos métodos contraceptivos, devem preparar uma apresentação sintética sobre os métodos estudados, respondendo as seguintes questões:
 - Quais são os métodos incluídos nesse grupo?
 - Como cada um dos métodos impede a gravidez?
 - Como devem ser usados?
 - Em que contexto – fase da vida, características pessoais etc.- ele pode ser mais apropriado para algumas pessoas?
 - A quem o adolescente deve recorrer para a escolha de um método contraceptivo?
 - Qual é a importância de se procurar um médico quando se inicia a vida sexual?
 - Qual pode ser a participação da mulher e do homem na escolha e no uso desse método?
- Os subgrupos apresentam resumidamente os métodos estudados;
- Ao término de cada uma das apresentações, abre-se uma rodada para a apresentação e resolução de dúvidas. Caso não seja possível resolver todas as dúvidas colocadas, elas devem ser anotadas para a realização de novas pesquisas e/ou consulta a outros materiais e profissionais;
- Ao término do seminário, o coordenador coloca as seguintes questões para reflexão e discussão:
 - O que o grupo acredita que os adolescentes e jovens com os quais trabalham já sabem sobre os métodos estudados? A quem o adolescente deve recorrer para a escolha de um método contraceptivo? Qual é a importância de se procurar um médico quando se inicia a vida sexual?

- Quando é o momento de abordar esse tema?
- O coordenador avalia, junto com os participantes, necessidades de aprofundamento no tema.

Texto de Apoio⁴⁷**Métodos contraceptivos**

Todos os métodos contraceptivos são recursos para impedir a fertilização do óvulo pelo espermatozóide. Existem diversos métodos conhecidos, mas nenhum deles é ideal, por isso o método precisa ser escolhido de acordo com as características e a fase da vida da pessoa ou do casal.

Recomenda-se que adolescentes de ambos os sexos procurem um serviço de saúde antes de começarem a ter relações sexuais, para obter auxílio e apoio na escolha e no acompanhamento do uso de métodos contraceptivos. O acesso a eles é parte dos direitos sexuais e reprodutivos de todos os cidadãos e cidadãs.

Mesmo com suas limitações, os métodos existentes permitem escolher o momento para ter os filhos desejados. Isso não quer dizer que sejam 100% seguros. Todos eles podem falhar, mesmo que a chance seja muito pequena.

Com exceção dos métodos naturais e da camisinha, o uso dos contraceptivos precisa ser orientado e acompanhado por médicos, pois eles interferem no funcionamento do organismo e podem produzir efeitos negativos sobre a saúde.

1. Métodos Naturais (ou de comportamento)

Esses métodos consistem, basicamente, na abstinência sexual durante o período fértil da mulher. A identificação do período fértil é feita a partir da observação cuidadosa de algumas alterações que acontecem durante o ciclo ovulatório. As diferenças entre esses métodos estão apenas na forma de observar o ciclo para conseguir prever o período fértil.

O método da Temperatura Basal apóia-se na medição diária da temperatura corporal da mulher. Medindo a temperatura todos os dias, ao acordar, a mulher poderá perceber que sua temperatura diminui ligeiramente um dia antes da ovulação e aumenta um pouco de 24 a 72 horas depois dela, continuando elevada até a próxima menstruação. A temperatura precisa ser medida por vários meses antes que

⁴⁷ Técnica e texto extraídos do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação Saúde.

a mulher possa calcular o dia do ciclo em que geralmente começa o seu período fértil.

A observação diária do Muco Cervical é outro meio de identificar o período da ovulação. Poucos dias antes e poucos dias depois da ovulação, o útero produz um muco mais grosso, que é liberado na vagina. Da mesma forma que a variação de temperatura, a diferença na consistência do muco pode ser mais facilmente reconhecida pela mulher após alguns meses de treinamento. Mas é preciso cuidado para que o muco não seja confundido com um corrimento produzido por algum tipo de infecção.

A Tabelinha baseia-se, também, na abstinência sexual no período fértil. Isso porque o ciclo menstrual é relativamente constante e a ovulação ocorre entre 11 e 16 dias antes do início da próxima menstruação. Para calculá-lo é preciso contar do 1º dia da menstruação até o dia que antecede a menstruação seguinte; Isso deve ser feito por mais de 6 meses, daí você terá o ciclo menstrual. Do ciclo menstrual mais curto você subtrai 18 e terá o dia do início do período fértil e do ciclo mais longo você subtrai 11 e terá o fim do período fértil. Nesse período o casal não deverá ter relações sexuais com contato genital.

Como se apóiam na abstinência periódica, todos os métodos de comportamento exigem muita motivação do casal, restrições ao comportamento sexual, disciplina e conhecimento do corpo por parte da mulher, inclusive a previsão do período fértil, a partir da observação sistemática e continuada da duração média do ciclo menstrual. Mesmo entre as mulheres que têm ciclos rigorosamente regulares, é preciso levar em conta que mudanças na vida devidas a emoções, enfermidades ou viagens podem provocar alterações no funcionamento do organismo. Por todos esses fatores, os métodos naturais falham com muita frequência. Não são métodos seguros, especialmente para adolescentes, que geralmente ainda apresentam ciclos ovulatório e menstrual irregulares. Esses métodos podem ser considerados úteis, principalmente, para aumentar o intervalo entre as gestações.

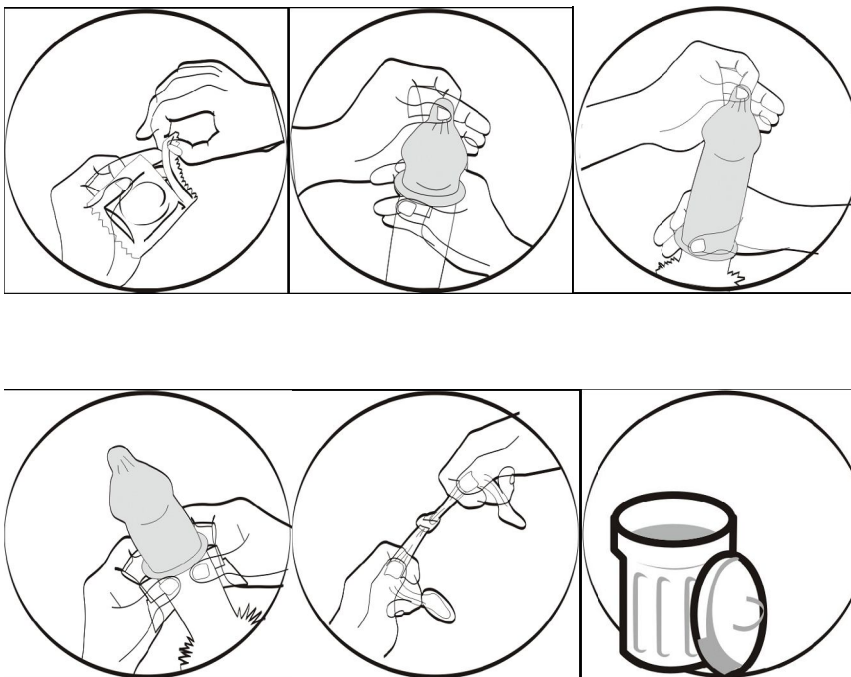
Outro método de comportamento que pode ser citado é o Coito Interrompido, que consiste em retirar o pênis da vagina antes de ejacular. A maioria das pessoas, homens e mulheres, consideram que essa prática prejudica a qualidade da relação sexual. O controle do momento preciso para retirar o pênis da vagina é difícil e geralmente causa tensão no casal durante o ato sexual. Quando a ejaculação ocorre

perto da vagina, a mulher pode engravidar, mesmo que seja virgem. Além disso, alguns espermatozóides (assim como o vírus da Aids), estão presentes no líquido eliminado pelo pênis antes da ejaculação. Por essas razões, há pessoas quem nem mesmo incluem esta prática entre os métodos contraceptivos.

2. Métodos mecânicos (ou de barreira)

São vários tipos de barreiras físicas, usadas para impedir a passagem dos espermatozóides para dentro do corpo da mulher, evitando seu encontro com um óvulo.

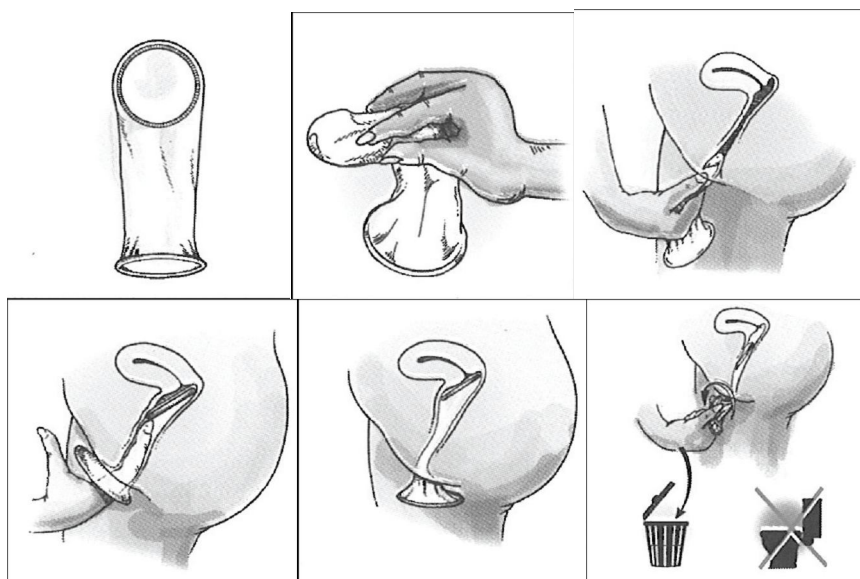
O preservativo masculino ou camisinha, originalmente conhecido como Camisa de Vênus (A Deusa do Amor), é um envoltório de borracha fina que é colocado no pênis para recolher o esperma durante a relação sexual. Atualmente, é considerado o método mais seguro, pois, além de ser eficaz na prevenção da gravidez, é o principal método de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da Aids. O preservativo feminino também cumpriria esta função, mas ainda é caro e de difícil acesso.



- Como usar corretamente a camisinha?
 - Coloque a camisinha quando o pênis estiver duro, antes de qualquer penetração e não apenas na hora de ejacular (gozar).

- Se a camisinha romper durante a relação, retire o pênis imediatamente e coloque uma nova.
- Quais são os cuidados importantes na hora de adquirir uma camisinha?
 - As camisinhas podem ser obtidas gratuitamente em serviços de saúde, em atividades educativas/informativas, e podem ser compradas em farmácias e supermercados. É preciso dar atenção a alguns detalhes importantes:
 - Procure o selo de certificação do INMETRO para saber se o produto atende as normas de qualidade e segurança. Apenas as embalagens com esse selo demonstram que as camisinhas passaram por testes que garantem um bom produto;
 - Confira a data de validade na embalagem do preservativo;
 - Guarde as camisinhas em lugar fresco e seco.
- Quais são as dicas para usar a camisinha com maior segurança?
 - Use sempre camisinha lubrificada. Se quiser um maior conforto use apenas gel lubrificante à base de água (principalmente na relação anal);
 - Use uma camisinha nova em cada relação sexual;
 - Nunca utilize duas camisinhas ao mesmo tempo, pois o atrito entre elas pode provocar a ruptura;
 - O uso contínuo do preservativo melhora a habilidade para colocação no pênis.

O **preservativo feminino** é uma bolsa de borracha fina, macia e flexível, que deve ser colocada na vagina, revestindo-a completamente para evitar o contato do sêmen com o corpo da mulher. Ainda é um método novo e pouco difundido. Ainda não tem um preço acessível para a maioria das pessoas. A camisinha feminina é descartável e de uso único. Também impede a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e da Aids.



O **diafragma** é uma meia esfera de borracha fina e flexível que é introduzida pela vagina para cobrir a entrada do útero e impedir a passagem dos espermatozóides. Pode ser usado junto com geléias espermicidas para aumentar a sua eficácia. Existem diafragmas de vários tamanhos e a escolha deve ser feita de acordo com o tamanho da entrada do útero. Por isso, a medida precisa ser feita por um médico ou outro profissional preparado. Treinar a colocação e a retirada é importante para que a mulher possa sentir-se à vontade e segura para usar este método. O diafragma precisa ser colocado antes de cada relação sexual e pode ser retirado no mínimo 6 horas depois. Para ficar bem conservado e higiênico, o diafragma deve ser lavado após cada uso e guardado bem limpo e seco. Assim poderá ser usado muitas vezes e por alguns anos, desde que esteja íntegro. O diafragma, assim como os outros métodos de barreira, tem uma grande vantagem: não interfere no funcionamento do organismo e raramente produz efeitos indesejados (como alergias à borracha). O preservativo e o diafragma são muito eficazes quando usados corretamente. Mas precisam ser usados em todas as relações sexuais.

Os **espermicidas** são produtos químicos capazes de matar ou desativar os espermatozóides. Eles rompem a membrana celular do espermatozóide e afetam seu movimento e sua capacidade de fertilizar o óvulo. As apresentações mais comuns são na forma de creme ou de gel. Podem ser usados para aumentar a segurança da camisinha ou do diafragma.

3. Métodos Hormonais

Os **anticoncepcionais orais (pílulas)** são medicamentos à base de hormônios sintéticos. Podem ser feitas com apenas um hormônio (minipílulas) ou com dois hormônios (pílulas combinadas). Existem diversos tipos de pílulas, que variam de acordo com a qualidade e a quantidade de hormônios que contêm. Uma pílula que é eficiente e adequada para uma pessoa, pode ser imprópria e causar efeitos indesejados em outras. Por isso, é muito importante escolher junto com o médico a pílula que será usada e, em alguns casos, ir mudando até encontrar o tipo certo. Os comprimidos devem ser tomados todos os dias, de preferência na mesma hora. Os hormônios contidos nos anticoncepcionais orais suprimem a ovulação e alteram o muco, dificultando o acesso dos espermatozóides à trompa. Podem causar

alguns efeitos indesejáveis como náuseas, vômitos, aumento de peso e de sensibilidade nos seios.

Os anticoncepcionais injetáveis são injeções de hormônios e têm o mesmo efeito das pílulas. Devem ser aplicadas no músculo uma vez por mês, a cada três ou seis meses, dependendo do tipo e da quantidade de hormônios que contêm. Eles também interferem sobre a ovulação, mas têm uma vantagem em relação às pílulas: não precisam ser tomados todos os dias. Mas essa vantagem pode transformar-se em grande desvantagem caso a mulher tenha alguma reação indesejada, pois não é possível interromper os efeitos produzidos. Será preciso esperar todo o tempo de ação previsto, seja um mês, três ou seis meses, para que o efeito venha a cessar. Esse método ainda está sendo alvo de muitos estudos quanto aos seus efeitos de longo prazo.

Os métodos hormonais são muito eficientes para evitar a gravidez, oferecem uma proteção próxima de 100%. Por outro lado, interferem no funcionamento do organismo, alterando o ciclo ovulatório e outras funções reguladas pelos hormônios sexuais. O uso de hormônios pode ser contra-indicado e perigoso para mulheres que têm alguns problemas de saúde como, por exemplo, dificuldades de circulação. Por isso é essencial que as pílulas e as injeções hormonais sejam usadas com acompanhamento médico.

4. Dispositivo Intra-Uterino – DIU

Os DIUs são pequenos objetos feitos de material flexível envolvido em cobre e podem ter diversos formatos. São colocados dentro do útero pelo médico ou outro profissional treinado durante o período menstrual. O DIU evita a gravidez devido à ação do cobre sobre a vitalidade e a movimentação dos espermatozóides. É um método bastante eficaz, sendo indicado preferencialmente para mulheres que já tiveram filhos. Sua principal vantagem, além da eficácia, é que pode ser mantido no útero por vários anos, sem que seja necessária nenhuma outra medida para evitar a gravidez. Entre suas desvantagens, as mais importantes são: para muitas mulheres provoca um aumento do fluxo menstrual e, também, pode facilitar a ocorrência de infecções. Por isso, o uso do DIU requer acompanhamento médico regular e cuidadoso.

5. Métodos Cirúrgicos

A **Ligadura de Trompas** ou **Laqueadura** é um método no qual as tubas uterinas, canais de passagem do óvulo, são amarradas e cortadas. Os óvulos continuam amadurecendo, mas, como não há passagem, não são alcançados pelos espermatozóides. Essa cirurgia, considerada definitiva, interfere sobre a produção de hormônios e pode trazer alguns efeitos negativos para a saúde da mulher, mas não interfere na vida sexual da mulher ou do casal. No Brasil foram realizadas muitas cirurgias para a esterilização feminina, especialmente durante os partos feitos por meio de operações cesarianas. O país tornou-se campeão de cesáreas (que, quando desnecessárias, trazem maiores riscos para a mulher e para o recém-nascido) e tornou-se, também, campeão em esterilizações femininas. Para proteger a saúde da mulher, a lei brasileira estabelece que a ligadura de trompas só pode ser feita com autorização escrita e não deve ser feita durante o parto, para que a mulher tenha liberdade real de escolha. A cirurgia pode ser feita com anestesia local. Em alguns casos, a tentativa de religação pode ser feita com sucesso.

A **Vasectomia** é a esterilização masculina, feita por meio de uma pequena cirurgia na qual os canais deferentes, por onde passam os espermatozóides no caminho para a saída do pênis, são amarrados e cortados. Dessa forma, os espermatozóides produzidos não passam para o líquido que é eliminado na ejaculação. Usa-se anestesia local e não é necessária internação hospitalar para fazer a operação. Uma semana depois o homem pode retomar sua atividade sexual normalmente e a vasectomia não causa alterações no seu desempenho sexual. Como a ligadura de trompas, a vasectomia é considerada um método definitivo. Alguns homens já fizeram, com sucesso, uma cirurgia para restabelecer a passagem nos canais deferentes, mas não é possível oferecer garantias de retorno da fertilidade.

6. Quando os métodos contraceptivos falham

A **Contracepção de Emergência** inclui dois comprimidos com alta concentração de hormônio sintético (progestogênio). Pode ser usada por todas as mulheres quando aconteceu uma relação sexual desprotegida, houve violência sexual ou falha no método contraceptivo usado (por exemplo, rompimento da camisinha). A primeira pílula deve ser tomada o quanto antes, de preferência logo

após a relação sexual ou, no máximo, até três dias (72 horas) depois. A segunda pílula deve ser ingerida 12 horas depois do horário em que foi tomada a primeira. Quanto antes for tomado o primeiro comprimido, maiores serão as chances de evitar a fecundação do óvulo. A contracepção de emergência também está disponível em dosagem única (levonorgestrel) como alternativa preferencial à dose de dois comprimidos. Este método, como o nome diz, só deve ser usado em situações de emergência. Não se recomenda o uso contínuo porque os comprimidos possuem alta dosagem hormonal e, além disso, não previnem as DST nem a Aids. A contracepção de emergência não substitui os métodos contraceptivos porque sua eficácia é grande mas, ainda assim, é bem menor do que a dos métodos mais efetivos, como a camisinha, a pílula ou o DIU. Além disso, o uso repetido pode reduzir sua eficácia e os comprimidos contêm altas doses de hormônio, o que pode causar efeitos indesejados à saúde, entre os quais: alterações do ciclo menstrual, enjôos e vômitos.

Tema 14 - Doenças sexualmente transmissíveis

As doenças sexualmente transmissíveis são prevalentes na adolescência e facilitadoras da contaminação pelo HIV. A baixa idade das primeiras relações sexuais, a variabilidade de parceiros, o não uso de preservativo e o uso de drogas ilícitas são apontados como fatores de risco às doenças sexualmente transmissíveis.

Sabe-se hoje que a prevenção depende muito mais de atitudes de cuidado de si e dos demais do que de informações científicas. É possível promover, desde a infância, o desenvolvimento de muitas competências para a proteção e o auto cuidado, o respeito mútuo. Essas questões podem ser trabalhadas no cotidiano da convivência em todas as fases da vida e vão além da abordagem de conteúdos específicos da saúde sexual e reprodutiva. Por isso, os conhecimentos sobre o assunto e as medidas de proteção dizem respeito a todas as pessoas, em todas as fases da vida.

FINALIDADES:

- Propiciar condições para que os participantes possam articular as dimensões orgânicas, afetivas e socioculturais da prevenção das DST/Aids;
- Oferecer informações atualizadas para subsidiar os participantes na abordagem das doenças sexualmente transmissíveis e da Aids em sua prática cotidiana;
- Promover debates sobre as doenças sexualmente transmissíveis e reconhecer situações e comportamentos de maior vulnerabilidade.

Oficina 1: Cadeia de transmissão⁴⁸

Objetivos:

- Reconhecer comportamentos vulneráveis;
- Identificar a cadeia de transmissão da AIDS;
- Refletir sobre a vivência sexual responsável.

Duração: 40 minutos.

Material: Aparelho de som e fichas de papel com desenhos

Desenvolvimento:

- Distribuir uma ficha para cada participante.

⁴⁸ Técnica extraída da revista *Adolescer*.

- Enquanto estiver tocando a música, todos devem caminhar pela sala. Quando a música parar, devem se aproximar de um colega e copiar todos os desenhos da ficha do seu colega.
- Colocar novamente a música e quando ela parar, todos devem se aproximar de outro colega e copiar todos os desenhos da ficha do colega.
- Repetir esta operação por 4 ou 5 vezes e depois apresentar ao grupo a legenda.
- Ao lado da legenda, colocar o nº. de pessoas:
 - Que têm na sua ficha pelo menos um triângulo.
 - Que iniciaram com a ficha que tinha um círculo e depois copiaram pelo menos um triângulo.
 - Que iniciaram com a ficha que tinha a estrela azul e depois copiaram pelo menos um triângulo.
- Promover uma reflexão sobre: auto-cuidado, vivência sexual prazerosa e responsável, comportamento de risco e cadeia de transmissão.

Legenda
Uma única ficha - triângulo verde – Portador do HIV;
Metade do número de participantes - círculo vermelho - Fez uso de Preservativo;
Metade do número de participantes - estrela azul - Não fez uso de preservativo.

Observação:

Facilitar a participação do grupo, nas conclusões da vivência:

- Quem fez uso do preservativo, entrou em contato com a situação de risco, mas estava protegido. Quem não usou, correu risco.
- Algumas pessoas não usaram preservativos e não tiveram contato com o portador do HIV, mas estão em uma situação de risco em relação à Aids e tiveram sorte.
- Todas as vezes que a música parou, é como se tivéssemos trocado de parceiro (a) sexual.
- Quando copiamos os desenhos do colega, são os relacionamentos anteriores que acompanham os novos relacionamentos.
- O único portador do HIV, colocou "x" pessoas em risco.

Oficina 2 - AIDS e direitos⁴⁹**Objetivos:**

- Conhecer os direitos dos portadores do HIV e da AIDS;

⁴⁹ Técnica e textos extraídos do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

- Identificar estratégias para garantir os direitos dos portadores do HIV e da Aids.

Duração: ± 1 hora

Material: cópias da Portaria Interministerial nº. 796/92, informações sobre direitos dos portadores do HIV e da AIDS atualizadas, coletadas no endereço do Programa Nacional de DST e AIDS.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta para o grupo a seguinte situação: “Raquel tem 15 anos e é portadora do HIV. Ao fazer sua matrícula na escola, sua mãe decide contar isso à diretora. Na primeira reunião com os professores, a diretora informa que a escola estará recebendo uma aluna que tem AIDS, identificando-a para todo o grupo. O grupo fica preocupado e começam a ser feitos comentários sobre o assunto na escola. Alguns pais de alunos ficam sabendo e exigem que a direção se posicione contra a permanência desta criança na escola, por oferecer riscos às outras crianças.”;
- O coordenador propõe aos participantes que procurem indicar possíveis soluções para a situação apresentada, debatendo no grupo as propostas sugeridas;
- Ao final da discussão, o coordenador informa que um caso semelhante ao de Raquel gerou uma mobilização da sociedade civil e despertou as autoridades para a promulgação de uma Portaria Interministerial – Saúde e Educação, que estabelece os direitos dos portadores do HIV no âmbito da escola. Distribui cópias da Portaria para os participantes. Dada a extensão do texto, poderá feita a leitura conjunta de alguns trechos previamente selecionados;
- Sugere-se aos participantes que consultem o endereço do Programa Nacional de AIDS, que contém inúmeras informações sobre os direitos dos portadores do HIV e da AIDS.

Texto de apoio

Portaria interministerial Nº. 796, de 29 de maio de 1992.

Os Ministros de Estado da Educação e da Saúde, no uso das atribuições que lhes confere o art. 87, parágrafo único, inciso IV da Constituição Federal, e considerando o dever de proteger a dignidade e os direitos humanos das pessoas infectadas pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV);

Considerando que têm ocorrido injustificadas restrições a esses direitos no País; Considerando que não foi documentado nenhum caso de transmissão mediante contatos casuais entre pessoas em ambiente familiar, social, de trabalho, escolar ou qualquer outro;

Considerando que a educação é direito constitucionalmente;

Considerando que a ampla informação sobre a infecção pelo HIV é estratégia para eliminar o preconceito contra portadores e doentes e essa medida é essencial para controle da infecção;

Considerando que a limitação ou violação de direitos constitucionais à saúde, à educação e ao trabalho de pessoas infectadas pelo HIV não se justificam, resolvem:

Art. 1º - Recomendar a observância das seguintes normas e procedimentos:

I - A realização de teste sorológico compulsório, prévio à admissão ou matrícula de aluno, e a exigência de testes para manutenção da matrícula de sua frequência nas redes pública e privada de ensino de todos os níveis, são injustificadas e não devem ser exigidas.

II - Da mesma forma não devem ser exigidos testes sorológicos prévios à contratação e manutenção do emprego de professores e funcionários, por parte de estabelecimentos de ensino.

III - Os indivíduos sorologicamente positivos sejam alunos, professores ou funcionários, não estão obrigados a informar sobre sua condição à direção, a funcionários ou a qualquer membro da comunidade escolar.

IV - A divulgação de diagnóstico de infecção pelo HIV ou de AIDS de que tenha conhecimento qualquer pessoa da comunidade escolar, entre alunos, professores ou funcionários, não deve ser feita.

V - Não deve ser permitida a existência de classes especiais ou de escolas específicas para infectados pelo HIV.

Art. 2º - Recomendar a implantação, onde não exista, e a manutenção e ampliação, onde já se executa, de projeto educativo, enfatizando os aspectos de transmissão e prevenção da infecção pelo HIV e AIDS, dirigido a professores, pais, alunos, funcionários e dirigentes das redes oficial e privada de ensino de todos os níveis, na forma do anexo.

§ 1º - O projeto educativo de que trata o caput deste artigo deverá ser desenvolvido em todos os estabelecimentos de ensino do País, em todos os níveis, com participação e apoio dos serviços que compõem o Sistema Único de Saúde.

§ 2º - Os conteúdos programáticos do projeto educativo deverão estar em consonância com as diretrizes do Programa Nacional de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS do Ministério da Saúde.

§ 3º - Os resultados do projeto educativo serão avaliados pela Coordenação do Programa Nacional de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS e seus relatórios encaminhados periodicamente aos Ministros da Educação e da Saúde.

Art. 3º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOSÉ GOLDEMBERG
Ministro da Educação
ADIB JATENE
Ministro da Saúde

AIDS nas escolas

I. Introdução

Há preocupação legítima por parte de pais, professores, funcionários e até das próprias crianças, em escolas de primeiro grau, quanto a eventuais riscos de transmissão do vírus da Aids no ambiente escolar. Os mecanismos de transmissão, permitem, com grande margem de certeza, qualificar como desprezível o perigo no que se refere às crianças drogas pela via endovenosa é muito pouco freqüente: o vírus da Aids (HIV) é transmitido através do sangue, do relacionamento sexual e de gestante infectada para seu filho. Não há nenhum caso rigorosamente documentado, no mundo, de propagação no convívio escolar, sem a interveniência do uso de drogas ou do contato sexual. A literatura médica é consensual no sentido de que a

convivência com o indivíduo portador do vírus da Aids, no âmbito familiar, ou em lugares de trabalho, clubes, escolas e outras comunidades sociais, afigura-se plenamente admissível. Observações decorrentes do que vem sucedendo em alguns países, há pelo menos cinco anos, atestam a inocuidade desses tipos de convívio.

Medidas habituais de higiene, inclusive nos sanitários de uso comum, devem ser respeitadas.

Situações nas quais pessoas podem se expor a sangue de contaminados, tendo igualmente lesões de tegumento cutâneo, oferecem riscos potenciais. Todavia, elas não são mais freqüentes nas escolas do que na vida civil de um modo geral, já que acidentes acontecem em todos os locais onde têm lugar atividade humana.

Outras infecções, além da provocada pelo HIV, podem ser transmitidas pelo sangue. A Hepatite, pelo vírus B, por exemplo, nunca mereceu destacada atenção e nem causou episódios de pânico e discriminação, o que mostra não ser racional nem uma coisa nem outra, quando está em foco a Aids.

Diante desses fatos, é judicioso que as escolas do primeiro grau preparem-se para implantação de precauções pertinentes ao sangue, envolvendo todos os alunos, sem nenhuma preocupação com informações advindas de exames sorológicos. Qualquer ocorrência precisa ser manuseada com cuidado, para que o sangue não entre em contato com quem presta atendimento, e isso implica no uso de luvas descartáveis. O sangue deixado no lugar requer cobertura com álcool a 70%, por dez minutos, ou hipoclorito de sódio 1% (ver item IV - superfícies não corpóreas), igualmente durante dez minutos, para inativar possíveis vírus presentes, só devendo ser removido depois da adoção desta providência. São essas, aliás, as normas seguidas por médicos e seus colaboradores em tarefas assistenciais, assim como por barbeiros, policiais e outros profissionais que não raramente podem ter contato com sangue, em virtude das exposições a que ficam sujeitos. Secreções e excreções (saliva, suor, lágrima, fezes e urina) excluídos o sangue, esperma e secreções vaginais, não geram risco palpável, inexistindo relatos de contaminação por intermédio delas. Precauções simples e rotineiras de higiene em relação às secreções ou excreções, nas escolas e em quaisquer outras situações de convivência, são suficientes para eliminar qualquer risco, mesmo teórico, de contaminação.

As precauções indicadas nesta instrução possuem da mesma forma o valor de prevenir outras moléstias potencialmente transmissíveis por sangue, além de

infecção pelo HIV; não dependem de custosos investimentos ou de materiais complexos, estando ao alcance de qualquer escola.

Os tópicos subseqüentes procuram responder questões gerais e específicas que surgem com freqüência no âmbito das escolas.

II – Situações gerais

1 - É segura a convivência com pessoas infectadas pelo vírus da Aids na comunidade escolar?

Sim. O vírus da Aids não é transmitido pelo contato casual cotidiano. O HIV (vírus da Aids) é mais freqüentemente transmitido através de relações sexuais e pelo uso comum de agulhas e seringas infectadas. Estas atividades são obviamente proibidas nas escolas.

2 - Segundo o Ministério da Saúde, os indivíduos infectados não estão obrigados a informar sobre sua condição à direção. Caso isto ocorra, qual deve ser o procedimento da Direção da Escola?

Por intermédio da pessoa ou da família, em se tratando de menor, contactar confidencialmente o médico assistente e/ou autoridade de saúde pública para verificar se é necessária a adoção de cuidados especiais para preservação da saúde do indivíduo em questão.

III – Situações específicas

1 - Mordidas

Após ter sido exaustivamente pesquisado, conclui-se que mordeduras não constituem meio de transmissão do HIV. Embora o vírus da Aids tenha sido isolado na saliva, isto ocorreu com muito pouca freqüência. Além do mais, há evidências de que a saliva pode bloquear a ação infectante do HIV.

No entanto, o risco teórico pode existir. Por risco teórico deve se entender “algo que nunca ocorreu e é improvável que venha a ocorrer”. Portanto, a transmissão do HIV através de mordeduras não deve ser motivo de preocupação na comunidade escolar.

Em relação ao mordedor “contumaz” recomenda-se a busca de orientação profissional adequada, por tratar-se de distúrbio de comportamento e não por significar risco de transmissão do HIV.

2 – Limpeza após acidentes

A perda de controle orgânico, em decorrência de acidentes, pode provocar vômitos e a liberação de fezes e urina. Embora o vírus da Aids tenha sido isolado destas excreções, bem como de secreção nasal, o risco de transmissão por estas vias inexistente. Com relação a limpeza de sangue e outros fluidos corporais ver uso de precauções universais (item IV - ferimentos).

IV – Controle das infecções

1 - Como os fluidos corpóreos podem ser manipulados na comunidade escolar para prevenir a infecção pelo HIV?

Como dito anteriormente, não existe nenhuma evidência da transmissão do HIV através de vômitos, saliva, secreção nasal, fezes ou urina. Entretanto, estes fluidos podem transmitir outras infecções como hepatite A. Por esta razão recomenda-se a adoção dos seguintes procedimentos:

- O uso de luvas de látex ou papel toalha para limpeza da criança.
- Lavar as mãos com água e sabão após o atendimento de cada criança.
- Desinfetar superfícies ou áreas contaminadas.

2 - Qual o risco da transmissão do HIV através da exposição ao sangue?

O risco, embora pequeno, existe nas seguintes condições:

- Ferimentos com instrumentos perfuro cortantes contaminados. Para que isto ocorra é necessário que haja corte ou perfuração de outrem ou que haja contato imediato do instrumento com mucosa ou pele lesadas. Mesmo assim, a quantidade de sangue introduzido deverá ser grande para significar risco.
- Contato direto do sangue com mucosa ou pele lesada.

3 - Quais são as precauções?

Ferimentos

- Usar luvas de látex para manipulação de sangue em geral.
 - Lavar o local do ferimento com água e sabão.
 - Cobrir com curativo.
 - Encorajar a criança a tomar as primeiras iniciativas, como comprimir o local do ferimento com gaze ou papel toalha, enquanto aguarda atendimento.
- Superfícies não corpóreas
- Cobrir a superfície com álcool a 70% ou hipoclorito de sódio a 1%* durante 10 minutos.
 - Limpar o local com pano embebido em desinfetante.

* Hipoclorito de Sódio de 1% corresponde a uma parte de água para quatro partes de água sanitária ou água de lavadeira.

V – Sorologia

Não existe indicação médica para triagem sorológica de estudantes ou funcionários de escolas, nem para admissão, nem para manutenção de matrícula e/ou emprego.

VI - Confidencialidade

Em nenhuma hipótese os resultados de teste anti-HIV, eventualmente realizados, poderão ser divulgados. Aqui, como em qualquer outra situação relacionada a esta Síndrome, a privacidade do indivíduo e da família deve ser sempre respeitada. A perda do sigilo, como já ocorreu, pode levar a preconceitos, com rejeição ou isolamento, acarretando sérios problemas para o indivíduo e sua família. Assim, qualquer informação sobre o estado clínico ou laboratorial deve ser estritamente confidencial. Em casos específicos de indivíduos com sintomatologia, caberá ao médico assistente ou autoridade sanitária, estabelecer as medidas de proteção ao indivíduo e à comunidade escolar. Em algumas situações, definidas pelos profissionais de saúde, poderá ser necessário que pessoas da escola saibam da condição do infectado. Por exemplo, em casos de necessidade de medicação específica, de ausências para tratamento, e na eventualidade de algum surto de doenças infecto-contagiosa na escola (ex.: catapora, sarampo) que poderá exigir medidas de proteção à criança portadora do HIV.

Existe risco para a comunidade escolar quando uma criança, quer seja positiva ou negativa para o vírus da Aids, desenvolve doenças como tuberculose ou meningite. Nestes casos, mas só nestes casos, recomenda-se o afastamento temporário.

Oficina 3: Dramatização – DST/AIDS⁵⁰

Objetivos:

- Refletir sobre os preconceitos sociais acerca das DST/AIDS;
- Compreender o significado biopsicosocial das DST/AIDS;
- Valorizar a vivência sexual responsável como expressão de maturidade pessoal e relacional;
- Identificar o conhecimento sobre as DST/AIDS.

Duração: 1 hora.

⁵⁰ Técnica extraída da Revista *Adolescer*.

Desenvolvimento: 1. Distribuir a cada um dos grupos uma situação a ser dramatizada. Estas situações devem ser adaptadas e contextualizadas de acordo com o grupo a ser trabalhado.

Situações sugeridas para dramatização:

André e Marina estão namorando há quatro meses. André apresentou uma secreção uretral purulenta e ardência ao urinar três dias após a primeira relação sexual com Marina. André foi ao Centro de Saúde e ao saber o diagnóstico ficou revoltado.

José descobriu uma lesão única e indolor no seu pênis. Conversou com seu colega e foi junto com ele à farmácia comprar uma pomada. Depois de alguns dias a lesão desapareceu.

Maria tem 20 anos e está de casamento marcado com Marcos para Dezembro. Descobriu há 15 dias que Felipe, seu ex-namorado, era usuário de drogas e foi internado com Aids. Represente o namorado, a família e os amigos de Maria.

Luís tem 17 anos e ficou preocupado após ouvir uma palestra sobre Aids na escola, porque este ano "ficou" com mais de dez meninas sem usar preservativo. Represente os amigos de Luís, a família e as "namoradas".

Paulo tem 18 anos e há 2 meses tem apresentado diarreia, perda de peso acentuada sem causa aparente, e agora apareceu com pneumonia por *Pneumocystis Carini*. Represente a família e os amigos de Paulo.

Tema 15 - Violência e Abuso Sexual

O exercício da sexualidade pode ser fonte de conflito, dano ou sofrimento individual ou social, principalmente se ocorre em situação de desigualdade entre mulheres e homens, ou entre adultos e crianças ou jovens. Ou seja, se acontece como expressão de poder e superioridade, física ou etária, de condição econômica ou social, no trabalho, na escola, na família. Estas relações desiguais favorecem as discriminações e as violências, em especial a violência sexual.

A violência sexual pode ser considerada de extrema gravidade, pelo seu caráter íntimo e relacional. Quando acontece por adultos contra crianças e adolescentes, é ainda mais grave pela sua decorrente desestruturação psíquica e social, principalmente em situações de abusos sexuais de longa duração e na exploração sexual comercial.

O abuso sexual se caracteriza como um ato de violência praticado quando alguém se utiliza de uma criança para sentir prazer sexual e é caracterizado como toda ação que envolver a questão do prazer sexual quando a criança não for capaz ou não tiver idade para compreender, conseqüentemente provocando culpa, vai auto-estima, problemas com a sexualidade, dificuldade em construir relações duradouras e falta de confiança em si e nas pessoas. Com tudo isso, sua visão do mundo e dos relacionamentos se torna muito diferente do jeito das outras pessoas.

Finalidades:

- Oferecer subsídios para o debate e a apropriação de conceitos relacionados à violência e abuso sexual;
- Estimular o debate, o esclarecimento e formas de prevenir a violência sexual;
- Propiciar a identificação de possibilidades e limites do trabalho educativo no campo da sexualidade.

Oficina 1: Violência Sexual⁵¹

Objetivos:

- Compreender o que é violência Sexual;
- Discutir os transtornos que a violência sexual traz para a família.

Duração: ±30 min

Material: Uma Caixa, perguntas sobre violência sexual e abuso sexual, aparelho de som, CD.

⁵¹ Técnica adaptada da dinâmica “batata quente” extraída da Revista *Adolescer*.

Desenvolvimento:

- Peça ao grupo que se sente em círculo. A seguir, coloque a música e entregue a caixa com perguntas escritas em pequenos papéis aos participantes. Ao parar a música, quem tiver a caixa na mão deverá sortear uma pergunta, sem olhar; deverá lê-la e dizer a sua resposta, o coordenador pode abrir espaço para os outros participantes também opinarem.
- Ao final, o coordenador pode discutir as respostas. Logo após exibir um vídeo com mensagens relacionadas à violência sexual com mulheres, crianças e adolescentes.

Perguntas:

- O que violência sexual contra crianças e/ou adolescentes?
- Quais as formas de violência sexual que os adultos podem fazer com crianças e adolescentes?
- Quem são as pessoas que cometem violência sexual?
- Porque é importante falar sobre o abuso sexual sofrido?
- Como identificar o abuso sexual?
- Qual a diferença entre abuso e exploração sexual?
- Como deve um jovem ou criança agir para evitar o abuso sexual?

Oficina 2 - Parando para pensar sobre a violência⁵²**Objetivos:**

- Identificar situações de violência vividas no cotidiano dos adolescentes;
- Refletir sobre como evitá-las e proteger-se delas.

Duração: 1 hora.

Material: Folhas grandes de papel pardo, folhas de papel, canetas coloridas e cola.

Desenvolvimento:

Atividade em pequenos grupos

- Utilizando as informações sobre o Código Penal Brasileiro, os participantes devem selecionar situações, retiradas de jornais, revistas ou noticiários, relacionando-as.
- A partir deste material, deverão trocar idéias sobre:
 - O que gera estas situações.
 - Se é possível preveni-las ou prevenir-se delas.
 - Se sim, de que forma.
 - Que outras situações deveriam ser incluídas ao Código Penal.

Sugestões para reflexão:

- A violência sexual contra homens e mulheres é diferente?
- Quais os recursos existentes na comunidade para o atendimento das vítimas de violência sexual?

⁵² Técnica extraída da Revista Adolescer.

Oficina 3 - Violência e abuso sexual⁵³**Objetivos:**

- Identificar e discutir as principais questões relacionadas à violência e ao abuso sexual na infância e na adolescência;
- Refletir sobre as manifestações de violência e abuso sexual na realidade de atuação dos participantes;
- Ampliar conhecimentos sobre as formas de enfrentamento da violência e do abuso sexual na infância e na adolescência.

Duração: ± 1 hora e 20 minutos

Material: cópias do texto de apoio, cartaz contendo o quadro sobre mitos e realidades do abuso sexual, caixa contendo papéis com os nomes de todos os participantes do grupo.

Desenvolvimento:

- O coordenador apresenta o tema da oficina e mostra o quadro Mitos e Realidades sobre o abuso sexual na forma de cartaz, apenas com a coluna dos mitos descoberta, sorteando, de uma caixa contendo os nomes de todos os participantes do grupo, um participante para comentar cada frase a partir das seguintes questões: você acha que isso é um mito? Por quê? O que você acha que acontece na realidade?
- O coordenador vai apresentando, passo a passo, a segunda coluna;
- Ao final desta etapa, abre-se uma roda de debates sobre as situações conhecidas pelos participantes, em sua realidade de trabalho;
- Ao término desta fase, o coordenador solicita a formação de pequenos grupos e entrega os textos Abuso sexual para leitura e discussão, apresentando as seguintes questões:
 - As informações do texto podem contribuir para a atuação dos participantes, diante dos casos de violência e abuso sexual?
 - Considerando as experiências discutidas e o texto, é possível apresentar exemplos de atitudes e projetos de trabalho dos professores e profissionais de saúde que podem contribuir para a prevenção da violência e do abuso sexual?
- Abre-se uma roda para apresentação das conclusões dos subgrupos e as principais idéias são anotadas na lousa.

Comentários

- Eventualmente, experiências difíceis ou pessoais podem vir à tona. O coordenador precisa estar atento para evitar que as questões sejam abordadas de forma muito personalizada, buscando apoio no grupo para ampliar a discussão;
- É importante ressaltar que, mesmo assumindo suas responsabilidades e uma postura ativa de enfrentamento das violências sexuais, os profissionais da educação e da saúde precisam contar com outros recursos sociais e institucionais, especialmente destinados para este fim. Informações sobre a localização, o funcionamento e as formas de contato dos Conselhos Tutelares e Conselhos de Direitos são importantes para complementar esta oficina, com a indicação dos recursos disponíveis em cada localidade.

⁵³ Técnica e textos extraídos do GUIA para a formação de profissionais de saúde e de educação.

Texto de apoio**Abuso Sexual**

A violência contra crianças e adolescentes é sempre uma manifestação de abuso de poder do mais forte com relação ao mais fraco.

O abuso sexual é um assunto delicado e preocupante. Delicado, porque envolve crianças e adolescentes que são subjugados à força, seja ela moral ou física, e violados num dos aspectos mais íntimos e profundos da vida humana, que é a sexualidade.

Preocupante porque, por envolver tabus sociais como o incesto, sua ocorrência é freqüentemente mantida num silêncio absoluto, dificultando que a pessoa vítima do abuso seja ajudada.

Por esses motivos, é fundamental que os profissionais que têm contato diário e próximo com crianças e adolescentes estejam atentos para este grave problema social e possam trabalhar no sentido de preveni-lo e identificá-lo e, também, saibam como orientar-se caso haja uma suspeita. Alguns artigos do Estatuto da Criança e do adolescente tratam desta questão:

No artigo 13: “Os casos de suspeita ou confirmação de maus tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais”. (Título II - Dos Direitos Fundamentais/Capítulo I - Do Direito à Vida e à Saúde, p. 16).

No artigo 18: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. (Capítulo II - Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, p. 18)

No artigo 70: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”. (Título III – Da Prevenção Capítulo I - Disposições Gerais, p. 31).

[...] Considerando a obrigação ética e legal de notificar as autoridades competentes – o Conselho Tutelar da região ou, em sua falta, o Juizado da Infância e da Juventude, é necessário que os profissionais da saúde e da educação assumam a responsabilidade de dar algum encaminhamento à situação. É preciso considerar que as consequências da não notificação podem ser drásticas para uma criança ou adolescente. Fechar os olhos, por não saber como lidar com todas as implicações desta situação extremamente complexa, seria negligência e descumprimento da lei. O melhor, portanto, é preparar-se para tomar as atitudes mais apropriadas para cada caso, mantendo vínculo permanente com as organizações de proteção às crianças e adolescentes para buscar informações, apoio e referências sobre as atitudes a serem tomadas.

A prevenção é sempre o melhor caminho, pois pode contribuir para evitar os casos de violência e alertar as crianças e adolescentes vítimas de abuso, de forma não personalizada, sobre as possíveis maneiras de agir.

Mitos e realidades sobre o abuso sexual⁵⁴

MITOS	REALIDADE
O abusador sexual é um psicopata, um tarado que todos reconhecem na rua.	Na maioria das vezes, é pessoa aparentemente normal, querida pelas crianças e pelos adolescentes.
O estranho representa o perigo maior para crianças e adolescentes.	Os indivíduos que abusam sexualmente de crianças e adolescentes, na sua maioria, são familiares, amigos íntimos da família, ou pessoas de convívio próximo, em quem as crianças confiam. Esta proximidade dos agressores, assim como a posição indefesa da criança na família e na sociedade, torna mais fácil encobrir o crime e persuadir ou assustar a criança para que se mantenha calada.
O abuso sexual está associado a lesões corporais.	A violência física contra crianças e adolescentes molestados sexualmente não é o mais comum, e sim o uso de ameaças e/ou a conquista de confiança e afeto da criança. Em apenas 40% dos casos há evidências de violência física, muitas vezes associada ao ato sexual em si. Quando não há indícios físicos do abuso, sua identificação torna-se mais difícil. Com alguma frequência, os profissionais da escola, em contato direto com a criança, conhecedores de seus hábitos e situação familiar, podem notar comportamentos que levam a suspeita de que estejam sendo vítimas de algum tipo de violência que perturba sua estabilidade emocional. Como existem muitos fatores que podem alterar o estado físico e emocional de uma criança ou adolescente, esta é uma situação delicada e difícil: por um lado, a criança ou adolescente que pode estar precisando desesperadamente de ajuda e proteção; por outro, uma família que pode ser colocada sob suspeita injustamente.
O abuso sexual, na maioria dos casos, ocorre longe da casa da criança ou do adolescente.	O abuso ocorre, com frequência, dentro ou perto da casa da criança ou do abusador. As vítimas e os abusadores são, muitas vezes, do mesmo grupo étnico e nível socioeconômico.
O abuso sexual se limita ao estupro.	O abuso sexual ocorre quando uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, com base em uma relação de poder física, afetiva ou moral, que pode incluir, além do ato sexual: carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, "voyeurismo", a pornografia e o exibicionismo.

⁵⁴ Adaptado de: Mitos e realidades sobre o abuso sexual. In: ABRÁPIA. **Guia de orientação para professores: maus tratos contra crianças e adolescentes – proteção e prevenção.** Rio de Janeiro: ABRÁPIA: Autores & Agentes Associados, 1992.

A maioria dos casos é denunciada.	Estima-se que, na verdade, poucos casos são denunciados. Alguns fatores dificultam a denúncia do abuso sexual, entre eles, a descrença na possível solução, o constrangimento frente ao assunto, o constrangimento frente aos pais e familiares, a ameaça de um processo criminal envolvendo a família e o profissional como testemunha, o silêncio da própria criança ou adolescente. Quando há envolvimento de familiares, existe pouca probabilidade de que a vítima faça a denúncia, seja por motivos afetivos, seja por medo do abusador, de perder os pais, de ser expulso (a), de que outros membros da família não acreditem em sua história, ou ser causador (a) da discórdia familiar.
As vítimas de abuso sexual são oriundas de família de níveis social e econômico baixo.	Níveis de renda familiar e de educação não são indicadores do abuso. Famílias de classes média e alta podem ter condições melhores para encobrir o abuso, pois em geral as crianças são levadas para clínicas particulares, onde são atendidas por médicos da família e a situação é abafada com maior facilidade.
A criança mente e inventa que é molestada sexualmente.	Raramente a criança mente. Sem dúvida, é necessário discriminar entre realidade e as fantasias. Especialmente quando a situação envolve uma criança, ela deve ser levada a sério, mas a conversa deve ser feita de modo cuidadoso para não induzir relatos fantasiosos. Mas do que descobrir fatos é preciso estar atento aos sentimentos envolvidos.

Tema 16 – Pais e sexualidade

Os pais são os primeiros no ato de educar sexualmente seus filhos, apesar de não se darem conta deste papel. A incompreensão dos pais sobre o assunto destaca-se como sendo uma das dificuldades mais acentuadas pelos professores frente ao trabalho de Orientação Sexual em suas instituições de ensino. Pode-se dizer que essa atitude paterna é resquício de uma sociedade conservadora, machista, onde falar da sexualidade, ou de sexo, como diz o senso comum, era assunto para ser abordado em “casa” muito sorrateiramente e de preferência para os rapazes.

Esse tipo de atitude supõe-se ter duas razões de ser: ou os pais não têm conhecimento sobre o assunto, ou estes não estão preparados para assumir o ônus de orientar seus filhos. Então, sentem-se impotentes diante da atitude da escola. Do contrário, esses pais que não aceitam que a escola assuma essa função, ainda continuam pensando que podem manter seus filhos “puros”, livres das manifestações da sexualidade.

Segundo Nunes e Silva (2000, p. 118) “Muitos adultos reconhecem sua incapacidade em enfrentar tais situações mas tal reconhecimento, ainda que meritório, se não for acompanhado por uma atitude de superá-lo como impedimento, reduz-se somente a uma constatação inoperante.”

No entanto, é interessante, que a primeira providência ao ser tomada pela escola ao implementar o trabalho de Orientação Sexual é promover uma reunião com os pais ou responsáveis para que tomem conhecimento do trabalho que vai ser desenvolvido, quais os seus objetivos, para que todos tenham consciência de sua importância.

Como primeira atividade pedagógica, sugere-se que os professores preparem um convite para os pais convocando-os a participar de uma oficina de sexualidade, ressaltando a importância da família neste trabalho. Na primeira oficina propõe-se que façam uma sondagem a fim de saber identificar quais as dúvidas, os sentimentos, preconceitos, valores e tabus manifestados nos pais ou responsáveis em relação ao tema da sexualidade e afetividade.

Finalidades:

- Integrar a escola e a família;

- Estimular a comunicação e desenvolver a confiança entre pais e filhos;
- Garantir aos pais o seu lugar no processo da educação afetivo-sexual;
- Utilizar de um mesmo código de linguagem para os temas da sexualidade

Oficina 1 – Significados⁵⁵

Objetivos:

- Definir os sentimentos e valores que os temas sexualidade e afetividade despertam nos pais ou responsáveis;
- Refletir sobre os seus conceitos;
- Refletir sobre os sentimentos individuais.

Duração: 30 minutos

Material: Papéis ou fichas escritos: Amor, sexo, paixão, sexualidade, amizade, sensualidade, responsabilidade, cumplicidade, etc.

Desenvolvimento:

- Divida os pais ou responsáveis em grupos de oito participantes.
- Cada grupo recebe uma ficha com um tema determinado.
- O grupo terá 15 minutos para dar o significado da palavra recebida. Exemplo: AMOR
 - O que significa AMOR para nós?
 - E para os jovens?

Avaliação: Relate para o grupo maior os significados obtidos em cada grupo.

Oficina 2 - Quanto você ganha por hora?

Objetivo:

- Promover reflexão sobre o tema;
- Estimular debate entre os pais ou responsáveis participantes.

Material: cópia do texto para os pais ou responsáveis

Desenvolvimento:

OBS: esta oficina pode realizada através de uma leitura do texto ou uma representação teatral.

- Solicitar que os participantes sentem em círculo e entregar a cada um, a cópia do texto “Quanto você ganha por hora?”

⁵⁵ Técnica extraída do vol. 1 da obra o dia-a-dia do professor: adolescência: afetividade, sexualidade e drogas.

Texto de apoio**Quanto você ganha por hora?**⁵⁶

Muitas vezes, no corre-corre do dia-a-dia, chegamos em casa e, encontrando lá o lugar de descanso, esquecemos-nos de praticar o contato com a família.

Este contato é muito importante, e é muito bom quando alguém nos desperta das amarras da rotina.

Veja como uma criança conseguiu despertar o seu pai!

-Pai, quanto você ganha por hora?

Com a voz tímida e os olhos cheios de admiração, a criança recebia seu pai, que chegava do trabalho.

Um tanto quanto surpreso, mas olhando sério para o menino, o pai respondeu:

-Olhe filho, isso nem a sua mãe sabe direito. Não me amole mais, porque estou muito cansado.

-Mas, papai – insistiu o menino – diga-me, por favor, só isso: quanto você ganha por hora?

O pai, finalmente, entregando os pontos, respondeu friamente:

- Ganho dez reais por hora.

-Bom, pai, você pode me emprestar três reais? – perguntou o garoto.

Externando seu nervosismo e francamente chateado, o pai estourou:

-Quer dizer que era para isso que você queria saber quanto eu ganho, não é? Vá dormir e não me amole mais, menino interesseiro!

A noite tinha chegado. O pai refletindo sobre o que tinha acontecido sentiu remorso. Talvez quem sabe o filho quisesse comprar alguma coisa. Finalmente, para desengargo de consciência, entrou no quarto do filho:

-Você está dormindo, filho?

- Não pai – respondeu a criança meio dormindo.

-Aqui está o dinheiro que você me pediu – disse-lhe o pai.

-Obrigado, papai – respondeu o pequeno, enfiando a mãozinha debaixo do travesseiro e tirando orgulhosamente algumas notas.

-Agora já completei! Estou com dez reais – disse ele ao pai, que, com uma expressão de estranheza, escutou o que o filho dizia.

⁵⁶ Texto extraído do vol. 1 da obra o dia-a-dia do professor: adolescência: afetividade, sexualidade e drogas.

-Você pode me vender uma hora do seu tempo?

Oficina 3: Concorde x Discordo⁵⁷

Objetivo:

- Fazer uma sondagem para saber quais os conhecimentos e atitudes dos pais ou responsáveis sobre a orientação sexual na escola.

Duração: 15 minutos.

Material: Folha de questões, lápis e fita adesiva.

Desenvolvimento:

- Elaborar frases sobre o assunto.
- Antes de iniciar as atividades, divida a sala ao meio com uma fita adesiva.
- Em seguida, peça que os participantes se agrupem no fundo da sala.
- Explique que, a seguir, serão lidas algumas afirmações e os participantes devem se posicionar na sala da seguinte forma, sem fazer comentários:
 - se **CONCORDAR**, deve ir para a direita;
 - se **DISCORDAR**, deve ir para a esquerda.
- Leia a primeira frase e aguarde o posicionamento das pessoas. Faça a contagem de quantas se colocaram à direita e à esquerda, anotando na planilha que tem em mãos (anexo 1), os totais de pessoas em cada posição. Faça do mesmo modo com todas as questões. Procederá da mesma forma, utilizando as mesmas questões, ao final do encontro.

Pontos para discussão

- O que perceberam que foi acontecendo com as pessoas ao longo da atividade?
- Ficaram em dúvida sobre o lado que deveriam escolher?
- Alguém ficou sozinho?
- Alguém observou onde a maioria estava para poder tomar uma decisão?
- Tiveram dúvidas quando se viram do lado da minoria?

Fechamento

- Para tomarmos a decisão quanto ao lado onde ficamos o que utilizamos?
 - valores pessoais;
 - experiências;
 - realidade na qual se vive.

⁵⁷ Técnica extraída e adaptada do Protagonismo juvenil: caderno de atividades.

Afirmações	C	D
1- Como pai ou como mãe quero ser sempre o melhor amigo dos meus filhos		
2- A educação sexual deve ser ensinada só pela família.		
3- O bom educador é aquele que é amigo de seus alunos e alunas		
4- Quanto mais cedo as crianças aprenderem sobre a sua sexualidade ela saberá se cuidar melhor.		
5- A Orientação sexual na escola pode ir contra os valores da família.		
6- É difícil falar com o meu filho sobre educação sexual.		
7- A Orientação sexual contribui para a compreensão dos perigos da exploração sexual.		
8- Prefiro ser eu mesmo falar de sexualidade com o meu filho.		
9- Só devemos falar de sexualidade com os filhos quando eles fizerem perguntas,		
10- A escola também é responsável em orientar as crianças sobre os temas da sexualidade.		
11- Os jovens de hoje necessitam de mais conhecimento sobre o sexo do que quando eu estava na escola.		
12- A Orientação sexual na escola pode fazer surgir nos adolescentes a capacidade de tomar decisões responsáveis nas relações com os outros.		
13- Gostaria de saber mais sobre a sexualidade por isso quero ouvir um especialista falar sobre o assunto.		
14- Uma criança informada dificilmente será vítima de abuso sexual.		
15- A orientação sexual na escola contribui para desenvolver a responsabilidade dos adolescentes.		

- modelos ao longo da vida;
- leituras;
- outras (questione quais seriam os outros aspectos que colaboram para a tomada de decisão).
- Se pudessemos discutir estas questões, o que aconteceria? aumentaria a possibilidade de tomar uma decisão de uma forma mais clara, com uma certeza maior. Porém muitas atitudes na vida, no cotidiano são tomadas sem possibilidade de reflexão.
- Como seriam estas questões para os adolescentes? Como eles costumam tomar suas decisões? Quais as possibilidades de espaços de reflexão e discussão para que possam tomar decisões mais claras e autônomas?

Material de apoio:

ANEXO A – Planilha de afirmações

C- concordo

D- discordo

Referências

- ABEN. Revista Adolescer.** Metodologias participativas. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revistaadolescer/revista.htm>.>. Acesso em: 14 maio 2007.
- AFONSO, Lúcia. **Oficinas em dinâmica de grupo:** um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002. p. 11-59.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, [S.l.], n. 21, 2003.
- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais.** Rev. Estud. Fem. [S.l.], v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah>>. Acesso: 25 abr. 2007.
- ALVES, Janine Cinara Silveira; CHAVES, A. C. L. As necessidades e dificuldades da orientação sexual na visão dos professores de Porteirinha-MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6., 2007, Florianópolis. **Anais...** Belo Horizonte: ABRAPEC, 2007. 1 CD-ROM.
- ALVES, Janine Cínara Silveira. **Orientação sexual:** elaboração do caderno “Expressando a Sexualidade na Escola” para a capacitação de professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha-MG. 2008. (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) -- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.
- ARAÚJO, U.F. **Temas transversais em educação:** bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1999.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Centro de Pesquisa em Enfermagem-CEPEN: **informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**, v. 1-18, 2001. (1 CD com informações de 1979 a 2000).
- AZEVEDO, Maria do Perpétuo Socorro M. T. de; MOREIRA, José Augusto Alencar; CONFORTO, Maria Thereza Alves Conforto. **PGM 1 - Educação sexual ou orientação sexual?** Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>>. Acesso em: 22 out. 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural: orientação sexual. 2. ed. Brasília: DP & D, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas**: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 160 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

CORRÊA, Carmem Izaura Molina. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos**. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

Dinâmicas. Disponível em:

<http://www.radioevangelizacion.org/IMG/pdf/Capitulo_13_-_Dinamicas_.pdf>.

Acesso em: 12 out. 2007.

ECOS - Comunicação em sexualidade. **Sexo sem vergonha**: uma metodologia de trabalho com Educação Sexual. São Paulo: ECOS, 2001.

GRANDA, Fernanda Rodrigues; PIRES, Cristina do Valle G.; LIMA, Regina Célia Villaça. **O dia-a-dia do professor**: adolescência: afetividade, sexualidade e drogas. 5. ed. Belo Horizonte: Fapi, 2002. 5 v.

LETTNER, H. W.; BRITO, C.E.G. Disfunções e desvios sexuais. In: LETTNER, H. W.; RANGER, B. P. **Manual de psicoterapia comportamental**. São Paulo: Manole, 1987. cap. 7, p. 149-165.

LOPES, Édisa Brito; LUZ, Anamaria Hecker; AZEVEDO, Maria do Perpétuo Socorro M. T.; MORAES, Wânia Teles de. Metodologias participativas. In: RAMOS, Flávia Regina Souza. **Adolescer**: compreender, atuar, acolher. Projeto Acolher: um encontro da Enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEN, 2001. 282 p.

PENA, Melanie; HERNANDEZ, Lourdes; FIGUEIREDO, Regina. **Guia para oficinas, palestras, difusão e informação para organizações de mulher e entidades de saúde – contracepção de emergência**: um direito da mulher. Disponível em: <<http://www.redece.org/guiaofici.doc>>. Acesso em: 18 out. 2007.

Puebla E. **Educar com o coração**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1997.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental**: uma realidade distante? 2001. 60 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de educação afetivo-sexual – PEAS. Caderno de capacitação**: sexualidade prazer em conhecer. Belo Horizonte: [s.n.], 2005.

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação. **Programa de educação afetivo - sexual - PEAS**: um novo olhar, guia de oficinas: escolas-referência, escola viva, comunidade ativa. Belo Horizonte: [s.n.], 2005.

SILVA, Daniella Nazaré da; SILVA, Selma Ramos da. **Educação sexual**: um desafio pedagógico e familiar. 2002. 219 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) -- Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

SUPLICY, Marta *et al.* **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

TÉCNICAS de dinâmica de grupo: **toda adolescência**. Disponível em: <<http://br.geocities.com/glhr/grupo.pdf> >. Acesso em: 12 set. 2007.

VITIELLO, N. **Sexualidade**: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.